

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO - PPGSeD**

MIRIAN RENATA FOLMANN

**CRENÇAS, ATITUDES E PRECONCEITOS LINGÜÍSTICOS: UMA
PERCEPÇÃO DE VOZES E SOTAQUES**

**CAMPO MOURÃO - PR
2023**

MIRIAN RENATA FOLMANN

**CRENÇAS, ATITUDES E PRECONCEITOS LINGUÍSTICOS: UMA
PERCEPÇÃO DE VOZES E SOTAQUES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre(a) em Sociedade e Desenvolvimento.

Linha de Pesquisa: Formação humana, processos socioculturais e instituições

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Maria Izabel Rodrigues Tognato

**CAMPO MOURÃO- PR
2023**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLMANN, Mirian Renata
Crenças, atitudes e preconceitos linguísticos: uma percepção de vozes e sotaques / Mirian Renata FOLMANN. -- Campo Mourão-PR, 2023.
178 f.

Orientador: Maria Izabel Rodrigues Tognato.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico Interdisciplinar: "Sociedade e Desenvolvimento") -- Universidade Estadual do Paraná, 2023.

1. Atitudes. 2. Crenças. 3. Preconceitos linguísticos. 4. Voz e sotaque. I - Tognato, Maria Izabel Rodrigues (orient). II - Título.

MIRIAN RENATA FOLMANN

**CRENÇAS, ATITUDES E PRECONCEITOS LINGUÍSTICOS: UMA PERCEPÇÃO
DE VOZES E SOTAQUES**

BANCA EXAMINADORA



Profª. Drª. Maria Izabel Rodrigues Tognato.

Profa. Dra. Maria Izabel Rodrigues Tognato (Orientador/a) - Unespar, Campo Mourão
PR



Profa. Dra. Luciana Manuela Almeida Graça – Escola Superior de Educação do Instituto
Politecnico de Viana do Castelo - IPVC - Portugal


Flávio Brandão Silva

Prof. Dr. Flávio Brandão - UEM, Maringá /PR



Dra. Adriana Delmira Mendes Polato – UNESPAR, Paranavaí/PR

Data de Aprovação
30/11/2023

Campo Mourão – PR
2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, reconhecendo sua presença essencial em minha vida. Como o Autor do meu destino, Ele tem sido meu guia constante e socorro presente nos momentos de angústia. Agradeço a Deus por sua infinita graça e amor ao me capacitar e me sustentar ao longo desta jornada.

Quero expressar um agradecimento especial ao meu marido, cujo apoio foi fundamental para minha perseverança, pois em momentos que pensei em desistir, ele segurou minha mão, tornando-se minha fortaleza. Sua presença constante, paciência e amor incondicional foram fontes de encorajamento e motivação. Agradeço por ser meu parceiro fiel, meu apoio inabalável e meu companheiro de vida.

As minhas amadas filhas, dedico uma parte especial deste trabalho. Os sorrisos delas são uma fonte inesgotável de força e alegria em minha vida. Elas são verdadeiras bênçãos de Deus, presentes que iluminam meus dias e enchem meu coração de amor e gratidão. Agradeço por serem a inspiração por trás dos meus esforços, por trazerem luz e significado a minha jornada.

Que este trabalho possa refletir a dedicação e a gratidão que tenho por Deus, meu marido e minhas filhas. Que seja uma expressão de reconhecimento pelo amor e apoio incondicionais que recebi. Sou verdadeiramente abençoada por tê-los em minha vida e sou grata por todas as bênçãos que eles representam.

AGRADECIMENTOS

Ao meu amado marido, gostaria de expressar meu profundo agradecimento por todo o seu amor, apoio e compreensão ao longo desta jornada. Ele tem sido meu porto seguro, meu companheiro de vida e meu maior incentivador. Agradeço as minhas amadas filhas Paula Stefany F. Loss e Amália Folmann Loss, as quais são as luzes brilhantes que iluminam minha vida e me enchem de amor e orgulho. Espero que saibam que são o meu maior tesouro e que meu amor por vocês é infinito. Obrigada por encherem minha vida com amor, alegria e propósito.

Aos meus amados pais, quero expressar minha imensa gratidão por todo o amor e apoio. Eles são verdadeiros exemplos de força, determinação e dedicação. Sou profundamente grata por ter pais tão maravilhosos, que sempre me incentivaram a seguir em frente, acreditando no meu potencial.

Agradeço especialmente a minha irmã Sabrina Aparecida Pereira Folmann, mencionada neste trabalho, pois sua contribuição e suporte foram inestimáveis. A visão crítica e conselhos perspicazes dela ajudaram a enriquecer minha pesquisa. Sou grata por sua dedicação e colaboração em minha jornada acadêmica. Estendo meus agradecimentos a minha irmã mais velha, Lilian Fernanda Folmann, pelo incentivo de sempre em minha vida, seu encorajamento foi essencial para que eu pudesse alcançar meus objetivos acadêmicos.

Agradeço a minha orientadora do estudo, Profa. Dra. Maria Izabel Rodrigues Tognato, da Unespar, *Campus* de Campo Mourão-PR, pelo seu comprometimento e orientação, que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Sua experiência e paciência em compartilhar conhecimentos foram inestimáveis. Agradeço pela disponibilidade, incentivo e oportunidade de aprender e por me aceitar como sua orientanda. Obrigada pela orientação contínua e pelo apoio fornecido ao longo de todo o processo.

Prezada banca examinadora, Profa. Dra. Luciana Manuela Almeida Graça, Prof. Dr. Flávio Brandão e Profa. Dra. Adriana Delmira Mendes Polato, gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos pelo tempo dedicado à avaliação do meu trabalho. Agradeço pela atenção, *feedback* e contribuições valiosas compartilhadas durante o processo de defesa. Agradeço também pela oportunidade de aprender e crescer através dos desafios a serem apresentados durante a banca. Seus apontamentos e observações são extremamente importantes para o aprimoramento do meu trabalho. Por fim, sou grata pela oportunidade de contar com

suas perspectivas e contribuições. Mais uma vez, expresso minha gratidão e apreço a todos os envolvidos nesta banca examinadora.

Não posso deixar de expressar minha gratidão à Coordenadora Ana Paula Colavite e ao Vice-Coordenador Marcos Clair Bovo do nosso Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar – Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD), da Universidade Estadual do Paraná – Unespar – *Campus* de Campo Mourão-PR. O apoio e o incentivo ao longo deste estudo foram fundamentais para a realização deste trabalho. Sou grata pela estrutura acadêmica que me proporcionaram e pelo ambiente propício ao aprendizado e à pesquisa.

Aos participantes das vozes do trabalho, em especial Lanna Hellen, obrigada por compartilhar a sua vida, pelo respeito ao meu trabalho e por termos construído, a partir disso, uma sólida amizade. Estudantes, Andressa, Eloiza, Vinicius e professores, agradeço profundamente por compartilharem seus conhecimentos, experiências e perspectivas. A participação de todos foi essencial para o enriquecimento deste estudo.

À diretora Meire T. R. Castilho de Paula, agradeço pela colaboração e apoio, pela abertura e entusiasmo em contribuir com nossa investigação foram fundamentais. Sou grata pela sua confiança e o ambiente propício para a condução deste estudo.

Por fim, gostaria de fazer um agradecimento muito especial a duas colegas do mestrado Clarice e Luciane. A amizade, parceria e apoio mútuo ao longo desta jornada acadêmica foram inestimáveis. Agradeço por compartilharmos risos, desafios e conquistas juntas. A presença delas tornou essa experiência ainda mais significativa.

E, mais uma vez, não posso deixar de expressar minha gratidão ao meu marido, pela compreensão, paciência e incentivo ao longo de todo o meu percurso acadêmico, que foram além das palavras. Ele esteve ao meu lado em todas as fases desafiadoras, oferecendo apoio emocional e encorajamento constante. Seu amor inabalável e confiança em mim foram a força motriz por trás da minha determinação em superar obstáculos e alcançar meus objetivos.

Sei que nem sempre foi fácil para ele lidar com as demandas do meu estudo, mas ele nunca hesitou em me apoiar, proporcionando o conforto e o equilíbrio necessários para que eu pudesse me dedicar à minha pesquisa. Sou profundamente grata pelo seu amor incondicional, paciência e compreensão.

Mais uma vez, obrigada a todos por acreditarem em mim, por me inspirarem e apoiarem em cada passo do caminho. Sou verdadeiramente abençoada por ter cada um de vocês em minha vida.

Com gratidão sincera, Mirian Renata Folmann.

EPIGRAFE

“Dêem-me uma talhadeira
e com ela nada saberei fazer,
Dêem-me um computador
...e ficarei pasma sem nada poder,
Dêem-me o melhor
o mais moderno instrumento do mundo
e lhes direi,
não é para mim.

Eu construo o mundo com palavras,
povôo o mundo de sons.
Faço disto meu fazer,
minha mão,
meu melhor instrumento.
Minha palavra é meu gesto,
Meu canto é minha vida.
Faço da poesia, meu alimento,
Da filosofia, meu sustento,
Do meu canto, renascimento.
Vivo de som e de Amor.”
(Branca Jurema Ponce)

FOLMANN, Mirian Renata. **Crenças, atitudes e preconceitos linguísticos: uma percepção de vozes e sotaques.** 178f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, Universidade Estadual do Paraná, *Campus* de Campo Mourão, Campo Mourão, 2023.

RESUMO

A concepção de um padrão adequado de sotaques e tom de voz para diferentes gêneros decorre de crenças relacionadas à necessidade de se ter uma linguagem e frequência (tom) vocal padronizada para se comunicar e ser compreendido ou aceito na sociedade. Por essas razões, esta pesquisa tem como objetivo investigar crenças e preconceitos linguísticos, de acordo com as percepções de estudantes e professores acerca do uso de vozes e sotaques regionais. Para tanto, pautamos nossa proposta de investigação na perspectiva da Teoria da Complexidade, da pesquisa interdisciplinar, na Sociologia e na Sociolinguística, bem como na perspectiva bakhtiniana. Quanto aos procedimentos, utilizamos uma abordagem mista de pesquisa envolvendo a quantitativa e a qualitativa, além das pesquisas exploratória e descritiva. Os instrumentos de coleta de dados incluíram estudos bibliográficos e um questionário *online* por meio do *Google Forms*, envolvendo 11 participantes divididos em três grupos, sendo um com 3 professores, um grupo com 3 estudantes do Ensino Médio de uma escola pública e um grupo com 5 pessoas que gravaram um mesmo texto em áudio para ser avaliado pelos professores e estudantes. Para tanto, pautamos nossa proposta de investigação na perspectiva da Teoria da Complexidade, da pesquisa interdisciplinar, na Sociologia e na Sociolinguística. Além disso, pautamo-nos nas variáveis como critérios de análise gênero, faixa etária, vozes, nível de escolaridade, atuação profissional e sotaques. Os resultados da pesquisa destacam alguns aspectos apontados pelas percepções dos participantes relacionados à influência de fatores sociais, culturais e individuais na interpretação de características vocais e linguísticas. Há uma ênfase na necessidade de se combater estereótipos de gênero que afetam as percepções de vozes de pessoas trans e homossexuais, ressaltando-se a subjetividade na definição do “bem falar”. A análise quantitativa revela a predominância do gênero nas respostas, seguido pela etnia, evidenciando o fato de que as normas sociais e culturais influenciam as percepções das pessoas no que tange ao reconhecimento de vozes e sotaques, envolvendo uma combinação de características vocais. As relações entre normas sociais, experiências individuais e preconceitos inconscientes indicam a identificação do gênero com base na voz, além de estereótipos regionais na avaliação educacional. Assim, nossa investigação aponta o preconceito vocal investigado em um ambiente educacional como um elemento inovador desta pesquisa, embora há muito o que se investigar sobre a temática proposta.

Palavras-chave: Atitudes, Crenças, Preconceitos linguísticos, Voz e sotaque.

FOLMANN, Mirian Renata. **Beliefs, attitudes and linguistic prejudices: a perception of voices and accents.** 178f. Dissertation (Master) - Society and Development Interdisciplinary Postgraduate Program, State University of Paraná, Campo Mourão *Campus*, Campo Mourão, 2023.

ABSTRACT

The conception of an adequate standard of accents and tone of voice for different genders arises from beliefs related to the need to have a standardized language and vocal frequency (tone) to communicate and be understood or accepted in society. For these reasons, this research aims to investigate linguistic beliefs and prejudices, according to the perceptions of students and teachers regarding the use of regional voices and accents. To this end, we base our research proposal on the perspective of Complexity Theory, interdisciplinary research, Sociology and Sociolinguistics, as well as the Bakhtinian perspective. Regarding procedures, we used a mixed research approach involving quantitative and qualitative, in addition to exploratory and descriptive research. The data collection instruments included bibliographic studies and an online questionnaire using Google Forms, involving 11 participants divided into three groups, one with 3 teachers, a group with 3 high school students from a public school and a group with 5 people who recorded the same audio text to be evaluated by teachers and students. To this end, we base our research proposal on the perspective of Complexity Theory, interdisciplinary research, Sociology and Sociolinguistics. Furthermore, we are based on variables such as analysis criteria: gender, age group, voices, education level, professional performance and accents. The research results highlight some aspects highlighted by the participants' perceptions related to the influence of social, cultural and individual factors on the interpretation of vocal and linguistic characteristics. There is an emphasis on the need to combat gender stereotypes that affect the perceptions of the voices of trans and homosexual people, highlighting the subjectivity in the definition of "good speech". The quantitative analysis reveals the predominance of gender in the responses, followed by ethnicity, highlighting the fact that social and cultural norms influence people's perceptions regarding the recognition of voices and accents, involving a combination of vocal characteristics. Relationships between social norms, individual experiences, and unconscious biases indicate voice-based gender identification in addition to regional stereotypes in educational assessment. Thus, our investigation points to vocal prejudice investigated in an educational environment as an innovative element of this research, although there is much to investigate on the proposed theme.

Keywords: Attitudes, Beliefs, Linguistic prejudices, Voice and accent.

FOLMANN, Mirian Renata. **Creencias, actitudes y prejuicios lingüísticos:** una percepción de voces y acentos. 178f. Tesis (Maestría) - Programa de Posgrado Interdisciplinario Sociedad y Desarrollo, Universidad Estadual de Paraná, *Campus* de Campo Mourão, Campo Mourão, 2023.

RESUMEN

La concepción de un estándar adecuado de acentos y tono de voz para diferentes géneros surge de creencias relacionadas con la necesidad de tener un lenguaje y una frecuencia vocal (tono) estandarizados para comunicarse y ser comprendido o aceptado en la sociedad. Por estas razones, esta investigación pretende indagar en las creencias y prejuicios lingüísticos, según las percepciones de alumnos y profesores sobre el uso de voces y acentos regionales. Para ello, basamos nuestra propuesta de investigación en la perspectiva de la Teoría de la Complejidad, la investigación interdisciplinar, la Sociología y la Sociolingüística, así como en la perspectiva bakhtiniana. En cuanto a los procedimientos, utilizamos un enfoque de investigación mixto que incluye la investigación cuantitativa y cualitativa, así como la investigación exploratoria y descriptiva. Los instrumentos de recogida de datos incluyeron estudios bibliográficos y un cuestionario en línea utilizando *Google Forms*, con 11 participantes divididos en tres grupos, uno con 3 profesores, otro con 3 estudiantes de secundaria de una escuela pública y otro con 5 personas que grabaron el mismo texto en audio para ser evaluado por los profesores y estudiantes. Los datos se analizaron utilizando conceptos de la teoría bakhtiniana, como el diálogo y la polifonía, para comprender mejor el fenómeno. Además, se utilizaron variables como el sexo, el grupo de edad, la voz, el nivel de estudios, la actividad profesional y los acentos. Los resultados de la investigación destacan algunos aspectos señalados por las percepciones de los participantes relacionados con la influencia de factores sociales, culturales e individuales en la interpretación de las características vocales y lingüísticas. Se hace hincapié en la necesidad de combatir los estereotipos de género que afectan a la percepción de las voces de las personas transexuales y homosexuales, destacando la subjetividad en la definición de "hablar bien". El análisis cuantitativo revela el predominio del género en las respuestas, seguido de la etnia, lo que pone de relieve el hecho de que las normas sociales y culturales influyen en las percepciones de las personas a la hora de reconocer voces y acentos, lo que implica una combinación de características vocales. Las relaciones entre normas sociales, experiencias individuales y prejuicios inconscientes indican una identificación de género basada en la voz, así como estereotipos regionales en la evaluación educativa. Así, nuestra investigación apunta al prejuicio vocal investigado en un entorno educativo como elemento innovador de esta investigación, aunque queda mucho por investigar sobre el tema propuesto.

Palabras clave: Creencias, Actitudes, Voz y acento, Prejuicios lingüísticos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Correlação entre vozes e sotaques como elementos geradores de preconceitos linguísticos.....	69
Figura 2 – Reações a diferentes situações de comunicação pelo uso da voz e do sotaque	72
Figura 3 – Crenças centrais, intermediárias e pensamentos automáticos.....	73
Figura 4 – Participantes da pesquisa	80
Figura 5 – Recorte do Poema de Bráulio Bessa	84
Figura 6 – Variáveis do grupo 1 da gravação do texto e análise das respostas dos informantes	90
Figura 7 – Fluxograma das etapas e atividades do levantamento bibliográfico.....	96
Figura 8 – Perguntas sobre percepções de vozes e sotaques dos participantes da pesquisa.	112
Figura 9 – Crenças e atitudes em relação aos sotaques e vozes no contexto da educação.	126
Figura 10 – Apreciação ou desaprovação das vozes dos áudios	136
Figura 11 – Apreciação ou desaprovação dos sotaques dos áudios	136
Figura 12 – Principais fatores que influenciam as percepções das vozes	144
Figura 13 – Principais fatores que influenciam as percepções de gênero/sexo e orientação sexual dos áudios apresentados	146
Figura 14 – Percepções da idade das pessoas dos áudios.....	147

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conceitos de variação, variáveis e variedades linguísticas	23
Quadro 2 - Procedimentos metodológicos	83
Quadro 3 - Questionário para professores e alunos do ensino médio	87
Quadro 4 – Caracterização das variáveis.....	93
Quadro 5 – Resultado da primeira busca de pesquisas relacionadas a nossa investigação	97
Quadro 6 - Resultados da segunda busca de pesquisas	101
Quadro 7 - Resultados da última busca de pesquisas	103
Quadro 8 – Caracterização das vozes e sotaques apresentados nos áudios pelos professores e alunos.....	113
Quadro 9 – Perguntas e respostas relacionadas ao <i>Google Forms</i> , abrangendo as perguntas 15 e 16.....	125
Quadro 10 – Perguntas e respostas relacionadas ao <i>Google Forms</i> , abrangendo as perguntas 17 a 18.	131
Quadro 11 – Perguntas e respostas relacionadas ao <i>Google Forms</i> , abrangendo perguntas 3 a 4	135
Quadro 12 – Perguntas e respostas relacionadas ao <i>Google Forms</i> , abrangendo as perguntas de 9 a 14.....	138
Quadro 13 – Fatores que podem influenciar na apreciação da voz e do sotaque dos áudios .	141
Quadro 14 – Fatores que podem influenciar na apreciação da voz e do sotaque dos áudios .	143

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Respostas sobre os sotaques e vozes dos áudios 1, 2, 3, 4, 5 e as variáveis.....	122
Gráfico 2 - Apreciação dos sotaques pelo grupo 2 dos áudios 1, 2, 3, 4 e 5.....	134
Gráfico 3 - Apreciação das vozes pelo grupo 2 dos áudios 1, 2, 3, 4 e 5.....	134

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados de todas as buscas de pesquisas.....	109
---	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A1 - Áudio 1

A2 - Áudio 2

A3 - Áudio 3

A4 - Áudio 4

A5 - Áudio 5

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

E1 - Estudante 1

E2 - Estudante 2

E3 - Estudante 3

ISD - Interacionismo socio discursivo

LGBTQIA+ - lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queers, intersexos e assexuais

NURC - Projeto de Normas Culturais Urbanas

P1 - Professor 1

P2 - Professor 2

P3 - Professor 3

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 VARIAÇÃO, CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS	21
2.1 Variação linguística	21
2.2 Crenças e atitudes linguísticas	27
<i>2.2.1 O “bem falar” e os preconceitos linguísticos</i>	32
2.3 Vozes e sotaques: fatores de exclusão ou marcadores regionais	48
3 PRECONCEITOS LINGUÍSTICOS E VOCAIS	53
3.1 Preconceitos vocais: masculino ou feminino, eis a questão!	56
3.2 Aspectos sociais e hereditários no uso da língua e voz	60
<i>3.2.1 Pertencimento e exclusão: um olhar sobre o não-pertencimento</i>	62
4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	77
4.1 O contexto de produção da pesquisa	77
4.2 Natureza da pesquisa	81
4.3 Coleta e geração dos dados	83
4.4 Tratamento dos dados: procedimentos de análise	88
4.5 Pesquisas relacionadas à temática da investigação	95
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS ENCONTRADOS	111
5.1 Características atribuídas aos falantes das gravações pelos professores e alunos do Ensino Médio	112
5.2 Atitudes positivas ou negativas em relação aos sotaques dos áudios	124
5.3 Fatores que influenciam na apreciação ou desaprovação das vozes dos áudios	130
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS	155
APÊNDICES	163

1 INTRODUÇÃO

Considerando a importância da relação entre sotaques e vozes como elementos inerentes à formação humana e social, ao longo de nossa experiência pessoal e profissional, notamos alguns aspectos relacionados a crenças, atitudes e preconceitos linguísticos, tais como a valorização da neutralidade¹ ou a padronização de diferentes sotaques e vozes em relação a determinados contextos sociais. Tais questões têm nos inquietado a partir de experiências vividas, levando-nos a refletir sobre o que pode influenciar a valorização ou desvalorização da linguagem no contexto profissional, social e educacional, a partir do uso de diferentes sotaques regionais e da voz como dois aspectos, por nós considerados vinculados e imbricados, visto que constituem a identidade do sujeito, contribuindo para sua inserção ou exclusão em diversos espaços sociais.

Por essas razões, visamos a investigar crenças, atitudes e preconceitos linguísticos pela percepção de estudantes e professores do Ensino Médio em relação a vozes e sotaques regionais, uma vez que é neste contexto que ocorrem tais práticas, no sentido de se entender as influências que podem interferir na caracterização de uma pessoa e no sentimento de pertencimento em diversas situações sociais de comunicação a partir do uso e reconhecimento de vozes e sotaques. Com isso, pelo viés da perspectiva interdisciplinar de pesquisa, centramo-nos nas percepções, crenças e preconceitos linguísticos de estudantes e professores em relação à identificação de vozes e sotaques regionais, reconhecendo a relevância dessas questões em um contexto educacional, no qual tais preconceitos frequentemente se manifestam.

Esta pesquisa é motivada pela influência significativa que o sotaque e a voz exerceram em minha vida no período da infância, marcada por imitações e risos em relação ao meu modo de falar. Além disso, a experiência recente da minha irmã, que tem buscado mudanças na frequência (tom) de sua voz para alinhá-la à sua identidade intelectual, destaca a complexidade da relação entre voz e identidade e ao pertencimento pessoal e social.

Assim, no que concerne a minha² motivação para o desenvolvimento desta pesquisa, relato e destaco algumas experiências pessoais. Então, desde muito cedo, a minha relação com o sotaque e a voz foi sendo influenciada por ambas as questões, despertando meu interesse e curiosidade quanto a esses fenômenos da comunicação humana. Uma das situações que me

¹ A concepção de neutralidade linguística, conforme definida por Araújo e Campos (2021), refere-se à adoção de uma forma de expressão verbal que evite características regionais, gírias, ou outros elementos que possam ser percebidos como informais ou específicos de determinado grupo linguístico.

² Destacamos o uso da 1ª pessoa neste momento por enfatizar minhas experiências pessoais, que serviram de motivação ao desenvolvimento da minha pesquisa.

levou a estudar sobre o sotaque e a voz, primeiramente, em relação ao sotaque, foi que, ainda na primeira infância, as pessoas me imitavam em relação ao que eu dizia, interrompendo minha fala e rindo, dizendo: “Que engraçado como ela fala”. Essa realidade ficou registrada em minha memória durante minha infância até os 10 anos. Com o passar do tempo, fui entendendo algumas situações no meu percurso de formação, no entanto, isso não influenciou no meu sotaque. Por outro lado, aquela situação sempre ficou marcada quando eu ouvia algo a respeito e sempre me apoiavam pela capacidade de adaptação e aprendizagem inerente às crianças, ignorando quando meu sotaque era evidenciado. A palavra sotaque fez parte de toda a narrativa da minha história de vida, pois foi por meio dela que aprendi porque as outras crianças falavam um dialeto diferente do meu.

Em relação à voz, outra situação que me levou a investigar a temática tratada nesta pesquisa foi uma experiência vivida pela minha irmã, em 2021, que me procurou como fonoaudióloga para uma terapia, a fim de obter mudança de frequência na voz. Como esta não é minha área de atuação na fonoaudiologia, encaminhei a situação dela a um especialista em voz em Curitiba, no Estado do Paraná. Minha irmã não se sentia como se pertencesse àquela voz e isso a incomodava. Para ela, a voz que transmitia era incompatível com sua capacidade intelectual porque era fina (aguda), infantilizada. Com isso, minha irmã realizou a terapia com o profissional indicado, o que contribuiu para avanços quanto ao uso da voz.

Além disso, consideramos a influência das redes sociais, rádio, televisão e outras situações de comunicação relacionadas ao uso de vozes e sotaques como um fenômeno crescente que pode levar ou não à desvalorização da linguagem, abrangendo espaços e territórios, cultura e voz. A nosso ver, esses aspectos encontram-se interligados nas mídias sociais, uma vez que as fronteiras entre diferentes campos do conhecimento têm se imbricado, propiciando relações interdisciplinares. Isso nos permite entender possíveis relações entre crenças e atitudes linguísticas a partir do modo como a linguagem é manifesta pelo outro em relação à voz e ao sotaque. No entanto, há que se considerar que a maneira como as pessoas falam varia entre os falantes de uma língua, dependendo do seu pertencimento a uma determinada comunidade ou grupo social. Todavia, essas diferenças podem resultar em concepções preconceituosas, frequentemente subentendidas, indiretas e não sutis, como no caso em que uma pessoa comenta “olha o sotaque dele ou dela” ou “que voz diferente!”. Por essas razões, consideramos o uso de sotaques e vozes como dois aspectos imbricados e constitutivos da formação humana e social.

Sendo assim, ao conhecermos alguém, é natural tecermos vários julgamentos sobre as características dessa pessoa, inicialmente, sobre sua aparência, posteriormente, sobre sua voz e

o seu sotaque para definirmos se esta pessoa passa uma imagem positiva ou negativa de acordo com suas crenças. Entretanto, como percebemos e identificamos os sotaques regionais e as vozes pode gerar preconceitos linguísticos ou vocais, resultando em constrangimento para o falante exposto. No que se refere às crenças e atitudes linguísticas acerca do modo “adequado ou inadequado” de se falar, por exemplo, considerando-se o sotaque neutro apropriado para algumas situações de diálogo social, pode surgir uma relação com o tom (frequência da voz) em função do contexto de gênero e da percepção auditiva de homens e mulheres. Para a identificação destes aspectos, em uma situação de comunicação, é importante considerar as diferentes vocalizações, vocabulário pessoal, linguagem regional e diferenças fonéticas que pode haver em um mesmo país.

Assim, tomando por base nosso objetivo mais amplo, que é investigar crenças, atitudes e preconceitos linguísticos pelas percepções de vozes e sotaques regionais identificados por estudantes e professores com a finalidade de se obter uma compreensão mais ampliada sobre os aspectos que podem constituir e/ou influenciar o reconhecimento ou a identificação de diferentes vozes e sotaques, definimos nossos objetivos específicos, a saber:

- 1) Identificar as características atribuídas aos falantes das gravações pelos professores e estudantes do Ensino Médio após ouvirem o áudio de cada um dos 5 participantes da tarefa de gravação de um mesmo texto;
- 2) Indicar as atitudes positivas ou negativas em relação a cada sotaque apresentado nos áudios, fornecidas pelos professores e alunos, ao ouvir os áudios das gravações;
- 3) Apontar os fatores que influenciam na apreciação ou desaprovação dos informantes sobre a voz ouvida nos áudios.

Essa pesquisa é, portanto, motivada pelo papel social do uso da voz e dos sotaques regionais em relação às crenças, atitudes e preconceitos linguísticos, bem como pela necessidade de se compreender as dimensões sociais e socioculturais que as constituem. Para tanto, pautamos nossa proposta de investigação na perspectiva da Teoria), da pesquisa interdisciplinar (ALVARENGA *et al.*, 2011; SANTOS, 2012), na Sociologia (GIDDENS, 2002) e na Sociolinguística (SILVA; BOTASSANI, 2019; ARAUJO, 2014; RICARDO, 2005; DACORREGIO, 2021; BORIN, 2022; BAGNO, 2003).

Em relação aos procedimentos metodológicos, quanto à natureza da pesquisa, pautamos nossos estudos na abordagem mista de pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2003; CRESWELL; CLARK, 2018), envolvendo tanto a abordagem qualitativa, quanto a quantitativa, bem como na pesquisa exploratória (GIL, 2008) e a descritiva (TRIVIÑOS, 1987). No que diz respeito à coleta e geração de dados, gravamos um texto por 5 pessoas de contextos sociais diferentes,

sendo um questionário *online* via *Google Forms* direcionado a um grupo de 3 professores e a outro grupo de 3 estudantes, sendo ambos os grupos do Ensino Médio. Ambos os grupos são da rede estadual de ensino, os quais ouviram os áudios das gravações do texto mencionado anteriormente para responderem ao questionário sobre os áudios. Para as análises e o tratamento dos dados, utilizamos alguns dos princípios da Teoria da Complexidade, tais como: o princípio hologramático (relação entre as partes e o todo) e o da recursividade (ciclo recursivo).

A nossa investigação permitiu-nos, portanto, identificar e compreender os fatores, sociais, culturais e pessoais que dificultam a integração dos sujeitos na sociedade, ajudando-nos a entender como as nossas percepções afetam os outros, levando-os a transtornos mentais em relação a crenças e atitudes linguísticas. Com isso, consideramos os processos socioculturais que permeiam as interações sociais entre os sujeitos e diversos domínios institucionais. Trata-se de aspectos inerentes à linha de pesquisa na qual nossa pesquisa se insere, que podem contribuir para investigações sobre como as identidades são construídas no mundo contemporâneo e como os comportamentos e atitudes sociais são constituídos em seus aspectos multidimensionais, com ênfase nos processos educativos, nas relações de trabalho, nas trajetórias e projetos de vida, uma vez que são relacionados à formação humana, considerando-se os processos socioculturais.

Assim, tendo em vista que o objetivo do Programa de Pós-Graduação, no qual nossos estudos se inserem, é incentivar o uso da pesquisa interdisciplinar, enquanto perspectiva teórica, esse fato me desafiou, por destacar e reunir estudos que focam o desenvolvimento humano no sentido de se entender os processos socioculturais, suas relações, bem como as instituições sociais. Diante disso, há que se considerar tais aspectos, uma vez que remetem à formação humana, bem como à dinâmica dos sujeitos e dos grupos sociais com os quais interagem. Desse modo, conceitos como “sociedade” e “desenvolvimento” são entendidos como dimensões da “formação humana”, levando-se em conta alguns aspectos, a saber: “condições de vida”, “possibilidades de escolha de sujeitos e grupos sociais” e “relações entre as dimensões global e local”.

Esta pesquisa está dividida em duas seções principais, que abordam diferentes aspectos relacionados a crenças, atitudes e preconceitos linguísticos em relação a vozes e sotaques. A primeira seção, trata da introdução de nossa investigação, apresentando uma síntese de nossa proposta. A segunda seção explora a percepção linguística, discorrendo sobre os sotaques e as características vocais como marcadores de identidade regional e a questão da padronização de sotaques. Além disso, discute como os sotaques e vozes podem ser associados à exclusão social ou usados como referências regionais, considerando-se o conceito de “bem falar” e suas

implicações socioculturais. A terceira seção, concentra-se nos preconceitos linguísticos e vocais, explorando como a percepção de gênero (masculino ou feminino) influencia as atitudes em relação às vozes. Ademais, esta seção trata da influência dos formadores vocais (estruturas do organismo que compõem a laringe) no uso da língua e como os aspectos psicológicos, sociais e até mesmo hereditários podem influenciar a maneira como as pessoas utilizam a língua e expressam suas vozes. Por meio dessa organização, analisaremos de maneira abrangente as crenças, atitudes e preconceitos linguísticos relacionados a vozes e sotaques, considerando-se os aspectos linguísticos, sociais e psicológicos envolvidos nesse fenômeno complexo. Na sequência, a quarta seção descreve o percurso e os procedimentos metodológicos de nossa investigação, contemplando o contexto de produção e a natureza da pesquisa, os procedimentos de coleta, geração e análise dos dados, bem como algumas pesquisas que compõem o estado da arte relacionado a nossa investigação. Em seguida, na quinta seção, apresentamos a discussão dos resultados encontrados de acordo com os objetivos específicos e as perguntas de pesquisa, tomando por base o questionário aplicado junto a professores e alunos do contexto investigado. Por fim, na sétima seção, discorreremos sobre as considerações finais.

2 VARIAÇÃO, CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Nesta seção, discorreremos sobre variação, crenças e atitudes linguísticas e como esses elementos influenciam a interação humana pela linguagem. Para isso, primeiramente, trataremos da variação linguística para, em seguida, discorrer sobre alguns aspectos relacionados ao processo pelo qual as crenças, enraizadas nas experiências culturais e sociais, influenciam as preferências linguísticas. Destacaremos, especialmente, como as atitudes linguísticas podem ecoar na empatia, nas formações sociais e na inclusão ou exclusão de indivíduos e grupos, considerando-se suas características linguísticas e vocais como base fundamental. Ademais, discutiremos acerca do impacto das hierarquias sociais e socioeconômicas na atribuição de valor a diversas variantes linguísticas. Com isso, reconhecemos a importância de se entender a diversidade linguística, sobretudo no que diz respeito aos sotaques regionais, como um elemento-chave para uma comunicação intercultural inclusiva.

2.1 Variação linguística

A variação linguística é um fenômeno natural e constante, pois, como explicita Bagno (2007), manifesta-se em diversos níveis, como fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-pragmático (PESSOA, 2014), e está intrinsecamente ligada ao contexto social, cultural, histórico e geográfico em que ocorre.

Assim, no âmbito fonético-fonológico, a variação linguística pode ser observada na diversidade de sotaques, entonações e pronúncias de uma mesma língua, refletindo as características regionais e sociais dos falantes. Por exemplo, no Brasil, a pronúncia da vogal “a” pode variar consoante a região, resultando em diferentes realizações, como “pá” no Rio de Janeiro e “pá” em São Paulo. A vogal "a" nessa palavra pode ser pronunciada de maneira diferente em diferentes regiões do Brasil. No Rio de Janeiro, a pronúncia pode soar como "câma", na qual a vogal "a" é mais fechada, parecida com o som de "pá". Em São Paulo, a pronúncia pode soar como "câma", na qual a vogal "a" é um pouco mais aberta, mas ainda tem uma semelhança com o som de "pá".

No nível morfológico, a variação linguística manifesta-se por meio da flexão verbal, nominal e de outros processos morfossintáticos, como a concordância e a formação de plural.

Por exemplo, a variação na conjugação de verbos como “vir” e “ter” em diferentes regiões do Brasil evidencia a diversidade linguística presente no país.

Quanto ao aspecto sintático, a variação linguística pode ser observada na ordem das palavras, na estrutura das frases e na utilização de certos conectivos e marcadores discursivos, que podem variar conforme o contexto comunicativo e o estilo de fala. Além disso, a variação linguística também se reflete no uso de diferentes vocabulários, expressões idiomáticas e gírias, que podem ser característicos de determinados grupos sociais, faixas etárias ou contextos específicos. Assim, com base em Bagno (2007), é importante ressaltar que a variação linguística não implica em superioridade ou inferioridade de uma forma linguística em relação à outra. Todas as variedades linguísticas são legítimas e expressam a riqueza e a diversidade cultural de uma comunidade. Portanto, é fundamental reconhecer, respeitar e valorizar as diferentes formas de se falar no sentido de se compreender que a variação linguística é um fenômeno natural e enriquecedor para a sociedade. Conforme explica Bagno (2007, p. 951), é fundamental respeitarmos, as variedades linguísticas como tesouros culturais valiosos, nas diferentes situações de comunicação e de interação social ao enfatizar que

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam (BAGNO, 2007, p. 951).

Segundo Bagno (2007), as variações linguísticas ocorrem naturalmente ao longo do tempo, como resultado da interação social entre os falantes de uma língua. Nesse sentido, o autor ressalta que as línguas são sistemas vivos e dinâmicos, que estão em constante evolução e mudança. Essas mudanças podem ocorrer de diversas formas, como, por exemplo, por meio da influência de outras línguas, da criação de novas palavras e expressões, da alteração da pronúncia, da gramática e da sintaxe, dentre outros fatores. Bagno destaca que essas mudanças são naturais e fazem parte do processo de desenvolvimento da língua, e que todas as variedades linguísticas são igualmente válidas e expressam a identidade e a cultura dos falantes. O autor (2007) também enfatiza que as variações linguísticas não devem ser vistas como erros ou desvios da norma culta, mas sim como manifestações legítimas da língua, argumentando que a norma culta é apenas uma das variedades da língua e que não deve ser vista como superior ou mais correta do que outras variedades. Em vez disso, é importante valorizar e respeitar todas as

variedades linguísticas, reconhecendo que cada uma delas tem sua própria história, cultura e identidade. Em outras palavras, de acordo com Marcos Bagno (2007), a variação linguística refere-se à existência de diferentes formas de expressão em uma mesma língua, que variam de acordo com fatores sociais, regionais, históricos, culturais e individuais. Essa variação pode ocorrer em diversos níveis da língua, como no vocabulário, na pronúncia, na gramática e na sintaxe.

Tomando por base os estudos de Bagno (2007), além da variação linguística, há outros termos a serem considerados, tais como: as variáveis e a variedade linguísticas. Para o autor, as variáveis linguísticas, por sua vez, são os fatores que influenciam a variação linguística e podem ser de natureza social, regional, histórica, cultural, individual, entre outras. Por exemplo, a classe social, a região geográfica, a idade, o gênero e a etnia são variáveis que podem influenciar como uma pessoa fala. Já a variedade linguística refere-se aos diferentes dialetos, registros e estilos de uma língua, utilizados em diferentes contextos e por diferentes grupos de falantes. Por exemplo, a norma culta é uma variedade da língua ensinada nas escolas e utilizada em contextos formais, enquanto as variedades regionais, sociais e históricas representam as diferentes formas de falar de grupos específicos de falantes. No sentido de propiciar uma maior compreensão sobre os conceitos mencionados, com base nos estudos de Bagno (2007), apresentamos alguns exemplos elucidativos acerca de variação, variáveis e variedades linguísticas, como a sistematização ilustrada no Quadro 1.

Quadro 1 – Conceitos de variação, variáveis e variedade linguísticas

CONCEITOS	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	VARIÁVEL LINGUÍSTICA	VARIEDADE LINGUÍSTICA
DEFINIÇÃO	- Existência de diferentes formas de expressão em uma mesma língua, que variam de acordo com fatores sociais, regionais, históricos, culturais e individuais. - Diversidade de manifestações linguísticas que ocorrem em uma mesma língua, influenciadas por diversos fatores.	- Fatores que influenciam a variação linguística, como classe social, região geográfica, idade, gênero, etnia, entre outros. - Elementos que contribuem para a diversidade linguística, influenciando como as pessoas falam.	- Diferentes dialetos, registros e estilos de uma língua, utilizados em diferentes contextos e por diferentes grupos de falantes. - Diferentes formas de falar de grupos específicos de falantes, incluindo a norma culta, variedades regionais, sociais, históricas, entre outras.
EXEMPLOS	“Os meninos foram à praia” (norma culta) vs. “Os meninos foram na	Uso do pronome “tu” (variável de natureza regional) vs. “você”	Variedade linguística regional: “baita” (Sul do Brasil) vs. “muito” (norma culta).

	praia” (variedade linguística regional)	(variável de natureza social)	
--	---	-------------------------------	--

Fonte: A autora, com base em Bagno (2007).

Com isso, remetendo ao contexto educacional, destacamos a importância de se valorizar e respeitar a diversidade linguística, corroborando Fontes (2014, p. 17) ao ressaltar que

Ter consciência de que a diversidade linguística existe e que a mesma é um fenômeno social, cultural, bem como conhecermos as modalidades de uso da língua e suas variantes é de suma importância. Pois a ausência desse conhecimento leva ao preconceito e, inevitavelmente, aos problemas gerados por ele na escola, durante o processo de ensino e aprendizagem da língua que falamos (FONTES, 2014, p. 17).

Assim, no que concerne à concepção de variação linguística, tomamos por base os estudos de Maciel (2014, p. 14) ao ressaltar que os termos “variação linguística vem sendo empregado com frequência desde a década de 1960, década em que se deu o surgimento da Sociolinguística variacionista nos Estados Unidos a partir de Labov”. Nesse sentido, Maciel explicita que o campo da Sociolinguística “tem por objetivo o estudo das mudanças e variações existentes na língua, podendo mudar com relação ao tempo, variar quanto ao espaço e ainda existirem variações com base na situação social em que o indivíduo se encontra” (BAGNO, 2004, p. 43). Assim, corroboramos Geraldi *et al.* (1997, p. 35) ao destacar que “a variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de *status* ou de papel, essas diferenças se refletem na linguagem”. Isso posto, ressaltamos a importância e a necessidade de avançarmos nos estudos referentes a variações linguísticas, em especial, pelo cuidado sobre as percepções relacionadas ao uso de diferentes sotaques regionais e vozes.

Nessa perspectiva, conforme Labov (2008), ao se considerar a heterogeneidade da língua, torna-se evidente que a utilização da linguagem varia entre distintos grupos regionais, sendo influenciada por fatores sociais, como classe, gênero e etnia. Essas variações linguísticas manifestam-se em diversos aspectos, tais como pronúncia, vocabulário e gramática, refletindo a diversidade intrínseca à língua. É importante destacar que a língua se refere ao sistema linguístico normatizado e estruturado, enquanto a linguagem abrange a capacidade geral de comunicação humana, incluindo formas diversas como fala, escrita, gestos, entre outras. Assim, ao abordar a dinâmica da língua, consideramos não apenas suas normas, mas também as diferentes formas de expressão presentes na linguagem cotidiana. Além disso, Labov ressalta que essas variações podem se modificar ao longo do tempo, devido a influências do contato

linguístico, mudanças demográficas e transformações culturais, evidenciando a dinâmica e a evolução constante da língua no contexto social. No entanto, à medida que adquirimos uma compreensão mais aprofundada da importância da diversidade linguística, considerando-se uma comunicação intercultural inclusiva, estratégias de apreciação e valorização da riqueza de vozes e sotaques diversos em nossa sociedade, emergem. Assim, a valorização das variedades linguísticas e das diferenças na maneira como as pessoas falam, devido à região geográfica, à cultura, ao histórico-social ou a outros fatores como um elemento enriquecedor, contribuem para a construção de sociedades mais justas e inclusivas. Ao abordarmos, por exemplo, os sotaques regionais, há que se considerar a importância da sua evolução histórica, que reflete nas influências constitutivas das sociedades e culturas enquanto o tempo transcorre.

No contexto educacional, com base em Araújo (2014), é fundamental o trabalho o trabalho sobre o conhecimento linguístico variacionista, uma vez que propicia uma maior compreensão acerca das variações linguísticas que ocorrem em uma língua, considerando-se os fatores sociais, culturais, regionais e contextuais. Essa abordagem baseia-se na concepção de que as línguas não são uniformes, mas sim dinâmicas e sujeitas a variações, as quais são influenciadas pelas condições sociais e históricas dos falantes. Ou seja, trata-se da importância de se entender e explicar como diferentes formas de expressão linguística são utilizadas por diferentes grupos sociais e em diferentes contextos. Isso inclui a observação de variações em aspectos como pronúncia, vocabulário, estrutura gramatical e uso de expressões coloquiais. Com isso, a nosso ver, a abordagem variacionista valoriza a diversidade linguística e objetiva desvincular avaliações normativas rígidas, reconhecendo que a língua é naturalmente suscetível a mudanças e adaptações. Essa perspectiva é fundamental para uma compreensão mais abrangente e inclusiva do fenômeno linguístico, especialmente no campo do ensino e aprendizagem de línguas. De acordo com Araújo (2014), o foco deve ser direcionado para a compreensão e aceitação das variações linguísticas, desvinculá-las da concepção de se “falar bem”.

Nesse sentido, as atividades escolares podem ajudar a combater o preconceito linguístico de forma mais efetiva. Falar diferente não é falar errado, segundo Marcos Bagno (2006), tudo o que pode parecer incorreto em português tem uma explicação lógica, científica (linguística, histórica, sociológica e psicológica). Ademais, segundo Baronas, Marques e Semczuk (2019), há, na linguística, o estudo do que se pensa ser o “culto”, mas o estudo da língua precisa permear as diferentes formas sobre como as crenças e os preconceitos linguísticos afetam as percepções sobre as vozes.

Além disso, as mudanças que ocorrem na voz e nos sotaques regionais também é outro aspecto de extrema importância, uma vez que a voz e o sotaque estão vinculados a contextos socioculturais e sofrem modificações pelo contato com outras formas de falar. Por conseguinte, Jacobs (2017, p. 373) destaca que a voz é influenciada por diversas variáveis culturais, como hábitos, posturas, movimentos, intervenções cirúrgicas sobre o corpo, entre outros, implicando um entendimento dos processos contínuos das relações entre ser e meio na formação do ser. Além disso, a autora menciona que os sotaques também são um exemplo dessa camada socioeducacional da voz, na qual aspectos dos grupos específicos de convívio também constroem a vocalidade, principalmente em seus elementos prosódicos. Portanto, a compreensão das mudanças na voz e nos sotaques regionais é importante para se entender como a voz é influenciada por fatores culturais e sociais. As vozes são reflexos das relações entre corpos e treinamentos diários, direcionados ou espontâneos, e que a tonalidade da voz pode ser alterada propositalmente na produção vocal e se alteram ao longo do desenvolvimento humano, podendo sofrer mudanças em sua tonalidade, o que pode gerar percepções por outras pessoas. Em outras palavras, as vozes se alteram ao longo do desenvolvimento humano, pois à medida que o corpo envelhece, sofrem mudanças em sua tonalidade (tom de voz/frequência) podendo ficar mais fina ou grossa, apresentando instabilidade em sua emissão, gerando percepções por outras pessoas, o que pode tornar esse fenômeno linguístico e sociocultural complexo. Jacobs (2017, p. 374) argumenta que essa associação automática de características vocais a gêneros pode tornar a compreensão da voz como um fenômeno linguístico e sociocultural complexo. Isso porque, ao naturalizar essas associações, as pessoas podem não perceber a influência de fatores culturais e sociais na formação e percepção das vozes, dificultando a compreensão da voz como um fenômeno multifacetado e influenciado por diversos contextos.

No que concerne à aprendizagem de uma língua, como no caso do contexto escolar, no qual obtivemos os dados para esta investigação, há que se considerar a necessidade de abordar estas questões no espaço escolar de modo que esta consciência possa ser trabalhada, entendida e disseminada. Assim, é fundamental entender que a língua é heterogênea e que, portanto, possui suas variações e variedades linguísticas, sofrendo mudanças e transformações constantes em função de “aspectos sociais, culturais, econômicos e geográficos” (BET; MUSACHI, 2017, p. 22).

Ademais, de acordo com Bordoni Bortoni-Ricardo (2005, pág. 186), os professores muitas vezes acreditam que as regras da norma padrão são as únicas corretas e, por isso, tendem a desvalorizar outras formas de falar que não se enquadram nessa norma. Isso pode levar a uma discriminação linguística, na qual os alunos que falam de forma diferente são considerados

“errados” ou “inferiores”. Para lidar com essa questão, a autora propõe uma reflexão sobre a adequação linguística, que consiste em entender que diferentes situações comunicativas exigem diferentes formas de falar. Para a autora, os professores devem conscientizar os alunos sobre as diferenças linguísticas e ensiná-los a monitorar seu próprio estilo, para adequarem sua fala às diferentes situações. Dessa forma, a autora defende uma educação linguística que valorize a diversidade linguística e cultural, que ajude os alunos a desenvolverem uma competência comunicativa mais ampla e flexível, as variações quanto ao uso da língua em todos os contextos sociais, incluindo as salas de aula.

No que diz respeito a variações linguísticas, há que se ressaltar que todas as variedades linguísticas são igualmente válidas e ricas em sua própria diversidade. Não há uma forma "correta" ou "errada" de se falar, mas sim diferentes formas de expressão que refletem as identidades e as experiências dos falantes. Diante do exposto, defendemos a necessidade de se defender o respeito e a valorização do uso das variações linguísticas, referentes aos diversos sotaques e às diferentes vozes, como sendo aspectos essenciais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

Em suma, a variação linguística é um fenômeno complexo e multifacetado que enriquece as línguas e reflete a diversidade cultural e social das comunidades falantes. A compreensão e o respeito pela variação linguística são fundamentais para promover a inclusão e a valorização das diferentes formas de expressão, contribuindo para uma convivência mais harmoniosa e respeitosa entre os falantes de uma língua.

2.2 Crenças e atitudes linguísticas

No que concerne às crenças e atitudes linguísticas, estas desempenham um papel fundamental na maneira como interagimos pela linguagem e como recebemos as diferentes formas de expressão, considerando-se a heterogeneidade da língua e a importância das variações linguísticas. Desse modo, pautamos nosso entendimento em relação a estes conceitos nos estudos de Lambert (1964) ao ressaltar que a atitude envolve três elementos, a saber: a crença, a valoração e a conduta. Com isso, corroboramos Fenner (2013, p. 36) ao explicitar que “a atitude linguística de um indivíduo resulta da soma de suas crenças e conhecimentos, seus afetos e sua tendência a se comportar de determinada forma diante da língua ou de uma situação sociolinguística”. Além disso, no que tange às relações entre a formulação de crenças e atitudes, conforme Fenner (2013, p. 36) explica,

Rokeach (1968) concebe a atitude como um conjunto de crenças (crença 1, crença 2, crença 3...) que depende fundamentalmente do que se crê acerca de um objeto sociolinguístico. Cada uma dessas crenças é formada pela soma dos três componentes: cognoscitivo, afetivo e conativo – alguns conhecimentos, algumas valorizações e algumas condutas podem dar lugar a um sistema de crenças das quais pode resultar uma atitude linguística concreta (FENNER, 2013, p. 36).

Assim, influenciadas por nossa cultura, experiências e os processos formativos e/ou educacionais, as crenças desempenham um papel crucial na construção de nossa percepção das diversas formas de comunicação. Nessa perspectiva, é pertinente ressaltar a definição de atitudes linguísticas, conforme proposta por Schneider (2007, p. 85), ao explicar que se trata de “qualquer indicador cognitivo, afetivo, ou comportamental de reações avaliativas, aprendidas e socialmente construídas, em direção aos traços de fala e às variedades linguísticas e aos seus falantes.” Nesse contexto, as atitudes linguísticas representam componentes cognitivos e afetivos que influenciam as percepções e avaliações em relação às características linguísticas e seus falantes, evidenciando a complexidade social e cultural inerente ao fenômeno linguístico. Por tudo isso, as crenças e as atitudes das pessoas em relação aos aspectos linguísticos têm um papel fundamental na investigação das dinâmicas sociais e culturais que permeiam a comunicação verbal. A análise de tais elementos pode auxiliar-nos a entender melhor os padrões de interação humana e, simultaneamente, identificar a influência exercida pela linguagem na constituição das identidades individuais e coletivas. Ao evidenciar tais aspectos e valores, associados ao uso da linguagem, ressaltamos a importância de se entender a maneira pela qual as crenças e atitudes constituem os comportamentos em diferentes situações de comunicação, o preconceito linguístico e as relações de pertencimento à sociedade presentes nas interações cotidianas.

Nesse sentido, as primeiras impressões em relação ao uso da voz e dos sotaques regionais podem ou não influenciar a empatia e a formação de laços sociais. No entanto, é importante ressaltar que esse processo também pode ser influenciado por crenças, resultando em atitudes e preconceitos linguísticos ao observarmos ou reconhecermos a voz ou o sotaque de outras pessoas. Assim, quando o sotaque de alguém difere daquele predominante na região e essa diferença é recebida com preconceito, podem surgir situações que comprometem o resultado ou a compreensão na comunicação, influenciando negativamente o sentimento de integração social da pessoa que se expressa.

Em relação ao uso da voz, a maneira como ela é emitida pode ser considerada incompatível com um determinado gênero, etnia, idade ou região por pessoas que possuem

crenças específicas, o que pode gerar atitudes e preconceitos linguísticos com repercussões e impactos no estado psicológico, social, educacional e profissional do sujeito. Com isso, entendemos que as crenças e as atitudes em relação aos aspectos linguísticos são influenciadas pelas experiências vivenciadas no contexto da educação, pelas mídias e o contato linguístico nas interações sociais. Essas vivências são fundamentais na construção das percepções individuais e coletivas acerca do uso de vozes e sotaques e, a nosso ver, contribuem para se evitar julgamentos e preconceitos sociais relacionados a aspectos, tais como: aparência física, origem étnica e cultural, religião, orientação sexual, identidade de gênero, habilidades e deficiências, sotaque e uso da linguagem, *status* socioeconômico e educação. Além disso, atitudes políticas e ideológicas podem exercer impacto nas relações interpessoais, muitas vezes, culminando na inclusão ou exclusão de indivíduos e grupos sociais com base em suas características linguísticas e vocais. Ademais, as hierarquias sociais e socioeconômicas, associadas ao uso da língua, também exercem uma influência relevante, determinando a valorização ou desvalorização de diferentes variantes linguísticas.

Outro aspecto relevante a ser considerado reside no fato de que os sujeitos adquirem e aprendem a língua materna e outras línguas por meio de vivências linguísticas e estudos, que, a nosso ver, fazem parte de um processo inerente ao desenvolvimento humano, refletindo-se nos sotaques regionais. Ou seja, ao usar novos sotaques, os sujeitos podem incorporar alguns elementos, tais como: fonemas e sons, entonação e ritmo, padrões de tensão vocal, vocabulário e expressões, interação social, estruturas gramaticais, ritmo da fala, gesticulação, além de expressão facial combinando tais elementos com as características de pronúncia de sua própria língua.

Assim, ao longo de minha experiência profissional e nossa vivência como pessoa, notei que algumas pessoas defendem que os sotaques regionais são uma importante forma de identidade cultural, enquanto outras argumentam que a diversidade na pronúncia, entonação e vocabulário são essenciais para a riqueza linguística do país e, portanto, deve ser valorizada. Para os sujeitos que corroboram tais perspectivas, os sotaques são uma fonte de orgulho e conexão com a região de origem. Nesse sentido, é possível encontrar pesquisas e estudos que abordam a importância dos sotaques regionais³ como forma de identidade cultural e conexão

³ Dentre estes trabalhos, podemos encontrar este Projeto SotaQuiz, “um questionário interativo para avaliar o conhecimento dos usuários sobre os diferentes sotaques brasileiros. O desafio é apresentado na forma de 27 áudios falados por pessoas nativas de cada estado do Brasil. Após ouvir uma frase padrão, você tem que assinalar em um quadro de onde é a pessoa que está falando. [...] "Você conseguiria reconhecer esses vários sotaques brasileiros?", diz o narrador do vídeo da BlaBlaLab, responsável pelo experimento de comunicologia nas redes sociais. A frase lida em todas as gravações é: ‘Consegue acertar de que Estado eu sou? Aqui tem carro, pilha, isqueiro, panela, sabão, tinta, porta e campanha’. A princípio, o SotaQuiz existe, porque ‘O Brasil é bem maior que um eixo, estado

com a região de origem, assim como a valorização da diversidade linguística como um aspecto importante da riqueza cultural de um país. Por outro lado, a partir de experiências vivenciadas na sociedade, parece haver uma inclinação por parte da sociedade em se criticar ou tratar com um tom jocoso os sotaques, como se as expressões utilizadas não constituíssem a diversidade linguística do nosso contexto nacional. Esta atitude reflete uma propensão estigmatizante e uma subestimação das várias formas de expressão verbal presentes na sociedade, contribuindo para a perpetuação de estereótipos linguísticos. Tal perspectiva pode omitir a riqueza cultural e a autenticidade que os sotaques representam, desconsiderando a complexidade e a referência linguística inerentes à identidade nacional. Nesse contexto, a neutralidade, e/ou a padronização de sotaques, é apontada como particularmente relevante em situações formais, como apresentações, negócios ou discursos políticos.

Em outras palavras, isso implica em utilizar uma linguagem mais padronizada, próxima da norma padrão da língua, de modo a garantir uma comunicação compreensível e acessível em contextos nos quais a formalidade e a objetividade são valorizadas. Essa abordagem visa a minimizar possíveis barreiras linguísticas, garantindo que a mensagem seja transmitida de maneira apropriada, considerando-se o contexto específico em que ocorre a interação comunicativa. No entanto, a busca pela padronização de sotaques não deve ser utilizada como uma forma de discriminação ou exclusão em detrimento de outras formas de linguagem. Há outras maneiras de expressão linguística que podem ser mais efetivas e expressivas em diversos contextos e situações de comunicação, conforme Preti (2003, p. 11) explicita ao afirmar que

[...] Desde que nascemos, um mundo de signos linguísticos nos cerca, e suas inúmeras possibilidades comunicativas começam a tornar-se reais a partir do momento em que, pela imitação e associação, começamos a formular nossas mensagens. E toda nossa vida em sociedade supõe um problema de intercâmbio e comunicação que se realiza fundamentalmente pela língua, o meio mais comum que dispomos para tal [...] (PRETI, 2003, p. 11).

Em outros termos, trata-se de se reconhecer e valorizar as diversas formas de expressão durante as situações de comunicação, pois é importante valorizar o sotaque, já que todo intercâmbio se baseia na diversidade linguística, incluindo a imitação e associação. Sendo assim, em determinados contextos de fala, a presença de um sotaque pronunciado considerado

ou sotaque. Ele apresenta diversas variações linguísticas a depender da região, cidade e, às vezes, até do bairro', diz uma descrição no site. Além de um desafio sobre o conhecimento da nossa língua, o projeto da BlaBlaLab é também um convite a abraçar todos os "nossos jeitos, bagulhos, trens de todo o nosso Brasil" (Marin, 2023, p.1). Disponível em: <https://shorturl.at/grt78>; <https://rb.gy/sfz9pt>; <https://sotaquiz.com/https://sotaquiz.com/>; Acesso em 20/01/24, às 16h.

“marcante” de uma região específica pode apresentar um desafio para a compreensão e a comunicação. Isso ocorre porque diferentes regiões possuem variações de sotaques, com pronúncias específicas e/ou uso diferenciado de vocabulário. Por exemplo, no caso do vocabulário Nordestino, por exemplo, a palavra “macaxeira” é utilizada para se referir a uma raiz comestível, enquanto em outras regiões, como no Sudeste, a mesma referência é denominada de “aipim” e, no Sul do país, é mais comum o uso do termo “mandioca”. Quanto à pronúncia das palavras, muitas pessoas podem estar acostumadas a uma pronúncia neutra e padronizada, frequentemente, encontrada nos meios de comunicação.

Nessa perspectiva, Silva e Baronas (2019) destacam a importância de se considerar a diversidade linguística no ensino da língua portuguesa e que é importante reconhecer e valorizar as diferentes formas de falar e escrever. Além disso, os autores ressaltam que os professores valorizam a diversidade linguística no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, Silva e Baronas estão alinhados à concepção de que as crenças linguísticas dos professores e estudantes podem influenciar o ensino da língua portuguesa, defendendo que é importante pautar-se em uma abordagem pedagógica que valorize a diversidade linguística. Considerando esse critério, segundo Silva e Baronas (2019), as convenções linguísticas são, frequentemente, utilizadas como um fator de identificação social. Nesse sentido, a norma “padrão e culta” é imposta por grupos que detêm o poder social em relação à ortografia e gramática. Assim, Faraco (2004), explica a diferença entre a norma culta e a norma padrão, apontando que, geralmente, são confundidas até mesmo no meio acadêmico. A norma culta é utilizada em contextos específicos que envolvem um certo nível de formalidade por grupos sociais e estão mais associadas à linguagem escrita, enquanto que a norma padrão envolve as formas aceitas e exigidas pela gramática normativa, tanto na linguagem escrita quanto na oral (FARACO, 2004; SILVA; BARONAS, 2019).

Nessa perspectiva, os sujeitos considerados “cultos”, que fazem parte da comunidade de língua portuguesa no Brasil, tomando por base o Projeto de Normas Culturais Urbanas (NURC), seguem a norma estabelecida pelo NURC. No início do projeto, havia a expectativa de que os entrevistados utilizassem uma fala mais monitorada e cuidadosa. Contudo, o resultado foi uma quebra dessa expectativa, pois os entrevistados apresentaram uma norma linguística denominada de Norma Urbana Comum (SILVA; BARONAS, 2019, p. 238). Por conseguinte, pelo projeto NURC, durante as entrevistas, as conversas são menos monitoradas pelos sujeitos e ocorrem de forma mais espontânea. Desse modo, fica explícito que a capacidade de se ajustar a diversas situações interacionais seria o que distinguiria um falante culto de um falante não escolarizado. Em outras palavras, enquanto o primeiro tem essa capacidade de interação mais

explorada e elaborada, controlada e monitorada pelo locutor, o segundo é limitado em relação a circunstâncias quando ele mesmo entende que o padrão culto é o mais adequado para seu aprendizado sobre o uso da gramática normativa falada e, mesmo sendo consciente disso, o sujeito não o faz. Os fatos sociais devem, portanto, ser interpretados em sua especificidade, especialmente quanto ao uso da linguagem, conforme a teia de relações neles estabelecidas, analisados de acordo com sua dinâmica na relação dialética (processo de diálogo) entre sociedade e comunidade falante (ARAÚJO, 2014).

2.2.1 O “bem falar” e os preconceitos linguísticos

No Brasil, podemos notar a presença de variantes linguísticas distintas em cada região, que apresentam diferenças e características próprias, contribuindo para uma grande diversidade de dialetos e sotaques no país. A variação do sotaque pode ser explicada por diversos fatores, como a extensão territorial do país, a diversidade social e cultural, a região em que se vive e até mesmo a condição socioeconômica. Contudo, além desses aspectos, a percepção e o julgamento do sotaque também estão ligados a valores culturais e sociais, que influenciam a forma como as pessoas enxergam e avaliam diferentes maneiras de pronunciar os sons da fala (CARZOLA, 2011; DACOREGIO, 2021).

Embora haja o reconhecimento e a possibilidade de exclusão do sotaque, vale lembrar que são apenas expressões referentes a uma determinada região e que não existe um “padrão” para o português brasileiro. Segundo Dacoregio (2021), há um debate em relação ao que é apropriado e ao que não é, mas essa discussão não deveria existir (BAGNO, 2007, p. 6). Segundo o autor, a língua é um fenômeno complexo e dinâmico e regras rígidas para seu uso nem sempre são possíveis. Em vez disso, é importante estar aberto a diferentes formas de falar e escrever, entendendo que a linguagem está em constante evolução.

Por outro lado, uma concepção que se tem, em relação à questão do bem falar, é a existência de um sotaque neutro, porém, ao se considerar as implicações dessa possibilidade de pronúncia adequada e inadequada, percebemos que pode haver marcas de exclusão no que tange ao uso de sotaques regionais. Essas marcas podem estar relacionadas ao uso de acentos considerados “inadequados” ou podem não estar relacionadas a uma referência linguística específica. Para Ribeiro (1995), a história subjacente ao surgimento dos sotaques e a sua importância para o Brasil e suas regiões é bastante rica. Entretanto, várias visões e suposições errôneas sobre o *status* de cada região ocorrem muitas vezes, o que pode explicar certos ataques regionais específicos que não são relatados. Historicamente, as percepções sobre as diferentes

regiões levaram a preconceitos e clichês, o que nos tem gerado alguns questionamentos para reflexão, a saber: por que um sotaque é aceito enquanto outro é visto como fora da “prática padrão normativa”? Existe algum programa ou revisão de sotaque que possa explicar esta questão? Daí a importância de identificarmos e discutirmos as exclusões que ocorrem por esses motivos, em vez de simplesmente ignorá-las.

Nesse sentido, quando Bagno (2009) nos apresenta as novas classificações das formas de se falar, nos mostra que isso vai além de apenas estudar a variação linguística, destacando que há questões políticas envolvidas porque qualquer preconceito linguístico é, na verdade, um preconceito social, como já mencionado anteriormente neste trabalho. Isso acontece porque as pessoas que julgam certas formas de falar como certas ou erradas são, geralmente, aquelas que têm uma formação educacional maior e pertencem a uma classe social privilegiada. Assim, algumas maneiras de se falar podem ser rejeitadas se as pessoas que as usam já são estigmatizadas socialmente. Por outro lado, outras formas de se falar, mesmo que sejam diferentes da norma culta da comunidade linguística, podem ser toleradas, especialmente se a pessoa que fala pertence a uma comunidade de maior prestígio social. Este tipo de situação nos mostra que o preconceito linguístico está ligado a questões sociais e que a avaliação das diferentes formas de se falar nem sempre é justa ou objetiva. A nosso ver, é importante reconhecer que todas as formas de uso da linguagem são válidas e que não devemos julgar ou menosprezar as pessoas com base na forma como falam em detrimento a quem está falando.

Assim, destacamos que os traços linguísticos regionais são facilmente reconhecidos, no entanto, com base em minhas experiências, muitas vezes, são motivos de piada, levando muitos a considerar o sotaque neutro como sendo o mais apropriado. Essa pronúncia neutra está associada a regiões que historicamente têm grande domínio e prestígio social (DACOREGIO, 2021). Diante do exposto, há que se considerar que o preconceito linguístico é prejudicial para muitas pessoas na sociedade. Em relação a esta questão, Bagno (2007, p. 13) enfatiza que

O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de “preconceito positivo”, que também se afasta da realidade (BAGNO, 2007, p. 13).

Corroborando esta discussão, nos pautamos em Dacoregio (2021), ao explicitar que a reflexão sobre as referências regionais revela que podem ser utilizadas como marcadores de exclusão para reconhecer sotaques específicos em determinadas regiões. Com isso, entendemos

que a diversidade linguística é ignorada em detrimento de outras formas consideradas “padrão” ou “apropriadas”. Daí a importância de se refletir sobre as lições históricas que nos levam a construir concepções sobre o que é certo, padrão, apropriado ou inapropriado em relação aos sotaques. No entanto, essa fenomenologia é problemática ao retomar a questão de suavização de sotaque, acentos neutros e regionalismos classificados como melhores ou piores.

Ademais, Bagno (2007a) aborda o tema do preconceito linguístico, ao argumentar que se trata de uma questão amplamente presente na sociedade brasileira, visto que este tipo de preconceito é constantemente alimentado pelos programas de televisão e rádio, colunas em jornais e revistas, livros e manuais que tentam impor definições de “certo” e “errado”. Além disso, não podemos ignorar os instrumentos tradicionais de ensino da língua, como a gramática normativa e os livros didáticos, que também contribuem para a perpetuação desse preconceito.

O problema não é o sotaque em si, mas sim o uso do sotaque como um indicador de referência regional. Alguns sujeitos preferem a padronização da língua portuguesa no Brasil, enquanto outros preferem os marcadores regionais de sotaque, sendo socialmente aceitos. Aqueles que impõem tais padrões estão sujeitos a múltiplos preconceitos por diversos motivos, não apenas pela sua forma de falar (BAGNO, 2002; DACOREGIO, 2021). Trata-se de uma questão complexa, pois a concepção de o sotaque deve ser ou é neutro é ilusória, pois os padrões e métodos de pronúncia variam de acordo com os diferentes grupos sociais e regionais. Nesse sentido, Bagno (2003) ressalta que esta questão é resultado da existência de normas implícitas na sociedade brasileira que ditam a maneira “correta” de falar e que variam conforme a região e a classe social. Dessa forma, a questão dos sotaques no Brasil está intimamente ligada à dinâmica social e à hierarquia de poder que permeia a nossa sociedade.

No que se refere às variações linguísticas e aos usos da gramática, Espíndola (2019), com base em Travaglia (2009), faz uma distinção entre duas abordagens da gramática: a normativa e a descritiva. De acordo com a perspectiva da gramática normativa, o foco está na norma culta de uma língua, especialmente na sua forma escrita, e pouca importância é dada para as variações linguísticas presentes na língua falada. Essa abordagem prescreve o que se deve ou não usar na língua, considerando como correto apenas uma variedade específica da língua, a qual é denominada de padrão. Por outro lado, a gramática descritiva registra uma determinada variedade da língua em um dado momento, levando-se em conta o seu uso real. Nessa abordagem, não há julgamento de certo ou errado, mas sim uma análise das formas linguísticas utilizadas pelos falantes em diferentes contextos de uso. Ao explicitar tais questões, seguindo a perspectiva de Travaglia (2009), Espíndola (2019) destaca a importância da

gramática descritiva permitindo-nos obter uma visão mais abrangente e inclusiva das formas de linguagem utilizadas pelas pessoas, valorizando-se a riqueza da variação linguística em uma língua.

Além disso, no contexto das distintas formas de linguagem e gramática, de acordo com Terra (2021), as atividades linguísticas tornam-se viáveis a partir da transmissão de sons, significados e ideias que se realizam por intermédio do aparelho fonador. Isso nos remete a uma dimensão social que, a nosso ver, é de extrema importância para as necessidades de interação e comunicação. Para o autor, a linguagem é um conjunto de elementos verbais e não verbais que permitem a comunicação entre os indivíduos de uma determinada sociedade. Diante disso, um idioma se torna um dialeto ou língua oficial quando é reconhecido e adotado por um país, seguindo os requisitos estabelecidos pelo Estado e pela localização geográfica na qual é falado (Terra, 2021).

A habilidade de se conhecer e utilizar a língua em diferentes idiomas é crucial para se viver em sociedade, permitindo interações e influências mútuas. Segundo Bortoni-Ricardo (2005), o ensino da linguagem, tanto oral quanto escrita, nas escolas é importante para fins de comunicação, cultura, trabalho e comportamento social. De acordo com Antunes (2002), nenhum indivíduo cria suas próprias regras de linguagem, uma vez que se trata de um fenômeno social, um tipo de conhecimento coletivo formado na interação entre seres humanos. Dessa forma, variações linguísticas ou sotaques regionais surgem a partir do que é construído e vivenciado e não devem ser ignorados por crenças referentes a “bem falar”. A nosso ver, é crucial manter um diálogo social sobre a necessidade de se desconstruir a noção de que falar bem sempre se refere a uma linguagem padrão ou formal, como evidenciado pelos estudos em linguística. Diante do exposto, corroboramos os estudos de Bagno (2007b) ao ressaltar que, uma vez que nada na linguagem ocorre por acaso, a pedagogia não deve simplesmente se basear na crença de que existe um sotaque “ideal” padronizado, mas sim reconhecer e valorizar a diversidade linguística. Ou seja, falar corretamente não deve significar a estranheza ao se ouvir diferentes sotaques ou vozes que não se encaixam em seus próprios conceitos.

Ademais, conforme destacado por Terra (2021), a noção de ensinar como “falar bem” tem sido desconstruída, visto que é esperado que a educação lide com a questão da linguagem e com a heterogeneidade linguística. Nesse sentido, tomando por base os estudos de Terra (2012), a análise empírica do uso da língua refuta a concepção de que uma única língua tenha várias pronúncias (variedades linguísticas) com usos distintos para cada situação de comunicação. Por isso, é necessário respeitar a diversidade social e considerar o contexto em

sua totalidade. O estigma da diversidade linguística está presente na noção de “bem falar”, que julga se uma forma de falar é boa ou ruim para determinada situação de comunicação (TERRA, 2021). Assim, é essencial repensar o conceito de “falar bem”, uma vez que, na sociedade e na mídia, em geral, essa concepção é disseminada sem se considerar as diferenças linguísticas existentes. Isso acontece quando se cria um padrão único e ideal de língua e se desvaloriza as formas de se falar que não se encaixam nesse padrão. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998, p. 47), essa prática é equivocada e prejudica a compreensão da diversidade cultural e linguística do país, pois há que se considerar “a necessidade de percepção da diversidade do fenômeno linguístico e dos valores constituídos em torno das formas de expressão”. Portanto, é fundamental que as escolas primem pela valorização das diferentes formas de linguagem e ensinem a língua padrão sem desconsiderar as variações existentes. Pois, entendemos que a educação tem um papel fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva e diversa, valorizando-se a heterogeneidade linguística e cultural presente em nosso país. Nesse sentido, é importante que as escolas deem ênfase ao ensino da escrita e da língua padrão em suas atividades, sem desconsiderar as variações linguísticas existentes (BRASIL, 1998).

Com isso, entendemos que se deve evitar a concepção de que há uma única forma correta de se falar ou que uma região é superior a outra na escola. Há brasileiros que falam adequadamente o português nas normas linguísticas quanto à grafia e à gramática, enquanto outros conseguem transmitir suas informações de forma coerente mesmo sem se apegar a normas gramaticais quanto ao uso da língua. Por isso, ao ocorrer trocas, distorções ou omissões de fonemas no momento de fala dos alunos, é recomendável que se trabalhe a linguagem com base nos estudos da fonoaudiologia, visando a evitar desvios ortográficos e fonológicos. Assim, entendemos que é possível usar a linguagem escrita em português considerando-se as referências regionais, porém, não é apropriado impor a concepção de que os alunos precisam aprender a falar “bem” e rejeitar o regionalismo na comunicação oral e/ou escrita ou constrangê-los com imposições sociais, pois a diversidade linguística do país deve ser respeitada e valorizada (BRASIL, 1998). Segundo Bagno (2003) e Terra (2021), a concepção de “falar bem” implica uma relação de poder oculta, que estigmatiza a linguagem popular informal e os diferentes sotaques, o que pode levar à destruição da cultura. Isso acontece porque tal concepção desconsidera que a linguagem é pública e as pessoas têm o direito de utilizá-la adequadamente conforme o meio social em que estão inseridas.

Em relação a estas questões, o inciso IX do artigo 5^o, da Constituição (Brasil, 1988), garante a liberdade de expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, sem a necessidade de censura ou licença prévia por parte do Estado. Isso significa que todos têm o direito de se expressar livremente de diversas formas, sem que haja qualquer tipo de controle ou autorização do governo. A censura, que consiste em controlar o que será publicado, e a licença, sendo uma autorização dada pelo Estado, são proibidas pela Constituição brasileira. O objetivo do inciso IX é proteger a liberdade de expressão em atividades intelectuais, artísticas, científicas e de comunicação, incluindo produções culturais, publicações acadêmicas, jornais, revistas, dentre outros. Nessa perspectiva, destacamos que as expressões “atividade intelectual” e “de comunicação” são amplas e englobam qualquer tipo de manifestação de ideias, opiniões ou informações sobre qualquer assunto. O que se lê no inciso IX do artigo 5^o, a respeito disso, é que “IX - É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença” (BRASIL, 1988, p. 1).

Diante disso, entendemos que a diversidade no uso da linguagem é constituída por variações regionais que dependem do contexto social e da compreensão entre os falantes, diversidade esta que é resultado de fatores geográficos, socioculturais e pessoais. Algumas pessoas defendem que para falar bem é necessário usar uma linguagem neutra, o que pode levar a posturas, atitudes e concepções que afetam como se vê e se aceita a linguagem de outras pessoas (BAGNO, 2003; TERRA, 2021). Assim, o conceito de “bem falar” está relacionado à forma como se fala em um determinado contexto sociolinguístico e muitas pessoas não consideram a diversidade dos sotaques existentes. No entanto, há outro problema a ser levado em conta no uso da linguagem oral, que é a influência do gênero do falante. Nesse sentido, a essência ou fundamento da linguagem oral é influenciada por diversos fatores, incluindo a diversidade regional e sociocultural, bem como questões relacionadas ao gênero do falante. Daí a importância de se reconhecer a diversidade linguística e a influência desses fatores quanto à forma como nos comunicamos, de modo a evitar preconceitos e discriminações linguísticas. O respeito à diversidade e a compreensão das diferenças são fundamentais para uma comunicação mais efetiva e inclusiva.

Enfim, ao tratarmos dos sotaques regionais como marcadores regionais ou como objetos de padronização, podemos entender que o sotaque é uma característica da diversidade geográfica e linguística do país. Com isso, há que se considerar a grande diversidade histórica, cultural, social e política que influencia as variações linguísticas, como as diferentes formas de

⁴ Documento disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

se utilizar consoantes, vogais, entonação, tom, ritmo e outros elementos da fala. Desse modo, a busca pela neutralização⁵ ou suavização do sotaque é, muitas vezes, associada ao desejo de se abandonar a própria identidade linguística para assumir uma outra. entendemos que tanto a voz, quanto o sotaque apresentam diversidades de sons, tons e formas e que é importante respeitar essa diversidade sem utilizá-la como motivo de exclusão, estigma, depreciação ou sofrimento. A percepção do sotaque não deve ser baseada apenas na forma como se fala, mas sim no estigma e exclusão que surgem a partir da relação entre a fala e uma região específica. Além disso, notamos uma tensão implícita entre regiões que se manifestam no uso da fala e nos diferentes sotaques, por meio dos quais o poder é utilizado para subjugar o outro. Assim, o estudo bibliográfico por nós realizado auxiliou-nos no entendimento de que o sotaque, a entonação da voz e as referências regionais, associados a ele, podem gerar desconforto para o falante, não devido a uma falta de conformidade real, mas pelo fato de se exigir padronização ou suavização da voz, além de se esperar uma determinada forma de falar. A nosso ver, essas questões são enraizadas na sociedade e precisam ser ressignificadas, pois trata-se de crenças linguísticas e vocais que causam sofrimento e exclusão perpetuam. Desse modo, inferimos que a concepção de “bem falar” parece ser redefinida para considerar não apenas o uso da gramática, mas também a adequação da linguagem ao contexto e objetivo da comunicação, além dos fatores sociais, culturais e históricos que influenciam a linguagem. Com isso, destacamos que a linguagem é uma forma de comunicação e, portanto, deve ser usada de forma consciente e responsável, valorizando-se as diferenças e a diversidade linguística e vocal. As crenças e atitudes linguísticas desempenham um papel fundamental na compreensão das dinâmicas sociais e culturais relacionadas à comunicação verbal. Esses elementos influenciam os padrões de interação humana, bem como as identidades individuais e coletivas, tendo impacto nas relações sociais, em relação ao preconceito linguístico e ao sentimento de pertencimento à sociedade. Desse modo, as primeiras impressões em relação à voz e aos sotaques regionais podem influenciar a empatia e a formação de laços sociais.

Assim, as crenças e atitudes, em relação aos aspectos linguísticos, são influenciadas por experiências vividas em diferentes contextos, pelas interações sociais e pelo contato linguístico. Essas experiências constituem as percepções individuais e coletivas sobre vozes e sotaques, tornando-se prejulgamentos e preconceitos sociais relacionados a esses elementos, que podem afetar profundamente as relações interpessoais, resultando na inclusão ou exclusão

⁵ De acordo com Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011, p.82), “se os fonemas envolvidos nessa troca formarem pares mínimos e, porém, em alguns contextos particulares perderem seus valores distintivos, estamos diante do fenômeno de neutralização”.

de indivíduos e grupos com base em suas características linguísticas e vocais. Com isso, devemos considerar que as hierarquias sociais e socioeconômicas também desempenham um papel relevante na valorização ou desvalorização de diferentes variantes linguísticas.

Dessa forma, a linguagem perpassa por diferentes grupos sociais e regionais devido a fatores sociais, como classe, gênero e etnia. Essas variações podem ser identificadas na pronúncia, vocabulário e gramática podendo evoluir ao longo do tempo em função de influências como o contato linguístico, mudanças demográficas e transformações culturais. No entanto, é importante valorizar a diversidade linguística no sentido de se promover uma comunicação intercultural inclusiva. Isso implica em apreciar a riqueza de vozes e sotaques diversos presentes em nossa sociedade, bem como reconhecer sua importância para a construção de sociedades mais justas e inclusivas.

Diante do exposto, entendemos que a questão dos sotaques regionais reflete a evolução histórica das sociedades e culturas ao longo do tempo, uma vez que os sotaques são resultados de transformações nas relações entre as línguas e suas variantes, conferindo identidade às diferentes regiões. A compreensão das mudanças na voz e nos sotaques regionais ao longo do tempo é importante por estarem intrinsecamente vinculadas a contextos sociais e culturais e sofrem modificações pelo contato com outras formas de se falar, pois a estruturação das línguas e o uso das palavras apresentam variações conforme a região geográfica a qual pertencem. Os indivíduos adquirem e aprendem sua língua materna e outras línguas por meio de vivências linguísticas e estudos, o que contribui para a formação de sotaques regionais. A linguagem é constituída e utilizada na sociedade e diferentes perspectivas surgem em relação aos sotaques regionais, sendo que uma parte da sociedade pode considerar como forma de construção da identidade cultural, enquanto outra parte pode valorizar a diversidade linguística.

No que concerne ao contexto educacional, muitas vezes, o aprendizado da norma padrão pode ser valorizado em detrimento das variantes linguísticas. Isso pode influenciar as percepções dos estudantes em relação ao uso da língua, dificultando a valorização da diversidade linguística. Daí a importância de se pensar estas questões no âmbito educacional, pois é fundamental entender que todas as variedades linguísticas são igualmente válidas e ricas em sua diversidade. A nosso ver, não existe uma forma “correta” ou “errada” de se falar, mas sim diferentes formas de expressão que refletem as identidades e experiências dos falantes. Promover o respeito e a valorização das variações linguísticas contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

A percepção linguística no Brasil, envolvendo marcadores ou padronização de sotaques, permite-nos entender como sotaques e vozes podem ser motivo de exclusão social e

regional. Nesse sentido, a valorização do “sotaque padrão” é discutida e/ou valorizada pela sociedade em detrimento dos sotaques regionais, como, muitas vezes, vemos nas redes sociais ou nas mídias, resultando em discriminação linguística, o que pode impactar tanto na constituição do sujeito como pessoa, quanto na sua inserção na sociedade. A diversidade linguística é reconhecida como essencial, conforme já mencionamos a partir de alguns estudiosos, mas algumas opiniões sobre sotaques e vozes podem privilegiar ou desvalorizar os sujeitos. A comunicação humana ocorre por meio de comunidades linguísticas, resultando em variações quanto ao sotaque e à acentuação das palavras. Por fim, a linguagem é uma realização compartilhada que depende de um sistema de sinais sonoros, visuais e gestuais para que a comunicação ocorra e a exclusão de sotaques deve ser ponderada em relação à comunicação e ao pertencimento social.

Diante de tais aspectos, entendemos que é fundamental que haja respeito e valorização pelos falantes e ouvintes no que tange à compreensão das variedades e estilos de fala requer, considerando-se o contexto e o propósito da comunicação, pois, a imposição de uma norma linguística pode ser uma forma de exclusão e marginalização. Nessa perspectiva, tomando por base os estudos de Bagno (2007) quanto ao preconceito linguístico, há que se considerar que a concepção de que o uso da língua deve seguir estritamente os ensinamentos escolares, baseados na gramática normativa e no dicionário pode refletir a desvalorização da diversidade e da riqueza dos usos linguísticos na sociedade. Com isso, o autor defende a valorização das diferentes variedades linguísticas e o combate ao preconceito linguístico, especialmente no contexto educacional, defendendo uma educação que respeite a diversidade linguística. Assim, Bagno (2006, p.40) explicita que o preconceito linguístico

[...] se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola- gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]” (BAGNO, 2006, p. 40).

Essa discussão revela que, diante das diferenças existentes entre cada forma de falar, o preconceito linguístico vai além do sotaque e manifesta-se em relação a diferentes formas de falar, incluindo o vocabulário, a gramática e a pronúncia. O preconceito linguístico se baseia na concepção de que apenas a variedade de prestígio, a norma-padrão, é aceitável, menosprezando as demais variedades linguísticas e considerando-as como erro, tratando como aceitável, somente a variedade de prestígio, a norma-padrão, menosprezando, assim, as demais

variedades linguísticas. Além disso, conforme Bagno (2003, p. 16) enfatiza, “o preconceito linguístico não existe, o que existe, de fato, é um profundo e estranhado preconceito social” que reflete a hierarquização de grupos sociais e a exclusão de determinadas formas de falar.

Além disso, no que se refere à percepção do sotaque, alguns meios de comunicação exigem uma pronúncia neutra ou suavizada para o uso da linguagem. O trabalho com terapias fonoaudiológicas sobre estas questões para atender a esta finalidade têm sido muito comuns. Este tipo de produção vocal, desenvolvido durante estas terapias fonoaudiológicas, visa a evitar inflexões típicas, como mudanças de tom ou acento na produção vocal, que podem ser consideradas intolerantes ou remeter a vieses linguísticos associados a um país, região ou etnia específica, envolvendo crenças ou preconceitos linguísticos. Para Jacobs (2017), os termos “sotaque neutro” pode ser interpretado de diferentes maneiras, mas geralmente se refere a uma forma de fala que não carrega características distintivas de um sotaque regional específico. Para entendermos melhor o conceito de “sotaque neutro”, como já mencionamos no início desta pesquisa, tomamos por base a definição de Araújo e Campos (2021) sobre a concepção de neutralidade linguística, no sentido de relacionar ambos os conceitos, como sendo uma forma de expressão verbal que não leva em conta as características regionais, gírias, ou outros elementos tomados como informais ou particulares a um determinado grupo linguístico. Desse modo, em alguns contextos, o sotaque neutro ou suavizado é associado a uma fala padronizada que tem como objetivo minimizar ou eliminar traços regionais, visando a uma comunicação mais compreensível em contextos profissionais, como locução, dublagem, atuação, entre outros. A autora não aborda o termo “sotaque neutro” em seu trabalho de modo aprofundado, mas discute a voz, a vocalidade e a expressão vocal em contextos de desempenho, gênero e identidade.

No entanto, é importante ressaltar que a concepção de um sotaque neutro é frequentemente contestada, uma vez que a diversidade linguística é uma parte fundamental na constituição da identidade cultural e social. Além disso, a noção de um sotaque completamente “neutro” ou desprovido de características regionais pode ser questionada, uma vez que a fala é influenciada por uma variedade de fatores, incluindo os aspectos social, cultural e educacional. Em algumas regiões, adquirir um sotaque neutro é visto como a melhor maneira de se falar sem sofrer preconceito em relação à pronúncia, fundamentado na crença de que um sotaque neutro pode ocultar a identidade da pessoa, evitando a exclusão social e sendo considerada a forma mais adequada de expressão para algumas pessoas (DACORREGIO, 2021). Por outro lado, a sociolinguística, conforme defendida por Araújo (2021) estuda a variação linguística, incluindo as diferentes formas regionais de uso da língua. Este campo teórico considera que a variação

linguística é influenciada por fatores estruturais da fala e fatores sociais, como mudanças na pronúncia ao longo do tempo.

Ao entrar em contato com pessoas de outras regiões do Brasil, é comum notarmos que suas pronúncias diferem daquelas que estamos acostumados a ouvir em nossa própria comunidade de fala. Isso se deve ao fato de que não estamos habituados a ouvir outros sotaques e dialetos que possuem sua própria maneira de comunicação e grupo de falantes. Baronas, Marques e Semczuk (2019) discutem a diversidade linguística presente na língua portuguesa brasileira e apontam que, apesar dessa diversidade, muitos estudantes ainda tendem a avaliá-la negativamente e defendem a necessidade de uma mudança didática no tratamento dado à língua portuguesa nas instituições escolares no Brasil, propondo a implantação da pedagogia da variação ou da pedagogia culturalmente sensível. As autoras destacam que, muitos estudantes ainda tendem a valorizar uma única forma “correta” de se falar o português, enquanto consideram outras formas de expressão como sendo “erradas” ou “inferiores”. Isso evidencia a existência de preconceito linguístico, que se manifesta na escola e na sociedade, desvalorizando as variedades linguísticas presentes no país. Um exemplo disso é o que Martins (2014, p. 91) destaca ao dizer que

Menos difícil é discutir sobre variedades linguísticas e respeito pelo modo como se falam nos diversos espaços físicos, do que nos espaços sociais. As piadas sobre o “falar nordestino”, o não gostar de um sotaque carioca, o chamar de caipira o morador do interior de São Paulo ou do Paraná, pelo R retroflexo na sua variedade, são fatos que podem ser, sem muito esforço, comprovados como preconceito linguístico (MARTINS, 2014, p. 91).

Entretanto, as abordagens pedagógicas referentes à variação linguística e à sensibilidade cultural buscam desconstruir tais atitudes negativas em relação à diversidade linguística e cultural do país, valorizando-se as diferentes maneiras de se expressar na língua portuguesa, bem como reconhecendo que cada indivíduo possui sua própria forma de se comunicar. Contudo, é importante lembrar que todos possuímos sotaque, independentemente do local em que estamos. Os sotaques surgem dos fatores culturais, da mistura de povos de uma determinada região e suas variações linguísticas no decorrer de sua construção histórica e cultural. A palatização (processo fonológico pelo qual consoantes adquirem articulação), empregada na maioria dos sotaques como, por exemplo, na palavra *presidente*, realizada na transcrição fonética e fonológica como em [prezi'dẽt'i], na qual sua pronúncia evidencia os fones⁶ [dʒ]

⁶ Segundo Silva (2003, p.135), o fone é uma “unidade sonora atestada na produção da fala, precedendo qualquer análise. Os fones são os segmentos vocálicos e consonantais encontrados na transcrição fonética”.

e [tʃ], modificados em forma de pronúncia (ponto articulatório) antes da vogal /i/, corresponde à maioria dos sotaques. Segundo Silva (2003, p. 186), também aborda os fones /dʒ/ e /tʃ/ em seu livro “Fonética e Fonologia do Português” classificando-os como consoantes africadas e explica que são formados pela combinação de uma oclusiva com uma fricativa, produzindo um som único. Por exemplo, em português, a palavra “jato” inicia com o fonema /dʒ/, enquanto a palavra “chato” inicia com o fonema /tʃ/. A distinção entre esses dois fonemas é importante para a compreensão e produção correta das palavras em português. Ou seja, neste caso, temos dois sons ouvidos conforme a transcrição, presidente – presid/ent/i - [prezi'dẽtʃi], sendo o primeiro referente à palavra escrita suavizada (neutra) e, o segundo, referente à transcrição de acordo com a norma NURC/SP, 3º Transcrição Fonética e Fonológica do Português (GALASTRI, 2011). Nesse contexto, é importante não classificar pronúncias resultantes de sotaques regionais ou desvios fonológicos como “erros”, levando-se em conta o uso da língua.

Quanto à produção dos sons durante a fala, é influenciada pelos movimentos da boca e da língua, que modificam os sons emitidos saindo da laringe, local no qual estão inseridas as pregas vocais. Além disso, a voz pode ser alterada pelo estado emocional do falante, bem como pela entonação e contexto da linguagem utilizada (BEHLAU; PONTES, 2001). Estes aspectos demonstram a riqueza e diversidade presentes na linguagem, enriquecendo como nos comunicamos e interagimos com as diferentes culturas linguísticas ao nosso redor. Por exemplo, em relação aos fonemas fricativos /s/ e /z/ como evidenciados nos sotaques Paulistano, Mineiro e Carioca, o termo *isto*['istu], possui sons modificados na sequência de pronúncia por consoantes alveolares e dentais e, *desde*['dezdʒi] que não são palatizadas. Outro exemplo sobre a pronúncia dos fonemas produzidos nos sotaques são a pronúncia do “s” consoante alveolar em contraste forte com o “s” chiente do dialeto carioca, *véspera*['vɛspɛra], que é utilizado pela maioria dos dialetos brasileiros sem o som “chiente”. No que tange a diferentes sons para uma mesma consoante como o “s”, realizados em diversas regiões, pode ocorrer o que é denominado de alofonia. Trata-se, de acordo com os estudos de Silva (2003), de um fenômeno linguístico que se refere à variação na realização de um fonema em diferentes contextos fonológicos. Segundo Seara, Nunes, Lazzarotto-Volcão (2011, p. 82), “se dois sons são passíveis de trocas, sem nunca formarem um par mínimo na língua em estudo, estamos diante de uma alofonia”. Em outras palavras, alofonia ocorre quando um fonema pode ser pronunciado de maneiras ligeiramente diferentes, denominadas de alofones⁷, dependendo do ambiente em que se encontram na palavra ou na frase. Essas variações na pronúncia não alteram

⁷ De acordo com Silva (2003, p.135), o alofone é uma “unidade que se relaciona à manifestação fonética de um fonema. Alofones de um mesmo fonema ocorrem em contextos exclusivos”.

o significado das palavras, pois os alofones são percebidos como variantes do mesmo fonema. Além disso, Silva (2003, p. 173) destaca que na alofonia vocálica, por exemplo, diferentes vogais podem apresentar variações na sua realização fonética dependendo do contexto em que estão inseridas. Tais variações podem estar relacionadas à posição da vogal na palavra em relação à presença de consoantes nasais, à tonicidade da sílaba, dentre outros fatores. A compreensão da alofonia é importante para entendermos como os fonemas são realizados na fala cotidiana, considerando-se as influências do contexto linguístico e os padrões de variação fonética que ocorrem naturalmente na produção da fala. Quando a vogal /a/ está em uma sílaba tônica, pode ser realizada de forma mais aberta, como em “pato” [ˈpatu]⁸. No entanto, quando a vogal /a/ está em uma sílaba átona, antes de uma consoante nasal, pode ser realizada de forma mais fechada, como em “canto” [ˈkãtu]. Nesse caso, a variação na realização da vogal /a/ em diferentes contextos representa um exemplo de alofonia vocálica. Tais variações na realização das vogais ocorrem naturalmente na fala cotidiana e sua compreensão é essencial para a análise fonológica e para a compreensão da pronúncia correta das palavras em português.

Outro ponto relacionado a variações linguísticas acerca das vozes e sotaques é a pronúncia do “r” forte e aspirado no meio das palavras, [kaˈr̄ˈne], como ocorre nos dialetos Mineiro e Carioca. Além disso, na maioria das regiões Norte e Nordeste do país, esta pronúncia ocorre com mais suavidade, como no exemplo: *carne*[kˈaˈr̄ˈni]. A pronúncia, ainda que ocasional, do “r” brando no fim das frases, como no dialeto paulistano e nos sotaques da região Sul do país, como o exemplo: *achar*[aˈʃar] e todos os supracitados são marcadores regionais. No entanto, se estes sons forem suavizados poderíamos perder essas referências e percepções linguísticas por outros indivíduos (Galastri, 2011). Por essas razões, é fundamental fomentar uma discussão acerca da valorização dos sotaques regionais em contraponto ao denominado “sotaque neutro”, exigido por alguns meios de comunicação, como para as contratações de empresas, novelas e apresentadores de telejornal. A concepção de uma voz sem sotaque representa, na prática, a eliminação das características linguísticas regionais em prol de um padrão considerado “neutro”. De acordo com Bagno (2007a), Silva e Baronas (2019), a concepção de uma língua portuguesa homogênea gera a existência de uma “voz” que suprime os sotaques regionais. Entretanto, é importante lembrar que o uso da voz também está sujeito à variação linguística, podendo sofrer alterações quando entramos em contato com outros sotaques ou quando neutralizamos a nossa pronúncia, afetando o padrão estrutural da nossa fala (BEHLAU; ZIEMER, 1988). A nosso ver, quando se trata da compreensão da relação entre voz

⁸ Utilizamos estas transcrições tomando por base alguns os estudos de Silva (2003, p. 160), quanto a exemplos de nossa fala e sotaques brasileiros.

e sotaque, estamos tratando de uma variação ou adaptação linguística típica de uma área geográfica específica, pois a tonalidade da voz pode diversificar conforme a entonação empregada em determinados sotaques, seja ao falar com ou sem sotaque. Além disso, esta diversidade desempenha um papel na configuração padronizada da percepção de características masculinas e femininas.

Outro aspecto a ser considerado em relação as variações linguísticas quanto às vozes e aos sotaques é quando há uma mudança estrutural nos grupos musculares vocais ao neutralizarmos ou tentarmos modificar nossa produção de fala. Isso pode alterar a entonação, prosódia e ressonância da voz, e, até mesmo, afetar o estado mental do falante, uma vez que não se trata de uma comunidade de fala automatizada, funcionando de maneira espontânea (BEHLAU; ZIEMER, 1988). Tal questão relaciona-se com a crença amplamente difundida de que a língua deve ser falada segundo a norma-padrão, conforme apontado por Dacoregio (2021). É nesse contexto que surge a concepção do sotaque neutro ou suavizado, que envolve uma dinâmica complexa, subjetiva e, de certa forma, social. Nesse sentido, é considerado “correto” o uso de um determinado padrão linguístico construído historicamente e socialmente.

Essa variedade de fatores demonstra como a linguagem é influenciada por aspectos sociais, culturais e individuais e como a busca por um sotaque neutro pode estar relacionada ao uso de normas e conceitos preestabelecidos por determinadas comunidades linguísticas. Desse modo, compreender que existe uma “norma-padrão” para a fala e uma norma “cultura” para a escrita e tentar neutralizar o sotaque como um ideal pode levar à negligência da necessidade de se explorar a diversidade linguística, ignorando-se o sotaque regional e suas variações linguísticas.

Assim, a norma de uso da língua ou as percepções esperadas em relação às vozes e sotaques vão ao encontro do que Silva e Baronas (2019) destacam sobre as orientações educacionais, as quais, frequentemente, enfatizam o “bom uso” da língua, com base naquilo que educadores e alunos consideram ser a forma padronizada e escolarizada. Contudo, isso pode resultar na desvalorização ou desconsideração de questões mais amplas que afetam tanto os falantes da língua quanto seus oponentes, refletindo um uso formal “neutralizado” e socialmente privilegiado. Por isso, é fundamental entender que os sotaques podem ser negligenciados na concepção de um uso padrão da língua e da fala, além de ser interpretados distintamente por ouvintes que não compartilham do mesmo contexto linguístico. A respeito disso, Leite (2012) ressalta que é relevante destacar que há preconceito e intolerância em relação à linguagem e seu uso, sendo crucial que as pessoas estejam conscientes de que isso ocorre devido à falta de compreensão das variações linguísticas. De acordo com a autora, a

linguagem é produzida por um sujeito social que possui valores e, dessa forma, é também axiológica. Assim, por meio da linguagem, consciente ou inconscientemente, o falante revela sua identidade ao ouvinte, o qual utiliza sua própria percepção sensorial do mundo externo para analisá-la.

No caso do português, a variação linguística em relação ao gênero é expressa principalmente em termos de frequência de uso, ou seja, não há marcas gramaticais ou palavras específicas, que sejam utilizadas exclusivamente por falantes de um único sexo. Por outro lado, em algumas línguas, como o japonês, existem marcas gramaticais específicas para cada variante de sexo, como o uso de diferentes partículas que acompanham os substantivos (SILVA, 2003).

Um exemplo de variação linguística em relação ao gênero pode ser observado no uso de pronomes pessoais em português. Embora não existam pronomes específicos para cada gênero, é comum que as pessoas usem pronomes diferentes dependendo do gênero da pessoa a quem se referem como no uso do pronome “ele” para se referir a um homem e do pronome “ela” para se referir a uma mulher (SILVA, 2003).

Já em relação à variação linguística em relação à idade, pessoas mais idosas tendem a pronunciar esses sons de forma diferente em comparação com os mais jovens, como a pronúncia de certos sons em português. Como mencionado, pessoas mais idosas tendem a pronunciar o “r” final das formas de infinitivo dos verbos e os “s” plurais de substantivos, enquanto os mais jovens tendem a omitir esses sons em alguns contextos. Por exemplo, uma pessoa mais idosa pode pronunciar “cantar” com o som do “r” no final, enquanto uma pessoa mais jovem pode pronunciar “cantá” (SILVA, 2003). No entanto, essas variações são estilísticas e dependem do contexto social em que a linguagem é utilizada.

No que se refere à variação linguística estilística, podemos notar o uso de gírias e expressões informais em português. Essas formas de falar são comuns em contextos informais, como entre amigos ou familiares e podem variar segundo a região ou o grupo social. Por exemplo, a expressão “tá ligado?” é comum em algumas regiões do Brasil como uma forma de perguntar se a pessoa entendeu algo, enquanto que em outras regiões esta expressão pode ser substituída por outras expressões informais (SILVA, 2003). Este processo de imposição pode resultar na fixação dessas referências e na perda da diversidade linguística. De acordo com Bagno (2003), ao ignorarmos os sotaques, surge uma questão que é a definição do que seria considerado “correto” na fala, sendo que as marcas de regionalidade são consideradas inadequadas para o uso padrão da língua.

No que tange à percepção de vozes e sotaques, conforme Russ (1994) destaca, trata-se de um processo que organiza sensações em uma consciência empírica. Isso envolve a

organização e interpretação de dados sensoriais, permitindo a consciência de si, do ambiente e dos outros. A percepção compreende o recebimento e processamento de informações, ou seja, como essas informações são interpretadas. Quando se trata de ouvir um sotaque, o sujeito utiliza dimensões interdisciplinares, incorporando valores, ideias e a dimensão social e cultural influenciando a formação da percepção.

Nesse contexto, conforme abordado por Souza *et al.* (2017), as percepções em relação aos sotaques estão intrinsecamente ligadas a diversos aspectos, tais como: geográficos, regionais, históricos, culturais, políticos e outros que moldam a identidade das pessoas e das regiões onde uma língua é falada. Dessa maneira, a imposição externa da concepção de homogeneização ou neutralização dos sotaques emerge como um elemento a ser considerado. Essa imposição externa tem o potencial de influenciar como os sotaques são percebidos, impactando a classificação social dos grupos linguísticos e a abordagem de determinados temas. Nessa perspectiva, de acordo com Leite (2012) e Souza *et al.* (2017), a percepção de uma pessoa sobre algo pode ser influenciada por sua visão de mundo e sua relação com os outros, o que pode explicar as avaliações negativas que determinados falantes fazem de sotaques que parecem estar fora de um padrão imposto pela sociedade. Assim, conforme Souza *et al.* (2017), a percepção é influenciada por diversos fatores que precisam ser compreendidos, uma vez que podem levar à exclusão. Os autores ainda (2017, p. 249) explicitam que “é plausível pensar que a percepção individual sobre a avaliação do sotaque possa servir como uma razão justificável para comportamentos discriminatórios”. Desse modo, embora a percepção possa ser usada para promover a inclusão, ao mesmo tempo, pode levar à exclusão e, especialmente, ao preconceito linguístico contra sotaques regionais. Com isso, embora possamos argumentar contra a concepção de que certos sotaques não devem ser considerados um modelo linguístico brasileiro, uma vez que, do ponto de vista da linguística, não há um dialeto modelo e homogêneo, não se pode negar a relevância dos fatores extralinguísticos, a saber: contexto social, contexto cultural, situação comunicativa, intenção do comunicador, experiências pessoais, fatores psicológicos, finalidade da comunicação, localização geográfica, tecnologia, normas sociais e expectativas. No entanto, determinados sotaques não devem ser considerados o modelo linguístico brasileiro, pois trata-se de uma questão bastante controversa. Alguns estudiosos defendem que o denominado “sotaque padrão” ou “neuro” deve ser utilizado como modelo para a língua portuguesa falada no Brasil, uma vez que seria mais facilmente entendido por pessoas de diferentes regiões e classes sociais. Por outro lado, há quem argumente que essa visão privilegia determinados grupos sociais, excluindo a diversidade linguística existente no país. Além disso, a escolha de um modelo de sotaque pode acabar por reforçar estereótipos e preconceitos

linguísticos. Por tudo isso, a nosso ver, é fundamental que valorizemos a riqueza e a variedade das diferentes formas de se falar no Brasil, respeitando-se e reconhecendo-se sua importância.

. Por outro lado, adquirir um sotaque neutro pode evitar preconceitos em relação à pronúncia e ocultar a identidade da pessoa, evitando-se a exclusão social. Porém, a sociolinguística considera que os sotaques são influenciados por fatores estruturais da fala e fatores sociais, como mudanças na pronúncia ao longo do tempo (BORTONI-RICARDO, 2005).

Neste tópico, destacamos a influência dos movimentos da boca, língua e emoções na produção dos sons da fala, assim como a influência da entonação e do contexto da linguagem utilizada, bem como enfatizamos a importância da riqueza da diversidade presentes no uso da linguagem, enriquecendo o modo como nos comunicamos e interagimos em diferentes culturas. Com isso, discorreremos sobre a concepção do sotaque neutro ou suavizado como uma imposição externa, que pode levar à fixação dessas referências e à perda da diversidade linguística. Destacamos a valorização dos sotaques regionais como sendo fundamental, em contraponto ao denominado “sotaque neutro” exigido por alguns meios de comunicação. Além disso, abordamos a concepção de uma norma-padrão para a fala, enfatizando que as marcas regionais são consideradas inapropriadas, discutindo-se a percepção de vozes e sotaques como um processo influenciado por valores, ideias e dimensões sociais, podendo levar o sujeito à exclusão e ao preconceito linguístico.

Por fim, consideramos que a diversidade linguística deve ser valorizada, respeitando-se e reconhecendo-se a importância de cada forma de falar no Brasil, considerando-se a relevância dos fatores extralinguísticos para os fenômenos da linguagem.

2.3. Vozes e sotaques: fatores de exclusão ou marcadores regionais

Os sotaques e vozes no Brasil são, muitas vezes, percebidos e avaliados como razões de exclusão social ou regional, como exemplificado em *lives*, monografias, referentes a artistas famosos, incluindo a advogada, maquiadora e vencedora do BBB 21, Juliette Freire. (BARBALHO, 2021). Nesse sentido, a maneira como as pessoas falam é utilizada para julgar seu nível de educação, seu *status* social ou mesmo sua inteligência. Esse tipo de discriminação linguística é bastante comum em diversos contextos sociais, seja em situações de trabalho ou em outras envolvendo relações pessoais. Assim, em função de acontecimentos como este, pode ocorrer a valorização do denominado “sotaque padrão” ou “neutro”, muito utilizado como

modelo de uso da língua portuguesa no Brasil, frequentemente, sugerido ou exigido por convenções sociais e culturais, bem como por instituições educacionais e meios de comunicação de massa. Essa valorização, muitas vezes, reflete ideais de prestígio social e pode impactar a percepção das diferentes variedades linguísticas presentes no país. Entretanto, estudiosos como Bagno (2007), têm abordado criticamente a questão da valorização de um único padrão linguístico, defendendo a valorização e o respeito pela diversidade linguística presente no Brasil. O autor argumenta que a imposição de uma norma linguística única pode ser prejudicial à educação, uma vez que não reconhece a verdadeira diversidade do português falado no país, defendendo a concepção de que todas as variedades linguísticas têm valor e devem ser respeitadas, promovendo assim uma visão mais inclusiva e democrática da língua.

Essa abordagem está alinhada à perspectiva sociolinguística, que reconhece a diversidade linguística como um reflexo da riqueza cultural e social de uma comunidade. Em vez de privilegiar um único “sotaque padrão” como modelo ideal, a sociolinguística valoriza e estuda as diferentes formas de fala presentes em uma sociedade, promovendo uma compreensão mais ampla e respeitosa da linguagem e de suas variações (BAGNO, 2007, p. 15). Porém, a valorização desse padrão pode levar à exclusão de pessoas que usam sotaques regionais ou uma comunicação mais popular, sendo marginalizadas e desvalorizadas. Com isso, a discriminação linguística pode impactar negativamente no acesso a oportunidades e recursos como, por exemplo, no caso de sujeitos que possuem sotaques considerados “diferentes” ou “inferiores” em relação à região em que vivem, pois, geralmente, são excluídos de processos seletivos de emprego ou de situações que envolvem prestígio e poder. Daí a necessidade de se reconhecer a importância da diversidade linguística do nosso país e valorizar as diferentes formas de expressão verbal.

Ao considerar os sotaques e vozes como fatores de exclusão, podemos inferir que algumas pessoas acabam tendo dificuldades em desenvolver habilidades linguísticas ou vocais ao se equiparem às ideias pré-concebidas de alguns indivíduos. Isso ocorre devido à falta de conhecimento sobre o uso da língua, especialmente em regiões do Brasil, nas quais o analfabetismo ainda é um problema, afetando diretamente a comunicação em geral. No entanto, todo ser humano, desde que não apresente um impedimento cognitivo grave, consegue adquirir pelo menos uma língua ao longo da vida (LIMA NETO, 2018, p. 27). Os temas variam e algumas pessoas gostam de chamar a atenção para as formas linguísticas que consideram “corretas ou incorretas”, como no exemplo de “você não vai no banheiro” *versus* “você vai ao banheiro” (LIMA NETO, 2018).

Nesse contexto, algumas pessoas elegem determinados sotaques como sendo mais atraentes ou desagradáveis conforme a opinião popular, enquanto outras se vangloriam por saberem utilizar corretamente as pronúncias das palavras na norma “padrão e formal”. Diante disso, entendemos que ter e formar opiniões sobre sotaques e vozes parece ser usado para privilegiar ou desvalorizar os sujeitos. A habilidade de dominar uma pronúncia de forma heterogênea é, pelo menos, uma forma de se sentir pertencente a uma língua ou voz ativa. Por essa razão, apenas algumas pessoas em nichos muito específicos têm a ousadia de oferecer opiniões sobre como se comunicar adequadamente em grupos de uma determinada comunidade linguística. Algumas pessoas têm uma maior possibilidade de expressar-se de forma coerente e consistente com seus pensamentos, enquanto outras estão mais interessadas em transmitir a informação da maneira como pensam, sem se importar tanto com a explicitação ou precisão de suas ideias. No entanto, apesar da validade do conhecimento popular, a linguagem e a voz também podem ser estudadas de forma científica e rigorosa pela linguística e a fonoaudiologia.

Segundo Kanka (2019), a comunicação de ideias e pensamentos se dá por meio de um sistema biológico articulado, por meio do qual a fala é uma habilidade complexa exclusiva dos seres humanos. A linguagem, utilizada para este fim, não é uniforme ao poder variar de diversas formas dependendo da pessoa que fala e do contexto da comunicação. Desse modo, a linguagem é uma ferramenta essencial para a compreensão mútua entre indivíduos, mas sua diversidade requer uma abordagem flexível e adaptável. Além disso, há que se considerar que a comunicação humana ocorre por meio de comunidades linguísticas, que compartilham de uma mesma língua e têm suas características próprias de interpretação e uso de pronúncia das palavras. Dessa forma, surgem sotaques regionais e variedades linguísticas, resultantes da influência do contexto e do sotaque dos falantes. Cada comunidade de fala possui suas particularidades, tornando a linguagem um fenômeno diverso e rico em nuances (KANGAS, 2019). Sendo assim, os fatores socioculturais exercem influência na acentuação das palavras, que varia conforme as normas próprias da comunicação oral em português, seja de forma geral ou regional.

De acordo com Dacorregio (2021), as diferenças culturais e geográficas geram variações de sotaque, caracterizadas por ênfases em vogais, semivogais ou consoantes, bem como pela entonação e ritmo da fala. Com isso, o modo como as palavras são pronunciadas reflete a identidade linguística e cultural de cada grupo social. Os acentos são modificações específicas na pronúncia de unidades linguísticas, tais como: vogais, entonações, tons e ritmos, e possuem características morfossintáticas (relacionadas à estrutura das palavras em um contexto linguístico) e lexicais (relacionadas a palavras específicas e não às regras mais gerais da língua)

próprias do uso. Vale ressaltar que essas variações podem ser valorizadas ou vistas negativamente devido às percepções sociais relacionadas aos sotaques. Estes, por sua vez, são traços que vêm sendo cada vez mais associados a regiões e estados, sendo classificados e caracterizados fonética e fonologicamente (DACORREGIO, 2021).

Assim, é importante ressaltar que a comunicação não depende necessariamente de uma voz adequada ou de um sotaque privilegiado para alguns ouvintes. Ao excluir um sotaque, devemos considerar se essa exclusão será percebida naturalmente e se não interferirá na comunicação humana em relação ao padrão muscular imposto e modificado conforme o modo e ponto articulatório. Além disso, devemos refletir se estamos psicologicamente preparados para ouvir ou receber esta suavidade e/ou padronização em relação ao pertencimento à sociedade. Do nosso ponto de vista, há que se considerar que não existe uma norma única que diferencie todas as pessoas em relação ao papel da linguagem. Embora haja um padrão de norma culta, essa heterogeneidade não pode ser arbitrariamente desejada ou exigida na prática. Em seus estudos, Bagno (2007b) concluiu que há mais crenças tomadas como “certas e erradas” devido à manipulação ideológica construída ao longo do tempo do que erros reais. Ou seja, trata-se de um rigor no falar, na concepção de terminologia e enunciação própria para homens e mulheres, que decorre de algo que somente pode ser compreendido socioculturalmente e sociolinguisticamente.

Nessa perspectiva, Silva e Baronas (2019) defendem que fenômenos sociais e psicológicos que permeiam a língua, como ouvir e julgar as palavras na fala de outra pessoa, não podem ser ignorados. Com isso, notamos uma desconstrução do conceito do “bem falar” uma vez que, no passado, esta concepção se vinculava apenas à gramática e às normas estabelecidas pelo campo do ensino de língua portuguesa. Contudo, estes conceitos foram sendo ampliados para abranger não somente a gramática, mas também a adequação da linguagem ao contexto e ao propósito da comunicação. Assim, com a desconstrução do conceito de “bem falar”, podemos entender que não há uma única forma correta de expressão. O que é considerado bem falado em uma determinada situação de comunicação pode não ser adequado em outra. Por exemplo, em um ambiente formal, espera-se que a linguagem seja adequada a este contexto, enquanto que, em um ambiente informal, a linguagem pode ser mais descontraída e coloquial. Além do mais, um aspecto crucial é o fato de que a linguagem é influenciada por fatores socioculturais e históricos, o que pode gerar diferenças de padrão em distintas sociedades. Ademais, a linguagem pode ser utilizada como uma ferramenta de poder e a imposição de uma norma linguística pode ser uma forma de se excluir e marginalizar os diferentes grupos sociais. Por isso, é fundamental considerarmos o contexto social no qual nos

inserirmos, as mudanças históricas e culturais que influenciam o modo como as palavras são pronunciadas e interpretadas em diferentes espaços e esferas sociais. Diante disso, corroboramos os estudos de Bagno (2003), ao explicitar que a sociolinguística considera as características locais, tais como elementos geográficos, culturais, sociais e históricos dos povos, como elementos de referência, utilizados para representar pessoas e regiões, visto que cada localidade possui sua especificidade. Com isso, os sotaques e suas variações desempenham o papel de representação das comunidades e suas respectivas regiões pelas manifestações culturais. Em relação aos sotaques, retratam uma mesma língua ou idioma em um país, no entanto, as nuances na pronúncia, entonação, tom e ritmo devem ser considerados marcadores regionais (Bagno, 2003).

Enfim, conforme Carzola (2011) explica, devido ao vasto território brasileiro, os sotaques apresentam referências regionais distintas, resultando em diferentes percepções e aceitações pela sociedade. Em alguns casos, um sotaque pode ser valorizado como parte da identidade cultural de uma região, enquanto que, em outras situações de comunicação, parece haver um desconhecimento do valor do sotaque como elemento constitutivo da identidade cultural. Isso pode levar a estereótipos e preconceitos linguísticos que afetam a autoestima e autoconfiança das pessoas que pronunciam um sotaque diferente daquele considerado “padrão”. Contudo, é importante lembrar que a variedade linguística, sendo uma riqueza cultural, não deve ser motivo de exclusão ou discriminação.

3 PRECONCEITOS LINGUÍSTICOS E VOCAIS

Nesta seção, discorreremos sobre os preconceitos linguísticos e vocais, entendidos como reflexos complexos das atitudes linguísticas que permeiam nossa sociedade. Assim, como as palavras que escolhemos para nos comunicar, como pronunciamos e utilizamos nossa voz, muitas vezes, torna-se um terreno fértil para suposições e julgamentos precipitados. Esses preconceitos, enraizados em estereótipos culturais e sociais, podem desencadear um impacto profundo nas interações humanas, influenciando a maneira como percebemos e como percebemos os outros. Nesse sentido, trataremos das complexidades dos preconceitos linguísticos e vocais, desvendando os elementos subjacentes que influenciam as percepções, bem como discorrendo sobre como a conscientização e a aceitação podem contribuir para uma comunicação mais inclusiva e enriquecedora nas interações sociais.

Sendo assim, a forma de expressão de cada indivíduo revela traços masculinos ou femininos por meio de suas vocalizações, por isso, destacamos os formadores e influenciadores da voz e o papel da linguagem, considerando-se os fatores psicológicos, sociais e hereditários, que podem afetar o sentimento de pertencimento ou não pertencimento à sociedade. Nessa perspectiva, as percepções e posturas em relação às vozes avaliadas como não “esperadas” e não convencionais em relação a cada gênero, por exemplo, podem gerar preconceitos em relação às frequências (tonalidade/timbre) das vozes humanas. Isso ocorre porque se trata de um pressuposto que há vozes tomadas como “apropriadas e esperadas” quanto ao gênero, enquanto outras vozes são tidas como menos atraentes. Assim, as expectativas associadas a cada indivíduo, ao ouvir a voz de alguém, considerando-se que as forças patriarcais influenciam socialmente os papéis, comportamentos, modos e direitos, resultam em padrões de uso de voz esperados ao se ouvir homens e mulheres. Contudo, isso propicia um olhar vinculado à história humana, pois, conforme Morgante e Nader (2014) apontam, os comportamentos, relacionamentos e percepções em relação ao gênero foram historicamente desenvolvidos e regulamentados.

A sociedade, ao longo da história, tem criado padrões estéticos, vestimentas, comportamentos, expressões de sexualidade, gestos, linguagem, costumes, estabelecendo direitos e deveres para homens e mulheres, incorporados às identidades de cada gênero. Essas concepções e posições transmitem-se de geração em geração, influenciando o conceito de família, reprimindo a alteridade, a homossexualidade e outras questões (MORGANTE; NADER, 2014). Desse modo, Bardwick (1981) salienta que a sociedade estabeleceu padrões

para os gêneros, retratando os homens como provedores, masculinos, com poder sobre suas esposas e filhos e as mulheres como delicadas, submissas e biologicamente frágeis e inferiores. Tal categorização de gênero tem implicado consequências para a compreensão do tema, pois a concepção de gênero é mais do que uma diferenciação baseada em características anatômicas e fisiológicas, como aponta Scott (1995). O termo é utilizado para identificar as relações sociais entre homens e mulheres e permite indicar estruturas e padrões sociais que constituem e/ou influenciam a identidade subjetiva de cada gênero.

Diante disso, entendemos que a distinção entre vozes masculinas e femininas não se relaciona somente a questões sociais da linguagem, mas também à produção vocal. Em relação a estas questões, Behlau e Ziemer (1987) destacam que há diferenças biológicas no desenvolvimento humano e que estas influenciam na fala. Assim, ressaltamos que a voz é composta por vários elementos, como respiração, tom, entonação, intensidade, articulação, ritmo e ressonância. Portanto, compreender como a voz é produzida e como são atribuídas características masculinas ou femininas a esta voz vai para além da avaliação da voz de um sujeito, a fim de se constatar se corresponde aos critérios do que pode ser denominado como “normalidade vocal”. A percepção da voz é o que define o que é considerado aceitável, inaceitável ou apropriado, levando-se em conta as características vocais individuais. Nesse sentido, a nosso ver, não há apenas um tom de voz mais adequado para homens e mulheres. Com isso, corroboramos as conclusões de Behlau, Ziemer e Freitag (2015), ao ressaltarem que não há uma pronúncia uniforme ou padrão da língua, também não há uma voz padrão para cada gênero.

Assim, classificar a voz de alguém como sendo feminina ou masculina pode afetar os sujeitos que não atendem aos padrões estabelecidos ou impostos pela sociedade, incluindo homens e mulheres e pessoas transexuais e homossexuais. No que tange a esta questão, Barros (2017) constatou que a percepção de masculinidade e feminilidade está relacionada à voz e que isso pode afetar sujeitos homossexuais e transexuais. Desse modo, a noção de gênero em relação à percepção das pessoas no âmbito do reconhecimento da voz, envolve a associação da voz feminina à imagem feminina e da voz masculina à aparência masculina. A ausência de conexão entre a voz e a aparência estética do sujeito, ao ouvi-lo, pode gerar situações que requerem reflexão e empatia, pois isso envolve mais do que questões relacionadas aos formadores de voz. De acordo com Barros (2017), essa questão implica discriminação e falta de compreensão, uma vez que a voz é uma expressão das características de gênero para a sociedade. Tomando por base nossa experiência no campo da fonoaudiologia, embora as estruturas, músculos e

cartilagens da laringe correspondam à configuração do gênero, são as percepções audíveis que determinam se estamos ouvindo vozes masculinas, femininas, homossexuais ou transexuais.

Além disso, Hancock *et al.* (2011) destacam que a discordância entre a voz e a representação ou percepção de gênero pode causar emoções e experiências inadequadas. Dessa forma, como o gênero é socialmente identificado pela voz, essa situação pode ter efeitos psicossociais negativos. A comunicação verbal e não verbal realizada por gênero é considerada parte de sua identidade, portanto, se uma pessoa fala de uma maneira que faz o ouvinte entender que se trata de um gênero diferente, isso pode gerar o preconceito vocal. Barros (2017) também ressalta que muitas pessoas, que apresentam vozes diferentes em relação ao próprio gênero, sentem-se desconfortáveis com esta situação e buscam ajuda de um fonoaudiólogo. Com isso, reconhecemos que a voz tem um papel importante na percepção da identidade de gênero e que pode influenciar o bem-estar emocional, pois homens com vozes agudas finas e mulheres com vozes graves grossas são considerados “incomuns” na sociedade, visto que a sociedade impõe padrões vocais esperados. Por essas razões, é crucial entender que a voz não está relacionada apenas à questão de gênero ou orientação sexual, uma vez que há muitos fatores que influenciam sua formação e modulação. Assim, com base em nossa experiência como fonoaudióloga, entendemos que um indivíduo pode ter uma voz mais grave ou mais aguda sem necessariamente querer falar de uma maneira específica, pela voz ser determinada pelo trato vocal, composição e configuração da laringe. Ademais, visto que os sotaques são diversos, a nosso ver, não é apropriado solicitar ou exigir um sotaque neutro de alguém. No que concerne à definição do falar e do sotaque, Mendes (2006, p. 13-14) explica que

Os falares são, portanto, “realizações lingüísticas de agrupamentos humanos que podem ser associados a uma pronúncia característica, a um ritmo de fala e a uma que outra definida escolha de um item lexical” (Zágari: 1998:32,33). Para o Dicionário Houaiss, o falar corresponde à “variedade de uma língua peculiar a um quadro geográfico; tem-se o falar próprio de uma área mais ampla (p.ex.: o falar nordestino)” (2001:1301). Nesse sentido, falar pode ser considerado sinônimo de sotaque, que é uma “pronúncia característica de um país, de uma região, de um indivíduo, etc.; acento” (HOUAISS, 2001: 2614) (MENDES, 2006, p. 13-14).

Ou seja, é fundamental considerarmos e respeitarmos os diferentes falares, as variedades lingüísticas e as pronúncias características das diferentes regiões do nosso país, visto que é um fato ou elemento constitutivo da constituição da nossa história. Da mesma forma, a voz pode se manifestar de maneiras diferentes, não correspondendo ao padrão “esperado” para a identificação de gênero entre homens e mulheres. Por tudo isso, é crucial entendermos os fatores

que contribuem para a formação da voz, uma vez que o que produzimos oralmente é objeto da percepção de quem nos ouve.

3.1 Preconceitos vocais: masculino ou feminino, eis a questão!

A produção da fala e da voz apresenta diferenças entre homens e mulheres. Além disso, há uma variação na faixa de frequência sonora audível entre os gêneros. Desse modo, há que se considerar que as características de timbres são diversas e perceptíveis ao ouvido humano. Assim, para tratarmos dos preconceitos vocais em relação ao aspecto masculino ou feminino, é necessário entendermos o que é a voz humana e como ela se desenvolve. Por isso, nos pautamos em Godoy e Bairrão (2018, p. 72-73) ao explicitarem que

A voz se especifica tanto enquanto enunciação como enquanto audição, não há uma sem a outra. De certa maneira a confirmação do dito depende de algo que cronologicamente acontece depois – a escuta –, mas que logicamente é uma condição anterior (p.72)

[...]

A voz não se confunde com a emissão vocal, mas nem por isso é desprovida de materialidade. Esse aparente paradoxo elucida-se pelo fato de que a definição da voz em psicanálise não se restringe à substância fônica, mas equivale a uma estrutura que pode apoiar-se em muitas experiências estéticas e sensoriais [...] (GODOY; BAIRRÃO, 2018, p. 72-73).

Em outras palavras, trata-se de uma forma de comunicação pessoal com o mundo exterior, que envolve um processo desde o nascimento e que se manifesta de diversas formas por meio do choro, grito, riso e fala, sendo constituída, para os autores, pela enunciação e pela audição, bem como por experiências estéticas e sensoriais.

No que se refere à constituição física da voz, com base no campo da fonoaudiologia, ressaltamos que a produção da voz ocorre na laringe, região na qual as pregas vocais estão localizadas. Com base em alguns estudiosos como Behlau (2008), Le Huche e Allali (2005) e Pinho (2009), Jacobs (2017, p. 365) explicita-nos como a voz é produzida, explicando que “a voz é geralmente produzida durante a expiração, com a passagem de ar pela glote (espaço localizado na região mediana da laringe, que abriga as pregas vocais) e com a vibração simultânea das duas pregas vocais”. Em outras palavras, ao respirarmos, as pregas vocais se abrem para permitir a entrada e a saída do ar dos pulmões e, ao falarmos, as pregas vocais se aproximam e o ar que sai passa por elas, criando as vibrações que formam a nossa voz. Logo, a voz é o resultado do equilíbrio entre duas forças: a força do ar que sai dos pulmões e a força dos músculos da laringe. No entanto, quando esse mecanismo está desequilibrado ou é

intencionalmente modificadas as modificações na voz ocorrem. As alterações na voz são conhecidas como disfonias, mas não serão abordadas neste contexto de pesquisa (BEHLAU; PONTES, 2001). Os sons produzidos pelas pregas vocais, boca e movimentos da língua, lábios, mandíbula, dentes e palato na cavidade oral modificam o ar que sai dos pulmões, produzindo diferentes linguagens sonoras. Portanto, a voz de um indivíduo é afetada pelo seu estado emocional. Isso significa que a entonação pode mudar dependendo da situação emocional em que a pessoa se encontra, ou seja, quando a pessoa está feliz, triste ou nervosa.

A frequência natural da voz é determinada pelo comprimento das pregas vocais, as quais são mais curtas em mulheres, tornando suas vozes mais agudas e finas em comparação às vozes dos homens. As crianças também tendem a ter vozes mais agudas e intensas do que os adultos, pelas mesmas razões. Uma boa voz é caracterizada por uma qualidade agradável, com equilíbrio de reverberações, pela força (volume) e frequência (grave ou aguda). Além disso, é importante considerar que a voz deve ser produzida sem esforço muscular.

A voz humana é única e determinada pela configuração muscular e da laringe, levando a diferenças de frequência entre as vozes masculinas e femininas, sofrendo mudanças durante o desenvolvimento humano. Segundo Gayotto (1997), para produzir uma voz adequada é preciso utilizar recursos vocais como respiração, intensidade, frequência, ressonância e articulação. Conforme a capacidade de projeção, intensidade, ritmo, velocidade, cadência, entonação, fluência, duração, pausa e ênfase variam no discurso, diferentes formadores vão constituindo as vozes, que podem ser percebidas de maneiras distintas pelo ouvinte. Além disso, uma modificação laríngea terapêutica ou cirúrgica para adequação da voz aos padrões socialmente definidos para cada gênero pode ser realizada se houver transtornos psicológicos, sociais e pessoais em relação a isso (GAYOTTO, 1997).

Conforme Behlau e Ziemer (1987) ressaltam, os formadores de voz não devem ser ignorados, pois a voz é influenciada por três dimensões: biológica, psicológica e socioeducativa. Na dimensão biológica, há aspectos físicos como o aparelho fonador, idade, sexo e condições de saúde vocal. Na dimensão psicológica, a personalidade e o estado emocional do indivíduo podem influenciar a voz. Já na dimensão socioeducacional, a emissão da voz pode ser influenciada pelos grupos sociais ou profissionais a que o indivíduo pertence, por existir uma expectativa social em relação à voz esperada ao ouvi-la por um determinado sexo. Ademais, Behlau e Pontes (2001) e Hancock *et al.* (2011) explicam que as vozes são únicas e individuais em cada pessoa e refletem a sociedade e a cultura nas quais estão inseridas. Em outras palavras, cada pessoa tem uma voz distinta e reconhecível e influenciada por características anatômicas, que afetam sua comunicação com os outros. Assim, a voz não é

apenas uma expressão padronizada de gênero imposto pela sociedade, mas sim algo muito mais abrangente e pessoal.

Nessa perspectiva, Hancock (2015) destaca que a voz desempenha um papel fundamental na percepção do gênero e na conformidade vocal, podendo gerar sentimentos de inadequação no sujeito e ter um impacto psicossocial significativo. A percepção de uma voz masculina ou feminina esperada vai além da entonação e pode estar relacionada a conotações sociais e culturais que nem sempre refletem a realidade. Segundo Freitag (2015), homens e mulheres usam diferentes recursos linguísticos para se comunicar, o que pode resultar em imposições e conformidades vocais. No entanto, há que se considerar que cada indivíduo tem sua própria modulação vocal e a voz não deve ser classificada apenas com base em estereótipos sociais.

A imagem da voz feminina como sendo delicada é uma construção social humana que pode levar algumas pessoas a considerar e a valorizar um vocabulário específico para mulheres. Isso pode contribuir para que a sociedade não aceite que mulheres usem adjetivos vazios e sem polidez, ou até mesmo palavrões, entendendo este uso como uma forma grosseira de se usar a linguagem. Para homens, há uma ênfase em vozes mais graves, marcadores discursivos específicos e outros pontos (FREITAG, 2015), pois quando os homens se comunicam com vozes mais graves, são percebidos como mais masculinos, provedores, atraentes e protetores.

Outro aspecto a ser considerado é o que Soares e Piovezani (2019) explicitam o caso de mulheres com entonação vocal incomum, assim como homens, que sofrem preconceito em relação a suas vozes. Como a voz humana é construída discursivamente para representar as virtudes que a sociedade espera encontrar em seus falantes, entendemos que essas construções ignoram a diversidade tanto das vozes femininas, quanto das masculinas, como acontece com os sotaques. Diante disso, entendemos que a expectativa em relação à voz ouvida considerada apropriada para homens e mulheres transcende as dimensões biológicas, articulatórias e acústicas que formam as vozes. Essa expectativa está ligada à concepção de masculinidade, feminilidade, sedução, poder e ao que é considerado como “adequado e inadequado”. Em outras palavras, desconsidera-se a variedade da extensão das pregas vocais e outros elementos do aparelho fonador, esperando-se uma voz específica para a idade e gênero. Ou seja, há uma perpetuação de estigmas, repetição de expressões e expectativas que ignoram a heterogeneidade, o que causa sofrimento para aqueles que não se inserem no “padrão esperado” para seu gênero ou idade (SOARES; PIOVEZANI, 2019). Diante disso, as vozes são moldadas pelos formadores que as desenvolvem e a sociedade, por sua vez, exerce uma forte pressão sobre o que é considerado uma “voz adequada” para cada gênero e situação. Esse padrão de

normalidade pode motivar as pessoas a procurarem ajuda de profissionais, como fonoaudiólogos, para ajustar sua entonação e sotaque ao que é esperado.

No que concerne aos formadores vocais e o uso da língua, o campo de estudo da voz tem apresentado a concepção de que determinados ajustes podem diferenciar uma voz e torná-la “mais bonita” ou adequada ao que é esperado para o gênero do indivíduo. Com isso, apontamos alguns questionamentos que nos incomodam para nossa reflexão acerca da temática tratada em nossa investigação, tais como: o que é considerado uma voz “mais bonita”? O que é considerado correto para cada gênero? Existe o certo e o errado em relação a esta questão ou isso é determinado socialmente por construções sociais que levam os indivíduos a desenvolverem crenças a respeito disso? De acordo com Jacobs (2017), é possível realizar ajustes laríngeos com o trabalho vocal que permitam modificar a voz que se tinha anteriormente e criar uma voz que corresponda mais efetivamente às expectativas de gênero. Assim, levando-se em consideração a fisiologia vocal, é possível modificar a voz adequadamente ao gênero ou ao que se espera para ele. É possível ajustar tons de voz, neutralizar ou suavizar sotaques de acordo com as finalidades desejadas pelo falante, ou exigidas por ele. Tudo pode ser “alterado” ou “aperfeiçoado”, mas será mesmo necessário? Por isso, muitos indivíduos buscam o trabalho de fonoaudiólogos para evitar a incompatibilidade entre sua fala, corpo e papéis de gênero na sociedade. Isso ocorre em resposta à reprodução do código, conforme descrito por Preciado (2002) e Bagno (2003), por meio do qual as pessoas reproduzem o sotaque e a voz considerados “corretos” e percebíveis pelos ouvintes. Independentemente da questão do “padrão de normalidade” tomado como adequado ou ideal, é importante que seja investigado e discutido. A nosso ver, a concepção de que a entonação da voz deve seguir padrões específicos para cada gênero é uma construção social, que ignora a diversidade da formação das vozes, pois assim como acontece com sotaques regionais, há uma rejeição da voz considerada desviante em relação à imagem esperada para cada gênero. Essa expectativa de adequação entre corpo e voz perpetua-se na sociedade, ignorando-se os aspectos biológicos e fisiológicos que influenciam a formação da voz.

Além disso, a fisiologia da laringe e a presença de formantes laríngeos (Gusmão; Campos; Maia, 2010) também desempenham um papel importante na qualidade vocal e na identificação do falante. Tomando por base os estudos de Moore *et al.* (2014) e de Gusmão, Campos e Maia (2010), discorreremos sobre os formantes laríngeos, também denominados de formantes de fonte, que são atributos acústicos gerados pela laringe durante a produção da fala, que contribuem para a qualidade vocal e para a identificação do falante. A produção desses formantes ocorre pela vibração das pregas vocais e pode ser influenciada por diversos fatores,

a saber: idade, sexo, emoção e saúde do indivíduo que está falando. As cartilagens tireoide, cricoide e aritenoides articulam-se entre si, permitindo uma variedade de movimentos da laringe, possibilitados por juntas articuladas, incluindo a junta cricotireoidea. A laringe pode ser dividida em três regiões: a primeira é a entrada da laringe, que conecta a laringe à faringe e inclui o limite do ádito laríngeo, a borda superior da epiglote, a prega ariepiglótica e interaritenóide. A cavidade laríngea começa logo abaixo da entrada da laringe, estendendo-se até o final da laringe e da cartilagem cricoide, indo até o início da traqueia, dividida em três partes: o vestíbulo laríngeo, localizado entre o ádito e o ádito vestibulo; a câmara da laringe, localizada entre as pregas vestibulares; e, as pregas vocais, e a cavidade infraglótica, entre as pregas vocais e a borda inferior da cartilagem cricoide. Enfim, os formantes laríngeos são características acústicas que contribuem para a qualidade vocal e o reconhecimento da voz do falante.

Diante do exposto, embora os formantes laríngeos tenham a sua importância em seu funcionamento, a sociedade, muitas vezes, tem expectativas em relação à entonação e aos sotaques considerados “adequados” para cada gênero. Isso pode levar à pressão para os indivíduos modificarem sua voz para se adequar a esses padrões esperados. Essa busca por um padrão de normalidade em detrimento à diversidade de vozes e sotaques, desconsiderando-se fatores como idade, emoção e saúde do falante, podem influenciar a produção dos formantes laríngeos. Daí a importância de se refletir sobre essas expectativas de modo a se valorizar a diversidade de vozes como uma riqueza da nossa sociedade.

3.2 Aspectos sociais e hereditários no uso da língua e voz

No que diz respeito aos aspectos sociais e hereditários quanto ao uso da língua, a voz é um instrumento de representação essencial para o indivíduo, ao carregar consigo informações sobre sua origem, identidade e gênero. A forma de falar é valorizada pela sociedade, que tem expectativas e padrões relacionados à voz. Por isso, a voz tem um papel importante em diversas áreas da vida humana e deve ser entendida em suas nuances, a fim de desenvolvermos uma relação mais saudável e inclusiva quanto ao uso da linguagem vocal.

Nesse sentido, segundo Behlau e Pontes (2001), a voz é um elemento essencial para o ser humano, uma vez que, por meio dela, as pessoas expressam seus sentimentos, emoções, sua personalidade e estado de espírito. Além disso, a voz permite a interação e a comunicação, possibilitando a emissão de opiniões e a apresentação de si para o mundo, possibilitando-nos transmitir expressividade e intenções, tornando-se uma projeção da personalidade e uma

representação da pessoa na totalidade. Trata-se de uma habilidade natural do ser humano, mas também repleta de variações e características que não podem ser limitadas. A sociedade tenta impor padrões em relação a questões sociolinguísticas, mas, em termos práticos, isso tem consequências que não podem ser ignoradas. Porém, muitas vezes, a sociedade exige o uso de um sotaque neutro excluindo referências regionais, ignorando a diversidade social. Por tudo isso, a nosso ver, é importante que a educação trabalhe a linguagem em todas as suas manifestações, reconhecendo as diferenças regionais desde a infância. Em outras palavras, embora haja uma norma culta e padrão para a escrita, sua aplicação na oralidade não pode ignorar a variedade de sotaques, regionalismos, vozes e outras características da diversidade linguística constitutiva de nosso país (TERRA, 2021).

No que tange a sotaques, assim como na voz, há uma expectativa de um padrão homogêneo. Para Barros (2017), é importante considerar a diversidade e a realidade, em vez de forçar a conformidade com ideais pré-concebidos pela sociedade. Assim, Bagno (2003), no que diz respeito aos sotaques, também salienta que o que é considerado “incomum” é, na verdade, o comum, uma vez que não existe um sotaque padrão ou neutro. Houve uma construção histórica em que um sotaque foi reconhecido como neutro, sendo a forma adequada de uso de vogais, semivogais ou consoantes produzidas com uma entonação e ritmo de fala diferentes. A questão é: esse sotaque realmente existe? É real? Pode-se tentar neutralizar todos os sotaques em algo que seria “comum” socialmente, mas “incomum” atualmente em um estudo que é cultural, social e histórico? O uso da voz e dos sotaques fazem parte da identidade das pessoas e dos grupos, portanto, tentar esquecer ou neutralizar o sotaque para evitar a associação com uma determinada região é possível e feito por muitos, mas não é comum. As pessoas devem ter o direito de se comunicar da maneira que consideram importante para transmitir a informação, sem a necessidade de modificar seu sotaque (BAGNO, 2003).

Na contemporaneidade, há uma grande discussão jurídica e política acerca dos limites da liberdade de expressão. Essas questões têm sido objeto de debate na jurisprudência e na doutrina jurídica, mas a Constituição (1988) é explícita nesse sentido, apontando-nos que todos têm o direito constitucional de expressar suas opiniões, desde que nos limites da razoabilidade e proporcionalidade, para não incorrer em condutas tipificadas como crime de ameaça, difamação, injúria, calúnia, incitação ao crime, dentre outros.

Segundo o artigo 5º, inciso IV, da Constituição Federal, a livre manifestação do pensamento é garantida a todos, desde que não sejam feitas de forma anônima. Esse direito é considerado uma das liberdades públicas e faz parte do núcleo imutável da Constituição, por ser um direito inerente à cidadania e à personalidade (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Segundo as reflexões de Bagno (2002/2003), seguir as regras do que é considerado “comum” em relação aos sotaques na mídia ou em profissões pode resultar em ajustes inadequados que violam o princípio de igualdade e liberdade estabelecido pela Constituição Federal de 1988. Isso ocorre porque as relações de poder e a concepção de certo ou errado existem ignorando o que é considerado “incomum” na tentativa de se criar algo que não é verdadeiramente comum, estendendo-se ao uso da voz e à questão do gênero.

A sociedade visa a estabelecer o que é certo ou errado quanto à forma de se falar e isso inclui o uso da voz. O ideal de normalidade é determinado pelo que é considerado comum, ignorando-se a diversidade de contextos linguísticos, regiões e diferentes tipos de vozes existentes. A nosso ver, essa atitude é motivada por crenças, fatores sociais, psicológicos dentre outros. Desse modo, corroboramos o defendido por Bagno (2003/2007) ao ressaltar que essa questão não pode ser ignorada, pois é fundamental entendermos a influência desses fatores na forma como avaliamos e interpretamos as vozes que se conectam à qualidade vocal de um indivíduo. Como salientado por Beber e Cielo (2011), a qualidade vocal é resultado de processos relacionados à produção de um sinal vocal complexo criado pela laringe e filtrado pelo trato vocal. Por essas razões, é necessário respeitarmos os elementos constitutivos dos diferentes tipos de voz.

3.2.1 Pertencimento e exclusão: um olhar sobre o não-pertencimento

No âmbito das complexas interações humanas e dinâmicas sociais, o senso de pertencimento e a dolorosa experiência da exclusão emergem como temas de profundo significado. O anseio de pertencer a um grupo, comunidade ou sociedade é inerente à natureza humana, sendo impulsionado pelo desejo de conexão, aceitação e identificação. No entanto, o reverso dessa busca pelo pertencimento é a desoladora sensação de não-pertencimento, uma realidade que pode desencadear uma série de implicações emocionais e psicológicas. A análise desta dicotomia entre pertencimento e exclusão oferece uma perspectiva enriquecedora sobre as nuances da interação humana e as medidas necessárias para promover um senso mais inclusivo de comunidade.

Para tanto, é crucial examinar as percepções e crenças associadas aos sotaques, visando a entender o impacto dessas convicções na comunicação. Tais atitudes e crenças podem estabelecer expectativas nos ouvintes, sendo comum associar tons vocais agudos a traços femininos e tons graves a traços masculinos. Quanto a estas questões, Bagno (2002) afirma que as concepções de “adequado” ou “inadequado” em relação aos sotaques e vozes não se originam

apenas de estudos linguísticos, mas também de definições sociais e históricas. A forma como os sotaques são avaliados e o fato de a voz ser considerada desejável para homens e mulheres refletem os valores sociais, crenças e ideologia dominante do grupo, o que deve ser considerado ao interpretar a fala de outra pessoa. De acordo com Cagliari (1999), trata-se de se entender o conceito de alguns termos da sociolinguística a partir de uma perspectiva estrutural e linguística. Todos os sotaques e vozes são perfeitamente explicáveis, mas o que os diferencia são os valores sociais atribuídos a eles pelos membros da sociedade. Essa diferença decorre de crenças e fatores psicológicos e sociais, não apenas de fatores hereditários, mas também de construções históricas. A respeito disso, Terra (2021) ressalta que é impossível avaliar o correto ou incorreto na língua sem considerar o contexto em que ela é usada. A sociolinguística dedica-se a esse aspecto porque a fala, a voz e a linguagem são influenciadas pelas interações entre indivíduos.

A heterogeneidade linguística existe em um mesmo território devido a diferenças regionais, não havendo uma variação homogênea. No caso das vozes, não são determinadas pelo gênero, uma vez que a formação vocal é biológica e não controlável pelo indivíduo. Diante do exposto, entendemos que não se pode falar em certo ou errado, mas sim na influência social da forma como a linguagem é explorada (TERRA, 2021). Segundo Bagno (2003), o preconceito linguístico em relação a sotaques, regionalismos ou vozes em relação a gênero é motivado por fatores psicológicos, sociais e hereditários. Nesse sentido, as crenças, de modo geral, sobre o que é falar bem e ser aceito também podem levar à depreciação do sotaque ou da voz de outra pessoa. Essas crenças podem ter origem em fatores sociais no processo de formação e desenvolvimento social da pessoa. Quanto ao preconceito linguístico, decorre de uma construção social e psicológica que pode ser prejudicial à comunicação e ao convívio entre as pessoas. É comum, por exemplo, desde a infância, aprender que determinado sotaque é o correto, que uma voz é mais aceitável e que certas regiões são superiores a outras. Além disso, pode-se ter uma concepção equivocada de que para se ter um “bom português”, é preciso evitar regionalismos, ignorando-se a diversidade cultural e linguística do país. Conforme Bagno (2003) e Lima Neto (2018) explicam, essas crenças são moldadas pela forma como a pessoa foi criada na sociedade em que vive. Socialmente, podemos pensar no outro como sendo inferior por pertencer a uma determinada região, considerando-se que, hereditariamente, um determinado sotaque foi transmitido a alguém e que a pessoa tem características específicas por esse sotaque ou voz adquiridos. A nosso ver, tais crenças podem gerar problemas psicológicos, pois, entendemos que essas crenças são adquiridas ao longo da vida, seja por influência psicológica, social ou familiar.

De acordo com Baronas, Marques e Semczuk (2019), não se pode desconsiderar o conjunto de crenças sobre a língua, suas variedades linguísticas e seus falantes, por se tratar justamente dessa conjuntura que pode levar à estigmatização ou não dessas variações. Ao serem submetidas a julgamento baseado em crenças, a fala, o sotaque, a região e a voz são analisados, a partir de sentidos e emoções específicas, resultando em julgamentos negativos e ignorando a diversidade linguística quanto ao uso de vozes. Isso leva à desvalorização da fala do outro, à falta de compreensão e à criação dos conceitos de certo e errado, adequado e inadequado. Para os autores (2019), é importante compreender as raízes dessas crenças para se evitar a estigmatização. Assim, entendemos que o tema do pertencimento é recorrente em diversas esferas da vida humana, tais como: a social, a cultural, a familiar e a profissional, discussão esta essencial para o bem-estar emocional e psicológico das pessoas. Ou seja, fazer parte de um grupo social ou cultural pode proporcionar uma sensação de segurança, identidade e pertencimento. É comum que indivíduos se identifiquem com grupos que compartilham suas crenças, valores, interesses e experiências, criando um senso de comunidade e oferecendo suporte emocional, além de ser uma oportunidade para compartilhar conhecimentos e vivências. Por outro lado, a falta de pertencimento pode ter efeitos negativos na saúde mental, pois as pessoas que se sentem isoladas ou excluídas experimentam sentimentos de solidão, tristeza e baixa autoestima, o que pode gerar problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade. Todavia, é válido ressaltar que a necessidade de pertencimento não é universal e algumas pessoas acabam valorizando sua individualidade e independência, preferindo ficar sozinhas identificando-se com subculturas marginalizadas pela sociedade. A exclusão social pode, portanto, ser uma escolha ou uma consequência de suas escolhas pessoais. Porém, ainda que essas pessoas não sintam a necessidade de pertença a um grupo social, a falta de pertencimento pode afetar negativamente sua saúde mental. A nosso ver, é importante encontrar um equilíbrio entre o desejo de se pertencer a um grupo e a necessidade de autonomia e independência, mesmo para aqueles que optam por se afastar de grupos sociais. Por outro lado, é essencial salientar que a exclusão social nem sempre é uma escolha. Indivíduos pertencentes a características étnicas, pessoas LGBTQIA+ e outros grupos marginalizados podem enfrentar a exclusão social e a falta de pertencimento devido a preconceitos e discriminação. Essa exclusão pode ser uma fonte de sofrimento e traumas e é crucial fornecer apoio emocional e criar espaços seguros para essas pessoas.

Ao ter uma percepção ou crença sobre o sotaque ou tom de voz de outra pessoa, pode-se criar uma noção de pertencimento ou não pertencimento em relação ao que é considerado “padrão”, “normativo” ou “adequado”. Segundo Borin (2022), a sociolinguística, de maneira

independente ou associada a outras áreas como a psicologia, biologia e fonoaudiologia, visa a compreender esse fenômeno. A sensação de pertencimento surge da concepção de adequação ao padrão, enquanto o não pertencimento linguístico ocorre quando se acredita que algo não é adequado. Nessa perspectiva, Labov (2008) destaca que o anseio de pertença impulsiona o indivíduo a buscar a neutralização dos sotaques, além de atenuar o tom da voz, dentre outras coisas. Portanto, é essencial, ao estudar a percepção sobre o reconhecimento da voz de outra pessoa, ou seja, do ouvinte em relação ao outro, entender a relação entre as crenças e as características linguísticas, bem como as razões para se estigmatizar ou valorizar determinado sotaque ou voz, entendendo como e porque se percebe a fala do outro, sem se ignorar a heterogeneidade linguística (LABOV, 2008; BEIRULA, 2021).

Desse modo, grupos que vivenciam a exclusão social ou a falta de pertencimento podem ser vistos dessa maneira devido a crenças infundadas. Nesse sentido, Cardoso (2015) explicita que, do ponto de vista linguístico, não há uso da língua ou da voz que possa ser considerado superior a outros e que isso é determinado por crenças e atitudes preconcebidas. Para se entender e mudar esses conceitos discriminatórios, é necessário estudar os estereótipos que afetam as interações entre os falantes e a concepção de “bem falar”. Além disso, Terra (2021) explica que a linguagem é permeada por uma ideia de pertencimento e que é preciso reconhecer a diversidade linguística e promover o respeito pelo outro. Em outras palavras, não há uma língua única, nem uma voz considerada adequada, nem uma região inferior à outra. O uso da língua está relacionado ao conceito de pertencimento a um determinado grupo, comunidade e a um gênero e isso não pode ser negado. Como enxergamos e/ou entendemos o uso da voz e do sotaque pode influenciar na concepção de pertencimento, o que vai contra os direitos essenciais de igualdade e cidadania.

Do ponto de vista psicológico, o uso do sotaque e o contato com outros têm um peso significativo para as pessoas, uma vez que não se trata apenas de uma função estética, mas também cultural, uma expressão de si, de seu mundo, sua cultura e sua realidade. A remoção do sotaque, a busca pela neutralização ou suavização dos sotaques, a eliminação da diversidade nos meios de comunicação e mídias, bem como a adesão a uma ideia única, descaracteriza a individualidade e a regionalidade da pessoa. Segundo Terra (2021), a diversidade e a variação linguística são fatos inerentes à realidade humana que não devem ser ignorados, apesar das tentativas de padronização pela sociedade. Ações normativas, diferenciação entre os falantes, falta de compreensão do intercâmbio cultural e da relação entre língua, sotaque e cultura podem comprometer o “direito ao pertencimento” social. Ao se considerar um sotaque ou uma voz

como inferiores ou inadequados em determinado território ou grupo social, já se viola o direito de pertencimento.

Para Bagno (2003) e Carzola (2011), pode-se afirmar que, embora exista uma língua nacional, as diferenças regionais são uma expressão da identidade dos falantes como membros de uma comunidade. A voz é uma característica individual e a variação linguística no espaço social é um fato inerente à diversidade humana. A ideia de pertencimento está presente na sociedade e, segundo Borba (2020), adaptar-se ao que se espera é uma forma de evitar exclusão e buscar inclusão. No entanto, essa adaptação ao que é comum pode não ser tão comum assim, visto que existe uma grande variedade das formas de se falar. Por essas razões, pensamos que deve se ensinar a língua portuguesa refletindo-se sobre as diferenças regionais quanto ao uso da voz e do sotaque no sentido de se propiciar o sentimento de pertença e não de exclusão. O pertencimento deve ser motivado por uma mudança de pensamentos e pelo respeito às vivências e experiências das outras pessoas.

Os estigmas linguísticos relacionados ao sotaque regional e à voz não se limitam apenas às variações linguísticas, mas também incluem o que Bagno (2007a), Silva e Baronas (2019) denominam de motivos socialmente constituídos e que contribuem para o preconceito, pois a noção do que é considerado ideal ou não é algo profundamente enraizado e difícil de ser modificado. Conforme explicado por Bagno (2007a), as barreiras em relação ao entendimento da fala, sotaques e vozes não são facilmente superadas. O conceito de padronização que, historicamente, definiu como inadequada qualquer coisa com maior variabilidade, contribui para essa dificuldade. Os diferentes sotaques regionais, tais como: o caipira, carioca, gaúcho, mineiro, baiano, catarinense, paranaense e muitos outros, são percebidos pelos ouvintes com base em crenças profundamente enraizadas. Assim, a possibilidade de se superar as barreiras do preconceito é afetada pelas raízes que o sustentam. Para isso, é preciso considerar as diferentes concepções de papéis de gênero relacionados ao uso das vozes e do reconhecimento dos seus tipos. Trata-se de se considerar a existência de diversos elementos que compõem as raízes do preconceito linguístico e que, mesmo diante de esforços para mudá-las, a dificuldade persiste (BAGNO, 2003; BAGNO, 2007a). No que diz respeito a estas questões, Dacoregio (2021) explicita que o preconceito em relação aos sotaques e referências regionais tem suas raízes em aspectos históricos, sociais, culturais e políticos. Essas raízes são antigas e baseiam-se na concepção de que determinadas regiões são superiores a outras e que determinados sotaques estão associados a regiões marcadas por desigualdades sociais ou consideradas inferiores. Há estereótipos como o Nordeste miserável, o baiano preguiçoso e outras formas de

pensamento que se desenvolveram a partir de preconceitos históricos profundamente enraizados e difíceis de serem modificados.

Assim, a estigmatização causada pelo preconceito histórico, social e econômico desprezita a diversidade linguística. O Nordeste, berço de grandes escritores, pensadores e músicos, é frequentemente associado à imagem de uma região marcada pela miséria, seca e fome, levando as pessoas que precisam de um emprego a busca-lo em outras partes do país. Enquanto isso, o sotaque do carioca e do paulista é visto como símbolo de regiões desenvolvidas, perpetuando a concepção enraizada de que esses sotaques são referências de prestígio (DACOREGIO, 2021). Diante disso, corroboramos as considerações de Bagno (2003) ao argumentar que, para superar o preconceito em relação a sotaques e referências regionais, é necessária uma educação linguística que vá além das crenças históricas e sociais estabelecidas como verdades. A identidade cultural de uma região, comunidade ou grupo não pode ser limitada ou condenada como se fosse menos inteligente ou socialmente inferior. Diante do exposto, enfatizamos a necessidade de se entender a diversidade linguística e valorizá-la como uma forma legítima de expressão e manifestação cultural.

Além disso, Barros (2017) explica que a raiz do preconceito em relação às vozes fora dos padrões masculino e feminino socialmente definidos tem origem na construção social e cultural do patriarcado. Esse sistema definiu papéis e expectativas específicas para homens e mulheres, ignorando-se a diversidade vocal presente em cada indivíduo. Para o autor, a sociedade definiu o que é considerado uma voz socialmente correta, atraente e adequada, tornando-a não apenas uma manifestação da identidade, mas também do gênero. Essa construção está intimamente ligada aos papéis de gênero, que ignoram a realidade de que todos são iguais perante a lei. Essas raízes antigas têm consequências ainda hoje e afetam a saúde mental, além de gerar preconceito para aqueles cuja voz não atende às expectativas em relação ao seu corpo, aparência ou gênero.

Nesse sentido, Silva e Baronas (2019) sustentam que é crucial não ignorar os fenômenos sociais e psicológicos que envolvem o uso da linguagem, como o ato de ouvir e julgar as palavras pela fala de outra pessoa. É necessário, por isso, compreender que a variedade e a variável nos estilos de fala implicam que cada falante deve ser valorizado ou respeitado de forma diferente por cada ouvinte, por razões que devem ser exploradas. No estudo dos estilos de fala, "variedade" refere-se às distintas formas de uma língua que emergem devido a fatores como geografia, cultura e contexto social, levando a diferentes maneiras de se expressar. Por outro lado, "variável" é um elemento específico dentro dessas variedades que pode diferir, como um som, padrão de som, estrutura de palavras ou frase, permitindo a identificação de

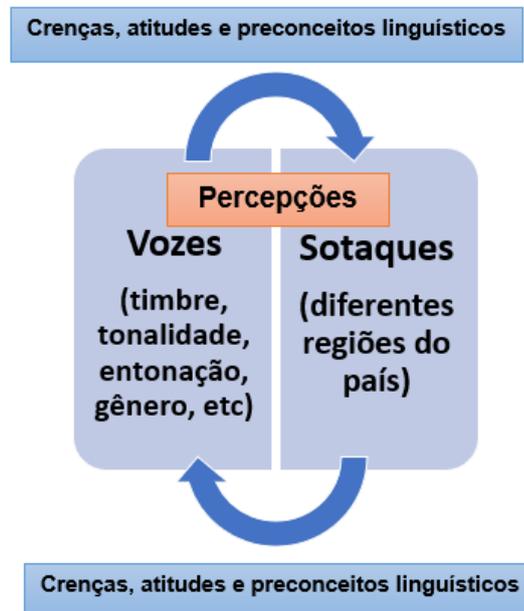
particularidades linguísticas e indicando associações com grupos ou situações específicas na comunicação oral. Concordamos com Bagno (2003) e Bagno (2007a) ao defenderem que as raízes do preconceito encontram obstáculos na realidade ao se tentar superar barreiras. A busca por uma sociedade mais democrática que respeita as diferenças é uma luta contínua. Para enfrentar esse problema social grave, é necessário que haja diferentes estudos e pesquisas na área da sociolinguística para se entender as causas e consequências dos preconceitos linguísticos. Por essas razões, embora haja raízes antigas no preconceito que leva a uma expectativa de uma forma de fala “comum” ou socialmente adequada, mas que é, na verdade, “incomum”, é importante que ocorra a defesa dos direitos linguísticos por meio da realização de pesquisas e de política linguística que respeite tais direitos, a fim de se combater um ideal que se origina mais do conservadorismo e preconceitos inadequados do que da realidade. De outro modo, neutralizar sotaques, evitar referências regionais e discriminar as pessoas com base na voz que não corresponde ao gênero esperado podem continuar a acontecer.

A sociolinguística é uma subárea da linguística que investiga como a língua é utilizada em diferentes contextos sociais, as variações linguísticas empregadas por diferentes grupos de falantes em diferentes situações e como a linguagem é utilizada para expressar identidades sociais, como gênero, idade, etnia e classe social (RICARDO, 2005). Além disso, este campo teórico estuda as atitudes linguísticas, que correspondem às opiniões e crenças das pessoas sobre diferentes formas de linguagem, incluindo preconceitos linguísticos, como a discriminação contra determinados dialetos ou sotaques. Outro assunto relevante da sociolinguística é a mudança linguística, que analisa como as línguas se modificam ao longo do tempo e como esse processo pode ser influenciado por fatores sociais, como migração, urbanização, educação e mídia. Este campo teórico não se restringe apenas ao estudo dos sotaques, mas também considera a cultura e a sociedade. De acordo com tal perspectiva, é necessário estudar as pessoas, suas crenças e características de modo a entendermos melhor como expressam seus pensamentos dentro de sua comunidade. Com isso, essa abordagem busca entender, perceber e interpretar o outro, demandando uma colaboração interdisciplinar, bem como uma compreensão mais ampla da constituição dos indivíduos nos contextos sociais nos quais se inserem.

Nessa perspectiva, conforme Borin (2022) destaca, a concepção do falante pode ser compreendida como o usuário e o agente codificador de seu idioma, porém, é influenciado não somente pelos valores sociais construídos historicamente, mas também por fatores psicológicos estimulados pela educação e cultura. Para alcançar uma compreensão abrangente do que está envolvido no uso da língua e na percepção de outros falantes, a sociolinguística precisa se apoiar

em conhecimentos de áreas como sociologia, psicologia, biologia e fonoaudiologia. Não obstante, além dos valores sociais historicamente construídos, é preciso considerar os aspectos linguísticos, as interações e o impacto disso nas crenças e na constituição psicológica do falante (Borin, 2022). Conforme apontado por Silva e Botassani (2019), a crença é uma estrutura mental composta por representações que se relacionam com o significado que lhes é atribuído, sendo elementos fundamentais em todos os níveis de pensamento e direcionados a um objetivo emocional. Assim, sistematizamos uma representação da correlação entre as vozes e os sotaques como elementos constitutivos ou geradores de crenças, atitudes e preconceitos linguísticos, conforme ilustra a Figura 1.

Figura 1 – Correlação entre vozes e sotaques como elementos geradores de preconceitos linguísticos



Fonte: A autora.

Diante disso, entendemos que as percepções sobre vozes e sotaques, envolvendo o timbre, a tonalidade, entonação, gênero, dentre outros aspectos e as diferentes regiões do país, respectivamente, influenciam-se entre si e são permeadas por crenças, atitudes e preconceitos linguísticos. Nesse sentido, a comunicação verbal pode ser considerada um fenômeno humano complexo, que envolve interação, uso da linguagem, além de aspectos psicológicos, sociais e culturais. Contudo, as crenças podem influenciar a percepção que temos do outro falante, especialmente, em relação a sotaques, referências regionais e vozes consideradas “não padronizadas”.

A criação da Lei Maria da Penha⁹, destinada a proteger mulheres contra a violência de gênero, não tem sido eficaz em erradicar essa prática, o que é preocupante devido a questões relacionadas a aspectos sociais, culturais e psicológicos. Mesmo ciente da incorreção de seus atos e das punições previstas, o agressor persiste em sentir-se no direito de cometer violência. Essa situação estabelece uma analogia com o fenômeno do preconceito linguístico. Bagno (2003) que faz uma analogia entre o preconceito linguístico e outras formas de preconceito, explicita que há um modelo idealizado de língua considerado adequado para a identidade de comportamento do outro, enquanto outras formas de falar são rejeitadas. Tais crenças podem levar à perpetuação do preconceito linguístico, pois o indivíduo pode se sentir no direito de discriminá-lo devido à sua incapacidade de se entender e aceitar a diversidade linguística. Ambas as abordagens, tanto a de Bagno (2003), quanto a Lei Maria da Penha, apontam para a importância de se combater o preconceito, seja ele ligado à violência de gênero, como destacado em relação à Lei Maria da Penha ou ao preconceito linguístico, conforme discutido por Bagno (2003). A correlação entre essas abordagens reside no fato de que, seja no âmbito social, cultural ou psicológico, estas questões requerem uma compreensão mais ampliada das situações que as envolvem para que sejam superadas em relação ao preconceito.

Assim, a correlação entre essas perspectivas sugere que a desconstrução do preconceito, seja linguístico ou de gênero, demanda não apenas ações legislativas, como a Lei Maria da Penha, mas também uma mudança profunda nas percepções sociais e culturais, bem como no entendimento psicológico, para efetivamente combater a perpetuação desses preconceitos. A conscientização sobre a diversidade linguística e a valorização de diferentes formas de expressão são fundamentais para o enfrentamento do preconceito, assim como a luta contra a violência de gênero exige uma abordagem holística para desconstruir padrões arraigados na sociedade.

De acordo com Borin (2022), a sociolinguística precisa analisar aspectos psicológicos para se entender o preconceito linguístico, considerando que a percepção do outro é uma forma de interpretação do mundo baseada em impressões subjetivas. Essas impressões podem ser influenciadas por crenças pessoais e fatores psicológicos que afetam a percepção do outro. Para o autor, a compreensão da sociedade e da diversidade humana requer uma abordagem interdisciplinar que inclui a sociologia, a psicologia, a biologia e a fonoaudiologia. A fonoaudiologia, por exemplo, não deve ser limitada ao ajuste de voz para se atender aos padrões esperados, mas também pode contribuir para a compreensão das diferenças linguísticas e

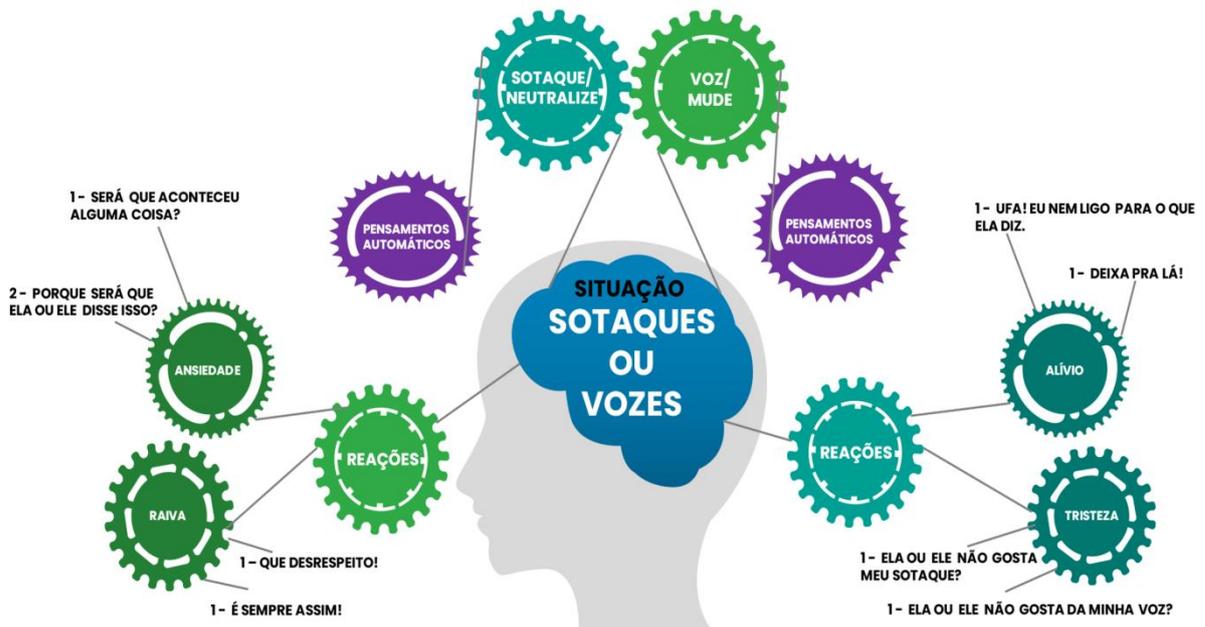
⁹ Esta Lei encontra-se disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm; Acesso em 12/03/24 às 14h30min.

culturais. Essa perspectiva holística ajuda a entender melhor as complexas relações entre linguagem, sociedade e psicologia. Em relação a estas questões, Bagno (2003) e Baronas, Marques e Semczuk (2019) sustentam que, no contexto do preconceito, a sociolinguística pode se valer de aspectos psicológicos para compreender a formação da visão do outro e como fatores internos podem influenciar a percepção do falante, resultando em preconceito.

Dessa forma, não se pode ignorar a influência da formação da personalidade, do ego, da visão de mundo e da empatia com o outro, dentre outros aspectos. Em outras palavras, compreender psicologicamente o indivíduo que manifesta preconceito e, mais especificamente, preconceito linguístico, que é o tema do qual temos tratado, é essencial para se entender sua percepção. A partir disso, outros campos do conhecimento, como a sociologia, também podem ser considerados, uma vez que o ser humano é um ser social, sendo constituído e influenciado por diferentes aspectos relacionados a diversas áreas do conhecimento, e o ambiente e a educação podem ter efeitos significativos em seu processo de formação humana. Consideramos importante destacar que conceitos enraizados podem influenciar a maneira como o indivíduo se percebe e percebe o outro (BAGNO, 2003; BARONAS; MARQUES; SEMCZUK, 2019). Segundo Cagliari (1999), a compreensão dos aspectos psicológicos é fundamental, uma vez que o preconceito linguístico, estudado pela sociolinguística, é uma forma de discriminação social na qual o outro é julgado com base em parâmetros pessoais e não apenas em normas cultas da língua. O julgamento do outro é influenciado por percepções, impressões e entendimentos internalizados pela pessoa que pratica o preconceito e não sendo determinado exclusivamente por fatores sociais. Em suma, a sociolinguística, ao considerar as crenças e influências emocionais, permite-nos entender como a linguagem é utilizada na sociedade e como fatores sociais afetam como a língua é falada e interpretada.

Assim, para Silva e Botassani (2015), quando as pessoas consideram que uma determinada atitude ou característica tem valor e é confiável, é provável passarem a observar as outras pessoas positivamente e comecem a interagir de maneira semelhante. Por outro lado, se a sua crença for negativa ou desfavorável em relação a algo na interação social, o oposto pode ocorrer. Esse princípio também pode ser aplicado ao uso da linguagem, do sotaque e da voz. A seguir, sistematizamos um exemplo sobre como uma mesma situação de uso da voz e do sotaque pode ser interpretada e entendida de diferentes maneiras, conforme ilustra a Figura 2.

Figura 2 – Reações a diferentes situações de comunicação pelo uso da voz e do sotaque



Fonte: A autora.

A Figura acima nos mostra diferentes reações diante de uma mesma situação de comunicação ao ouvirmos um sotaque ou voz diferenciados. Quando as pessoas expressam seus sentimentos das mais diferentes formas por diversos dizeres que podem ser de indignação, de questionamento ou de julgamento de valor, como nos exemplos mencionados, em diferentes situações. Tanto no caso dos sotaques, quando alguém sugere modificá-los ou neutralizá-los, como na questão da voz, quando as pessoas podem sugerir alterações ou a própria pessoa pode sentir o desejo de mudar sua voz por desconforto, é possível que tenhamos pensamentos automáticos desencadeando diversas reações como: ansiedade, raiva, tristeza e alívio, dependendo do contexto e da forma como o preconceito em relação à voz ou sotaque ocorreu, conforme os exemplos de dizeres mencionados na Figura 2.

É natural para os seres humanos terem essas reações iniciais, porém, se ficarmos fixados nesses pensamentos automáticos ou em reações que nos depreciem, é possível que isso nos conduza à necessidade de buscar terapia psicológica para lidar com possíveis transtornos mentais que possam surgir. Esse processo destaca a complexidade das interações a partir das percepções individuais, preconceitos linguísticos e das implicações psicológicas associadas, ressaltando a importância do cuidado com a saúde mental diante dessas dinâmicas. Em relação a contextos como este, de acordo com Silva e Botassani (2019), as crenças das pessoas, sejam positivas ou negativas, podem influenciar na forma como os outros agem em relação a elas e acabam confirmando essas mesmas crenças. O preconceito linguístico e vocal é um resultado

de conceitos gerados historicamente que afetam a percepção das pessoas. No entanto, é importante compreender esses conceitos em vez de ignorá-los. A Figura 3 ilustra como ocorrem as crenças centrais e intermediárias, bem como os pensamentos automáticos.

Figura 3 – Crenças centrais, intermediárias e pensamentos automáticos



Fonte: A autora.

Na Figura 3, as crenças relacionadas ao sotaque e à voz podem ser categorizadas em diferentes níveis, conforme explicitam Neufeld e Cavenage (2010, p. 5-6), a saber: a) centrais, representando as convicções internas pessoais, “relacionadas ao próprio indivíduo, às outras pessoas ou ao mundo”, representando “os mecanismos desenvolvidos pelas pessoas para lidar com as situações cotidianas, ou seja, a maneira como os indivíduos percebem a si mesmos, aos outros e ao mundo, e ao futuro, sendo esta percepção chamada de tríade cognitiva”; intermediárias, refletindo as percepções sobre como os outros podem pensar, sendo “regras, atitudes ou suposições [...]” (LEAHY, 2006); e a geração de pensamentos automáticos, sendo suposições relacionadas a atitudes positivas ou negativas quanto ao uso de vozes e sotaques e “fazem parte de um fluxo de processamento cognitivo subjacente ao processamento consciente. Geralmente, são particulares ao indivíduo e ocorrem de maneira rápida através da avaliação do significado de episódios de sua vida” (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008). Por exemplo, o pensamento de que é terrível não ter um sotaque bonito, mas que, ao modificá-lo, as pessoas podem considerá-lo atraente. Da mesma forma, a crença de que é terrível ter uma voz de determinada maneira, por poder desagradar. Porém, se uma pessoa aprecia sua voz, esses pensamentos podem ser positivos, resultando em alívio ou ignorando aquela situação, ou podem nos manter aprisionados negativamente, gerando desconforto e sentimentos de incapacidade,

como a convicção de que não é possível realizar determinadas mudanças. Essas situações destacam a complexidade das crenças sobre sotaque e voz, enfatizando como esses pensamentos automáticos podem influenciar nas atitudes individuais ou sociais e modificar o bem-estar psicológico. Conforme explicitamos anteriormente, as crenças centrais referem-se a nossa identidade, ou seja, a como nos enxergamos como, por exemplo, quando os indivíduos já possuem a crença de que o seu sotaque e voz não são bons. Essa crença pode ser formada desde a infância por meio de experiências positivas ou negativas. Em seguida, temos as crenças intermediárias, que dizem respeito ao que pensamos sobre o que os outros pensam socialmente, a partir das atitudes que percebemos que os outros têm em relação a nós ou de suposições que fazemos sobre isso (LOURENÇO, 2021). Assim, enquanto o falante pode gostar da sua voz e sotaque, o indivíduo pode não gostar por pensar que os outros também não gostam. Os pensamentos automáticos gerados por essas crenças podem levar a diferentes reações em uma determinada situação, como ansiedade, raiva, alívio e tristeza, dependendo da experiência vivida. Se as experiências são positivas, podemos ter ansiedade, raiva e alívio, mas se as atitudes atribuídas à voz ou ao sotaque de uma pessoa são negativas, essas crenças são influenciadas por pensamentos automáticos, gerando ansiedade, raiva e tristeza e a pessoa pode precisar de atendimento especializado em terapia psicológica (FERREIRA, 2020).

Ademais, segundo Ferreira (2020), as crenças intermediárias ou subjacentes, referentes a construções cognitivas disfuncionais que consistem em regras, suposições, normas e atitudes que influenciam o comportamento do indivíduo, são estabelecidas na forma condicional pelo dos termos “se/então”, como, por exemplo, “*se eu fizer tudo para minha mãe, então ela vai me amar*”. E essas crenças, que têm relação com o valor hereditário e com o merecimento, são de natureza psicológica e formadas ainda na infância. Tais crenças influenciam diretamente nossas escolhas e decisões em diversas áreas da vida, tais como: pessoal, profissional, emocional e material. Nessa perspectiva, segundo Bela e Pontes (2001), se um membro da família possui a crença de que a voz deve ser de determinada maneira, ele pode expressar essa suposição ao se referir a um homem com voz fina, dizendo: “fale como homem!”. Isso ocorre porque muitas pessoas pensam que todas as vozes masculinas devem ser grossas, o que não é verdade.

Conforme os preceitos de Fritsch, Oliveira e Bela (2011), desde cedo o comportamento vocal dos pais pode influenciar o aprendizado vocal das crianças, uma vez que modelam seu comportamento consoante com os adultos ao seu redor. Além disso, falar com um volume de voz aumentado é possível ser uma forma de obter atenção, liderança e aceitação do grupo. No entanto, quando esse hábito se torna crônico e excessivo, é provavelmente considerado um comportamento abusivo e inadequado em relação à voz, sobrecarregando o trato vocal e

causando desequilíbrios na fisiologia vocal, possibilitando alterações na voz e, em casos mais graves, ao aparecimento de nódulos nas cordas vocais.

Por tudo isso, a compreensão das reações aos sotaques e vozes fora do padrão deve ser examinada em relação aos conceitos que as originam. Estes incluem a crença de que existe um sotaque neutro e que suavizar os sotaques é correto. Além disso, há a crença de que a voz feminina ou masculina deve ter um determinado tipo de frequência tom/timbre. O conceito de homogeneidade na forma de se usar a voz e a língua deve ser substituído pelo reconhecimento da heterogeneidade (BAGNO, 2003; TERRA, 2021). Nesse sentido, Bagno (2007a) argumenta que é preciso combater a concepção de que existe um sotaque neutro que representa a forma adequada de se falar uma língua. O simples ato de ouvir a língua sem considerar a sua heterogeneidade pode levar os indivíduos a padronizar o que é considerado correto ou incorreto, desvalorizando alguns sotaques em favor de um único considerado adequado, gerando uma expectativa de se usar um tom de voz comum e esperado.

Segundo os termos de Beirula (2021), as noções depreciativas de localização regional, como a hierarquização de regiões superiores e menos desenvolvidas, podem influenciar nas percepções linguísticas. Em outras palavras, as concepções pré-existentes decorrentes de processos históricos, sociais e econômicos tendem a afetar a maneira como um sotaque ou uma voz é percebida. Se houver a intenção de modificar a realidade, é válido eliminar conceitos aplicados como se fossem normais, como a suavização de sotaque, adequação de timbre ao gênero e o trabalho da voz ou fala para se atingir um padrão considerado como “bem falar”. Reconhecer que existe um padrão comercial para a mídia, que privilegia sotaques sem regionalismo e vozes tomadas como adequadas para homens e mulheres, que há uma hierarquia de regiões que precisa ser combatida, é o primeiro passo para lutar contra isso (BAGNO, 2003; BEIRULA, 2021). No que tange às questões de gênero, Terra (2021) explicita que os conceitos que levam ao preconceito linguístico, considerados sociais, estão relacionados à concepção de papéis de gênero. É necessário, portanto, combater a concepção de polarização entre certo e errado, pois a heterogeneidade da língua pode ser respeitada mesmo ao se ensinar a escrita culta e a pronúncia das palavras, pois os sotaques existem e não devem ser ignorados.

A nosso ver, o pertencimento é uma questão complexa e multifacetada. Fazer parte de um grupo social pode propiciar segurança, construção de uma identidade e senso de pertencimento, mas a falta de pertencimento pode ter efeitos negativos na saúde mental. No entanto, algumas pessoas preferem ficar sozinhas, valorizando sua individualidade e independência. O equilíbrio entre o desejo de pertencer a um grupo e a necessidade de autonomia e independência é essencial. De outro modo, a exclusão social pode causar

sofrimento e trauma, portanto, é fundamental fornecer apoio emocional e criar espaços seguros para essas pessoas.

A prática frequente de ajuste da voz ou suavização do sotaque vocal pode ser algo comum, porém, tal ato pode resultar na diminuição da singularidade e senso de pertencimento pessoal, em detrimento da manutenção das características regionais e vocais, depreciando a diversidade da expressão verbal. Daí a importância de se entender os preconceitos linguísticos e vocais, que se entrelaçam por meio de fatores psicossociais e culturais. Diante disso, a nosso ver, a sociolinguística é fundamental para a compreensão das questões relacionadas ao preconceito linguístico no que tange ao uso da voz e do sotaque, visto que a percepção e o relacionamento com o outro são aspectos complexos e que devem ser estudados. A seguir, trataremos do percurso e dos procedimentos metodológicos de nossa pesquisa.

4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O propósito desta seção é descrever o percurso metodológico adotado em nossa pesquisa, detalhando os procedimentos utilizados para alcançar os objetivos propostos. Sendo assim, trataremos do contexto de produção da pesquisa, descrevendo o local, os participantes envolvidos, os horários de realização, a coleta e geração de dados, bem como os procedimentos de análise. Na sequência, discorreremos sobre a natureza da pesquisa e o tratamento dos dados, propiciando uma maior compreensão acerca da nossa investigação.

4.1 O contexto de produção da pesquisa

Visando a discorrer sobre o contexto de produção da pesquisa, fundamentamos nossos estudos nos pressupostos teóricos de Bakhtin (1986/1997), dada a sua relevância para a compreensão do papel da linguagem nas ações dos sujeitos e na influência de seu uso na sociedade. Nesse sentido, desenvolvemos esta descrição do contexto de produção, que nos permite, consoante o autor, aprofundar nossa compreensão sobre o fenômeno investigado.

Nessa perspectiva, Bakhtin (1986, p. 276) define o contexto de produção como sendo “o caminho pelo qual a realidade social partilhada pelos indivíduos torna-se condição essencial para que a língua se una à fala e se torne processo de comunicação capaz de produzir atos de fala”. Para o autor, esse processo dialógico é fundamental para a compreensão do acontecimento do uso da língua. Nesse sentido, Bakhtin (1986, p. 277) enfatiza que a linguagem é sempre um diálogo, sendo o verdadeiro objeto de estudo da Linguística o caminho pelo qual a realidade social se integra à língua e se manifesta na fala. A palavra, para Bakhtin, é um signo social, carregado de significados negociados, negados, assumidos e compartilhados socialmente. Assim, o dialogismo, como princípio constitutivo da linguagem, é essencial para compreendermos o ser humano como um sujeito dialógico, em constante interação com seu meio e com os outros. Desse modo, a linguagem, em Bakhtin, é relacionada aos contextos que constituem as pessoas, tomando a palavra, como signo social, que carrega consigo não apenas aspectos técnicos e morfológicos, mas também valores, crenças e significados que são socialmente construídos. O sujeito, na visão bakhtiniana, é um ser dialógico, incompleto, que se constitui na relação com o outro. A palavra, nesse contexto, não é apenas um meio de comunicação, mas também conteúdo da própria atividade psíquica, sendo portadora de um constante dinamismo.

Com isso, Bakhtin propõe uma visão radical da alteridade, na qual o outro não é visto como algo externo, mas como alguém que contribui para a construção do eu. O dialogismo, nessa perspectiva, enquanto confronto de entoações e sistemas de valores, possibilita a coexistência de diversas visões de mundo acerca de um tema específico. O ser humano, para Bakhtin, é um intertexto, atravessado pelas palavras do outro em uma constante interação. Diante disso, entendemos que abordagem bakhtiniana destaca a centralidade da linguagem, do diálogo e da interação social e que estes elementos se entrelaçam na construção do sujeito, constituindo-se na relação com os outros pelo contexto histórico e cultural no qual está inserido. Considerando-se tais princípios, discorreremos sobre o contexto de produção da nossa pesquisa. Primeiramente, quanto ao local de produção da pesquisa, em relação à coleta de dados, ocorreu em uma escola pública pertencente à rede Estadual de Ensino, situada em um município do interior do Estado do Paraná.

No que se refere à descrição do local de coleta de dados, as instalações da escola mencionada são bem organizadas e mantidas limpas, com mobiliário adequado para facilitar o processo de aprendizado. Em relação à organização das turmas, a escola possui apenas turmas de Ensino Médio, com três turmas pela manhã, duas turmas à tarde e uma à noite.

No que diz respeito ao momento e duração da coleta de dados, ocorreu da seguinte forma: a) quanto ao primeiro grupo, que gravou um mesmo texto, esta gravação ocorreu no tempo de cada participante, conforme sua disponibilidade; e, b) quanto ao segundo e terceiro grupos (considerados informantes e/ou respondentes), que respondeu a um questionário *online* via *Google Forms* sobre as gravações do texto mencionado, esta aplicação ocorreu nas dependências da escola supracitada, conforme a disponibilidade dos participantes. Sendo assim, uma parte da coleta de dados por meio do questionário *online* ocorreu em 21 de março de 2023, uma terça-feira pela manhã, às 8h30min, envolvendo o segundo e o terceiro grupos com os professores e os alunos do Ensino Médio. No entanto, como uma professora do segundo grupo não conseguiu terminar o preenchimento do questionário, retornou no dia 23 de março à tarde, em uma quinta-feira para fazê-lo. Além disso, outro professor, indicado pela diretora, também respondeu ao questionário nesta data. Quanto ao segundo grupo dos estudantes, duas estudantes do gênero feminino e um estudante do gênero masculino responderam ao questionário na mesma data, às 14h.

O terceiro grupo considerado de respondentes foi dividido em trios pela diretora do Colégio, a fim de ouvir as vozes dos 5 áudios gravados pelo primeiro grupo, respondendo a 18 perguntas do questionário via *Google Forms* para cada um dos cinco áudios gravados. Para isso, um *link* foi disponibilizado para o segundo e terceiro grupos, que respondeu às perguntas

do questionário após ouvir as gravações. Para acessar o questionário, professores e alunos forneceram seus contatos pessoais para receberem o *link* deste questionário via *WhatsApp*. Antes de responderem, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participação da pesquisa, conforme aprovação¹⁰ pelo CEP da Universidade Estadual do Paraná.

No que tange aos participantes da pesquisa, tomando os aportes do ISD (BRONCKART, 1997[2009]), em relação ao contexto de produção, os quais também nos orientam a olhar para seus elementos constitutivos, de um lado, temos o enunciador, do ponto de vista de quem organiza a pesquisa, sendo pesquisadora e, do ponto de vista da coleta de dados, temos os três grupos de participantes, a saber: o primeiro grupo de cinco pessoas, de diferentes regiões do Brasil, que gravaram um mesmo texto, uma poesia, ouvida pelos outros dois grupos de informantes; um segundo grupo de três professores de língua portuguesa; e, um terceiro grupo de três estudantes. Estes dois últimos grupos são do Ensino Médio, da rede estadual e responderam ao questionário após ouvir os áudios das gravações do texto selecionado pela pesquisadora.

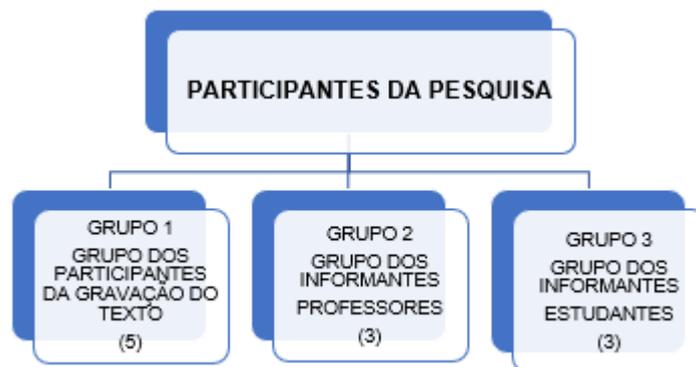
A escolha de uma variedade de vozes para o primeiro grupo referente à gravação de um mesmo texto na coleta de dados foi motivada por diversos fatores. Inicialmente, a consideração da variação regional foi um ponto de partida, levando-nos à inclusão de vozes provenientes de diferentes regiões, com o propósito de investigar como o sotaque afeta a interpretação auditiva por parte de professores e estudantes. Adicionalmente, a inclusão de vozes de várias regiões enriquece a análise, fornecendo uma compreensão mais ampla sobre como a cultura e a comunicação influenciam a percepção dos participantes do estudo. Além disso, esta seleção também abarcou vozes agudas (consideradas finas para o gênero masculino, mas não exclusivas destes indivíduos) e graves (interpretadas como grossas para o gênero feminino, mas não exclusivas destas pessoas), devido ao fato de serem consideradas incomuns quando ouvidas na sociedade. Por último, selecionamos uma variedade de vozes de sujeitos com faixa etária diferente, no sentido de entendermos de que forma a idade influencia a percepção vocal. Essa abordagem diversificada visa a oferecer uma compreensão abrangente das complexidades envolvidas na interpretação e avaliação das vozes humanas.

¹⁰ Nosso projeto de pesquisa obteve aprovação pelo CEP, o Comitê de Ética da Unespar sob CAAE, número 63840722.4.0000.9247, com número do Parecer 5.804.793, em 9 de dezembro de 2022. Após esta aprovação, enviamos Carta Convite e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos participantes de nossa pesquisa.

Selecionamos esta turma do Ensino Médio por ter o maior número de alunos e por se preparem para o vestibular, de modo que nossa investigação pudesse contribuir de alguma maneira ao seu ingresso no Ensino Superior, propiciando um olhar voltado para algumas questões sociais, conforme discussão proposta nesta pesquisa. Quanto ao destinatário, de outro lado, temos os informantes da coleta de dados, já mencionados, e também a própria pesquisadora.

Assim, sistematizamos sua organização conforme a Figura 4, de modo a propiciar uma maior visualização sobre os grupos de participantes e de informantes envolvidos em nossa pesquisa. Ao nos referirmos a estes grupos, os denominados de grupo 1 (participantes da gravação do texto), grupo 2 (professores como informantes) e grupo 3 (estudantes como informantes).

Figura 4 – Participantes da pesquisa



Fonte: A autora.

Quanto ao objetivo da interação durante o processo de coleta de dados, buscamos identificar as percepções dos dois grupos de professores e dos estudantes sobre as gravações do primeiro grupo de cinco pessoas de diferentes lugares do Brasil em relação a vozes, sotaques, suas crenças, atitudes e preconceitos linguísticos.

No que se refere ao papel social de nossa proposta de investigação, levamos em conta que cada região possui seus próprios sotaques, dialetos e vozes, representando uma expressão única da identidade local. Ao explorar as crenças e atitudes em relação a essas variedades linguísticas e vocais, entendemos que nossa pesquisa contribui para a valorização e preservação desse patrimônio cultural. Ademais, este estudo permite uma análise mais aprofundada das percepções relacionadas aos regionalismos linguísticos. Ao investigar como as pessoas interpretam e reagem a diferentes sotaques e vozes, abre-se espaço para uma reflexão crítica

sobre estereótipos linguísticos, propiciando-se uma compreensão mais justa e equitativa das diferentes formas de expressão, bem como contribuindo para qualquer tipo de preconceito sobre o direito de expressão.

Ao pesquisar sobre preconceitos linguísticos e vocais e desconstruir estigmas associados a determinados sotaques e vozes, buscamos contribuir para uma sociedade mais inclusiva, pois, a nosso ver, valorizar e respeitar todas as formas de expressão linguística é fundamental para construir pontes de entendimento e promover a igualdade no cenário linguístico brasileiro.

Com isso, pensamos que as percepções resultantes da experiência vivenciada pelos participantes desta pesquisa, incluindo professores e estudantes, possam ser valiosas para enriquecer não apenas o contexto escolar examinado, mas também para beneficiar a comunidade educacional que envolve os mesmos ao apresentar as questões sociais tratadas nesta investigação. Como contribuição, disponibilizamos esses resultados e pesquisa aos participantes dos três grupos, a fim de que possam contribuir às práticas educativas e às interações em seu ambiente escolar. Além disso, entendemos que nossa investigação, a partir dos dados analisados, pode contribuir para uma discussão social mais ampla acerca das crenças, atitudes e preconceitos linguísticos. A seguir, abordaremos a natureza da pesquisa.

4.2 A natureza da pesquisa

A pesquisa realizada possui um caráter exploratório (GIL, 2002/2008) e descritivo (Triviños, 1987) e pauta-se na abordagem mista de pesquisa (CRESWELL, 2015; CRESWELL; CLARK, 2018), envolvendo ambas as abordagens, a qualitativa e a quantitativa. No que diz respeito à pesquisa exploratória, Marconi e Lakatos (2003) destacam a importância de se explorar um assunto, tema ou processo, dentre outros aspectos. Já a pesquisa descritiva visa não somente a explorar, mas também a descrever o que foi investigado. Tanto Gil (2008), quanto Triviños (1987) enfatizam a natureza social da linguagem e a importância do contexto sociocultural na construção do conhecimento e significado.

Quanto à pesquisa mista, segundo Marconi e Lakatos (2003), trata-se de uma metodologia que envolve tanto a quantificação de parte dos resultados, quanto a análise das informações subjetivas dos dados, a fim de se sistematizar o conteúdo qualitativo dos resultados obtidos. Isso é possível porque o questionário aplicado aos participantes da pesquisa possui questões abertas e fechadas. Assim, uma abordagem pode complementar o significado da outra, permitindo uma maior compreensão do que os dados podem oferecer e as possíveis relações entre as duas perspectivas.

Com isso, realizamos a quantificação de alguns dados obtidos, identificando sua predominância, de modo a compreender o que isso pode indicar, significar e/ou implicar. Para isso, também consideramos o que Triviños (2012, p. 123) destaca sobre a importância de se entender os aspectos sociais e históricos do fenômeno estudado. Nesse sentido, compreendemos que, em consonância com a perspectiva da pesquisa interdisciplinar e da Teoria da Complexidade, aspectos relacionados à cultura e à economia são fundamentais para a interpretação dos dados, tanto os objetivos/fechados, quanto os subjetivos/abertos, permitindo-nos uma análise mais aprofundada dos resultados obtidos. Nesse sentido, corroboramos os estudos de Creswell (2015, p. 2), acerca da necessidade de se empregar métodos mistos, uma vez que a utilização isolada de métodos qualitativos ou quantitativos pode não ser suficiente para uma compreensão consistente de um determinado problema, ao explicitar que

Uma abordagem para pesquisar nas ciências da saúde, comportamentais e sociais, nas quais o investigador reúne ambos os dados quantitativos (fechados) e qualitativos (abertos), integra os dois, e então elabora interpretações baseadas nas forças combinadas em ambos os conjuntos de dados para entender problemas de pesquisa. Uma pressuposição central dessa abordagem é que quando um pesquisador combina tendências estatísticas (dados quantitativos) com histórias e experiências pessoais (dados qualitativos), esta força coletiva propicia uma melhor compreensão do problema de pesquisa que por outra forma de dados isoladamente¹¹ (CRESWELL, 2015, p. 2, tradução da autora).

Em outras palavras, ambas as abordagens são complementares e podem contribuir para um trabalho de análise mais efetivo no desenvolvimento da pesquisa. Nessa perspectiva, Creswell (2015, p. 15) defende que a pesquisa qualitativa não pode ser usada para generalizar dados de um pequeno grupo para uma grande população, visto que não se pode medir as emoções e sentimentos das pessoas. Por isso, optamos por empregar uma abordagem quantitativa para investigar a existência de crenças sobre a homogeneidade do uso da língua, possíveis preconceitos linguísticos em relação aos sotaques e vozes identificáveis, além de identificar sotaques e vozes privilegiados em diferentes regiões, conforme os dados que coletamos. Diante disso, reafirmando os estudos de Creswell (2015), optamos por incluir a pesquisa qualitativa em nossos estudos, por nos permitir uma compreensão mais ampliada sobre

¹¹ Do original, “An approach to research in the social, behavioral, and health sciences in which the investigator gathers both quantitative (closed-ended) and qualitative (open-ended) data, integrates the two, and then draws interpretations based on the combined strengths of both sets of data to understand research problems. A core assumption of this approach is that when an investigator combines statistical trends (quantitative data) with stories and personal experiences (qualitative data), this collective strength provides a better understanding of the research problem than either form of data alone”. (CRESWELL, 2015, p. 2).

a percepção dos alunos e professores envolvidos nesta pesquisa em relação ao uso de vozes e sotaques Trata-se de um desafio no que tange à identificação das percepções sobre vozes e sotaques regionais, envolvendo crenças, atitudes e preconceitos linguísticos.

4.3 Coleta e geração dos dados

Considerando-se a importância de uma maior compreensão dos procedimentos metodológicos de nossa pesquisa, sistematizamos as informações referentes a nossos objetivos, perguntas de pesquisa, conjunto de dados e procedimentos e/ou critérios de análise, por meio de um plano global, conforme ilustrados no Quadro 2.

Quadro 2 – Procedimentos metodológicos

Objetivo geral: Investigar crenças e preconceitos linguísticos, de acordo com as percepções de estudantes e professores acerca do uso de vozes e sotaques regionais.			
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERGUNTAS DE PESQUISA	DADOS	PROCEDIMENTOS/ CRITÉRIOS DE ANÁLISE
1) Identificar as características atribuídas aos falantes das gravações pelos professores e estudantes do Ensino Médio após ouvirem o áudio de cada um dos 5 participantes da tarefa de gravação de um mesmo texto.	1) Quais são as características atribuídas aos falantes das gravações pelos professores e alunos do Ensino Médio após ouvirem o áudio de cada um dos 5 participantes da tarefa de gravação de um mesmo texto?	- Questionário <i>on-line</i> via <i>Google Forms</i> junto a professores e estudantes da Educação Básica.	- Teoria da Complexidade (Morin, 2005, 2010): princípios hologramático e recursivo; - Variáveis, tais como: gênero, idade, nível de escolaridade, atuação profissional e sotaques, dentre outros gerados pelos próprios dados.
2) Indicar as atitudes positivas ou negativas em relação a cada sotaque apresentado nos áudios, fornecidas pelos professores e alunos, ao ouvir os áudios das gravações.	2) Quais são as atitudes positivas ou negativas em relação a cada sotaque apresentado nos áudios, fornecidas pelos professores e alunos, ao ouvir os áudios das gravações?		
3) Identificar os fatores que influenciam na apreciação ou desaprovação dos informantes sobre a voz ouvida nos áudios.	3) Quais são os fatores que influenciam na apreciação ou desaprovação dos informantes sobre a voz ouvida nos áudios?		

Fonte: Elaborado pela autora.

Com isso, para a coleta e geração de dados, inicialmente, selecionamos um texto que é um trecho do poema de Bráulio Bessa¹², como mostra a Figura 5, que foi lido e gravado em áudio pelo grupo dos cinco participantes de diferentes regiões do Brasil, a fim de que os outros dois grupos de participantes de professores e estudantes do Ensino Médio ouvissem os áudios para responderem ao questionário elaborado para a identificação e/ou reconhecimento de vozes e sotaques, conforme proposto por nossos objetivos.

As gravações deste texto foram realizadas por indivíduos com distintos sotaques e vozes, provenientes de diversas regiões do Brasil. Os participantes incluem uma mulher heterossexual nordestina, um homem heterossexual paulistano, uma mulher trans alagoana, um homem trans carioca e um homem homossexual gay paranaense. Dessa forma, cada *link* foi direcionado a ambos os grupos de informantes da pesquisa, tanto os professores quanto os alunos, de modo a facilitar a resposta ao questionário. Ou seja, obtivemos para as gravações do texto as seguintes vozes: voz feminina - mulher nordestina, voz masculina - homem paulistano, voz mulher trans - alagoana, voz homem trans - carioca e voz homossexual gay - paranaense.

Figura 5 - Recorte do Poema de Bráulio Bessa



Bráulio Bessa
Poema

RECOMECE

Quando a vida bater forte e sua alma sangrar, quando esse mundo pesado lhe ferir, lhe esmagar... É hora do recomeço.	Recomece a CAMINHAR. Quando o mal for evidente e o amor se ocultar, quando o peito for vazio, quando o abraço faltar... É hora do recomeço. Recomece a AMAR.
Recomece a LUTAR. Quando tudo for escuro e nada iluminar, quando tudo for incerto e você só duvidar... É hora do recomeço. Recomece a ACREDITAR.	Quando você cair e ninguém lhe aparar, quando a força do que é ruim conseguir lhe derrubar... É hora do recomeço. Recomece a LEVANTAR."
Quando a estrada for longa e seu corpo fraquejar, quando não houver caminho nem um lugar pra chegar... É hora do recomeço.	

Fonte: Disponível em: <https://www.brauliobessa.com/post/recomece>.

¹² Trata-se da obra intitulada *Recomece* (2018), “que incentiva o leitor a escrever sua própria história, com base no célebre poema de Bessa. Estas informações encontram-se disponíveis em: https://www.pensador.com/poemas_de_braulio_bessa_para_trazer_motivacao/

Na sequência, para selecionar as vozes a serem incluídas em gravações de áudio, escolhemos 5 pessoas de diferentes regiões sem nenhum vínculo familiar ou contato com a pesquisadora. Essas vozes escolhidas são consideradas “incomuns” por serem raramente ouvidas ou observadas na região na qual a pesquisa foi realizada. Nosso principal objetivo foi o de garantir e destacar a diversidade de sotaques e vozes. Para tanto, buscamos por algumas pessoas, inteirando-as sobre nossa proposta de pesquisa e, se concordassem em participar do nosso estudo, direcionaríamos essas pessoas para o Instagram para obter informações mais detalhadas e também para fornecer informações acerca da proposta de nossa pesquisa. Somente após fornecerem seus contatos de *WhatsApp* e *e-mail*, e após explicarmos o teor de nossa investigação, bem como obter a concordância destes participantes, é que enviamos os Termos de Autorização de uso de imagem e voz a eles. Com isso, coletamos as vozes dos participantes, totalizando cinco vozes, por meio da gravação de um único texto selecionado para uma leitura. O intuito era possibilitar que essas gravações pudessem ser posteriormente ouvidas pelo segundo grupo de participantes, composto por três professores e três estudantes do Ensino Médio. Esse grupo teve a oportunidade de ouvir as gravações e responder a um questionário que abordava suas percepções em relação às vozes ouvidas.

Esta proposta de coleta de dados teve como objetivo capturar vozes e sotaques “incomuns”, provenientes de diferentes regiões do Brasil. Entretanto, houve dificuldade em se obter as assinaturas dos termos de autorização das vozes, uma vez que as gravações das vozes eram realizadas em horários distintos e fora do horário comercial.

Inicialmente, investigamos algumas vozes na rede social *Tik Tok*, a fim de constatar se os possíveis participantes se adequavam à proposta de nossa pesquisa e se concordavam em participar deste estudo. Durante as transmissões ao vivo no *Tik Tok* em *lives*, em alguns casos específicos, uma pergunta era feita diretamente para a pessoa da *live* em específico, com mais de 500 pessoas assistindo, e a mesma respondia em tempo real. Outras vozes eram assistidas em seus vídeos disponíveis em seu perfil *Tik Tok* e enviamos mensagens no privado caso aquela voz fosse escolhida pelo pesquisador. Essa abordagem não apenas permitiu uma avaliação mais precisa das opiniões e perspectivas das pessoas envolvidas para as respostas do questionário sobre as vozes escolhidas, mas também ressaltou minha vontade de me envolver com diversos contextos sociais e explorar perspectivas variadas na busca pelo conhecimento interdisciplinar.

Após a fase de busca e identificação dos participantes para a gravação do texto, os cinco participantes selecionados foram devidamente informados sobre a natureza da pesquisa e seus objetivos, além de receberem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, fornecido pela pesquisadora, conforme aprovação já mencionada neste trabalho pelo CEP da Universidade

Estadual do Paraná. Após a assinatura do termo, os participantes enviaram a gravação do texto à pesquisadora.

A coleta das vozes utilizadas nesta pesquisa foi conduzida pela própria pesquisadora, que recebeu os áudios por meio de mensagens no aplicativo *WhatsApp*. Estes áudios foram devidamente armazenados para que pudessem ser disponibilizados aos participantes do segundo e terceiro grupos, compostos por estudantes e professores. Dessa forma, foi possível garantir que os dados fossem acessíveis e utilizados na etapa subsequente.

Para garantir maior qualidade e intensidade na percepção dos áudios das vozes e sotaques das pessoas do A1, A2, A3, A4 e A5, no momento de resposta ao questionário, na data agendada, a pesquisadora levou uma caixa de som com tecnologia *Bluetooth* da marca Philco - modelo PCX9000 para o ambiente onde ocorreria a coleta de dados. Essa caixa de som foi utilizada durante o preenchimento do questionário *online*, permitindo que os participantes ouvissem os áudios com maior clareza e nitidez sonora.

Quanto aos outros dois grupos de informantes da pesquisa, envolvendo três professores e três estudantes de uma turma de 3º ano do Ensino Médio, não tiveram conhecimento prévio sobre os sotaques e vozes gravados nos áudios pelo primeiro grupo de participantes. Ambos os grupos de informantes pertencem a uma rede pública e estadual de ensino do interior do Paraná, os quais foram devidamente informados sobre a natureza da pesquisa e seus objetivos, recebendo um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, fornecido pela pesquisadora, conforme aprovação pelo CEP da Unespar, já mencionada. Após a assinatura do termo, os participantes receberam um *link* para acessar o questionário *online* por meio do aplicativo *WhatsApp*.

Primeiramente, os professores e os estudantes leram o texto do Bráulio Bessa para, em seguida, ouvir a gravação dos cinco áudios e responder às perguntas do questionário. Estes áudios foram disponibilizados apenas no momento de preenchimento do questionário *online*, em um horário presencial, e por meio de um *link disponibilizado* na data agendada junto à escola, aos professores e alunos envolvidos nesta pesquisa.

As perguntas deste questionário foram respondidas por meio de cinco *links* distintos do *Google Forms*, correspondentes ao número de gravações do texto selecionado, com diferentes vozes representativas de algumas variáveis, a saber: voz feminina - mulher nordestina, voz masculina - homem paulistano, mulher trans - alagoana, homem trans - carioca e homossexual gay - paranaense. Assim, cada *link* foi direcionado a ambos os grupos de

informantes da pesquisa, dos professores e alunos, a fim de facilitar a resposta ao questionário. As perguntas deste questionário e sua orientação estão sistematizadas no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 - Questionário para professores e alunos do ensino médio

Ouç a cinco áudios de gravações, de um mesmo texto, realizadas por vozes diferentes, e responda as perguntas a seguir sobre cada um dos áudios ouvidos.

- 1) Após ouvir cada áudio da gravação, pela voz que você ouvir, imagine quem possa estar falando e descreva como essa pessoa é?
- 2) O que leva você a pensar que ela ou ele é assim?
- 3) Você gosta do sotaque apresentado no áudio escutado?
() Sim () Não () Gosto parcialmente
- 4) Justifique sua resposta à pergunta anterior.
- 5) Você sabe à qual região do Brasil este sotaque pertence?
() Sim () Não
- 6) Se você respondeu SIM na pergunta anterior, mencione a região do Brasil à qual este sotaque pertence. Se respondeu NÃO, mencione a região do Brasil à qual você ARRISCA dizer que ela pertence.
- 7) Como você imagina que é a região do Brasil à qual este sotaque pertence? Descreva o que imaginar.
- 8) Como você imagina que são ou vivem as pessoas desta região? Que características você pensa que elas têm?
- 9) Você gosta da voz ouvida no áudio?
() Sim () Não () Gosto parcialmente
- 10) Justifique sua resposta à pergunta anterior.
- 11) À qual gênero (sexo)/orientação sexual pertence à voz do áudio ouvido? (masculino, feminino, Lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário, crossdresser, etc.).
() Masculino () feminino () outros LGBTQI+
- 12) Porque você pensa que o gênero da voz do áudio ouvido é a que você identificou?
- 13) Na sua opinião, qual seria a idade da pessoa que falou no áudio?
() 18 a 23 anos () 24 a 29 anos
() 30 a 35 anos () 36 a 41 anos
() 42 a 47 anos () 48 a 53 anos
() Acima de 54 anos
- 14) O que te fez considerar que esta pessoa tem a idade que você indicou na pergunta anterior?
- 15) Você considera a pessoa do áudio escolarizada?
() Sim () Não () Parcialmente escolarizada
- 16) Justifique sua resposta à pergunta anterior.
- 17) A pessoa que falou nos áudios e comunica bem, na sua opinião?
() Sim () Não () Parcialmente bem
- 18) O que faz você pensar na sua resposta dada à pergunta anterior. Justifique sua resposta.

Fonte: A autora.

Após a coleta de dados, realizamos a compilação das informações no sentido de gerar dados para as análises. Quanto à identificação dos participantes dos três grupos, organizamos este trabalho por áudio em relação a cada pessoa, designando-as como áudios: A1, A2, A3, A4 e A5. Enquanto isso, o segundo grupo de estudantes foi identificado como estudantes: E1, E2 e E3, e os professores como: P1, P2 e P3. Na sequência, discorreremos sobre os procedimentos de análise no tópico a seguir.

Nosso trabalho culminou com a análise, descrição e interpretação das correlações encontradas entre Vozes e Sotaques Regionais, acústica e perceptual das vozes. Por fim, sistematizamos os resultados das análises por meio de quadros para evidenciar melhor as respostas.

4.4 Tratamento dos dados: procedimentos de análise

Para as análises, utilizamos uma abordagem mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos (CRESWELL, 2015; CRESWELL; CLARK, 2018). Além disso, nos pautamos na perspectiva Bakhtin (1986/1997), no que diz respeito a alguns de seus princípios, dada a sua relevância para a compreensão do papel da linguagem nas ações dos sujeitos e na influência de seu uso na sociedade.

Para as análises e o tratamento dos dados, empregamos diversas variáveis e categorias relacionadas aos dados obtidos, tais como: gênero, faixa etária (idade), vozes (gênero, tipos de voz), nível de escolaridade (leitura oral), atuação profissional e sotaques. No que diz respeito às questões objetivas, analisamos cada subseção quantitativamente, apresentando os resultados em gráficos, quadros ou tabelas. Além disso, as respostas objetivas são complementadas por questões abertas para aprofundar a compreensão das respostas.

O trabalho de análise foi dividido em duas etapas, a saber: a) a primeira consistiu na análise das respostas para observar as variáveis de gênero, nível de escolaridade, atuação profissional, sotaques e idade, identificando como essas características podem influenciar ou serem relacionadas às respostas fornecidas, mas não foram utilizadas para julgar se as respostas estão corretas ou incorretas; e, b) na segunda etapa, consideramos alguns conceitos da Teoria Bakhtiniana (1986/1997), como o caráter dialógico e a polifonia, para obter uma compreensão mais abrangente do fenômeno estudado. Em relação ao caráter dialógico, refere-se à natureza essencialmente dialogante da linguagem e da comunicação. Bakhtin defende que toda expressão linguística é moldada pelo diálogo, ou seja, por interações sociais e contextos comunicativos.

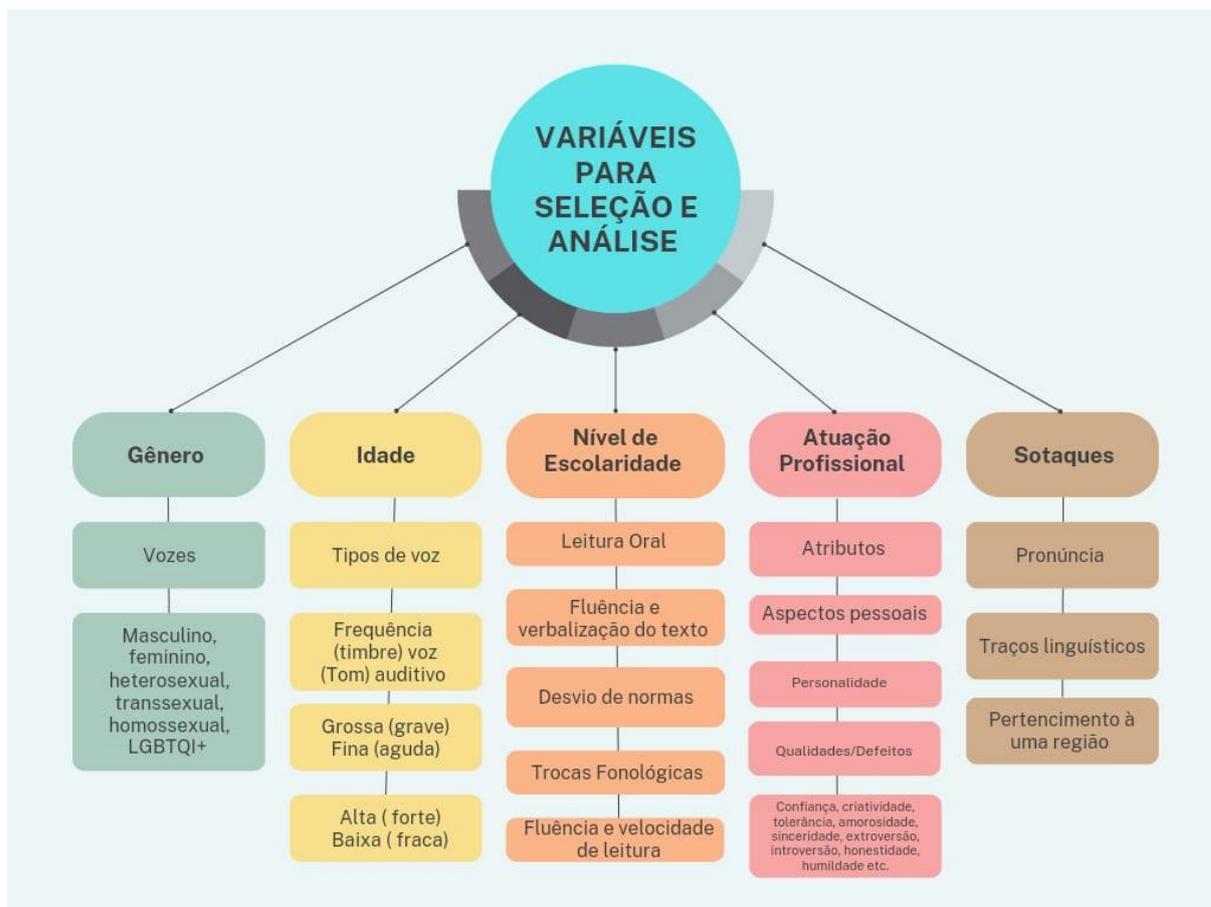
Na perspectiva bakhtiniana, as palavras e enunciados não têm significados fixos e definitivos, mas são moldados pelos contextos sociais nos quais são utilizados. Cada ato de fala é uma resposta a algo que foi dito anteriormente e, ao mesmo tempo, antecipa respostas futuras. A polifonia, por sua vez, refere-se à multiplicidade de vozes e perspectivas que coexistem em qualquer ato de comunicação. Nesse sentido, Bakhtin explicita que um texto não é uma expressão unívoca de um autor, mas um campo de vozes múltiplas, no qual diferentes vozes sociais e ideológicas entram em diálogo. Na polifonia, as vozes diversas não se fundem em uma única voz autoritária, mas mantêm sua autonomia e interagem com as outras. Cada voz carrega consigo sua própria visão de mundo, valores e intenções, contribuindo para a riqueza e complexidade do discurso (BAKHTIN, 2008, p. 235).

Assim, ao levar em conta o caráter dialógico e a polifonia quanto à análise dos dados, buscamos entender como as vozes dos participantes se entrelaçam, respondem umas às outras e contribuem para a construção de significados no fenômeno estudado, enriquecendo a compreensão da complexidade das interações linguísticas e sociais. A abordagem bakhtiniana destaca a importância do diálogo e da interação na construção de significados, enriquecendo a compreensão das dinâmicas presentes nas respostas coletadas.

- Assim, no que tange ao uso das variáveis relativas às vozes e aos sotaques, foram divididas pelos seguintes aspectos: **Gênero** – identificação dos gêneros Masculino, Feminino, Heterossexual, Transexual, Homossexual, LGBTQI+.
- **Faixa etária** (As vozes de acordo com a idade da pessoa do áudio) – identificação das percepções, se variam de acordo com a idade do falante, ou seja, se as pessoas percebem essas características e conseguem estimar a idade do falante com base na voz. Quanto à faixa etária da pessoa do áudio, analisamos o tipo de voz, a frequência, o timbre grosso (grave) ou fino (agudo), a intensidade da voz alta (forte) ou baixa (fraco).
- **Vozes** (gênero, tipos de voz) e sotaques – reconhecimento sobre como as palavras são pronunciadas oralmente e identificação da pronúncia de acordo com traços linguísticos específicos de diferentes regiões.
- **Nível de escolaridade** (leitura oral) - com base no comportamento vocal e na fluência, identificação da velocidade de leitura e verbalização do texto como resultado; e não apenas em desvios de normas - com base em trocas fonológicas e possíveis alterações estruturais independentes do comportamento vocal e fonético (com alterações orgânicas).
- **Atuação profissional** - como os participantes classificam, de acordo com os aspectos pessoais, as vozes dos sujeitos que leem o texto.

- **Sotaques** - Pronúncia Oral e Pronúncia Regional, pertencimento a uma região.
- Desse modo, sistematizamos tais variáveis, conforme ilustra a Figura 6, a fim de possibilitarmos uma maior visualização dos aspectos analisados.

Figura 6 – Variáveis para seleção do grupo 1 da gravação do texto e análise das respostas dos informantes



Fonte: A autora.

Com base nessas variáveis, apresentamos os resultados derivados das percepções dos alunos e professores que participaram da pesquisa sobre o tema abordado, com o intuito de averiguar se as respostas estavam relacionadas a elas e se os participantes as enfatizavam em suas manifestações. Assim, tomando por base a Figura 6 sobre as variáveis do grupo 1, quanto à percepção de respostas (professores e estudantes), primeiramente mencionadas no questionário em relação ao gênero, consideramos os elementos, a saber: as vozes masculinas, femininas, heterossexuais, transsexuais, homossexuais e LGBTQI+. Além disso, com base na voz, percebemos o gênero e, conforme o gênero, esperamos ouvir uma determinada voz segundo as percepções ou crenças.

Quanto à idade, notamos a percepção dos tipos de vozes e a frequência (tom/timbre) que o grupo 2 indicou. A voz apresenta suas características próprias, como o timbre assoado a essa voz e o tom auditivo, ou seja, como a voz é ouvida. Ambos estes aspectos, voz e tom auditivo, estão relacionados à frequência, no sentido de se identificar se a voz é grossa (grave) ou fina (aguda), forte (alta) ou fraca (baixa).

Conforme as percepções dos informantes, o nível de escolaridade pode ser adicionado às respostas do grupo 2 - 3, segundo a leitura oral, no sentido de ver como essa pessoa faz a leitura oral, observando-se a fluência e a verbalização do texto, como ela pronuncia e como articula para produzir os fonemas do texto, se há algum desvio de fonemas, por exemplo, como nos termos: /mulher/ - /mulér/, omitindo e evidenciando a vogal aberta. Ou seja, trocas fonológicas com possíveis alterações estruturais independentes referem-se a padrões de fala nos quais ocorrem substituições de sons na linguagem, e essas substituições não são simplesmente resultados de diferenças na anatomia ou na estrutura física dos órgãos fonoarticulatórios. Em outras palavras, trata-se de trocas de sons na fala que não podem ser atribuídas apenas a variações estruturais normais. Por exemplo, se uma criança troca constantemente o som “r” pelo som “l” ao falar e essa troca não é explicada por diferenças anatômicas normais, pode-se considerar uma troca fonológica com possível alteração estrutural independente.

Já a fluência e a velocidade de leitura, se forem valorizadas, podem ser justificadas com base nas hesitações ou disfluências (rupturas ou interrupções na fala) (MERLO, 2006/2020) – o tempo que o falante leva para resolver as dificuldades momentâneas relacionadas ao que se fala ou ao como se fala algo. Como Merlo (2020, p. 1) explica

As hesitações/disfluências estão presentes na fala de todos os falantes, não existindo falantes que jamais hesitem ou que jamais sejam disfluentes. Os falantes considerados fluentes apresentam uma baixa quantidade de hesitações/disfluências. [...] São as pausas silenciosas hesitativas, as pausas preenchidas (éh, ãh, mm), os prolongamentos finais, as repetições de palavras e os falsos inícios (MERLO, 2020, p. 1).

Comportamento vocal e fonético com alterações orgânicas refere-se a mudanças na produção vocal influenciadas por alterações físicas ou orgânicas nas estruturas responsáveis pela fala. Isso pode incluir condições médicas que afetam as pregas vocais, a laringe ou outras partes do sistema vocal. Por exemplo, um indivíduo com nódulos nas pregas vocais pode apresentar um comportamento vocal fonético alterado, manifestando dificuldades na produção de sons da fala.

Se observados e descritos os desvios de normas (MEZZOMO; MOTA; DIAS, 2010; CIELO, 2016; VIVAS; MORAIS, 2021) – desvio na flexão, pronúncia de uma palavra ou a má pronúncia de uma palavra, por exemplo: “companhia” por “compania”, “gol” por “gor”, “cadarço” por “cadalço”, a troca de acentuação prosódica de uma palavra, como no exemplo “recorde” por “récorde”, “rubrica” por “rúbrica”, a má grafia ou má flexão (pronúncia) de uma palavra, por exemplo “cidadãos” por “cidadões”, “interveio” por “interview”, todos esses exemplos podem ser observados nos dados obtidos.

Quanto à atuação profissional, caso o grupo 2 ou 3 incluísse os atributos nas respostas do questionário, os mesmos poderiam apresentar diversos elementos como o *status*, a fama e a habilidade. Esses aspectos podem estar interligados à problemática da negação ou diminuição da cidadania. No que tange aos aspectos pessoais, como altura, corpo, cor da pele, cor dos olhos, cor dos cabelos, podem ser respondidos conforme a nomeação das variáveis da figura 6. E se algumas características de personalidade tornam-se evidentes nas respostas do questionário, como o ouvinte deduz ou imagina, com base na voz, quais seriam as qualidades e defeitos dessa pessoa? O ouvinte poderia reconhecer traços relacionados à confiança, criatividade, tolerância, afetuosidade, sinceridade, extroversão, introversão, honestidade e humildade. Nesse caso, podemos categorizar essas possibilidades segundo os dados de identificação das vozes que coletamos e que não aparecem na pesquisa devido à preservação da imagem da pessoa da voz ouvida, a fim de compará-las e verificar se as respostas estão em consonância com as deduções feitas.

Além disso, considerando o pertencimento à região da qual a pessoa é originária e considerando seu dialeto e as respostas dos questionários, se surgirem situações em que a probabilidade de algumas dessas variáveis for observada em relação às respostas, especialmente no contexto de valorização ou desvalorização associada ao sotaque indicado, essas observações serão detalhadas nas análises dos dados.

Assim, para as análises, sistematizamos a seguinte caracterização no que se refere às variáveis mencionadas na Figura 6, conforme mostra o Quadro 4

Quadro 4 - Caracterização das variáveis

1) Vozes e Sotaques:

- Vozes: Gênero e Tipos de Voz (Masculino, Feminino, Heterossexual, Transsexual, Homossexual, LGBTQI+).
- Sotaques: Pronúncia Oral e Pronúncia Regional, pertencimento a uma região.

2) Atuação Profissional:

- Classificação da Atuação Profissional com Base em Aspectos Pessoais.
- Atuação Profissional: Status, Fama, Habilidade.

3) Nível de Escolaridade:

- Leitura Oral: Comportamento vocal e fonético são alterações orgânicas que se referem a mudanças na produção vocal influenciadas por alterações físicas ou orgânicas nas estruturas responsáveis pela fala. Isso pode incluir condições médicas que afetam as pregas vocais, a laringe ou outras partes do sistema vocal. Por exemplo, um indivíduo com nódulos nas pregas vocais pode apresentar um comportamento vocal fonético alterado, manifestando dificuldades na produção de sons da fala. Fluência, velocidade de leitura.
- Desvios de Normas: Trocas fonológicas, alterações estruturais (independentes do comportamento vocal). Trocas fonológicas com possíveis alterações estruturais independentes referem-se a padrões de fala nos quais ocorrem substituições de sons na linguagem, e essas substituições não são simplesmente resultados de diferenças na anatomia ou na estrutura física dos órgãos fonoarticulatórios. Em outras palavras, trata-se de trocas de sons na fala que não podem ser atribuídas apenas a variações estruturais normais. Por exemplo, se uma criança troca constantemente o som “r” pelo som “l” ao falar, e essa troca não é explicada por diferenças anatômicas normais, pode-se considerar uma troca fonológica com possível alteração estrutural independente. (Forma e função).

4) Idade da Pessoa do Áudio:

- Percepção de Tipos de Voz, Frequência (Tom/Timbre).

5) Resultados Obtidos:

- Análise das Percepções dos Alunos e Professores Participantes.
- Cálculo de Percentual Geral para Destacar Variáveis mais frequentemente mencionadas.
- Análise das Respostas do Grupo 2 – 3.

6) Observações:

- Ênfase nas Características Próprias da Voz (Timbre voz, Tom Auditivo - Frequência).
- Inclusão de Elementos Pessoais na Leitura Oral (Pronúncia, Articulação).

7) Características Físicas e Descrição Pessoal:

- Registro de informações detalhadas sobre os 5 participantes, incluindo nomes completos, idade, gênero, nacionalidade, endereço, escolaridade, região de origem e endereço de e-mail.
- Coleta de informações sobre peso, altura, cor dos olhos, cor do cabelo e características físicas.

- Descrição das qualidades e defeitos dos participantes, permitindo análises mais aprofundadas.

8) Questão Opcional sobre Preconceito:

- Investigação sobre possíveis vítimas de preconceito, formulada de maneira neutra para respostas espontâneas e livres.¹³

9) Considerações Linguísticas Regionais:

- Observação de situações em que variáveis como remoção de artigos e alterações nos verbos no infinitivo ocorrem, por exemplo, “Luana foi à escola” vs. “A Luana foi à escola,” “comê, bebe, fazê, estudá, aprendê”. Observação destas variáveis em relação às respostas, especialmente no contexto de valorização ou desvalorização de determinadas pronúncias como “Luana foi à escola” vs. “A Luana foi à escola,” “comê, bebe, fazê, estudá, aprendê”, associadas ao sotaque indicado.

Fonte: A autora.

No que se refere à confiabilidade e segurança das informações dos 5 participantes das vozes gravadas, registramos seus dados incluindo seus nomes completos, nome familiar, idade, gênero, nacionalidade, endereço, escolaridade, região de origem e endereço de *e-mail*. Além disso, coletamos informações sobre peso, altura, cor dos olhos, cabelo, características físicas e uma descrição de suas qualidades e defeitos. Após o registro dos dados de identificação, os participantes tiveram a oportunidade de responder a uma questão opcional que indagava se eles já haviam sido vítimas de preconceito. Essa pergunta foi formulada de forma neutra, sem estabelecer nenhuma relação direta com a pesquisa, para permitir que os participantes respondessem de maneira espontânea e livre. Os dados de identificação coletados foram armazenados para possibilitar um estudo posterior, buscando constatar se a percepção dos participantes estava correlacionada com suas características físicas e descritivas e qualidades e defeitos dos mesmos, visando a compreender se nosso sistema auditivo pode reconhecer esses detalhes nas vozes e sotaques. Os três grupos de participantes não foram identificados na pesquisa, preservando assim sua privacidade e resguardando a confidencialidade de seus dados pessoais.

A Teoria da Complexidade de Morin (2005) serviu como referencial teórico, especialmente os princípios hologramático (relação entre as partes e o todo) e de organização recursiva (ciclo recursivo pelo qual um elemento contribui para o desenvolvimento do outro), pois nos permitiram analisar interconexão entre as partes e o todo no que tange à temática da nossa investigação. Ao analisar as questões objetivas, utilizamos métodos quantitativos para apresentar os resultados visualmente por meio de gráficos, quadros e tabelas, complementados

¹³ Para preservar a imagem das pessoas dos áudios, estes dados não foram disponibilizados.

por questões abertas para um entendimento mais aprofundado. Com isso, estas análises nos permitiram explorar a interseção entre identidades linguísticas, preconceito e as percepções dos participantes. As vozes foram categorizadas de acordo com diferentes características e o impacto das normas culturais e sociais foi considerado ao longo das discussões neste trabalho. Em síntese, o estudo nos auxiliou a refletir sobre as percepções valiosas acerca da relação entre crenças, atitudes e preconceitos linguísticos, ampliando nossa compreensão sobre os diferentes aspectos linguísticos, sociais e culturais, que podem influenciar ou constituir o uso e/ou o reconhecimento de vozes e sotaques ao ouvi-los em uma determinada situação de comunicação.

4.5 Pesquisas relacionadas à temática da investigação

No vasto cenário da era da informação, quando a quantidade de dados cresce exponencialmente a cada momento, realizar processo de busca de pesquisas relacionadas ao objeto de pesquisa em desenvolvimento, em diferentes bases de dados, é fundamental. Acessar pesquisas já realizadas, relevantes e relacionadas à temática de uma determinada investigação é essencial para o avanço do conhecimento em diversas áreas do saber. Este trabalho exploratório desvela as nuances e as metodologias desenvolvidas pelas pesquisas nas bases de dados. Assim, o objetivo deste tópico é apresentar o estado da arte relacionado à temática de nossa investigação, que aborda a análise e classificação das vozes e sotaques com base na percepção acústica dos participantes da pesquisa. Para isso, buscamos por pesquisas relevantes ou próximas ao nosso campo de investigação, a fim de entender, descrever e analisar as correlações identificadas entre tais estudos e nossa proposta de investigação.

Em relação à concepção do estado da arte, tomamos por base os estudos de Marconi e Lakatos (2003), quando os autores reconhecem a importância de se situar a pesquisa em relação ao conhecimento já existente e de se utilizar um modelo teórico para interpretar os resultados obtidos. No entanto, as autoras mencionam que a revisão bibliográfica é uma etapa importante da pesquisa científica, por permitir que o pesquisador conheça o que já foi produzido sobre o tema em questão e possa situar sua pesquisa em relação ao conhecimento já existente. Além disso, destacam a importância de se correlacionar a pesquisa com o universo teórico, optando-se por um modelo teórico que sirva de embasamento à interpretação do significado dos dados e fatos colhidos ou levantados. Dessa forma, Marconi e Lakatos (2003), explicitam que para a construção de um conhecimento científico coerente e alinhado com a realidade investigada, correlacionar a pesquisa ao universo teórico serve de embasamento à interpretação do significado dos dados e fatos colhidos ou levantados.

Com isso, evidenciamos, na Figura 7, um fluxograma das etapas do levantamento bibliográfico realizado em relação à busca das pesquisas referentes à temática da nossa investigação.

Figura 7 – Fluxograma das etapas e atividades do levantamento bibliográfico



Fonte: A autora.

Na etapa 2, definimos o tipo de pesquisa a ser realizado e definimos as bases de dados para as nossas investigações, como o *Google Acadêmico* e CAPES. Na Etapa 3, selecionamos os textos relevantes para nossos estudos utilizando palavras-chave, tais como: “crenças, atitudes”, “preconceitos linguísticos”, “crenças, atitudes e preconceitos linguísticos”. Assim, buscamos por dissertações e teses no período 2014 a 2023. No passo 4 do fluxograma, definimos os critérios de inclusão e exclusão, priorizando a busca por textos escritos exclusivamente em português brasileiro, como trabalhos completos e relevantes para o tema em estudo. Na etapa 5, determinamos critérios de inclusão que privilegiavam textos completos em português e realizamos exclusões de trabalhos que não apresentavam relevância com o tema em questão e que não estavam disponíveis na íntegra. Adotamos uma abordagem específica na base de dados do *Google Acadêmico*, utilizando as palavras-chave "crenças, atitudes", o que nos proporcionou um total de 15.900 resultados. Posteriormente, realizamos outra busca com as palavras-chave “preconceitos linguísticos”, resultando em 2.230 dissertações disponíveis na plataforma *Google Acadêmico*. Para facilitar a seleção dos textos, limitamos a leitura dos títulos apenas às 10 primeiras páginas dos resultados.

Estabelecidos estes pontos principais (bases de dados, seleção de textos, descritores/palavras de procura e critérios de relevância com tema), passamos para a etapa 7, leitura geral dos textos com critérios de inclusão e exclusão mencionados anteriormente. Na etapa 8, encontramos algumas pesquisas no *Google Acadêmico*, no entanto, para a descrição a seguir, selecionamos 4 dissertações e 1 tese, que também podem ser encontradas na Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES¹⁴. Assim, no sentido de explicitar alguns elementos essenciais destas pesquisas encontradas, organizamos o Quadro 5, conforme segue para, em seguida, discorrermos sobre estas pesquisas.

Quadro 5 – Resultado da primeira busca de pesquisas relacionadas a nossa investigação

Autor	Número de Documentos	Tipo	Ano de Publicação	Fonte
Silvana Silva de Farias Araújo	1	Tese	2014	CAPES
Alana Dantas Barros	1	Dissertação	2017	CAPES
Bárbara Costa Beber	1	Dissertação	2011	CAPES
Cintia de Souza Dacoregio	1	Dissertação	2021	CAPES
Newton Vieira Lima Neto	1	Dissertação	2018	CAPES

Fonte: A autora.

Na sequência, discorreremos sobre a tese de Silvana Silva de Farias Araújo (2014), intitulada “A concordância verbal no português falado em feira de Santana-BA: sociolinguística e sócio-histórica do português brasileiro”. Esta tese aborda a sociolinguística e a sócio-histórica do português brasileiro de várias maneiras. No primeiro capítulo, a autora apresenta o quadro teórico do estudo, que inclui conceitos e abordagens da sociolinguística variacionista e da sociolinguística histórica. No segundo capítulo, a tese discute questões sobre a formação do português brasileiro, abordando aspectos referentes às duas principais hipóteses interpretativas para a sua gênese, a da deriva e a da transmissão linguística irregular, além de aspectos sócio-históricos fundamentais, como a diversidade de línguas e culturas no Brasil colonial e imperial, os fluxos migratórios, os processos de urbanização e escolarização, e a escolarização da população negra no Brasil. A partir dessas discussões, a autora contextualiza a formação da variedade linguística de Feira de Santana e apresenta uma análise sociolinguística da concordância verbal no português falado na região.

¹⁴ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

Na segunda pesquisa selecionada, tratamos da dissertação de Alana Dantas Barros (2017), intitulada “A relação entre a voz e expressão de gênero: a percepção de pessoas transexuais”. Esta dissertação procura analisar a percepção das pessoas transexuais sobre a relação entre sua expressão de gênero e suas interações sociais, por meio da voz e da comunicação, buscando construir uma reflexão considerando o contexto social e de saúde trans. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 05 mulheres transexuais e 13 homens trans, de diferentes cidades do Brasil, com idades entre 18 e 64 anos. A dissertação apresenta uma revisão da literatura sobre a relação entre voz e expressão de gênero, além de uma discussão sobre os resultados da pesquisa. Entre as principais conclusões, a autora destaca a importância da voz na expressão de gênero e nas interações sociais, a diversidade de percepções e experiências das pessoas transexuais em relação à voz, a influência da voz na saúde integral das pessoas transexuais e a necessidade de políticas públicas e serviços de saúde que considerem a voz como um aspecto relevante da identidade de gênero. Os resultados da dissertação podem contribuir para o desenvolvimento de abordagens de promoção da saúde integral para pessoas transexuais, a fim de superar as iniquidades em saúde e subsidiar a fonoaudiologia para contribuir com o bem-estar e a saúde das pessoas trans.

Outra pesquisa, a qual consideramos relevante, foi a dissertação de Bárbara Costa Beber (2011), intitulada “Características vocais acústicas de homens com voz e laringe normal: revisão de literatura”. Este trabalho consiste em uma revisão de literatura que descreve e discute as características vocais acústicas de homens com laringe normal, relacionadas às medidas da fonte e ao filtro vocal. O texto aborda informações sobre a análise acústica, apresentando uma análise objetiva recorrendo a programas computadorizados para avaliar a voz no início e no seguimento do tratamento fonoaudiológico. Para avaliar uma voz por meio de parâmetros numéricos, é preciso definir previamente a voz normal e dispor de valores normativos para tal comparação, no entanto, são escassos os estudos nesse sentido. O texto também trata das diferenças anatômicas e fisiológicas entre homens e mulheres, que resultam em características capazes de diferenciar as vozes quanto ao sexo. A revisão de literatura conclui que as medidas

e Jita¹⁵, ShdB¹⁶ e NHR¹⁷ tendem a ser maiores nos homens, enquanto a f_0 ¹⁸, PHR/HNR¹⁹ e o ATRI²⁰ tendem a ser menores. De acordo com a pesquisa, formantes são as frequências de ressonância do trato vocal que amplificam determinadas frequências sonoras e diminuem outras, resultando na qualidade tonal da voz. Essas frequências são influenciadas pelas dimensões e pela forma do trato vocal, que inclui a cavidade oral, faringe e laringe. Em vogais, são identificados dois ou três principais formantes, comumente designados como F1, F2 e F3, medidos em Hertz (Hz). As frequências desses formantes são essenciais para perceber a qualidade vocal e podem variar conforme fatores como sexo, idade, etnia e localização geográfica.

Uma quarta pesquisa encontrada foi a dissertação de mestrado de Cintia de Souza Dacoregio (2021), intitulada “*As práticas e técnicas de suavização de sotaque no português brasileiro como tentativa de homogeneizar o uso da língua*”. Este estudo utilizou uma abordagem qualitativa para compreender e descrever as práticas e técnicas de suavização de sotaque no português brasileiro. A metodologia envolveu uma pesquisa bibliográfica explicativa para contextualizar o tema e apresentar o que já existe sobre o assunto investigado. A análise dos dados foi realizada por meio de uma análise crítica e reflexiva do material coletado. Os resultados indicaram que a suavização de sotaque é uma prática controversa que pode ser vista como uma tentativa de homogeneizar o uso da língua. A dissertação destaca a importância da reflexão e do questionamento na pesquisa linguística e apresenta uma visão transdisciplinar entre ciências complementares que têm objetos de estudo em comum: a língua e a linguagem. A importância dessas práticas é controversa, pois algumas pessoas acreditam que a suavização de sotaque pode ajudar a melhorar a comunicação e a compreensão entre diferentes regiões do país, enquanto outras acreditam que essa prática pode ser vista como uma

¹⁵Jita: é a variação da frequência fundamental (f_0) ao longo do tempo, medida em Hertz (Hz) para ver a mudança da voz em relação ao homem e à mulher. Homens tendem a ter uma Jita maior do que mulheres, o que significa que a frequência da voz masculina varia mais rapidamente.

¹⁶ ShdB: é a relação entre a intensidade do sinal harmônico e a intensidade do sinal de ruído, medida em decibéis (dB). Homens tendem a ter um ShdB maior do que mulheres, o que significa que a voz masculina tem mais harmônicos e menos ruído.

¹⁷ é a relação entre a intensidade do sinal harmônico e a intensidade total do sinal, medida em decibéis (dB). Homens tendem a ter um NHR maior do que mulheres, o que significa que a voz masculina tem mais harmônicos em relação ao sinal total.

¹⁸ f_0 : é a frequência fundamental da voz, medida em Hertz (Hz). Homens tendem a ter uma f_0 mais baixa do que mulheres.

¹⁹ PHR/HNR: é a relação entre a energia de alta frequência e a energia de baixa frequência do sinal, medida em decibéis (dB). Homens tendem a ter um PHR/HNR menor do que mulheres, o que significa que a voz masculina tem menos energia em altas frequências em relação às baixas frequências.

²⁰ ATRI (Amplitude Tremor Ratio Index), que é um índice de intensidade da amplitude do tremor vocal.: é a relação entre a energia do sinal em torno da frequência fundamental e a energia total do sinal, medida em decibéis (dB). Homens tendem a ter um ATRI menor do que mulheres, o que significa que a voz masculina tem menos energia em torno da frequência fundamental em relação à energia total do sinal.

tentativa de homogeneizar o uso da língua e pode levar a preconceitos linguísticos. A pesquisa também descreve o funcionamento de algumas políticas linguísticas no Brasil e suas relações com as práticas de incentivo para modificação ou suavização de sotaques regionais.

Uma quinta dissertação, intitulada “*Brasília, sua gente, seus sotaques: difusão candango e focalização brasiliense na capital federal*”, de Newton Vieira Lima Neto (2018), explora a diversidade linguística presente na capital do Brasil, analisando a difusão do falar candango e a focalização dialetal do sotaque brasiliense. O autor utiliza a metodologia da autoetnografia para investigar as diferentes formas de falar em Brasília, a partir de sua própria experiência como brasiliense. A dissertação está dividida em seis capítulos. No primeiro capítulo, o autor faz um breve apanhado da história da Linguística até a proposição da Sociolinguística, que subsidia todo o estudo. No segundo capítulo, é apresentada uma pesquisa documental que resultou em um breve histórico sobre a capital federal e as Regiões Administrativas elencadas, Plano Piloto e Gama. Além disso, é apresentada uma memória sociolinguística concisa de investigações que, tal qual este estudo, se debruçaram sobre os falares do Distrito Federal. O terceiro capítulo é a BR-060 que unifica todos os outros, sendo, de fato, a rodovia metodológica que conecta todo o empreendimento realizado. Sendo assim, é apresentado o paradigma epistemológico que norteia o estudo do pesquisador Neto, bem como os métodos, estratégias, instrumentos e procedimentos de análise a que o autor recorre.

Além disso, na pesquisa de Neto, é demonstrado de que forma transcorreu a seleção de colaboradores. O quarto capítulo configura o que o autor denomina de *flashback* da pesquisa em evidência. Nele, são apresentados os resultados da pesquisa de campo realizada em diferentes regiões de Brasília, visando a analisar a focalização dialetal do sotaque brasiliense. O quinto capítulo é dedicado à análise do falar candango, que se difundiu em Brasília a partir da chegada de migrantes de diferentes regiões do país. Por fim, no sexto capítulo, o autor faz uma reflexão sobre os resultados obtidos e as implicações da pesquisa para a compreensão da diversidade linguística presente em Brasília e em outras regiões do país. Com isso, o autor destaca a importância da sociolinguística para entender as relações entre língua, sociedade e cultura, além de como essas relações se manifestam no cotidiano dos falantes. Por fim, na conclusão da dissertação, o autor defende que a diversidade linguística é uma riqueza cultural que deve ser valorizada e respeitada e que a compreensão das diferenças linguísticas pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Na sequência, após realizar a primeira busca de pesquisas relacionadas a nossa temática de investigação, desenvolvemos uma segunda busca no sentido de complementar os resultados da busca anterior, realizadas na plataforma de pesquisa Catálogo de Teses e Dissertações da

CAPES, com o objetivo de encontrar outros trabalhos acadêmicos relacionados à temática investigada. No entanto, encontramos algumas dificuldades ao fazer esta busca. Os descritores utilizados foram “crenças e atitudes” combinados com “preconceitos linguísticos”, “sotaques regionais” e “masculinas e femininas”, além de “pronúncia”, especificamente relacionada ao português brasileiro. A busca com o descritor “crenças e atitudes” combinadas com “preconceitos linguísticos” resultou em um total de 109 resultados, sem a aplicação de filtros adicionais ou pesquisas próximas para refinar os resultados. No entanto, ao fazer a combinação de “preconceitos linguísticos” com “sotaques regionais” e “masculinas e femininas”, nenhum resultado foi encontrado para essas especificidades. Em relação à busca com o descritor “preconceitos linguísticos” e “pronúncia”, o sistema apresentou um equívoco, interpretando erroneamente a “pronúncia” como língua estrangeira. Isso resultou na falta de resultados relacionados à “pronúncia do português brasileiro” ou “pronúncia de falantes do português brasileiro”. Da mesma forma, a busca combinando “crenças e atitudes” sobre “preconceitos linguísticos” e “sotaques regionais” não retornou nenhum resultado. Esses foram os resultados obtidos nas buscas realizadas na plataforma CAPES, fornecendo informações sobre quais combinações de descritores foram bem-sucedidas ou não.

Após as tentativas acima, realizamos outra busca no Repositório Institucional da UFPB²¹, o que resultou na identificação da pesquisa de Deyverson da Silva Evangelista (2018), intitulada: “Atitudes dos Ouvintes em Relação a Vozes Saudáveis e Desviadas”, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nessa dissertação, Evangelista explora as atitudes dos ouvintes em relação a vozes orais consideradas saudáveis e desviadas. O trabalho foi conduzido na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), localizada em João Pessoa. O trabalho foi concluído em 2018 e trata-se de uma pesquisa relevante na área de Linguística, buscando compreender as percepções das pessoas em relação às vozes em diferentes contextos.

A seguir, sistematizamos estas pesquisas encontradas no Quadro 6.

Quadro 6 – Resultados da segunda busca de pesquisas

Nº de Busca	Base de Dados	Descritores	Resultados Encontrados	Seleção de Pesquisas Relevantes
1	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	“crenças e atitudes”; “preconceitos linguísticos”; “sotaques regionais”; “masculinas e femininas”; "pronúncia"	109 resultados	Não foram aplicados filtros adicionais ou pesquisas próximas
2	Catálogo de Teses e	“Preconceitos Linguísticos”; “Sotaques Regionais”;	Nenhum resultado encontrado	-

²¹ Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16039?locale=pt_BR.

	Dissertações da CAPES	"masculinas e femininas"		
3	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	“Preconceitos Linguísticos”; “pronúncia”	Nenhum resultado encontrado	O sistema apresentou um equívoco interpretando como língua estrangeira
4	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	“pronúncia do português brasileiro”; “pronúncia de falantes do português Brasileiro”; “pronúncia de falantes do português Brasileiro”	Nenhum resultado encontrado	O sistema apresentou um equívoco interpretando como língua estrangeira
5	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	“Crenças e Atitudes”; “Preconceitos Linguísticos”; “Sotaques Regionais”	Nenhum resultado encontrado	não respondeu a nenhum resultado
6	Repositório UNICAMP Dissertações	“Crenças e Atitudes”; “Vozes Oraís Masculinas e Femininas”	Trabalho de Daniela Plachi	-
7	Editora Revistas Mackenzie Dissertações	Crenças e Atitudes; Vozes Oraís Masculinas e Femininas	Trabalho de Deyverson da Silva Evangelista	-
8	Biblioteca da UEL Dissertações	Crenças e Atitudes Linguísticas; Vozes Oraís	"Atitudes Linguísticas na Região Sudeste com Base nos Dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: AliB", "Crenças e Atitudes Linguísticas: Tendências de Reação de Falantes Curitibanos e Londrinenses".	-
9	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Crenças e Atitudes Linguísticas; Vozes Oraís	152 resultados	11 pesquisas selecionadas com base nos temas dos títulos

Fonte: A autora.

Na sequência, realizamos uma última busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)²² utilizando os descritores: “crenças e atitudes linguísticas” em conjunto com “vozes orais”, porém, não foram encontrados resultados para essa combinação específica. No entanto, uma outra busca com os descritores “crenças e atitudes linguísticas” resultou em um total de 152 resultados, dos quais 11 pesquisas foram selecionadas com base em sua relevância pelos temas dos títulos. Com isso, ao realizar nossa última busca de pesquisas relacionadas à temática de nossa investigação, sistematizamos as 11 pesquisas selecionadas no Quadro 7 para melhor visualização. Cada trabalho representa uma valiosa contribuição para a compreensão dessas questões na área de estudos linguísticos.

²² Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>.

Quadro 7 – Resultados da última busca de pesquisas

Número	Pesquisa	Tipo	Ano
1	Crenças e atitudes linguísticas de alunos de uma escola de campo	Dissertação	2015
2	Crenças e atitudes linguísticas: aspectos da realidade na tríplice fronteira	Tese	2013
3	Crenças e atitudes linguísticas de professores de escolas públicas de Rolândia, PR	Dissertação	2020
4	Crenças e atitudes linguísticas de professores de Língua Portuguesa: a variação linguística na oralidade	Dissertação	2019
5	Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná	Tese	2013
6	"Dize-me como falas que te direi quem és": crenças e atitudes linguísticas de discentes e docentes no espaço escolar	Tese	2019
7	Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste	Tese	2013
8	Atitudes linguísticas: um estudo na localidade paranaense de Guaíra	Tese	2021
9	O /r/ caipira no Triângulo Mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas	Dissertação	2012
10	Atitudes linguísticas na região sudeste com base nos dados do projeto atlas linguístico do Brasil – ALIB		
11	Pedagogia da Variação Linguística: por um ensino livre de preconceitos linguísticos	Tese	2019

Fonte: A autora.

Assim, primeiramente, discorreremos sobre a dissertação de Ligiane Aparecida Bonacin (2015), intitulada “*Crenças e Atitudes Linguísticas de Alunos de uma Escola de Campo*”, realizada em Londrina, que teve como objetivo principal investigar as crenças e atitudes linguísticas dos alunos do 6º, 7º, 8º e 9º ano de uma escola rural em relação à variedade linguística utilizada na zona rural. A pesquisa menciona outro estudo realizado por Cyranka em 2007, que investigou as crenças e atitudes dos alunos de escolas públicas e privadas em relação à variedade culta da língua portuguesa. Ambas as pesquisas apontam para a existência de preconceitos linguísticos e dificuldades no ensino da variação linguística nas escolas. Essas investigações destacam a importância de compreender as percepções e atitudes dos alunos em relação à linguagem e enfatizam a necessidade de abordar a diversidade linguística de forma mais inclusiva e eficaz no ambiente educacional. A autora acrescenta que a sociolinguística pode ajudar a combater o preconceito linguístico na educação por meio de pesquisas que buscam entender como o ambiente social pode interferir no posicionamento do falante e como as crenças e atitudes linguísticas são formadas. Essas pesquisas podem auxiliar a desmistificar a ideia de que a língua é homogênea e a conscientizar educadores e estudiosos sobre a importância de valorizar a diversidade linguística e que o interesse em realizar o estudo se deve ao fato de acreditar que as crenças dos alunos podem se formar, se modificar, se manter ou/e se

afirmar a partir da concepção pedagógica colocada em prática na escola. Além disso, as conclusões dessas pesquisas podem ser usadas para ajustar os planos de estudo, os conteúdos das disciplinas, o tempo dedicado ao ensino de cada língua e as técnicas pedagógicas empregadas em sala de aula, entre outros aspectos. Em resumo, de acordo com esta pesquisa, a sociolinguística pode contribuir para uma postura menos preconceituosa em relação às variedades linguísticas e para uma educação mais inclusiva e respeitosa da diversidade cultural e linguística.

Como uma segunda pesquisa selecionada, discorreremos sobre a tese de Marlene Neri Sabadin, Salvador (2013), intitulada “*Crenças e atitudes linguísticas: aspectos da realidade na Tríplice Fronteira*”. Trata-se de um estudo sociolinguístico e dialetológico sobre as crenças e atitudes linguísticas em três municípios fronteiriços: Foz do Iguaçu (Brasil), Puerto Iguazú (Argentina) e *Ciudad del Este* (Paraguai). A região é marcada pela complexidade sociolinguística devido à presença de núcleos de imigração de diversas etnias. O *corpus* da pesquisa foi composto por entrevistas com 24 informantes radicados há mais de 20 anos em cada uma das comunidades investigadas, distribuídos quanto ao grau de escolaridade em dois grupos: universitários e não universitários. A tese analisa as crenças e atitudes linguísticas a partir de dados constantes de inquéritos aplicados a falantes do português, estabelecidos há mais de 20 anos, em distintas comunidades da fronteira, que mantêm contato linguístico direto e contínuo entre grupos de indivíduos representantes de culturas diversas e com as continuadas mudanças da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola observadas nas três cidades pesquisadas. Esta pesquisa está estruturada em sete seções, incluindo a introdução, justificativa, objetivos, hipóteses e implicações práticas das crenças e atitudes linguísticas para a educação e políticas linguísticas na região da Tríplice Fronteira.

Outra pesquisa que nos chamou atenção, a dissertação de Nayara Maira da Silva, intitulada “*Crenças e Atitudes Linguísticas de Professores de Escolas Públicas de Rolândia-PR*”, realizada em Londrina (2020), tem como objetivo analisar as crenças e atitudes linguísticas dos professores de língua materna do Ensino Médio das escolas públicas do município de Rolândia-PR em relação aos usos linguísticos dos alunos em sala de aula. A pesquisa foi conduzida por meio de questionários respondidos pelos professores e analisados com base em conceitos da Sociolinguística Educacional, Variação e Ensino, Crenças e Atitudes Linguísticas, e Ensino de Língua Portuguesa/normas. Os resultados indicam que os professores apresentam uma visão normativa da língua e que a variação linguística é pouco abordada em sala de aula. A dissertação está estruturada em seis seções: Considerações Iniciais, Estado da Arte, Referencial Teórico, Procedimentos Metodológicos, Análise e Discussão dos Dados, e

Considerações Finais. Essa pesquisa é relevante para compreendermos as percepções e concepções dos professores sobre a linguagem utilizada pelos alunos em suas práticas educacionais, fornecendo *insights* valiosos para aprimorar o ensino da língua materna e promover uma abordagem mais inclusiva e consciente da variação linguística em sala de aula.

Outra pesquisa selecionada foi a dissertação intitulada “*Crenças e Atitudes Linguísticas de Professores de Língua Portuguesa: A Variação Linguística na Oralidade*”, de autoria de Mariana Mendes Correa da Costa, apresentada em Mariana (MG) no ano de 2019. O objetivo central dessa pesquisa é descrever como os professores lidam com o ensino da oralidade, discutindo de que forma suas crenças e atitudes, especialmente as linguísticas, estão intimamente relacionadas a esse aspecto do ensino linguístico. A pesquisa contribui para as discussões sobre o ensino da Língua Portuguesa, identificando os esforços e empenho dos professores em proporcionar uma educação de qualidade. A principal contribuição dessa dissertação é voltada aos estudos da Sociolinguística Educacional, na perspectiva da Linguística Aplicada ao ensino de língua materna. A estrutura da dissertação é composta por uma introdução, uma fundamentação teórica e diversos capítulos que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa. Com esse trabalho, buscou-se ampliar o conhecimento sobre a relação entre crenças e atitudes dos professores de Língua Portuguesa e o ensino da variação linguística na oralidade, fornecendo valiosas informações para o aprimoramento do ensino dessa disciplina.

Uma outra busca, considerada relevante é a tese de Jacqueline Ortelan Maia Botassini (2013), intitulada “*Crenças e Atitudes Linguísticas: Um Estudo dos Róticos em Coda Silábica no Norte do Paraná*”, que investiga as crenças e atitudes linguísticas em relação aos róticos em coda silábica na região norte do Paraná. A autora realiza uma revisão bibliográfica abordando conceitos da Sociolinguística, estudos de Crenças e Atitudes Linguísticas e aspectos dos Róticos. A metodologia da pesquisa envolve a aplicação de questionários e entrevistas a falantes da região, visando a coletar dados relevantes. Os resultados indicam que as crenças e atitudes em relação aos róticos em coda silábica variam de acordo com fatores como idade, gênero, escolaridade e contato com outras variedades linguísticas. A autora conclui que é fundamental considerar esses fatores ao analisar as crenças e atitudes linguísticas dos falantes. Além disso, a autora ressalta que estudos como este são relevantes para uma melhor compreensão da variação linguística presente em diferentes regiões do país. A pesquisa contribui para enriquecer o conhecimento sobre os padrões linguísticos específicos da região norte do Paraná e suas relações com as atitudes e crenças dos falantes.

Outra pesquisa é a dissertação de Michela Ribeiro Espíndola, intitulada “*Dize-me Como Falas Que Te Direi Quem És*”: Crenças e Atitudes Linguísticas de Discentes e Docentes no

Espaço Escolar, defendida em Florianópolis em 2019, tem como objetivo investigar as crenças e atitudes linguísticas de professores e alunos no ambiente escolar, com o propósito de compreender a importância da variação linguística no contexto socioeducacional. O estudo utiliza um *corpus* de análise composto por dados coletados através da realização de dois testes aplicados a docentes e discentes de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. A pesquisa é orientada pela questão central de como docentes e discentes avaliam as diferentes variedades linguísticas que coexistem no ambiente escolar. A fundamentação teórico-metodológica se baseia na Sociolinguística variacionista, alinhando conceitos como linguagem, língua, norma e gramática, heterogeneidade e variação linguística, comunidade de fala e comunidade de prática, avaliação linguística, indicadores, marcadores e estereótipos. Além disso, são revisados trabalhos acadêmicos sobre crenças e atitudes linguísticas, auxiliando na compreensão do objeto de estudo e na definição dos termos. O estudo também revisita dois documentos parametrizadores: a Proposta Curricular da Rede Municipal de Florianópolis e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Buscando evidências sobre a formação dos docentes que ensinam língua portuguesa, além de apresentar reflexões sobre o papel da escola, a noção de erro linguístico e a relação entre literatura e variação linguística.

As constatações principais do estudo incluem: a avaliação positiva das variedades linguísticas pelos docentes, enquanto os alunos atribuem prestígio apenas à norma culta; a predominância da escrita em relação à fala para ambos os grupos; a crença na gramática tradicional como reguladora do “bem falar” e “bem escrever”; a percepção dos alunos de que professores que dominam a norma culta são superiores; e a associação da norma culta ao *status* de inteligência e poder. Ao final da dissertação, são apontados possíveis desdobramentos da pesquisa que poderiam contribuir para novas práticas pedagógicas, mostrando o impacto pedagógico das crenças e atitudes linguísticas no ambiente escolar.

Na sequência, selecionamos a tese de Clarice Cristina Corbari, intitulada “*Atitudes Linguísticas: Um Estudo nas Localidades Paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*”, realizada em Salvador em 2013, cujo objetivo foi analisar as atitudes linguísticas dos falantes das regiões de Irati e Santo Antônio do Sudoeste, no estado do Paraná, em relação às diferentes formas de fala e à cultura local. O estudo utiliza dados coletados em outras localidades paranaenses por alunos de pós-graduação, sob a orientação da pesquisadora. A tese está dividida em nove seções, que incluem uma introdução, o contexto histórico e social das regiões pesquisadas, os pressupostos teóricos que guiam as análises dos dados, entre outros aspectos. A pesquisa é dedicada a todas as minorias linguísticas e àqueles que lutam pela valorização e preservação da diversidade linguística brasileira. O estudo investiga se a situação de contato

entre diferentes línguas gera atitudes linguísticas distintas nas duas comunidades, considerando suas realidades sociais, históricas e geográficas específicas. A base teórica e metodológica da pesquisa é fundamentada na Sociolinguística, Psicologia Social, Etnografia da Comunicação e Sociologia da Linguagem. Partindo do princípio de que língua e identidade étnica estão intrinsecamente relacionadas, a pesquisa tem em vista compreender como as atitudes em relação à língua também refletem atitudes em relação aos grupos étnicos que a utilizam.

Outra pesquisa importante foi a tese intitulada “*Atitudes Linguísticas na Localidade Paranaense de Guaíra*”, realizada por Anelí Divina Fungueto em 2021, sendo um estudo que investiga as atitudes linguísticas dos moradores de Guaíra em relação ao português e ao espanhol. Esta pesquisa faz parte do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. A pesquisa aborda questões relacionadas à identidade e à diversidade linguística na região. Para isso, foram selecionados aspectos sobre a trajetória sócio-histórica do Paraná e os pressupostos teóricos que orientaram as análises dos dados coletados. A metodologia utilizada incluiu a descrição da localidade pesquisada, a escolha dos informantes, o uso de instrumentos para coleta de dados e como os dados foram analisados. A tese está dividida em seis seções que abordam diferentes aspectos da pesquisa. As conclusões da pesquisa são importantes para o debate sobre a diversidade linguística no Brasil. Os resultados mostram que os moradores de Guaíra têm atitudes positivas em relação ao português e ao espanhol, porém há uma tendência de valorização do espanhol em detrimento do português. Os informantes demonstraram uma forte identificação com a língua espanhola, vista como uma marca de identidade regional e cultural. Além disso, a pesquisa identificou uma interlíngua chamada portunhol, sendo uma mistura de elementos do português e do espanhol. Esses resultados mostram que a situação linguística em Guaíra é complexa e dinâmica, e as atitudes dos falantes em relação às línguas em contato são influenciadas por fatores sociais, históricos e culturais. A pesquisa contribui para ampliar o entendimento sobre as relações entre as línguas na região e suas implicações na identidade e nas práticas linguísticas dos moradores.

A dissertação de Hélen Cristina da Silva (2012), intitulada “*O /R/ caipira no Triângulo Mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas*”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. O objetivo principal da pesquisa foi investigar a variação linguística do som /R/ em uma região específica do Brasil, o Triângulo Mineiro e também analisar as atitudes linguísticas dos falantes em relação a essa variação. A dissertação é composta por cinco capítulos, por meio dos quais são apresentadas as hipóteses, objetivos e justificativa da pesquisa, além de informações sobre a história e a geografia da região estudada, a base teórica utilizada, a

metodologia adotada e a descrição e análise dos dados coletados. Os resultados obtidos indicaram que a variação do som /R/ no Triângulo Mineiro é influenciada por diversos fatores linguísticos e sociais, como idade, gênero e escolaridade, entre outros. Além disso, os falantes da região apresentaram diferentes atitudes em relação a essa variação, influenciadas por fatores culturais e sociais. A dissertação concluiu que a variação linguística é um fenômeno complexo e dinâmico, que deve ser estudado em sua totalidade para uma compreensão mais abrangente da língua e da sociedade. O trabalho de Hélen Cristina da Silva contribui para o conhecimento sobre a diversidade linguística do Brasil e a importância de se considerar as atitudes dos falantes ao estudar a variação linguística em uma região específica.

A dissertação intitulada “*Crenças e Atitudes Linguísticas de Professores de Escolas Públicas de Rolândia-PR*”, apresentada por Nayara Maira da Silva em 2020, analisa as crenças e atitudes linguísticas de professores de língua materna do Ensino Médio de escolas públicas do município de Rolândia-PR em relação aos usos linguísticos dos alunos em sala de aula. A pesquisa foi realizada por meio de questionários respondidos pelos professores e analisados com base em conceitos da Sociolinguística Educacional, Variação e Ensino, Crenças e Atitudes Linguísticas e Ensino de Língua Portuguesa/normas. A pesquisa também analisou se a abordagem da variação linguística está presente nos documentos oficiais de ensino, como os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), Diretrizes Curriculares Estaduais do Paraná (DCES) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e discutiu o posicionamento dos professores em relação a essas crenças e atitudes. Os resultados apontaram para a necessidade de maior atenção à variação linguística nas práticas de ensino e na formação dos professores, para promover uma abordagem mais inclusiva e respeitosa das diferentes formas de falar dos alunos. Os resultados revelaram que os professores têm uma visão normativa da língua em que a variação linguística é pouco abordada em suas práticas de ensino. A formação acadêmica dos professores também influenciou suas crenças e atitudes linguísticas, sendo que aqueles com formação em Letras apresentaram uma visão mais aberta e menos normativa da língua em comparação com os professores de outras áreas.

A última pesquisa selecionada, a tese intitulada “*Pedagogia da Variação Linguística: crenças e atitudes linguísticas no Ensino Superior*” de Taciane Marcelle Marques, defendida em Londrina no ano de 2019, enfoca a importância de um ensino sem preconceitos linguísticos. A autora destaca a relevância das pesquisas sobre atitudes linguísticas para entender como as pessoas julgam sua própria língua e para orientar futuros trabalhos que visem combater o preconceito linguístico. A pesquisa investigou as crenças e atitudes linguísticas dos alunos do Ensino Superior de uma instituição pública paranaense. Foram aplicados testes para medir as

crenças e atitudes linguísticas dos participantes, antes e depois de um curso que abordou a diversidade linguística. A autora ressalta a importância de incluir a diversidade linguística no ensino da Língua Portuguesa, para promover uma visão positiva sobre a língua e desmistificar preconceitos linguísticos. A tese é dividida em várias partes, incluindo introdução, procedimentos metodológicos, análise, discussão dos dados e considerações finais. A autora conclui que a Pedagogia da Variação Linguística é uma abordagem crucial para o ensino da Língua Portuguesa, por ajudar a compreender a diversidade linguística e a construir crenças positivas sobre a língua, combatendo preconceitos linguísticos. A pesquisa mostrou que os alunos do Ensino Superior tiveram atitudes linguísticas mais positivas após o curso sobre diversidade linguística, demonstrando a eficácia dessa abordagem. Além disso, a autora enfatiza a importância de pesquisas sobre atitudes linguísticas para entender como as pessoas percebem sua própria língua e direcionar futuros esforços para reduzir o preconceito linguístico.

Após descrever os processos de busca para o levantamento bibliográfico e as pesquisas selecionadas relacionadas à temática da nossa investigação, sistematizamos os resultados encontrados nestes processos de busca no sentido de explicitá-los, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1- Resultados de todas as buscas de pesquisas

TIPOS DE PESQUISA	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações UEL	CAPES	Google Acadêmico	Repositório UNICAMP Dissertações	Quantidade
Dissertações	6	4		0	10
Teses	4	1		0	5
Artigos	0	1	1	1	3
Total					18

Fonte: A autora.

Enfim, a partir de um panorama mais amplo, o estado da arte apresenta um retrato rico e abrangente das conquistas e descobertas mais recentes em um campo específico, ao refletir a jornada contínua de exploração e investigação que os pesquisadores empreendem, contribuindo para a construção do conhecimento humano. No entanto, o estado da arte também aponta lacunas e desafios que servem como aspectos motivadores para estudos posteriores. Em outras palavras, à medida que nos despedimos deste “instantâneo”, somos instigados a prosseguir na busca por novas fronteiras do entendimento, mantendo viva a chama da

curiosidade e do avanço, a fim de moldar o futuro do campo investigado e enriquecer nosso acervo global de conhecimento.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS ENCONTRADOS

Nesta seção, trataremos dos resultados das análises no sentido de evidenciar até que ponto os dados atendem aos objetivos específicos, bem como respondem às perguntas de pesquisa, em relação às variáveis consideradas nas respostas dos participantes. Esta etapa nos permitiu entender de forma mais abrangente como as crenças, atitudes e características linguísticas se interconectam de modo a influenciar a percepção das pessoas ao ouvir vozes e sotaques. Assim, o propósito desta seção é o de ressaltar as percepções relevantes a respeito das imagens criadas pelos informantes acerca dos cinco áudios ouvidos ao responder ao questionário. Com isso, consideramos as conexões, influências e relações de sentido estabelecidas pelos informantes, que possam desempenhar um papel significativo na construção de suas percepções. Tais informações podem envolver aspectos culturais, contextuais, históricos ou psicológicos, influenciando como a linguagem é utilizada e interpretada em determinados contextos sociais.

Assim, à medida que as análises foram sendo realizadas, nos permitiram um maior entendimento sobre os dados obtidos. Com isso, os resultados das análises nos auxiliam a discorrer sobre os aspectos que emergem dos dados no sentido de atender aos objetivos, bem como responder às perguntas de pesquisa. Desse modo, considerando a relevância de se levar em conta o reconhecimento das vozes e dos sotaques como elementos a serem considerados em sua diversidade social, organizamos as perguntas do questionário em relação a ambos os tópicos, que serão abordados nesta pesquisa, conforme a Figura 8.

Figura 8 - Perguntas sobre percepções de vozes e sotaques dos participantes da pesquisa

SOTAQUES	1) Após ouvir cada áudio da gravação, pela voz que você ouvir, imagine quem possa estar falando e descreva como essa pessoa é.	PERCEPÇÕES AUDITIVAS SOTAQUES E VOZES
	2) O que leva você a pensar que ela ou ele é assim?	
	3) Você gosta do sotaque apresentado no áudio escutado?	
	4) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	
	5) Você sabe à qual região do Brasil este sotaque pertence?	
	6) Se você respondeu SIM na pergunta anterior, mencione a região do Brasil à qual este sotaque pertence. Se respondeu NÃO, mencione a região do Brasil à qual você ARRISCA dizer que ela pertence.	
	7) Como você imagina que é a região do Brasil à qual este sotaque pertence? Descreva o que imaginar.	
	8) Como você imagina serem ou como vivem as pessoas desta região? Que características você pensa que elas têm?	
VOZES	9) Você gosta da voz ouvida no áudio?	
	10) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	
	11) À qual gênero (sexo)/orientação sexual pertence à voz do áudio ouvido? (masculino, feminino, Lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário, crossdresser, etc.).	
	12) Por que você pensa que o gênero da voz do áudio ouvido é a que você identificou?	
	13) Na sua opinião, qual seria a idade da pessoa que falou no áudio?.	
	14) O que te fez considerar que esta pessoa tem a idade que você indicou na pergunta anterior?	
NÍVEL DE ESCOLARIDADE	15) Você considera a pessoa do áudio escolarizada?	
	16) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	
NÍVEL DE ESCOLARIDADE	17) A pessoa que falou no áudio se comunica bem, na sua opinião?	
	18) O que faz você pensar na sua resposta dada à pergunta anterior. Justifique sua resposta	

Fonte: A autora.

Na sequência, trataremos da discussão dos resultados referentes aos objetivos específicos e às perguntas de pesquisa.

5.1 Características atribuídas aos falantes das gravações pelos professores e alunos do Ensino Médio

Para confirmarmos o atendimento ao primeiro objetivo específico, bem como responder à primeira pergunta de pesquisa sobre o tema deste tópico, visamos a entender as percepções dos professores e estudantes do Ensino Médio em relação às características atribuídas aos falantes das gravações, tomando por foco as avaliações das vozes das gravações. Por meio dessa investigação, procuramos elucidar como esses indivíduos interpretam e classificam os traços associados aos diferentes falantes, considerando fatores como gênero, sotaque, nível de escolaridade e atuação profissional. Ao examinar as perspectivas desses grupos, esperamos

obter elucidações valiosas sobre as percepções linguísticas e sociais que influenciam a compreensão das vozes e sua representação no contexto educacional.

Primeiramente, para a identificação das características a serem atribuídas aos falantes das gravações, realizamos as transcrições dos 5 áudios do texto selecionado no sentido de antecipar o entendimento da caracterização que os professores e alunos poderiam fazer ao ouvir os áudios e ao responder o questionário. Assim, a aplicação do questionário teve como objetivo específico identificar as características atribuídas pelos professores e alunos do Ensino Médio ao ouvir a voz dos participantes que gravaram o texto, consoante a percepção dos respondentes. Com a aplicação do questionário, foi possível identificar algumas variáveis para análise. Após a análise das transcrições das gravações dos áudios pela pesquisadora e das respostas de E -1, 2, 3 e P - 1, 2, 3, podemos destacar algumas percepções relevantes que atendem aos objetivos gerais e específicos propostos, conforme mostra o Quadro 8.

Quadro 8 – Caracterização das vozes e sotaques apresentados nos áudios pelos professores e alunos

Perguntas do questionário Google Forms	Áudio 1: Mulher Nordestina	Áudio 2: Homem Paulistano	Áudio 3: Mulher Trans Paulistana/Alagoana	Áudio 4: Homem Trans – Carioca / Mineiro	Áudio 5: homossexual gay Paranaense
1) Após ouvir cada áudio da gravação, pela voz que você ouvir, imagine quem possa estar falando e descreva como essa pessoa é.	<p>E1: Uma mulher do nordeste do Brasil, com sotaque nordestino.</p> <p>E2: Uma mulher de mais de 45 anos, nascida e criada no norte do Brasil.</p> <p>E3: Mulher negra brasileira, com raízes nordestinas, sotaque característico da região nordeste, adulta, com idade em torno de +35 anos.</p> <p>P1: Uma mulher de meia idade, falando com sotaque nordestino.</p> <p>P2: Uma mulher, de aproximadamente 50 anos, morena clara e de peso mediano.</p> <p>P3: Uma Paraibana de 30 e poucos anos,</p>	<p>E1: Um homem, baixo, com sapatênis, camiseta, calça jeans, e ele sendo calvo.</p> <p>E2: Um jovem de 20 anos, sem muitas experiências.</p> <p>E3: Uma pessoa do sexo masculino, branca.</p> <p>P1: Um homem jovem.</p> <p>P2: Um homem de estatura baixa e magro.</p> <p>P3: Um jovem de 20 e poucos anos.</p>	<p>E1: Um homem com sotaque neutro, um homem baixo.</p> <p>E2: Um jovem que terminou o ensino médio recentemente e está entrando na vida acadêmica.</p> <p>E3: Uma pessoa do sexo masculino, amigável, mais instruída no âmbito acadêmico.</p> <p>P1: Uma mulher idosa, acima de sessenta anos.</p> <p>P2: Uma mulher, de meia idade, de óculos e cabelo grisalho.</p> <p>P3: Um jovem de mais de 20 anos, branco, trabalhador assalariado.</p>	<p>E1: Um homem, alto, com barba com camisa polo.</p> <p>E2: Um jovem de 19 anos que vive a sua vida toda no litoral.</p> <p>E3: Homem jovem, de pele parda.</p> <p>P1: Um rapaz.</p> <p>P2: Talvez um adolescente, de aproximadamente 17 anos, alto e forte.</p> <p>P3: Um jovem negro, em idade escolar.</p>	<p>E1: Um homem tipo hétero top, tênis, calça de moletom, um pouco de barba e olhos castanhos.</p> <p>E2: Um homem sem muito conhecimento.</p> <p>E3: Homem jovem, de pele escura.</p> <p>P1: Um rapaz.</p> <p>P2: Talvez um adolescente, de aproximadamente e 17 anos, alto e forte.</p> <p>P3: Um jovem negro, em idade escolar.</p>

	negra, provavelmente escritora.				
2) O que leva você a pensar que ela ou ele é assim?	<p>E1: Pelo sotaque. E2: Em primeira análise, o sotaque no qual é bem presente e notável e a forma compassada de falar. E3: Pelo sotaque e o tom de voz.</p> <p>P1: Devido ao sotaque característico, o tom da voz, que me leva a deduzir a sua regionalidade e aspectos físicos, de acordo com o que fala e como fala. P2: Pelo tom da voz, parece-me que a pessoa tem uma boa dicção. P3: Pelo sotaque e o tom de voz.</p>	<p>E1: Pelo jeito que ele fala. E2: A forma de falar. E3: Pelo som da voz.</p> <p>P1: Pelo jeito que ele fala. P2: Pelo tom da voz. P3: Pelo tom da voz.</p>	<p>E1: Pelo jeito da fala dele. E2: Pela forma que ele fala. E3: Pelo modo no qual ele fala.</p> <p>P1: Pelo jeito da fala dele. P2: Pela forma que ele fala. P3: Pelo tom da fala, puxada para o agudo mais masculino.</p>	<p>E1: Pelo jeito da fala. E2: A forma em que ele falou. E3: Ao tom de voz e o lugar onde penso que ela está situada.</p> <p>P1: Pelo jeito da fala. P2: A forma em que ele falou. P3: Pelo timbre/tom da voz.</p>	<p>E1: Pelo jeito da fala. E2: A forma em que ele falou. E3: Pois o tom da fala me remete ao sexo masculino.</p> <p>P1: Pelo jeito da fala. P2: A forma em que ele falou. P3: Pelo timbre da voz, que parece estar em transição.</p>
3) Você gosta do sotaque apresentado no áudio escutado?	<p>E1: Sim E2: Sim E3: Sim</p> <p>P1: Sim P2: Gosto parcialmente P3: Sim</p>	<p>E1: Gosto parcialmente E2: Gosto parcialmente E3: Sim</p> <p>P1: Gosto parcialmente P2: Gosto parcialmente P3: Sim</p>	<p>E1: Gosto parcialmente E2: Sim E3: Sim</p> <p>P1: Sim P2: Sim P3: Sim</p>	<p>E1: Sim E2: Sim E3: Sim</p> <p>P1: Gosto parcialmente P2: Gosto parcialmente P3: Parcialmente bem</p>	<p>E1: Gosto parcialmente E2: Gosto parcialmente E3: Não</p> <p>P1: Gosto parcialmente P2: Não P3: Não</p>
4) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	<p>E1: Eu acho o sotaque nordestino bem forte, e acho gostoso de ouvir. E2: Eu gosto desse sotaque por ser uma das características marcantes do nosso país. E3: Acho um sotaque muito leve, gostoso de ser ouvido, diferente do que é habitual de minha região, geralmente carregado por</p>	<p>E1: Nada contra. E2: Eu gosto parcialmente por ser um sotaque bem comum. E3: Gosto, devido à presença de variedade no modo no qual são ditas as palavras, sonoridade, mostrando as diversidades presentes nas diferentes regiões do</p>	<p>E1: Gosto parcialmente. E2: Eu gosto parcialmente por ser uma voz que eu escuto com bastante frequência. E3: Sim, uma voz mais jovial.</p> <p>P1: É boa de ouvir, fala pausadamente, dá para entender bem. P2: Pois a voz é suave. P3: Fácil de</p>	<p>E1: Gosto parcialmente. E2: Gosto parcialmente, porque é uma voz marcante, mas em muitas partes possui uma certa dificuldade na hora de falar. E3: Sim, um sotaque mais rápido, mas bem agradável.</p> <p>P1: Por ser apenas uma leitura, não é possível fazer um</p>	<p>E1: Gosto parcialmente. E2: Gosto parcialmente, porque é um sotaque que puxa bem algumas letras. E3: Fala demasiadamente rápida, difícil de entender.</p> <p>P1: Eu não gosto muito por ser difícil a compreensão por ele falar mais</p>

	pessoas muito acolhedoras. P1: É boa de ouvir, fala pausadamente, dá para entender bem. P2: Pois a voz é suave. P3: Fácil de compreender.	Brasil. P1: Ele puxa muito os erres. P2: Sim, pois convivo com variados tipos de pessoas e aprendi a respeitar e aceitar as variações e diferenças linguísticas. P3: É fácil de compreender.	compreender.	julgamento correto. P2: Sim, pois foi de muito fácil compreensão. P3: Pela fluência na leitura.	rápido. P2: Um tom muito agudo, de fala muito rápida. P3: Pois o timbre da voz parece estar em transição.
--	--	---	--------------	---	---

Fonte: A autora.

A análise dos dados revelou-nos aspectos significativos relacionados à percepção da voz e do sotaque de uma mulher nordestina presente no áudio 1. Os participantes evidenciaram a capacidade de associar características linguísticas, como fala compassada, a uma identidade cultural específica da região, notadamente ligada ao nordeste do Brasil. Surpreendentemente, essas relações linguísticas os levaram para a construção de uma imagem física da pessoa retratada no áudio, caracterizando-a como uma mulher negra, de meia-idade e com raízes nordestinas. A descrição do áudio, caracterizando a pessoa como uma mulher negra, de meia-idade e com raízes nordestinas, pode ser compreendida à luz de diversos elementos presentes no processo perceptivo dos participantes. A associação da voz a essas características específicas reflete uma interação complexa entre estereótipos linguísticos, experiências individuais, influências culturais, sensibilidade contextual, pistas linguísticas e a construção mental de imagens. Primeiramente, estereótipos linguísticos e culturais podem ter desempenhado um papel significativo, pois certas regiões do Brasil, como o Nordeste, são frequentemente vinculadas a características linguísticas específicas, as quais por sua vez são associadas a grupos étnicos e culturais.

Além disso, as percepções dos participantes podem ter sido influenciadas por experiências pessoais anteriores, por meio das quais as vozes semelhantes foram previamente relacionadas a determinadas características físicas. A influência da mídia, que, muitas vezes, estabelece relações entre sotaques específicos e traços culturais, também pode ter contribuído para a formação dessas imagens, ou seja, se o conteúdo remetia a aspectos culturais nordestinos, os participantes podem ter sido mais propensos a associar a voz a características específicas da região.

A presença de pistas linguísticas presentes no sotaque nordestino que faziam parte do contexto dos informantes, acompanhado de elementos particulares de pronúncia, pode ter

desencadeado a construção dessas imagens mentais. Ademais, a própria natureza humana de criar representações visuais mentais para complementar a experiência auditiva pode ter desempenhado um papel fundamental nessa associação de características físicas à voz percebida. Esta análise sublinha a limitação intrínseca na determinação de características étnicas exclusivamente pela voz, evidenciando a necessidade de pistas visuais para uma identificação dessas percepções. Esta análise, portanto, ressalta a importância de se considerar o contexto sociocultural ao interpretar percepções linguísticas com base em pistas auditivas. A conclusão destaca que o sotaque não é meramente uma expressão linguística, mas um componente cultural dinâmico que evolui ao longo dos nossos conhecimentos sob diversas influências. Com isso, esta análise contribui para uma compreensão mais ampliada das complexidades envolvidas na interpretação de vozes e sotaques, lançando luz sobre a inter-relação entre linguagem, cultura e identidade.

No entanto, a maioria dos participantes conseguiu reconhecer o sotaque como sendo típico de uma mulher do nordeste, o que está conforme as características de suas percepções baseadas nos dados de identificação coletados pela pesquisadora. Esse reconhecimento preciso destaca uma sensibilidade linguística aguçada sobre o sotaque da região nordeste pelos informantes, sugerindo uma forte ligação entre as variações linguísticas e a identidade regional. Em relação à idade, observou-se que muitos participantes conseguiram estimar aproximadamente a idade da pessoa com base nos dados coletados das vozes. No entanto, alguns erraram nessa estimativa. Essa constatação ressalta a complexidade associada à interpretação da idade por meio da audição, evidenciando que fatores como entonação, ritmo de fala e estilo podem influenciar a percepção da idade de maneira subjetiva. Isso destaca que a voz e o sotaque podem fornecer pistas importantes sobre a origem geográfica, mas nem sempre são precisos na determinação da idade da pessoa. A análise da voz e do sotaque não é sempre precisa na determinação da idade de uma pessoa, destacando as limitações da percepção auditiva. A idade, por se tratar de uma característica complexa, pode não ser completamente expressa nas características da voz. Isso ocorre porque há casos de pessoas jovens com uma produção vocal que pode parecer indicativa de uma idade mais avançada, assim como indivíduos mais velhos podem apresentar uma voz mais jovem. Essa diversidade destaca que a relação entre voz e idade não segue uma regra rígida; trata-se apenas de uma tendência, indicando que algumas vozes de pessoas mais velhas correspondem às suas idades, enquanto em outros casos, essa correspondência pode não ocorrer. Essa variação ressalta a necessidade de uma abordagem cautelosa ao interpretar características vocais em relação à idade, reconhecendo as nuances individuais que podem divergir da expectativa do que podemos achar

comum. Isso ressalta a importância de considerar vários elementos na análise linguística, reconhecendo que a voz é apenas um aspecto da comunicação verbal.

Após a análise dos dados das respostas do áudio 2, foi confirmado que os participantes perceberam que a voz pertence a um homem jovem, o que se alinha com as informações de identificação das vozes e sotaques. Os participantes o descreveram como baixo, calvo, usando sapatênis, camiseta e calça jeans, e o associaram a um jovem de cerca de 20 anos, com pouca experiência e de etnia branca. No entanto, a estatura não corresponde a uma pessoa baixa e calva, nem de etnia branca, mas, sim, a alguém com aproximadamente 19 anos. Quanto às vestimentas, não foram coletados dados sobre o estilo pessoal, o que pode ser considerado uma lacuna a ser abordada em questionários futuros. Por outro lado, um dos participantes acertou ao perceber que a pessoa era magra. As descrições físicas foram baseadas na forma de falar e na expressão masculina percebidas pelos participantes, refletidas no tom da voz. Entretanto, a maioria dos participantes acertou corretamente o gênero da pessoa. Esses resultados ressaltam como nossas percepções, baseadas em características de voz, podem nos levar a fazer inferências sobre a aparência física e até mesmo atribuir características específicas, como idade e gênero. Compreender essas dinâmicas é crucial para uma interpretação mais precisa e imparcial das informações fornecidas pelos participantes do grupo - 2.

Em relação à mulher trans do áudio 3, natural de Alagoas, que já residiu em São Paulo, as representações dos participantes do grupo 2 – 3 abrangem uma ampla gama de características físicas. Algumas descrições a retratam como uma mulher idosa com mais de 60 anos, baixa e magra, enquanto outras a descrevem como um jovem de cerca de 20 anos. Além disso, também foram mencionadas descrições como uma mulher de meia-idade, usando óculos e com cabelos grisalhos. No que diz respeito à idade, as pessoas não acertaram com precisão, mas, em relação às características físicas, acertaram a descrição de ser magra. No entanto, quando se trata do gênero, apenas um participante acertou corretamente a orientação sexual da participante. Em relação aos dados educacionais, a maioria dos participantes descreveu a pessoa como tendo instrução no âmbito acadêmico, não correspondendo aos dados do indivíduo da voz e sotaque. Essa diversidade de representações sugere que os informantes do estudo têm interpretações distintas sobre a aparência da mulher trans em questão, o que pode refletir preconceitos, estereótipos ou influências de outros fatores não mencionados nas descrições. As inconsistências na estimativa da idade e nas características físicas indicam desafios na formação de uma imagem precisa da pessoa com base apenas na voz e sotaque.

A discrepância em relação aos dados educacionais destaca outra camada de complexidade. A maioria dos participantes descreveu a pessoa como tendo instrução

acadêmica, o que não corresponde aos dados reais fornecidos sobre o indivíduo. Isso ressalta a necessidade de considerar como as expectativas e estereótipos podem influenciar a interpretação das características de uma pessoa trans, especialmente quando baseadas apenas na voz e no sotaque. Esses resultados sugerem que as percepções podem ser influenciadas por fatores além das características auditivas, como preconceitos e concepções prévias relacionadas ao gênero e à identidade de gênero ou orientação sexual.

Essas descrições refletem a influência de ideias relacionadas ao gênero, que podem levar a preconceitos vocais, quanto à aparência física e ocupacional nas percepções das vozes e sotaques. É essencial estar ciente sobre estas dinâmicas para garantir uma interpretação mais justa e precisa das informações fornecidas pelos informantes dos grupos, pois, a nosso ver, esta construção está intimamente relacionada aos papéis de gênero, que ignoram a realidade de que todos são iguais perante a lei. Tais raízes antigas têm consequências e afetam a saúde mental, além de gerar preconceito para aqueles cuja voz não atende às expectativas em relação ao seu corpo, aparência ou gênero. As informações analisadas nestas respostas, correspondentes ao áudio 3, destacam a complexidade das interpretações sociais e linguísticas relacionadas à identidade de gênero. É importante considerar que as pessoas trans podem ter uma variedade de vozes e expressões linguísticas e não devemos limitar nossa compreensão com base em estereótipos de gênero predefinidos conforme nossas crenças.

Após a análise dos dados do áudio 4, constatou-se que os participantes têm percepções diversas em relação a um homem trans carioca, envolvendo estereótipos relacionados à aparência física, como altura e força. Suas respostas variaram quanto à idade, descrevendo-o como homem jovem, rapaz ou adolescente e também mencionaram a raça, apontando pele parda e negra. A maioria dos participantes estimou sua idade entre 17 e 19 anos, embora essa estimativa não corresponda à idade real do participante. Além disso, destacaram que a pessoa do áudio viveu toda a vida no litoral, mas não temos informações precisas sobre essa afirmação, apesar de sabermos que o participante já morou no Rio de Janeiro. Quanto ao gênero, todos o identificaram como um homem, com base na tonalidade de sua voz e no jeito de falar. Em relação à orientação sexual, todas as respostas foram unânimes e acertadas, mas, quanto ao gênero, trata-se de uma pessoa com características biológicas femininas. No entanto, é relevante ressaltar que, ao considerar um homem trans, é importante ter em mente que se trata de uma pessoa designada como mulher ao nascer, mas que se identifica como homem. Houve uma variedade notável nas estimativas de idade, com descrições que abrangem desde homem jovem até adolescente, refletindo uma certa ambiguidade na percepção da idade do indivíduo. A menção à raça, com referências a pele parda e negra, destaca como os informantes tentam

atribuir características da imagem criada por eles a partir apenas da voz, evidenciando a complexidade das percepções baseadas no áudio.

A maioria dos participantes estimou erroneamente a idade do Homem Trans Carioca, sugerindo que a voz pode criar percepções equivocadas sobre a faixa etária. A afirmação de que o participante viveu toda a vida no litoral, sem informações precisas, ressalta como as interpretações podem incluir elementos não fornecidos no áudio em relação à voz e ao sotaque.

A identificação unânime do gênero como homem evidencia a eficácia da produção da voz e do modo de falar na percepção da identidade de gênero. No entanto, as características biológicas femininas do participante do áudio 4 ressaltam a relevância de esclarecer que um homem trans é uma pessoa que se identifica como mulher ao nascer, mas que se identifica como homem, contribuindo para a conscientização sobre a diversidade de identidades de gênero e evita interpretações baseadas em estereótipos físicos e não em orientação sexual.

Com base nessas percepções, é crucial evitar tecer julgamentos precipitados sobre o gênero ou a orientação sexual de alguém, pois isso pode levar a preconceitos vocais, tal como acreditar que a voz de uma pessoa deve corresponder à sua aparência física, sotaque ou idade. Devemos compreender que a identidade de gênero e a orientação sexual são aspectos complexos e não podem ser inferidos apenas com base na voz de alguém. É essencial que pratiquemos o respeito e a valorização da individualidade, reconhecendo a diversidade e evitando estereotipar com base em percepções superficiais. Como o gênero é socialmente identificado pela voz, essa situação pode ter efeitos psicossociais negativos. A comunicação verbal e não verbal de cada gênero é esperada como parte de sua identidade, portanto, se uma pessoa fala de uma maneira que faz o ouvinte acreditar que é de um gênero diferente, pode causar ofensa e levar ao preconceito vocal. Esses estereótipos refletem a tendência humana de criar impressões com base em características físicas e estereótipos culturais, incluindo aspectos vocais. Essa predisposição pode influenciar as percepções das vozes e sotaques das pessoas, levando as pessoas que ouvem a desenvolver preconceitos. É importante estar ciente desse fenômeno para se evitar julgamentos injustos e promover uma compreensão mais aberta e inclusiva em relação às identidades individuais e culturais.

A análise dos dados do áudio 5 revela a possível presença de crenças, atitudes e preconceitos linguísticos relacionados às vozes e sotaques de um homem homossexual paranaense. Os participantes basearam suas percepções nas características da voz, associando-as a estereótipos de gênero, orientação sexual, características físicas e atributos de vestimenta, além de mencionarem a raça, a cor dos olhos e a etnia como aspectos relevantes. No entanto, algumas das descrições não corresponderam à realidade, como a estatura, pois a pessoa da voz

tem uma estatura média, mas foi descrita como alta. Quanto à idade, um dos participantes, um professor, acertou corretamente a idade da pessoa. Em relação ao sotaque, foram mencionadas diferentes formas de falar, o jeito e o tom da fala, mas surgiu uma reflexão sobre o que realmente define o “jeito certo” de falar. A seguir, apresentamos trechos das descrições feitas pelos participantes sobre como a pessoa deve falar e a sua descrição, levando-os a pensar que a pessoa do áudio 5 é assim, com base na percepção dos ouvintes, que incluem estudantes e professores.

E1: Pelo jeito da fala. E2: A forma em que ele falou.
P1: Pelo jeito da fala. P2: A forma em que ele falou.
(E1, E2, P1, P2, 2023).

As descrições feitas pelos informantes em torno do “jeito certo” de falar, evidenciado pelas reflexões sobre a forma da fala, o jeito e o tom da voz, apontam para a subjetividade e a diversidade de interpretações sobre o que é considerado adequado linguisticamente. As citações dos participantes (E1, E2, P1, P2, 2023) indicam que o “jeito de falar” foi uma base comum para suas percepções, levantando questões sobre padrões linguísticos e a influência de estereótipos na avaliação das vozes. Essa norma é definida pelas pronúncias, estruturas morfosintáticas e vocabulário tomados como modelos em determinados contextos sócio-históricos. Além disso, o timbre da voz foi apontado como se estivesse em transição, o que pode indicar mudanças na voz relacionadas a fatores como idade, desenvolvimento ou outros aspectos individuais. No mais, a voz permite a interação e a comunicação, possibilitando a emissão de opiniões e a apresentação de si para o mundo. A voz consegue transmitir expressividade e intenções, tornando-se uma projeção da personalidade e uma representação da pessoa na totalidade. Essa análise destaca a importância de se evitar a criação de estereótipos e preconceitos linguísticos, respeitando-se a diversidade das vozes e sotaques. Cada pessoa possui uma forma única de se expressar, e não devemos julgar ou rotular as pessoas com base em percepções superficiais. A nosso ver, isso ocorre porque as pessoas que julgam certas formas de falar como certas ou erradas são geralmente aquelas que têm mais educação e pertencem a uma classe social privilegiada.

Ao examinar as respostas dos informantes em relação aos diferentes áudios, observamos como as características atribuídas aos falantes refletem estereótipos culturais e preconceitos. Por exemplo, a associação do sotaque nordestino a características físicas como ser uma mulher negra, de meia-idade, demonstra como as percepções podem ser influenciadas por estereótipos regionais. Assim, a identificação de um homem jovem no segundo áudio e as descrições físicas associadas a ele, como ser baixo, calvo e vestir sapatênis, ressaltam a capacidade das pessoas

de criar imagens mentais com base apenas na voz, mostrando como as percepções auditivas podem influenciar na formação de estereótipos. As respostas em relação à mulher trans do terceiro áudio indicam uma diversidade de interpretações sobre características físicas e identidade de gênero, evidenciando a complexidade das percepções relacionadas à voz e à aparência. No quarto áudio, a análise destaca como as percepções sobre um homem trans carioca podem envolver estereótipos sobre características físicas associadas à região, como pele parda e negra, demonstrando como as ideias preconcebidas podem influenciar nas interpretações. No último áudio, a percepção do homem homossexual paranaense revela não apenas estereótipos relacionados à orientação sexual, mas também reflexões sobre o “jeito certo” de falar. Essa parte da análise destaca a importância de compreender a diversidade linguística e evitar julgamentos baseados em normas pré-estabelecidas.

Em termos de contribuições, estas análises oferecem esclarecimentos valiosos sobre como as vozes e sotaques são percebidos e interpretados, destacando a necessidade de sensibilização em relação aos estereótipos linguísticos e à diversidade de expressão vocal, ressaltando a importância do reconhecimento sobre a individualidade.

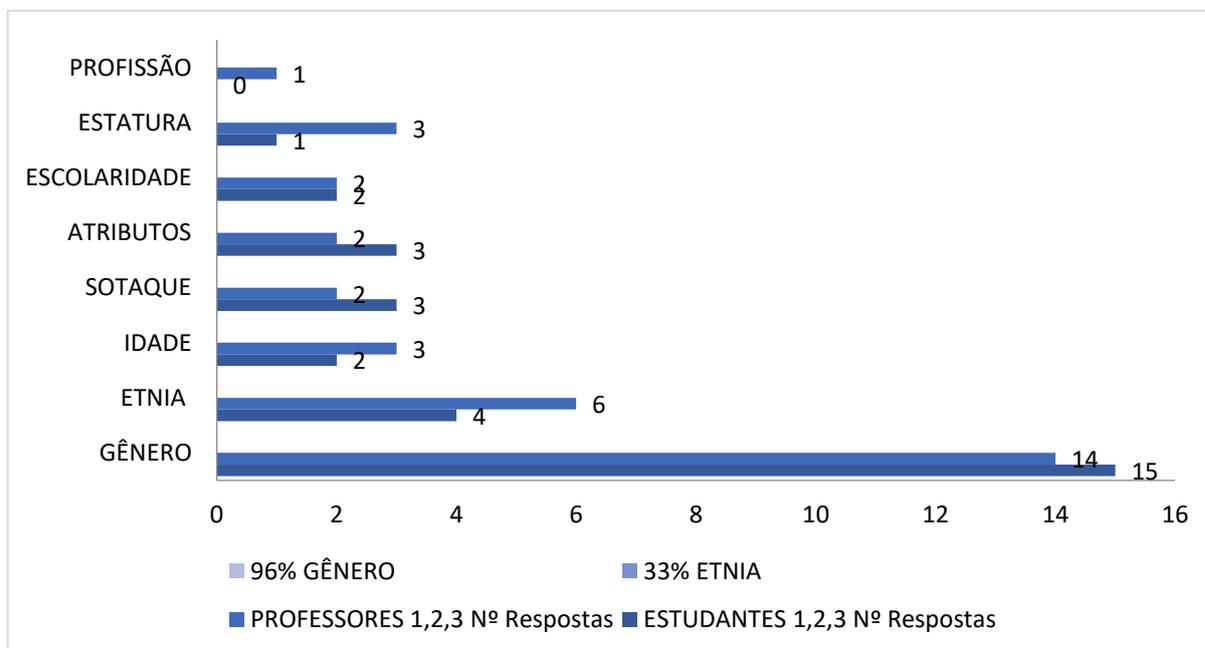
Em resumo, os dados desta pesquisa enfatizam a complexidade das percepções linguísticas e sociais associadas às vozes e sotaques, chamando a atenção para a influência de estereótipos e preconceitos na formação dessas percepções. Essa conscientização é crucial para se construir um ambiente mais inclusivo, a fim de promover uma apreciação mais aberta da diversidade linguística.

Ademais, a compreensão sobre a proposta desta pesquisa pela comunidade escolar justifica-se uma vez que, ao participar da coleta de dados, propicia o diálogo, a colaboração, contribuindo para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e sensível à diversidade. É importante para estudantes e professores conhecerem diversas questões acerca de vozes e sotaques regionais porque isso amplia sua compreensão sobre a diversidade linguística e cultural. Ao reconhecer e valorizar diferentes formas de falar, podem desenvolver uma maior sensibilidade para o uso da linguagem, promovendo respeito mútuo e inclusão dentro e fora do ambiente escolar. Além disso, o conhecimento sobre vozes e sotaques regionais ajuda a prepará-los para interações interculturais em um mundo globalizado, no qual a diversidade linguística é uma realidade. Enfim, ao reconhecer a diversidade de vozes e identidades de gênero, promovemos a inclusão e o respeito pela autenticidade de cada indivíduo, com vistas à criação de um ambiente escolar mais acolhedor e equitativo.

A seguir, no Gráfico 1, apresentamos a distribuição total de respostas correspondentes a todos os sotaques e vozes dos áudios (1, 2, 3, 4 e 5) em relação às variáveis observadas e

analisadas nas respostas da pergunta n.º 1 do questionário *online Google Forms*, referentes às características das respostas.

Gráfico 1 – Respostas sobre os sotaques e vozes dos áudios 1, 2, 3, 4, 5 e as variáveis



Fonte: Dados obtidos do questionário *online* aplicado pelo *Google Forms*.

No gráfico apresentado acima, evidenciamos de maneira abrangente as respostas oferecidas pelos participantes em relação às variáveis observadas conforme a pergunta 1 do questionário – “Após ouvir cada áudio da gravação, pela voz que você ouvir, imagine quem possa falar e descreva como essa pessoa é”. Essas respostas proporcionaram percepções distintas. Realizamos uma quantificação do número de respostas, destacando as variáveis que foram mais frequentemente mencionadas. A partir disso, realizamos a soma e multiplicação das respostas do grupo 2 – 3, de estudantes e professores, convertendo os resultados em percentuais. Essa análise resultou na identificação dos percentuais mais significativos, que coincidiram com as variáveis e características atribuídas aos falantes das gravações por professores e estudantes do Ensino Médio.

Com isso, em relação às respostas da primeira pergunta do questionário a respeito da imagem que se poderia criar do falante da gravação ao ouvi-la, os resultados obtidos indicaram que os fatores mais influentes para a realização desta percepção foram referentes às variáveis de gênero, representando 96%, e de etnia, representando 33% do total de respostas mencionadas de todos os áudios ouvidos. Os dados sugerem que, quando um grupo de 3 professores e 3 estudantes foi solicitado a descrever uma pessoa ao ouvir sua voz e o sotaque, a maioria dos

participantes (96%) optou por focar no gênero da pessoa, determinando se ela era homem, mulher, jovem, idosa ou homossexual com base apenas na voz. Além disso, em resposta à mesma pergunta, cerca de (33%) dos participantes mencionaram a etnia da pessoa, tentando discernir se a pessoa era branca ou negra pela voz. No que diz respeito ao fator gênero, os dados mostraram que em uma das gravações de texto, que apresentava a voz de um homem trans com origens cariocas e mineiras, todas as respostas dos informantes se referiram ao gênero masculino, embora, na realidade, a voz pertencesse a alguém com características físicas e anatômicas femininas. No entanto, se os participantes de P1, P2, P3 e E1, E2, E3 tivessem acesso às pistas visuais, é possível que suas respostas apresentassem variações. A tendência de se associar gênero e etnia à voz pode ser atribuída a uma série de fatores psicossociais e culturais. A seguir destacaremos algumas razões possíveis, a saber: sociedade e cultura; experiência pessoal; e viés inconsciente.

Em outras palavras, realizar uma pesquisa na escola sobre crenças, atitudes e preconceitos linguísticos, com a participação de estudantes e professores, ao ouvir vozes de diferentes sotaques e gêneros sexuais, representa uma oportunidade de suma importância para a compreensão da percepção linguística. Inicialmente, a investigação dos diversos sotaques possibilita uma exploração acerca da forma como são percebidos e avaliados, permitindo identificar eventuais estigmas linguísticos associados a determinadas variedades e regiões. Tal análise é crucial, uma vez que, dentro do ambiente escolar, tanto professores quanto alunos podem ser objeto de observação, no que diz respeito ao uso de voz e sotaque, conforme a percepção alheia. No que concerne aos gêneros sexuais e suas respectivas vozes, é relevante examinar se ocorrem discrepâncias na interpretação e valoração dessas vozes, ao mesmo tempo em que se identificam estereótipos linguísticos relacionados ao preconceito. Em relação às atitudes e preconceitos, nossa pesquisa busca avaliar a consciência linguística dos participantes, no sentido de investigar de que maneira a exposição a diversas formas linguísticas influencia os estudantes e professores no contexto escolar.

A propensão das pessoas em concentrar-se no gênero ao criar uma imagem mental do falante, com algumas pessoas também mencionando a etnia, pode ser explicada por diversos fatores psicossociais e culturais. Na maioria, as normas sociais e culturais desempenham um papel significativo nesse comportamento, uma vez que estereótipos associados a diferentes gêneros e etnias são frequentemente internalizados pela sociedade. A sociedade, muitas vezes, estabelece expectativas específicas em relação às características vocais associadas a cada gênero. Dessa forma, as pessoas tendem a focalizar predominantemente no gênero ao criar uma imagem mental do falante, uma vez que isso está alinhado com as normas culturais

preexistentes. Além disso, a exposição a diferentes variedades linguísticas e sotaques ao longo da vida também pode influenciar essas percepções, levando a suposições baseadas na familiaridade.

As experiências pessoais de cada indivíduo desempenham um papel crucial nesse processo. Experiências prévias que associam determinados tipos de vozes a gêneros específicos podem influenciar as percepções e respostas ao questionário. Da mesma forma, a exposição a diferentes contextos culturais pode contribuir para a formação de estereótipos e expectativas. Além disso, vale ressaltar a presença do viés inconsciente. Mesmo quando as pessoas não estão conscientes, preconceitos enraizados em relação a gênero e etnia podem afetar suas percepções. Esses preconceitos podem se manifestar sutilmente, influenciando como as pessoas interpretam e respondem às características vocais dos falantes.

A interação complexa entre normas sociais, experiências individuais e preconceitos inconscientes contribui para a ênfase no gênero ao criar uma imagem mental do falante, com a etnia ocasionalmente mencionada como um fator adicional. Os dados analisados sugerem que, em uma amostra composta por professores e estudantes, a identificação do gênero com base na voz e no sotaque é uma característica proeminente nas descrições feitas. Isso pode indicar que as pessoas têm uma tendência a atribuir características de gênero com base em pistas vocais e linguísticas, o que pode ser uma manifestação de estereótipos de gênero enraizados na sociedade. Além disso, o fato de 33% dos participantes mencionarem a etnia da pessoa com base na voz sugere que, em algumas situações, as pessoas podem tentar supor sobre a origem étnica e na maneira como alguém fala.

Essas suposições podem sugerir e influenciar preconceitos étnicos ou estereótipos culturais. Essas análises contribuíram para a formação de uma imagem abrangente em relação a todas as vozes dos áudios da pesquisa e sotaques regionais e nos indicam a importância de conscientização sobre estereótipos e preconceitos relacionados a gênero e etnia, especialmente, quando se trata de avaliações baseadas apenas nas vozes e sotaques, que podem ser imprecisas e algumas vezes injustas. É importante lembrar que a voz e o sotaque de uma pessoa não devem ser usados como única base para tirar conclusões sobre seu gênero ou etnia, pois essas características são complexas e multifacetadas.

5.2 Atitudes positivas ou negativas em relação aos sotaques dos áudios

Como segundo objetivo específico, esta análise de dados tem como propósito analisar as atitudes manifestadas pelos professores e alunos do Ensino Médio em relação aos sotaques

apresentados nos áudios. A pesquisa se concentra em examinar as percepções desses participantes quanto às variações linguísticas e aos diferentes sotaques evidenciados nas gravações. Assim, estas análises nos permitiram compreender como esses indivíduos avaliam e interpretam os sotaques dos falantes, identificando atitudes que possam ser categorizadas como positivas ou negativas. Ao explorar as perspectivas desses grupos, almejamos identificar possíveis preconceitos linguísticos ou estereótipos associados aos sotaques e examinar como essas atitudes podem influenciar a comunicação e as interações no âmbito educacional.

Em relação ao segundo objetivo específico e da segunda pergunta de pesquisa, sobre atitudes positivas ou negativas em relação aos sotaques dos áudios, detalhamos, conforme apresentado no Quadro 9, as perguntas e respostas relacionadas a todos os áudios, como percebidos pelos participantes do grupo 2, em relação à percepção dos sotaques e das vozes.

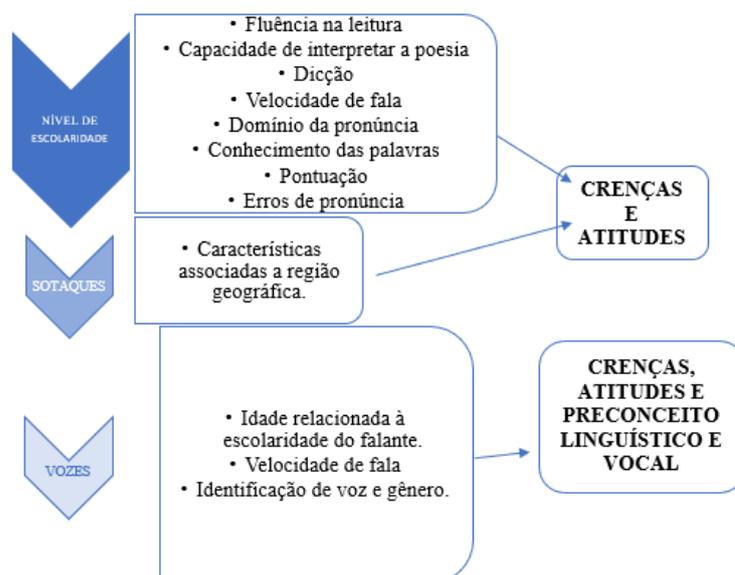
Quadro 9 – Perguntas e respostas relacionadas ao *Google Forms*, abrangendo as perguntas 15 e 16

Perguntas do questionário <i>Google Forms</i>	Áudio 1: Mulher Nordestina	Áudio 2: Homem Paulistano	Áudio 3: Mulher Trans Alagoana	Áudio 4: Homem Trans – Carioca	Áudio 5: homossexual gay Paranaense
15) Você considera a pessoa do áudio escolarizada?	E1: Sim E2: Sim E3: Não P1: Sim P2: Sim P3: Sim	E1: Sim E2: Sim E3: Sim P1: Sim P2: Não P3: Sim	E1: Sim E2: Sim E3: Sim P1: Não P2: Não P3: Sim	E1: Sim E2: Sim E3: Sim P1: Sim P2: Sim P3: Sim	E1: Sim E2: Não E3: Sim P1: Não P2: Sim P3: Sim
16) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	E1: Porque ela interpreta a poesia muito bem E2: Por declamar bem E3: Não sei como me expressar em relação a isso P1: A leitura está muito boa. P2: Acredito que sim, pois as palavras são bem articuladas e ela respeita as possíveis pontuações. P3: Pela fluência na leitura.	E1: Porque ela conseguiu ler E2: Eu considero uma pessoa escolarizada por conta da idade, porque hoje em dia boa parte dos jovens no Brasil tem o ensino básico. E3: Devido a esta localizada em uma região de maior escolaridade do que a pessoa do áudio anterior (áudio 1) P1: A leitura está bem pausada, há um bom tom. P2: Parece -me que falta um pouco de domínio da pronúncia, ele meio que hesita em algumas palavras, não respeita pontuação durante a leitura. P3: Pela clareza como falou.	E1: Porque ele leu e expressou bem. E2: Eu considero uma pessoa escolarizada por parecer uma pessoa jovem E3: Pela região na qual ela está situada P1: A leitura está bem pausada P2: Parece - me que alguns momentos ela se "pega" pensando em como se lê a próxima palavra. P3: A pessoa é parcialmente escolarizada.	E1: Porque ele leu bem o poema E2: Sim por ser um jovem E3: Acho que está no processo de escolarização, por acreditar ser uma pessoa mais jovem P1: Porque todo jovem deve estar na escola. P2: Boa dicção e não hesitou em nenhum momento. P3: Declamou com muita fluência.	E1: Acredito que se ele conseguiu ler o texto, seja escolarizado E2: Parece que o áudio foi decorado e muitas palavras foi falada de forma errada E3: Sim, a pessoa por mais que possua a fala muito rápida, fala as palavras de maneira correta P1: Ele fala meio estranho P2: A pessoa ainda deve estar em fase de estudos. P3: A pessoa é escolarizada, mas apresenta dificuldades de leitura.

Fonte: A autora.

Analisando os dados obtidos a partir das respostas dos participantes em relação às perguntas 15 e 16, observamos que a maioria dos participantes considerou as pessoas dos áudios 1, 2, 3, 4 e 5 escolarizadas, com exceção do participante E3 no áudio 1, do participante P1 e P2 no áudio 3, e dos participantes E2 e P1 no áudio 5, que responderam “Não” quanto à escolarização. Em relação à justificativa das respostas à pergunta 15, podemos notar que os participantes fundamentaram suas respostas de diferentes maneiras. Alguns mencionaram a fluência na leitura e a capacidade de interpretar a poesia muito bem e ler o texto como justificativas para considerar a pessoa escolarizada. Outros mencionaram a região geográfica na qual a pessoa está situada ou que “hoje em dia boa parte dos jovens no Brasil tem o ensino básico”, como argumentos para suas respostas. Além disso, alguns informantes observaram hesitações, pausas, velocidade de fala, falar incorretamente sem descrever porque, no conceito dela, a pessoa fala “errado”, ou dificuldades na leitura como possíveis indícios de falta de escolarização. A partir da análise dos dados da pergunta 15 e suas justificativas, podemos inferir que a avaliação da escolarização da pessoa do áudio na percepção dos informantes está relacionada à fluência na leitura, dicção, velocidade de fala, ao domínio da pronúncia e ao conhecimento das palavras, pontuações, “erros” na pronúncia, assim como as características associadas à região geográfica e à idade da pessoa do A2, o acesso ao ensino do falante como o mencionado na resposta acima, “boa parte dos jovens no Brasil tem o ensino básico”. Diante do exposto, sistematizamos os resultados desta parte das análises para uma maior visualização do que foi possível identificar a partir dos dados, conforme mostra a Figura 9.

Figura 9 – Crenças e atitudes em relação aos sotaques e vozes no contexto da educação



Fonte: A autora.

Com base nas informações evidenciadas na Figura acima, esses dados sugerem que características associadas à região geográfica e à idade do falante podem influenciar a percepção das pessoas. Com isso, é possível inferir que características relacionadas à região geográfica e à faixa etária do falante exercem influência significativa na percepção das pessoas em relação ao nível de escolaridade. A abordagem dos informantes em relação aos sotaques e vozes, no contexto da educação e níveis de escolarização, bem como suas justificativas, revelam dados importantes sobre a percepção do nível de escolaridade em observação da leitura dos participantes dos áudios.

Os informantes expressaram a crença de que uma pessoa para ser escolarizada deve demonstrar fluência na leitura, habilidade para interpretar poesia, dicção aprimorada, velocidade de fala adequada, domínio da pronúncia, conhecimento vocabular e habilidade de pontuar conforme as convenções linguísticas. Além disso, enfatizaram a ausência de erros de pronúncia como critério para a escolarização. Todas essas considerações, no entanto, podem estar profundamente ligadas às crenças e atitudes linguísticas dos participantes.

Determinar se uma pessoa é escolarizada com base na pronúncia da fala é um processo complexo e sujeito a diversas variáveis. Embora algumas características na fala possam sugerir níveis educacionais mais altos, mas, algumas vezes, isso não é real, existem diversas razões pelas quais uma pessoa, com um alto nível de escolarização, pode não apresentar fluência na fala, cometer erros, ou ter dificuldades na leitura e na aplicação de regras de pontuação. Algumas dessas razões podem incluir discrepâncias. Cada pessoa é única, e as habilidades linguísticas podem variar significativamente, pois alguns indivíduos podem apresentar dificuldades específicas na linguagem, independentemente do nível de escolaridade. Outras pessoas enfrentam desafios de aprendizado específicos, como dislexia, que podem afetar a leitura e a escrita, mesmo com um nível alto de escolaridade. Problemas de saúde mental, como ansiedade ou dificuldades de comunicação, acabam influenciando a expressão verbal, independentemente do nível educacional da pessoa. Condições socioeconômicas, muitas vezes, impactam no acesso a recursos educacionais e a práticas linguísticas mais sofisticadas.

Por essas razões, é importante ter cautela nas análises, porque há muitos fatores que podem influenciar as percepções sobre a comunicação verbal e não deve ser critério o fato se a pessoa é escolarizada ou não, ao se ouvir como ela fala ou faz uma leitura. No entanto, é crucial evitar generalizações, pois existem exceções em todos os casos. Além disso, outros fatores, como regionalismos linguísticos, contextos culturais e estilos individuais de comunicação, podem influenciar como as pessoas falam. A educação na pronúncia formal ou informal é

apenas um dos muitos componentes que influenciam a linguagem de uma pessoa. Portanto, a interpretação deve ser feita com sensibilidade e cuidado, considerando-se a diversidade linguística.

No que diz respeito à identificação de sotaques, os participantes associaram a região geográfica às características linguísticas, evidenciando suas crenças e atitudes em relação a determinadas áreas. A suposição de que uma pessoa é escolarizada e reside em uma determinada região sugere o estabelecimento de relação entre escolarização e localização geográfica, refletindo possíveis estereótipos regionais. Outra observação relevante está relacionada à idade, por meio da qual os participantes indicaram que, geralmente, consideram os mais jovens como escolarizados. Contudo, essa percepção pode estar fundamentada em uma crença, uma vez que o índice de analfabetismo ainda é significativo no Brasil, conforme dados do IBGE²³ de 2022, indicando que muitos indivíduos deixaram de estudar para trabalhar. A menção da região geográfica (E3:do A3 - “*pela região na qual ela está situada*”) indica que as crenças e atitudes em relação ao sotaque podem variar com base no local de origem do falante. Além disso, a idade do falante também é um fator relevante, conforme indicado pelos informantes que relacionaram a idade E2: do A2 - “*jovem no Brasil*” e E2: do A3 - “*parece uma pessoa jovem*” nos casos A2 e A3 e, informantes E2, E3. No caso do A3, os dados de identificação da pessoa que gravou o texto não se referem a uma pessoa “jovem” conforme as informações não contidas aqui para manter o sigilo dos participantes dos áudios, isso também pode sugerir uma influência das crenças e atitudes em relação à idade conforme a voz ouvida. Ademais, a referência dos informantes à voz de uma pessoa que se identifica como pertencente ao gênero masculino, utilizando pronomes do gênero feminino, pode sinalizar um conflito na percepção dos informantes. Isso fica evidente quando a voz de uma pessoa transgênero, que se identifica como “ela” (mulher trans), é identificada da mesma forma que a pessoa que leu o texto, se a considerou de acordo com os dados de identificação, apesar das características biológicas masculinas da pessoa que leu o texto serem diferentes do evidenciado pela percepção do informante. As respostas dos informantes E1 do áudio 2 e E3 do áudio 3, que se referem à pessoa como “ELA,” podem indicar uma confusão nas respostas, relacionando a percepção da voz a atitudes em relação à identidade de gênero. Isso enfatiza a importância da sensibilidade e do respeito às diversas identidades de gênero.

Devemos considerar que, caso os informantes P1, P2, P3 e E1, E2, E3 tivessem pistas visuais dos participantes dos áudios do texto lido, essas percepções poderiam ser diferentes e

²³Disponível em: <https://rb.gy/i3gh79>

influenciar sobre crenças, atitudes e preconceitos linguísticos em relação a vozes e sotaques regionais. Entretanto, é importante salientar que a avaliação pela leitura de um texto específico pode ter suas limitações, já que outros elementos podem influenciar a comunicação verbal. A educação linguística de um indivíduo engloba a variedade e variação no uso da língua, também segundo a gramática normativa, muitas vezes, referida como “padrão”. Entretanto, alguns estudos sobre o uso da língua apontam para o fato de que essa variedade é heterogênea em sua natureza fonêmica positiva ou negativa na sociedade, dependendo das opiniões e crenças das pessoas. Espíndola (2019), complementa que, conforme Faraco e Zilles (2017, p. 12) esclarecem, o termo “norma” nos estudos da linguagem verbal, destaca dois sentidos distintos: a) em seu sentido geral, “norma” se refere à variedade linguística, abrangendo todas as diferentes formas de linguagem presentes em uma determinada comunidade de fala; e, b) em seu sentido específico, “norma” diz respeito a um conjunto de preceitos que estabelecem o padrão do “bom uso” da linguagem, ou seja, aquilo que é socialmente prestigiado e considerado correto. Essa norma é definida pelas pronúncias, estruturas morfossintáticas e vocabulário tomados como modelos em determinados contextos sócio-históricos.

Essas considerações abrem espaço para futuras investigações em trabalhos posteriores. Por fim, os dados indicam que a identificação sobre a escolarização de um indivíduo pode ser influenciada por percepções subjetivas dos ouvintes, destacando-se a importância de se considerar diferentes aspectos ao se avaliar a linguagem e a comunicação de uma pessoa. Além disso, é essencial reconhecermos que a interpretação da escolarização com base em características linguísticas pode levar a possíveis preconceitos e pré-julgamentos. Portanto, é fundamental ter sensibilidade e cuidado ao se analisar e interpretar os dados linguísticos e culturais de cada indivíduo. Em geral, as atitudes dos participantes em relação aos sotaques e às vozes dos áudios parecem ser mais influenciadas pelas habilidades de leitura e comunicação. Isso sugere a presença de possíveis crenças e pré-julgamentos linguísticos relacionados ao nível educacional.

As percepções, sejam elas positivas ou negativas, acerca da escolarização e da fluência na leitura, podem exercer uma influência significativa nas dinâmicas interpessoais e na inclusão ou exclusão social das pessoas. Isso destaca a importância de compreender as complexidades envolvidas nas atitudes linguísticas e vocais em um ambiente escolar diversificado em termos sociais e culturais. Ademais, visto que esta pesquisa foi conduzida em um ambiente escolar, é crucial reconhecer que as concepções e atitudes linguísticas dos informantes podem ser transportadas para o contexto acadêmico posterior, como o contexto de ensino superior. Se os professores mantiverem essas percepções, poderá ser difícil superar os possíveis preconceitos

associados às crenças e atitudes linguísticas. A nosso ver, a conscientização sobre essas questões e a promoção da diversidade linguística e cultural no ambiente escolar desempenham um papel fundamental na construção de um ambiente acadêmico inclusivo e justo.

A análise dos dados revela-nos várias percepções e crenças dos participantes em relação à escolarização dos falantes nos áudios. A maioria dos participantes considerou as pessoas dos áudios 1, 2, 3, 4 e 5 escolarizadas, com algumas exceções. As justificativas para essa avaliação variam, incluindo fluência na leitura, capacidade de interpretar poesia, conhecimento de palavras e pontuações, além de considerações sobre a região geográfica e a idade do falante. A Figura anterior destaca que características como região geográfica e idade do falante podem influenciar a percepção das pessoas. A menção da região geográfica indica que as crenças e atitudes em relação ao sotaque variam com base na origem do falante. A idade também é considerada relevante, conforme indicado pelos informantes que relacionaram a idade nos casos dos áudios 2 e 3.

A partir das análises, há que se considerar que a identificação de gênero, especialmente no caso de uma mulher trans (áudio 3), pode causar confusão nas respostas, indicando a necessidade de sensibilidade em relação às diversas identidades de gênero. Essa observação destaca como as atitudes linguísticas podem estar relacionadas às questões de identidade de gênero e preconceitos associados. Assim, as análises também apontam para a importância de se considerar pistas visuais ao se avaliar as percepções dos participantes sobre escolarização. O reconhecimento de possíveis preconceitos e pré-julgamentos linguísticos ressalta a necessidade de uma abordagem sensível ao analisar dados linguísticos e culturais. Ou seja, a interpretação da escolarização com base em características linguísticas é reconhecida como tendo limitações e a educação linguística é vista como abrangendo variedades e variações na língua. Isso sugere a complexidade envolvida na análise das atitudes linguísticas em relação ao nível educacional.

As implicações dessa análise estendem-se para além do ambiente escolar, indicando que as atitudes linguísticas dos participantes podem influenciar dinâmicas interpessoais e a inclusão ou exclusão social. Isso destaca a importância de se entender as complexidades envolvidas nas atitudes linguísticas e vocais em contextos sociais diversos. A nosso ver, a conscientização sobre essas questões e a promoção da diversidade linguística e cultural no ambiente escolar desempenham um papel fundamental na construção de um ambiente acadêmico inclusivo e justo.

5.3 Fatores que influenciam na apreciação ou desaprovação das vozes dos áudios

Quanto à análise dos dados que contribuem para o atendimento ao terceiro objetivo específico, sobre os fatores que influenciam a apreciação ou desaprovação das vozes presentes nos áudios, segundo a perspectiva dos professores e estudantes do Ensino Médio, procuramos examinar as percepções dos participantes em relação aos aspectos que afetam suas avaliações sobre as vozes dos falantes nas gravações. Nesse contexto, visamos a identificar os elementos específicos, como características de gênero, entonação, ritmo e pronúncia, os quais desempenham um papel crucial nas opiniões formadas pelos participantes. Ao explorar esses fatores, visamos a compreender como as apreciações e desaprovações das vozes são moldadas por uma combinação de influências linguísticas, sociais e culturais, contribuindo para uma visão mais abrangente das dinâmicas de percepção vocal no contexto educacional. Assim, conforme ilustra o Quadro 10, destacamos os dados relacionados aos fatores que exercem influência na apreciação ou desaprovação das vozes nos áudios.

Quadro 10 – Perguntas e respostas relacionadas ao *Google Forms*, abrangendo as perguntas 17 a 18.

Perguntas do questionário <i>Google Forms</i>	Áudio 1: Mulher Nordestina	Áudio 2: Homem Paulistano	Áudio 3: Mulher Trans Paulistana/Alagoana	Áudio 4: Homem Trans – Carioca / Mineiro	Áudio 5: homossexual gay Paranaense
17) A pessoa que falou no áudio se comunica bem, na sua opinião?	E1: Sim E2: Sim E3: Sim P1: Sim P2: Sim P3: Sim	E1: Sim E2: Parcialmente bem E3: Parcialmente bem P1: Parcialmente bem P2: Sim P3: Sim	E1: Sim E2: Sim E3: Parcialmente bem P1: Parcialmente bem P2: Sim P3: Parcialmente bem	E1: Sim E2: Sim E3: Sim P1: Parcialmente bem P2: Sim P3: Sim	E1: Parcialmente bem E2: Não E3: Não P1: Não P2: Sim P3: Parcialmente bem
18) O que faz você pensar na sua resposta dada à pergunta anterior. Justifique sua resposta.	E1: Não sei dizer E2: A pessoa do áudio se comunica bem por falar compassado E3: Sim, por mais que ele trave na fala de algumas palavras P1: Pela leitura com pontuação, bem organizada P2: Pois, a mensagem/texto foi de fácil compreensão P3: Pela fluência na leitura	E1: Acredito que sim E2: A pessoa do áudio tem uma comunicação razoavelmente bem, mas tem muitas palavras que houve uma certa dificuldade na hora de falar E3: Pois apesar de entender, há algumas falas que são faladas de forma diferente devido ao sotaque ou escolaridade P1: Por ser apenas uma leitura não é	E1: Não sei dizer E2: A pessoa do áudio se comunica bem por falar compassado E3: Sim, por mais que ele trave na fala de algumas palavras P1: Pela leitura, um pouco lenta P2: Pois conseguir compreender o que ela falou P3: Apresentou algumas dificuldades durante a leitura	E1: Ele conseguiu ler e expressar bem o poema E2: Porque ele falou respeitando as falas E3: Sim, apesar do modo no qual é falado as palavras, devido ao sotaque, as palavras são ditas corretamente P1: A leitura é muito rápida P2: Sim, pois foi de muito fácil compreensão P3: Pela fluência	E1: Achei que ele fala um pouco rápido demais, talvez algumas pessoas tenham dificuldade de compreender o que ele fala. E2: Falou muito rápido dificultando a fala dos ouvintes. E3: Como já dito, a fala é muito rápida, de difícil entendimento. P1: Ele não tem uma boa dicção. P2: Pois

		possível fazer um julgamento correto P2: A função de comunicação foi efetiva, pois consegui compreender P3: Fala com fluência		na declamação	consegui compreender. P3: Nota-se algumas dificuldades de leitura.
--	--	---	--	---------------	---

Fonte: A autora.

A análise dos dados obtidos, a partir das respostas dos participantes, revela-nos percepções diversas sobre as vozes e sotaques das pessoas evidenciados nos áudios avaliados em relação à pergunta (17) do questionário. Notamos que a maioria dos participantes (E1, E2, E3, P1, P2, P3) concordou que a pessoa do áudio, identificada como mulher nordestina, comunica-se bem utilizando a pronúncia característica da região nordeste do Brasil. O resultado da avaliação da comunicação de uma mulher nordestina sugere uma associação positiva entre a voz da pessoa e o sotaque nordestino, demonstrando uma correlação cultural entre esses elementos linguísticos. Por outro lado, algumas respostas indicaram que a comunicação da voz identificada como homem paulistano é percebida como parcialmente boa. Essa falta de clareza em suas opiniões pode refletir a diversidade de sotaques e características vocais presentes em São Paulo, uma metrópole com grande diversidade linguística. Além disso, notamos que alguns participantes (E3, P1, P3) manifestaram incerteza ao responder sobre a comunicação da pessoa identificada como mulher trans paulistana/alagoana, indicando que suas respostas foram variadas e não unânimes. Esse resultado pode estar associado à complexidade de identidades de gênero e sotaques, que podem gerar diferentes percepções e interpretações.

Em relação ao homem trans carioca, apenas 1 participante (P1) respondeu que a pessoa se comunica parcialmente bem. Essa singularidade na resposta pode indicar que a identificação da orientação sexual do falante pode ser um aspecto desafiador para os ouvintes, refletindo a necessidade de sensibilização e educação para evitar preconceitos e estereótipos em relação a esse grupo de vozes e sotaques associados a indivíduos com órgão sexual feminino. O fato de se a voz é considerada feminina ou masculina pode afetar indivíduos que não se encaixam nos padrões estabelecidos, incluindo homens e mulheres fora do padrão e, até mesmo, pessoas transexuais e homossexuais.

No áudio A5, os participantes E2, E3, P1 manifestaram certeza de que a voz do homem homossexual paranaense não se comunica bem, enquanto E1 e P3 consideraram que essa pessoa se comunica parcialmente bem, havendo apenas 1 participante P1 que respondeu afirmativamente. Essa divergência nas respostas ressalta a subjetividade das percepções vocais

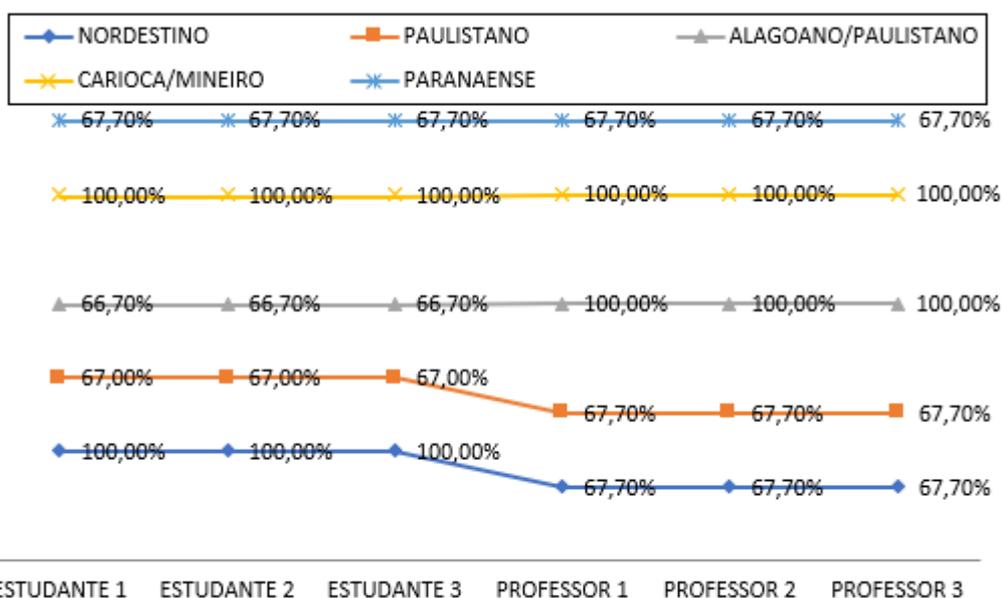
e evidencia a importância de considerar a individualidade de cada falante com suas vozes e seus sotaques.

A análise dos dados evidencia uma variedade de percepções e interpretações em relação às vozes e sotaques dos falantes presentes nos áudios avaliados. Os participantes apresentaram níveis distintos de concordância em suas respostas, ressaltando a presença de subjetividade e complexidade na avaliação do que é considerado uma boa comunicação, ou seja, o conceito de “bem falar”. Nesse contexto, as atitudes positivas ou negativas em relação à comunicação dos falantes podem ser influenciadas por diversos fatores, como a fluência na leitura, a clareza da fala, a velocidade de expressão e a facilidade de compreensão do conteúdo, independentemente do sotaque apresentado. Além disso, a incerteza em algumas respostas sugere que a percepção da comunicação pode ser subjetiva e variam segundo a experiência e perspectiva individual de cada participante.

Em síntese, as respostas obtidas pelo questionário revelam-nos a complexidade das atitudes em relação à comunicação dos falantes, destacando-se a importância de entendermos os diferentes elementos que influenciam a percepção linguística e vocal em um contexto social diversificado. Essas análises contribuem para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas sociais e culturais que permeiam a comunicação verbal e suas relações com crenças e atitudes linguísticas.

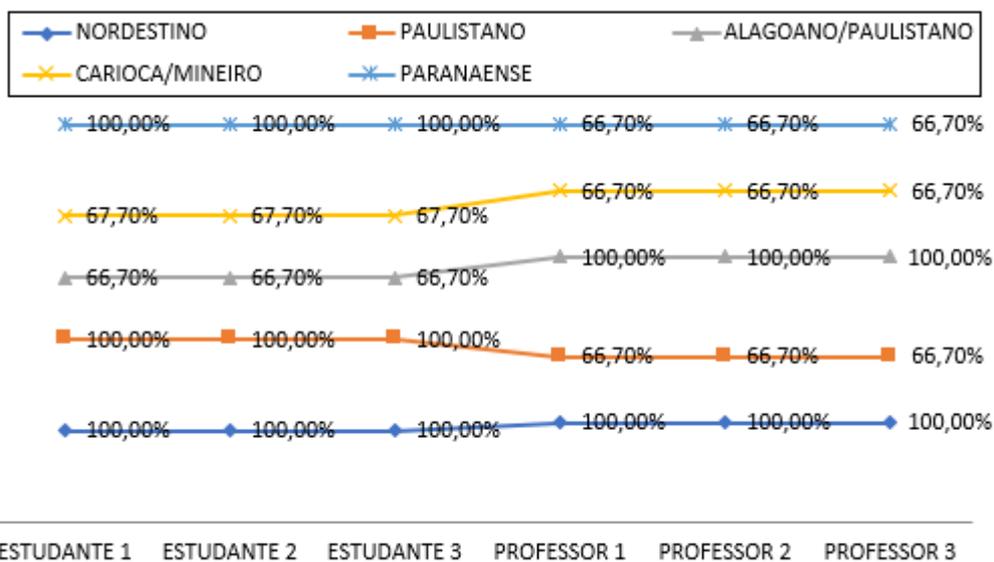
No que concerne ao terceiro objetivo específico desta pesquisa, que é identificar os fatores que influenciam a apreciação ou desaprovação dos informantes sobre a voz ouvida nos áudios, relacionando-se também com a terceira e quarta questão referente ao fato de se o respondente gosta do sotaque apresentado no áudio escutado, bem como à justificativa a sua resposta, Apresentamos os resultados destas análises, a partir dos Gráficos 2 e 3 a seguir, exibindo as porcentagens correspondentes às avaliações geradas via *Google Forms*.

Gráfico 2 - Apreciação dos sotaques pelo grupo 2 dos áudios 1, 2, 3, 4 e 5



Fonte: Porcentagens correspondentes às avaliações geradas via *Google Forms*.

Gráfico 3 - Apreciação das vozes pelo grupo 2 dos áudios 1, 2, 3, 4 e 5



Fonte: Porcentagens correspondentes às avaliações geradas via *Google Forms*.

A seguir, apresentamos o Quadro 11, que compila os dados dos áudios para um maior entendimento, ilustrando a distribuição das respostas entre E1, E2, E3 e P1, P2 e P3.

Quadro 11 – Perguntas e respostas relacionadas ao *Google Forms*, abrangendo as perguntas 3 a 4

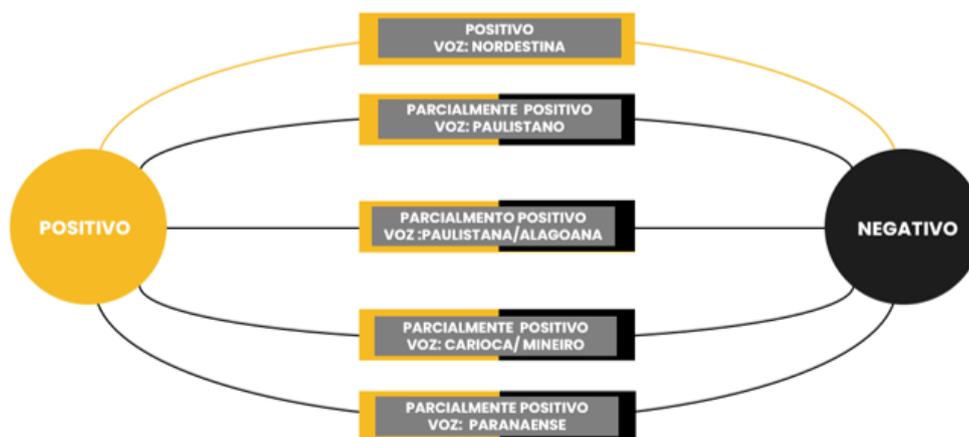
Perguntas do questionário <i>Google Forms</i>	Áudio 1: Mulher Nordestina	Áudio 2: Homem Paulistano	Áudio 3: Mulher Trans Paulistana/ Alagoana	Áudio 4: Homem Trans – Carioca / Mineiro	Áudio 5: homossexual gay Paranaense
3) Você gosta do sotaque apresentado no áudio escutado?	E1: Sim E2: Sim E3: Sim P1: Sim P2: Gosto parcialmente P3: Sim	E1: Gosto parcialmente E2: Gosto parcialmente E3: Sim P1: Gosto parcialmente P2: Gosto parcialmente P3: Sim	E1: Gosto parcialmente E2: Sim E3: Sim P1: Sim P2: Sim P3: Sim	E1: Sim E2: Sim E3: Sim P1: Gosto parcialmente P2: Gosto parcialmente P3: Parcialmente bem	E1: Gosto parcialmente E2: Gosto parcialmente E3: Não P1: Gosto parcialmente P2: Não P3: Não
4) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	E1: Eu acho o sotaque nordestino bem forte, e acho gostoso de ouvir. E2: Eu gosto desse sotaque por ser uma das características marcantes do nosso país. E3: Acho um sotaque muito leve, gostoso de ser ouvido, diferente do que é habitual de minha região, geralmente carregado por pessoas muito acolhedoras. P1: É boa de ouvir, fala pausadamente, dá para entender bem. P2: Pois a voz é suave. P3: Fácil de compreender.	E1: Nada contra. E2: Eu gosto parcialmente por ser um sotaque bem comum. E3: Gosto, devido à presença de variedade no modo no qual são ditas as palavras, sonoridade, mostrando as diversidades presentes nas diferentes regiões do Brasil. P1: Ele puxa muito os erres. P2: Sim, pois convivo com variados tipos de pessoas e aprendi a respeitar e aceitar as variações e diferenças linguísticas. P3: É fácil de compreender.	E1: Gosto parcialmente. E2: Eu gosto parcialmente por ser uma voz que eu escuto com bastante frequência. E3: Sim, uma voz mais jovial. P1: É boa de ouvir, fala pausadamente, dá para entender bem. P2: Pois a voz é suave. P3: Fácil de compreender.	E1: Gosto parcialmente. E2: Gosto parcialmente, porque é uma voz marcante, mas em muitas partes possui uma certa dificuldade na hora de falar. E3: Sim, um sotaque mais rápido, mas bem agradável. P1: Por ser apenas uma leitura, não é possível fazer um julgamento correto. P2: Sim, pois foi de muito fácil compreensão. P3: Pela fluência na leitura.	E1: Gosto parcialmente. E2: Gosto parcialmente, porque é um sotaque que puxa bem algumas letras. E3: Fala demasiadamente rápida, difícil de entender. P1: Eu não gosto muito por ser difícil a compreensão por ele falar mais rápido. P2: Um tom muito agudo, de fala muito rápida. P3: Pois o timbre da voz parece estar em transição.

Fonte: A autora.

Os resultados da pesquisa mostraram que a apreciação dos sotaques variou entre os participantes, com diferentes níveis de aceitação observados nas perguntas 9 a 10 e 3 a 4 do

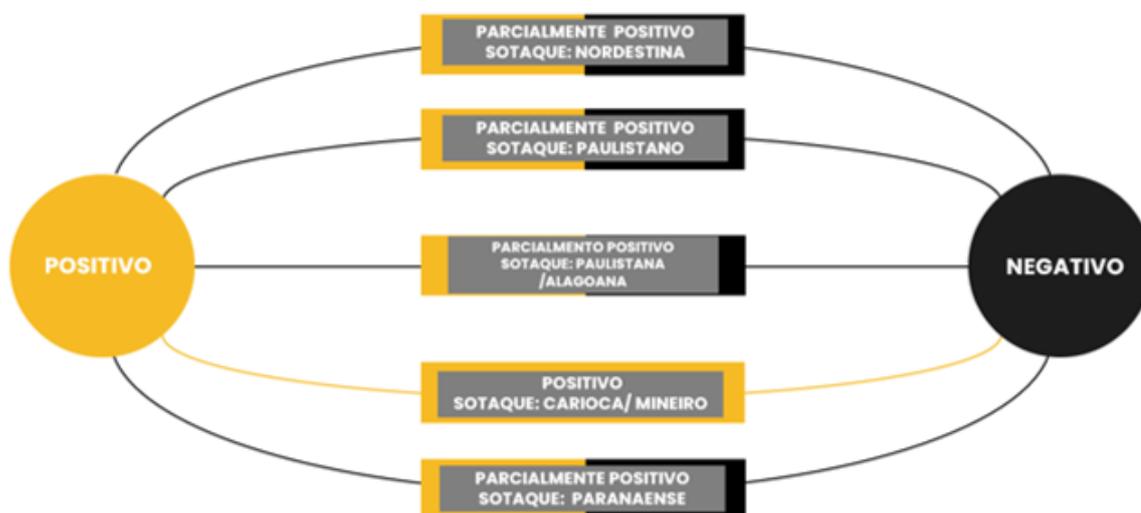
questionário *online* gerado pelo *Google Forms*. Na sequência, apresentamos uma sistematização dos resultados das análises destes dados, conforme ilustram as Figuras 10 e 11.

Figura 10 - Apreciação ou desaprovação das vozes dos áudios



Fonte: A autora.

Figura 11 - Apreciação ou desaprovação dos sotaques dos áudios



Fonte: A autora.

Conforme mostramos nas Figuras 10 e 11, quanto à apreciação das vozes e dos sotaques, identificamos que os áudios das vozes apresentaram um resultado gerado pelo *Google Forms* sobre a voz mais apreciada, mostrando que a voz da mulher nordestina foi bem-vista e apreciada em relação às outras. Quanto à apreciação ou desaprovação do sotaque, o sotaque carioca/mineiro foi o mais apreciado em relação aos outros sotaques, conforme o que mostram

os dados gerados pelo *Google Forms*. A seguir, mostraremos mais detalhes sobre as apreciações e desaprovações das vozes ouvidas a partir das gravações dos áudios.

Sendo assim, o áudio 1, ao apresentar uma mulher nordestina, foi bem recebido, com alguns participantes demonstrando uma apreciação parcial e outros declarando gostar completamente do sotaque. As justificativas apontadas para essa apreciação incluíram a percepção do sotaque como forte e característico do país, além de ser considerado agradável de se ouvir, gerando uma porcentagem de 67,7% das respostas.

No caso do áudio 2, que apresentava um homem paulistano, a apreciação também foi mista. Alguns participantes gostaram parcialmente do sotaque, enquanto outros declararam gostar completamente, destacando a facilidade de compreensão da fala. No entanto, também houve respostas que apontaram a fala mais rápida e o uso exagerado de alguns sons como razões para uma apreciação parcial.

O áudio 3, referente a uma mulher trans paulistana/alagoana, foi bem recebido, com a maioria dos participantes declarando gostar completamente do sotaque. As justificativas incluíram a percepção de variedade na forma como as palavras eram ditas e a identificação de uma voz que se escuta com bastante frequência, voz jovial, que dá para se entender bem.

Por outro lado, o áudio 4, referente a um homem trans carioca/mineiro, recebeu uma apreciação mais mista em relação às outras vozes e sotaques, apontando alguns participantes que gostaram parcialmente do sotaque e outros não. As justificativas para a apreciação parcial incluíram o uso excessivo de alguns sons, como os “erres”, é uma “voz marcante”, mas em muitas partes possui uma certa dificuldade na hora de falar, “sotaque mais rápido”, mas bem “agradável”.

Finalmente, o áudio 5, apresentando um homossexual gay paranaense, também gerou opiniões divergentes. Alguns participantes gostaram parcialmente, mas outros não gostaram, mencionando a dificuldade de compreensão devido à fala “demasiadamente rápida” e o timbre da voz ser “agudo”.

Diante disso, os resultados nos evidenciam que a apreciação dos sotaques está fortemente ligada a fatores individuais, como identificação cultural e preferências pessoais. Além disso, as justificativas fornecidas pelos participantes apontam para a importância da fluência da fala, o timbre da voz e o uso de determinados sons de fonemas, como puxar “erres” ou como os informantes se referem “letras”, que tornam os sotaques e as vozes mais “marcantes” e influenciam na forma como são percebidos e apreciados. As análises evidenciam a presença de possíveis crenças, atitudes e preconceitos linguísticos associados às vozes e sotaques. A justificativa de que a pessoa no áudio pronuncia o “erre” na leitura, evidenciando

um possível descontentamento, pode estar fundamentada em vivências ou experiências prévias com sotaques e vozes que apresentam a característica de prolongar os sons do “r”.

Os participantes fundamentaram suas percepções nas características da voz, embora a pergunta estivesse relacionada ao sotaque apresentado no áudio. Os respondentes consideraram elementos como tom (frequência), ritmo, timbre, entonação, pronúncia, velocidade de fala, imitação e dificuldade de fala, misturando assim suas percepções sobre os sotaques. Além disso, associaram os “sotaques” às vozes que compartilham traços relacionados, como gênero e características linguísticas e também fizeram associações com estereótipos de gênero, estando em transição. A influência, a percepção da “voz”, da fala, da origem étnica, da idade, do gênero, da altura e de atributos pessoais, bem como das características físicas e da associação com uma determinada região, moldando a imagem da pessoa da região que os informantes mencionaram em resposta à apreciação dos sotaques. Essas percepções podem influenciar como as pessoas são julgadas, estereotipadas e excluídas ou incluídas com base em suas vozes e sotaques. Essas análises evidenciam a importância de compreendermos as crenças, atitudes e preconceitos linguísticos presentes na sociedade. Ao reconhecermos a diversidade linguística e valorizarmos as múltiplas formas de falar, podemos promover uma maior inclusão e respeito pelos diferentes sotaques e vozes, combatendo estereótipos e preconceitos linguísticos.

É importante ressaltar que essas percepções podem ser influenciadas por estereótipos e não devem ser usadas para supor sobre a identidade de gênero ou a orientação sexual. Cada indivíduo é único em sua experiência e identidade, e devemos respeitar sua autodeclaração. É fundamental evitar generalizações e estigmatizações com base em características superficiais, pois isso pode levar a preconceitos e discriminação. Devemos sempre buscar uma compreensão mais aberta e empática em relação à diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais.

Ao explorarmos esses fatores, almejamos compreender como as apreciações e desaprovações em relação às vozes e sotaques são construídas, considerando uma interseção de influências linguísticas, sociais e culturais. A seguir, apresentamos a tabela de compilação dos dados dos áudios relacionados às perguntas 9, 10, 11 e 12, conforme ilustra o Quadro 12.

Quadro 12 – Perguntas e respostas relacionadas ao *Google Forms*, abrangendo as perguntas de 9 a 14.

Perguntas do questionário <i>Google Forms</i>	Áudio 1: Mulher Nordestina	Áudio 2: Homem Paulistano	Áudio 3: Mulher Trans Alagoana	Áudio 4: Homem Trans – Carioca	Áudio 5: homossexual gay Paranaense
9) Você gosta da voz ouvida no áudio?	E1: Sim E2: Sim E3: Sim P1: Gosto parcialmente	E1: Gosto parcialmente E2: Gosto parcialmente E3: Gosto	E1: Gosto parcialmente E2: Gosto parcialmente E3: Sim P1: Sim	E1: Sim E2: Sim E3: Sim P1: Gosto parcialmente	E1: Gosto parcialmente E2: Não E3: Não P1: Não P2: Sim

	P2: Sim P3: Sim	parcialmente P1: Gosto parcialmente P2: Sim P3: Sim	P2: Sim P3: Sim	P2: Sim P3: Sim	P3: Sim
10) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	E1: Acho um sotaque bonito. E2: Sim eu gosto por ser uma voz calma de uma mulher vivida. E3: Palavras ditas em bom tom, fácil de entender. P1: É meio forçada. P2: Pois é uma voz calorosa e calma. P3: Por ser uma fala mansa.	E1: Nem gosto E2: Eu gosto parcialmente, porque é uma voz marcante mas em muitas partes possui uma certa dificuldade na hora de falar E3: O tom de voz P1: Não gosto da fluência dos erros finais. P2: Sim, uma voz um pouco mais tímida, mas possível de compreensão. P3: Fala de maneira clara.	E1: Nem gosto nem desgosto. E2: Eu gosto parcialmente por ser uma voz que eu escuto diariamente. E3: Sim, uma voz mais jovial. P1: É boa de ouvir, fala pausadamente e, dá para entender bem. P2: Pois a voz é suave. P3: Fácil de compreender	E1: Achei que a voz soa muito bem. E2: Gosto por ser um sotaque que puxa bem algumas letras. E3: É diferente, é engraçada. P1: Ele fala muito rápido. P2: Uma voz bem animada, digamos assim! P3: Voz mansa, tranquila.	E1: Achei que ele fala rápido demais. E2: Eu não gosto muito por ser difícil a compreensão por ele falar mais rápido E3: Um tom muito agudo, de fala muito rápida P1: Muito rasgada. P2: Pois o timbre é agradável. P3: Voz tranquila.
11) À qual gênero (sexo)/orientação sexual pertence à voz do áudio ouvido? (masculino, feminino, Lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário, crossdresser, etc.)	E1: Feminino E2: Feminino E3: Feminino P1: Feminino P2: Feminino P3: Feminino	E1: Masculino E2: Gay E3: Gay P1: Masculino P2: Masculino P3: Masculino	E1: Masculino E2: Masculino E3: Masculino P1: Feminino P2: Feminino P3: Masculino	E1: Masculino E2: Masculino E3: Masculino P1: Masculino P2: Masculino P3: Masculino	E1: Masculino E2: Masculino E3: Outro (Lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário, crossdresser, etc.) P1: Outro (Lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário, crossdresser, etc.) P2: Masculino P3: Masculino
12) Por que você pensa que o gênero da voz do áudio ouvido é a que você identificou?	E1: Pela voz fina. E2: Por ser uma voz calma e doce. E3: Por mais que seja uma voz	E1: Pela voz masculina. E2: Eu penso que o gênero é gay porque nas partes marcantes do áudio ele fala	E1: Pela voz grossa. E2: Por ter uma voz marcante. E3: Tom de voz, mais entonação.	E1: Pela voz grossa. E2: Por ser uma voz firme. E3: Tom da fala, puxada para o agudo mais	E1: Pela voz. E2: Por ser uma voz forte. E3: Pois possui a fala muito afinada, o que pode apresentar

	<p>mais forte, é puxada para o feminino.</p> <p>P1: Porque reconheci como voz feminina. P2: Pelo conhecimento que tenho através do contato com as pessoas. P3: Pelo timbre.</p>	<p>com a voz mais firme, parecendo até uma crítica para sociedade por excluírem as pessoas que não encaixam no padrão imposto. E3: A forma que ele desenvolve a sua fala, me remete a pessoas que conheço com a respectiva orientação sexual.</p> <p>P1: Porque já ouvi antes. P2: Pelo timbre da voz. P3: Pelo timbre da voz.</p>	<p>P1: Eu acredito que seja uma senhora. P2: Na realidade, no começo fiquei na dúvida, mas depois de ouvir com mais atenção o término das palavras, concluí que seja uma mulher. P3: Pelo timbre da voz.</p>	<p>masculino.</p> <p>P1: Parece um homem jovem. P2: Pelo tom da voz. P3: Timbre/tom da voz.</p>	<p>uma certa tendência a sexualidade.</p> <p>P1: A maneira como ele fala. P2: Pelo timbre da voz. P3: Pelo timbre/tom da voz.</p>
13) Na sua opinião, qual seria a idade da pessoa que falou no áudio?	<p>E1: 30 a 35 anos E2: 42 a 47 anos E3: 36 a 41 anos</p> <p>P1: 30 a 35 anos P2: 48 a 53 anos P3: 30 a 35 anos</p>	<p>E1: 24 a 29 anos E2: 18 a 23 anos E3: 24 a 29 anos</p> <p>P1: 18 a 23 anos P2: 18 a 23 anos P3: 18 a 23 anos</p>	<p>E1: 24 a 29 anos E2: 18 a 23 anos E3: 18 a 23 anos</p> <p>P1: Acima de 54 anos P2: Acima de 54 anos P3: 24 a 29 anos</p>	<p>E1: 24 a 29 anos E2: 18 a 23 anos E3: 18 a 23 anos</p> <p>P1: 18 a 23 anos P2: 18 a 23 anos P3: 18 a 23 anos</p>	<p>E1: 18 a 23 anos E2: 36 a 41 anos E3: 18 a 23 anos</p> <p>P1: 24 a 29 anos P2: 18 a 23 anos P3: 18 a 23 anos</p>
14) O que te fez considerar que esta pessoa tem a idade que você indicou na pergunta anterior?	<p>E1: Não sei dizer ao certo. Acredito que pelo tom de voz. E2: Pela entonação da voz. E3: O tom de voz.</p> <p>P1: Pelo tom de voz. P2: Por causa da voz, pois as cordas vocais sofrem alteração com o tempo. P3: Pelo timbre/tom da voz.</p>	<p>E1: Pelo jeito da fala dele. E2: Pela forma de expressar as palavras. E3: A sonoridade da fala.</p> <p>P1: Pelo som da voz. P2: Parece-me uma voz jovem, mas não tenho certeza. P3: Pelo timbre/tom da voz.</p>	<p>E1: Pela voz E2: A fala dele E3: Devido a voz mais jovial</p> <p>P1: Pelo tom meio lento.</p> <p>P2: Pela sonorização da voz. P3: O tom da voz.</p>	<p>E1: Pelo timbre/tom da voz. E2: Pelo tom de voz. E3: Pela sonoridade da fala, um pouco mais fina.</p> <p>P1: Pelo tom de voz. P2: Porque ele lê bem rápido, e geralmente os jovens andam bem acelerados. P3: Pelo timbre/tom da voz.</p>	<p>E1: Pelo tom de voz e jeito que ele fala. E2: Pela forma em que ele fala, não respeitando as pausas. E3: Tonalidade presente na fala.</p> <p>P1: Só intuição. P2: Acredito que seja uma voz masculina em transição. P3: Pelo tom da voz, um tom jovem, sem o peso da idade.</p>

Fonte: A autora.

Com base nas respostas dos participantes em relação aos diferentes áudios das perguntas 9 e 10, é possível identificar alguns fatores que podem influenciar na apreciação ou desaprovação das vozes, conforme listados abaixo no Quadro 13.

Quadro 13 – Fatores que podem influenciar na apreciação da voz e do sotaque dos áudios

FATORES QUE PODEM INFLUENCIAR NA APRECIÇÃO O/ÁUDIOS	ÁUDIO 1 (Mulher Nordestina)	ÁUDIO 2 (Homem Paulistano)	ÁUDIO 3 (Mulher Trans Paulista/Alagoana)	ÁUDIO 4 (Homem Trans Carioca/Mineiro)	ÁUDIO 5 (Homossexual Gay Paranaense)
Sotaque e Voz: Timbre/tom	Apreço ao sotaque bonito, voz calorosa e calma (E1, E2 e P2)	Voz marcante (E2)		Gosto pelo sotaque e a forma como o falante pronuncia algumas letras. (E2)	
Características da Voz	Destaque à voz calma de uma mulher vivida (E2)		Valorização da voz mais jovial, fala pausada, suavidade e clareza (E3, P1, P2 e P3)	Voz diferente e engraçada (E3) Destaque à animação na voz. (P2) Voz mansa, tranquila. (P3)	Elogio ao timbre agradável (P2) Apreço à voz tranquila (P3)
Inteligibilidade e Clareza	Apreço ao bom tom, facilmente compreensível (E3)	Certa dificuldade na hora de falar (E2)	Fácil compreensão (P3)		Dificuldade na compreensão (E2)
Autenticidade e Naturalidade	Gosto pela fala mansa (P3) É meio forçada. (P1)				
Fluência		Dificuldades de fluência em partes do áudio (P1 e P2)		Rapidez da fala (P1)	Rapidez da fala como um fator negativo (E1, E2 e P1)
Familiaridade			Referência a uma voz que escuta diariamente (E2)		
Tom de voz		Tom de voz (E3)	Suavidade na voz. (P2)		Caracterização da voz como “muito rasgada”. (P1) Timbre agradável. (P2) Tom agudo (E3 e P3)

Fonte: A autora.

Com base nas respostas, podemos concluir que fatores como sotaque, timbre, características específicas da voz (como clareza, suavidade, jovialidade), fluência,

autenticidade e familiaridade podem influenciar a apreciação ou desaprovação das vozes nos áudios, pois cada indivíduo pode ser influenciado por diferentes combinações desses fatores, levando a respostas variadas e subjetivas.

A análise das respostas fornecidas pelos participantes em relação aos diferentes áudios revela que diversos fatores desempenham um papel significativo na maneira como as vozes são apreciadas ou desaprovadas. Por exemplo, em relação ao sotaque e ao timbre, as respostas indicam que o sotaque e o timbre da voz têm um impacto importante na apreciação. Alguns participantes gostaram de sotaques específicos, como o sotaque nordestino, demonstrando unanimemente que um sotaque com características específicas sobre a voz pode influenciar esta preferência. Além disso, o timbre da voz, seja ele caloroso, suave ou marcante, também desempenha um papel significativo na apreciação.

Quanto às características específicas da voz, tais como: clareza, suavidade, jovialidade e animação, apontam para fatores que podem influenciar a apreciação desta voz. Os informantes do grupo 2 mencionaram agradar-se a vozes claras, joviais e suaves, enquanto outros destacaram a presença de características marcantes que atraíram sua atenção. Adicionalmente, a fluência na fala, o ritmo da articulação e a entonação vocal também foram mencionados.

Outro aspecto a ser considerado é que alguns participantes expressaram preferência por vozes pronunciadas pausadamente enquanto outros apontaram dificuldades de fluência ou fala rápida como pontos negativos. A autenticidade e a familiaridade da voz foram consideradas aspectos positivos ou negativos e a percepção da familiaridade com a voz também teve um papel significativo aos participantes.

Os participantes expressaram apreço por vozes autênticas, que transmitiam uma sensação de naturalidade e originalidade e, pelos mesmos motivos de autenticidade consideraram-na forçada. Além disso, a familiaridade com a voz foi destacada como um fator valioso, especialmente, quando parece ser uma voz pertencente ao seu cotidiano. Logo, a subjetividade e a combinação dos fatores supracitados destacam a apreciação das vozes ouvidas.

Cada indivíduo pode ser influenciado por diferentes combinações desses fatores. Isso significa não haver uma fórmula única para determinar o que torna uma voz agradável ou desagradável, pois a apreciação é altamente pessoal e depende das preferências individuais e das experiências anteriores de cada participante. Na sequência, apresentamos as respostas 11 e 12 da compilação de dados dos áudios 1, 2, 3, 4, 5.

Com base nas respostas dos participantes em relação aos diferentes áudios, é possível identificar alguns fatores que influenciam nas percepções e na identificação do gênero/sexo e

orientação sexual das vozes. A seguir, sistematizamos os padrões identificados em cada grupo dos informantes da pesquisa, como ilustra o Quadro 14.

Quadro 14 – Fatores que podem influenciar na apreciação da voz e do sotaque dos áudios

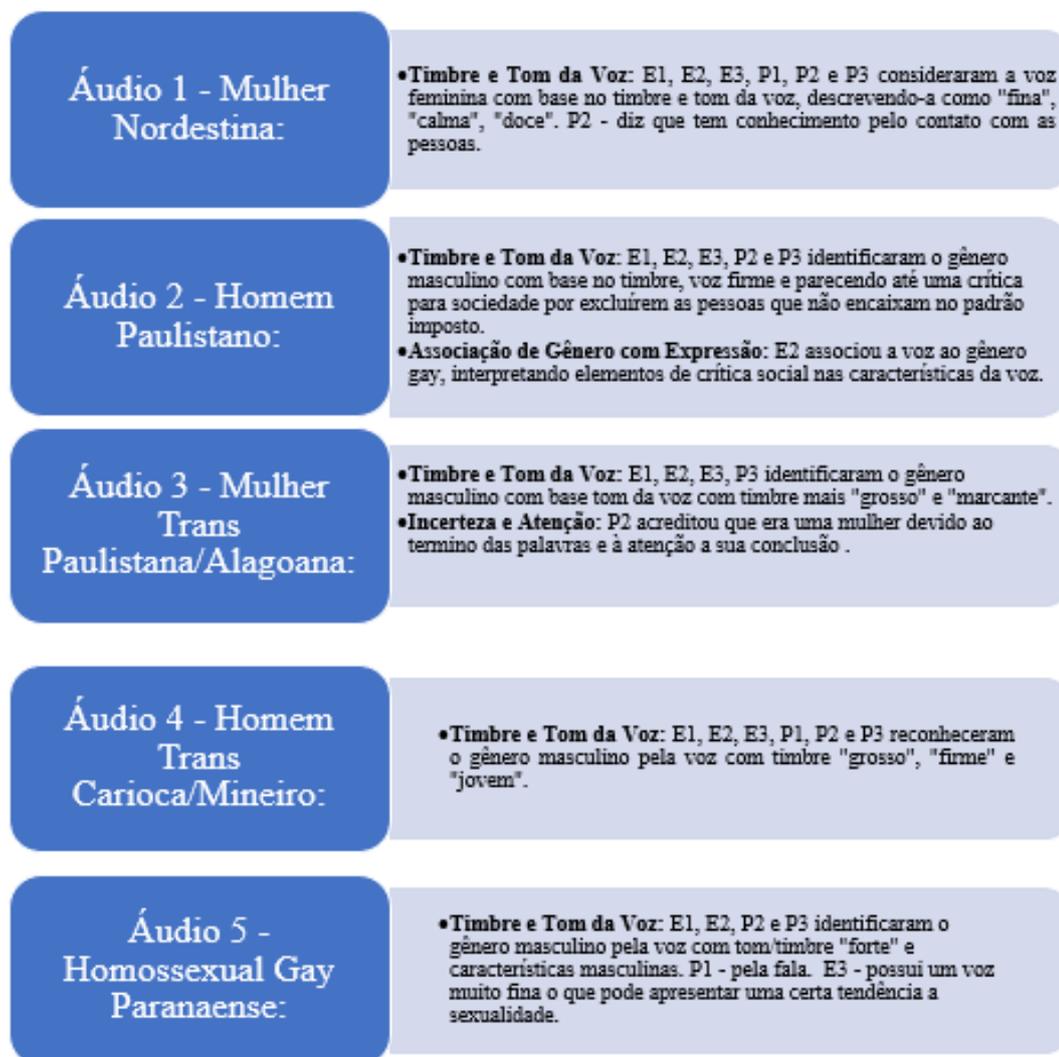
FATORES QUE PODEM INFLUENCIAR NA APRECIÇÃO/ ÁUDIOS	ÁUDIO 1 (Mulher Nordestina)	ÁUDIO 2 (Homem Paulistano)	ÁUDIO 3 (Mulher Trans Paulistana/ Alagoana)	ÁUDIO 4 (Homem Trans Carioca/ Mineiro)	ÁUDIO 5 (Homossexual Gay Paranaense)
Sotaque e Timbre	Identificação de voz feminina com base no timbre e tom da voz, descrevendo-o como "fino", "calmo", "doce" e com "timbre" (E1, E2, E3, P1, P2 e P3)	Identificação do gênero masculino com base no timbre, tom firme e masculino da voz (E1, E2, E3, P2 e P3)	Identificação do gênero masculino com base na voz com timbre mais "grosso" e "marcante". (E1, E2, E3 e P3)	Reconhecimento do gênero masculino pela voz com timbre "grosso", "firme" e "jovem". (E1, E2, E3, P1, P2 e P3)	Identificação do gênero masculino pela voz com timbre "forte" e características masculinas (E1, E2, P2 e P3)
Associação de Gênero com Expressão		Associação da voz ao gênero gay, interpretando elementos de crítica social nas características da voz (E2)			
Intuição e Entonação			Crença de que era uma mulher devido à entonação e à conclusão de palavras (P2)		
Exploração de Diversidade					Consideração de outras identificações possíveis, baseando-se na voz afinada, que podem estar relacionadas a diferentes orientações sexuais/gêneros (E3 e P1)

Fonte: A autora.

Os dados acima revelam-nos que os principais fatores que influenciam as percepções de gênero, sexo e orientação sexual das vozes incluem o timbre, o tom da voz e a entonação. Para

uma maior compreensão dos resultados obtidos, em relação aos fatores que influenciam as percepções das vozes, sistematizamos as informações como seguem na Figura 12.

Figura 12 – Principais fatores que influenciam as percepções das vozes



Fonte: A autora.

Portanto, compreender como a voz é produzida e como são atribuídas características masculinas ou femininas vai além da avaliação se a voz de um indivíduo se enquadra nos critérios de normalidade vocal. Além disso, algumas identificações são influenciadas pela familiaridade, pela intuição, bem como por associações sociais. Ademais, é importante notar que a interpretação do gênero, sexo e orientação sexual das vozes pode ser subjetiva e dependente da bagagem cultural e das experiências individuais de cada participante.

Analisando as respostas dos participantes em relação aos diferentes áudios, é possível destacar alguns fatores que influenciam na maneira como as vozes são apreciadas ou

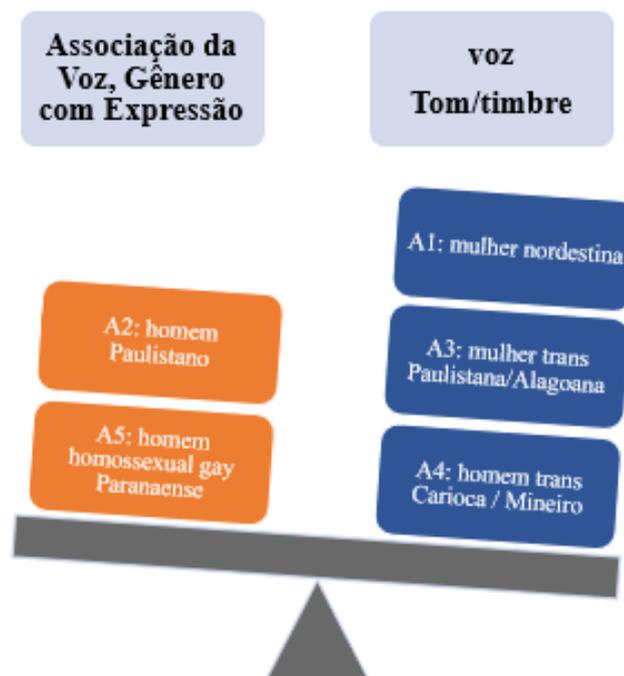
desaprovadas. Uma das influências mais marcantes nas percepções das vozes demonstradas nas respostas é o timbre, o tom e a entonação. Muitos participantes identificaram o gênero/sexo da voz com base nas características auditivas da voz, como a qualidade do timbre (sendo descrito como “fino”, “grosso” ou “calmo”), o tom (masculino ou feminino) e como a voz é entonada (associando-a a traços como firmeza, suavidade ou jovialidade). Isso evidencia que esses aspectos sonoros desempenham um papel central na interpretação do gênero, sexo, da voz são fundamentais para a apreciação ou desaprovação.

Além das características sonoras, os participantes também mencionaram a associação da voz com traços culturais e sociais. Por exemplo, em relação ao áudio 1, a identificação do gênero feminino foi influenciada pelo sotaque nordestino percebido como “feminino” por todos os informantes. Da mesma forma, no áudio 2, a identificação do gênero gay foi baseada em aspectos interpretados como crítica social à imposição de padrões esperados por aquela voz. Isso demonstra como as associações culturais e sociais também podem desempenhar um papel na apreciação ou desaprovação das vozes. A familiaridade com determinados tipos de vozes também influencia as percepções.

Alguns participantes mencionaram ter reconhecido as vozes com base em experiências anteriores, por ouvir vozes similares em seu cotidiano ou ter contato prévio com vozes de um determinado gênero/sexo/orientação sexual. Isso sugere que a exposição prévia a diferentes tipos de vozes pode moldar as preferências e as identificações. Há momentos em que a identificação do gênero/sexo da voz parece ser guiada por uma intuição subjetiva, uma sensação que não pode ser totalmente explicada por fatores objetivos. Por exemplo, algumas respostas associaram a voz de áudio 3 a uma mulher do gênero (feminino) devido a características como “entonação” ou “tom”, embora o timbre fosse considerado masculino pelos outros informantes. Isso nos faz compreender como as interpretações subjetivas e pessoais também desempenham um papel na apreciação.

De modo geral, as respostas demonstram que a apreciação ou desaprovação das vozes é influenciada por uma combinação complexa e interconectada de fatores. Timbre, tom, entonação, associações culturais, familiaridade, experiência pessoal e até mesmo a intuição subjetiva. Isso resulta que cada indivíduo confere uma importância única à apreciação ou desaprovação das vozes, influenciada por características vocais, contexto cultural, experiências pessoais e preferências individuais. Com isso, os resultados das análises culminam em uma ampla gama de respostas, apontando a apreciação da voz como um fenômeno altamente variável e subjetivo. Diante disso, propomos uma visualização dos principais elementos que exercem influência nas percepções de gênero, conforme mostra a Figura 13.

Figura 13 - Principais fatores que influenciam as percepções de gênero/sexo e orientação sexual dos áudios apresentados



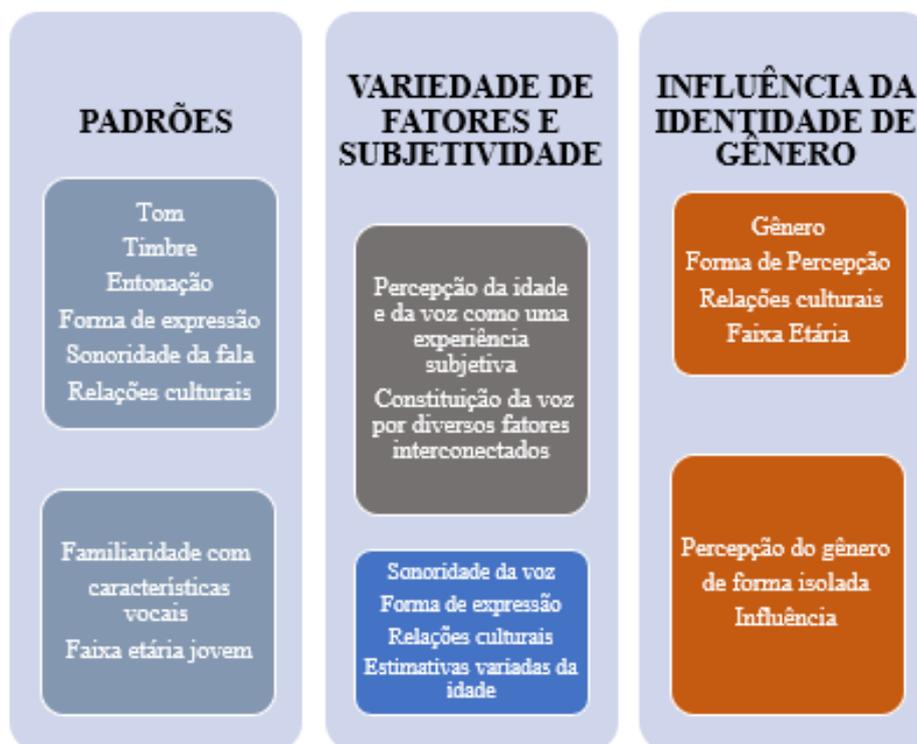
Fonte: A autora.

Adicionalmente, procedemos à análise das respostas das questões 13 e 14, nas quais notamos a presença de alguns fatores que, embora não estejam diretamente alinhados aos objetivos gerais e específicos, enriquecem as percepções individuais e contribuem para se entender as crenças e atitudes que podem surgir ao identificar a idade da pessoa por meio da voz. Com isso, os dados acima, evidenciam-nos os elementos chave que afetam as percepções de gênero associadas à voz, apontando-nos dois componentes principais: o tom e o timbre da voz. O tom está relacionado ao sistema auditivo, enquanto o timbre está mais especificamente associado à própria qualidade vocal. Ambos esses aspectos são cruciais para compreender como as pessoas percebem o gênero e a orientação sexual de indivíduos com base em amostras de áudio. Ao observar a figura, notamos que a voz e o timbre emergem como os principais determinantes na percepção de gênero. Assim, quando solicitados a identificar a idade da pessoa que fala no áudio, os participantes tendem a se concentrar principalmente no tom e no timbre da voz para formar suas opiniões. Por exemplo, a influência da idade é mais significativa quando se trata de uma mulher nordestina (A1), mulher trans (A3) e homem trans (A4),

enquanto a percepção de gênero é menos influenciada em casos de homens heterossexuais (A2) ou homossexuais gays paranaenses (A5).

Na sequência, identificamos uma categorização apontada pelos informantes no que diz respeito ao reconhecimento da voz, destacando-se a faixa etária, como ilustra a Figura 14.

Figura 14 – Percepções da idade das pessoas dos áudios



Fonte: A autora.

Os dados acima nos apontam alguns aspectos que se destacaram nas percepções dos informantes, envolvendo tanto o grupo dos professores quanto o grupo dos alunos, acerca dos elementos que podem influenciar o reconhecimento ou identificação e a apreciação de uma determinada voz. Assim, evidenciamos o que tais dados parecem revelar, em relação aos aspectos, tais como: padrões, variedade e influência sobre a idade das pessoas dos áudios.

No que concerne aos padrões estabelecidos pelos dois grupos de informante, obtivemos o seguinte entendimento: a) as respostas sugerem que a percepção da idade da pessoa que falou nos áudios é influenciada principalmente pelo tom, timbre, entonação, forma de expressão, sonoridade da fala e até mesmo por associações culturais (como pausas na fala); e, b) a familiaridade com características vocais associadas à faixa etária jovem parece contribuir para a identificação de vozes jovens.

No que se refere à variedade de fatores e subjetividade, os dados permitiram-nos entender os aspectos, a saber: a) assim como nas análises anteriores das respostas às perguntas, a percepção da idade da voz é uma experiência subjetiva, moldada por diversos fatores interconectados; e, b) a sonoridade da voz, a forma de expressão e as associações culturais interagem de maneira única nas mentes dos participantes, resultando em estimativas variadas da idade.

No que diz respeito à influência da identidade de gênero, os resultados das análises nos permitiram tecer as seguintes conclusões: a) em algumas respostas, a identificação da idade também foi influenciada pela identidade de gênero percebida; b) como as pessoas percebem a idade de alguém pode ser afetada ou influenciada pela maneira como elas percebem o gênero da pessoa; e, c) a identificação da idade de alguém pode ser distorcida ou alterada devido à percepção do gênero da pessoa em questão. Isso destaca como as percepções da voz não ocorrem isoladamente, mas podem ser moldadas por diversas características percebidas.

Assim, os resultados das análises revelaram que a percepção da idade não é determinada por um único fator, mas sim por uma combinação de características vocais, como o tom, timbre, entonação e até mesmo por associações culturais. A familiaridade com traços vocais associados a pessoas jovens também desempenha um papel importante na identificação de vozes jovens. Além disso, as análises ressaltam que a percepção da idade da voz é uma experiência subjetiva, uma vez que diversos fatores interagem de maneira única na mente dos participantes, levando a estimativas variadas da idade com base nas vozes.

Outro aspecto notável é que a identificação da idade da voz não ocorre isoladamente, e em algumas respostas, a identidade de gênero percebida também influenciou a percepção da idade. Isso ilustra como as percepções vocais são complexas e podem ser influenciadas por uma variedade de características percebidas, incluindo a identidade de gênero.

A análise dos dados apresentados destaca aspectos notáveis nas percepções dos professores e alunos respondentes, em relação aos fatores que influenciam o reconhecimento, identificação e apreciação de vozes específicas. No que concerne aos padrões percebidos pelos dois grupos de informantes, destacamos que a percepção da idade da pessoa que falou nos áudios é predominantemente influenciada por elementos como tom, timbre, entonação, forma de expressão, sonoridade da fala e até mesmo pelo estabelecimento de relações a aspectos culturais, exemplificadas por pausas na fala. Notavelmente, a familiaridade com características vocais associadas à faixa etária jovem emerge como um contribuinte significativo para a identificação de vozes jovens.

No que tange à variedade de fatores e subjetividade, concluímos que a percepção da idade da voz é uma experiência subjetiva complexa e influenciada por uma interconexão de diversos fatores. A sonoridade da voz, a forma de expressão e as associações culturais interagem de maneira única nas mentes dos informantes, resultando em estimativas variadas da idade. Essa subjetividade reflete a riqueza das experiências individuais na interpretação da idade com base em características vocais.

Quanto à influência da identidade de gênero, as análises indicam que, em algumas respostas, a identificação da idade é influenciada pela percepção da identidade de gênero. O modo como as pessoas percebem a idade de alguém, ao ouvir a voz da pessoa, pode ser afetada pela maneira como interpretam o gênero da pessoa em questão, evidenciando uma complexidade adicional nas percepções vocais. A identificação da idade, portanto, não ocorre isoladamente, sendo influenciada por características inter-relacionadas, como a identidade de gênero.

Os resultados apontam para a conclusão de que a percepção da idade por meio da voz não é determinada por um único fator, mas sim por uma combinação de características vocais. A familiaridade com traços vocais associados a pessoas jovens desempenha um papel crucial nesse processo. Em suma, essas análises ressaltam a riqueza e complexidade das percepções vocais relacionadas à idade, destacando-se a influência de múltiplos fatores na forma como as pessoas reconhecem e interpretam a idade com base nas vozes que ouvem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a relação entre as vozes e sotaques no processo de formação humana e social do sujeito tem sido uma preocupação constante e um desafio no caso desta investigação, possibilitando-nos uma compreensão mais ampliada acerca das crenças, atitudes e preconceitos linguísticos em torno desta temática. Trata-se de uma oportunidade de se olhar para nosso objeto de pesquisa pelo viés da perspectiva interdisciplinar de modo a estudarmos mais ampliadamente a investigação proposta. Para isso, retomamos nossos objetivos e perguntas de pesquisa no sentido de respondê-los. Assim, partimos da pergunta central desta pesquisa, sobre a investigação de crenças, atitudes e preconceitos linguísticos, pelas percepções de vozes e sotaques regionais identificados por estudantes e professores do Ensino Médio.

As análises nos permitiram identificar as características atribuídas aos falantes das gravações pelos professores e alunos do Ensino Médio após ouvirem o áudio de cada um dos 5 participantes das gravações de um mesmo texto ao responderem o questionário, as atitudes positivas ou negativas dos respondentes em relação a cada sotaque apresentado nos áudios, bem como os fatores que influenciam na apreciação ou desaprovação dos informantes sobre a voz ouvida nos áudios. Desse modo, a pesquisa aponta para a necessidade de se pensar em abordagens cautelosas ao se reconhecer e interpretar características vocais, as percepções linguísticas e a influência de fatores sociais, culturais e individuais que possam permear tais aspectos. Além disso, nossa investigação destaca a importância de se combater estereótipos de gênero que podem influenciar as percepções de vozes de pessoas trans e homossexuais. No que tange ao “jeito certo” de se falar em diferentes contextos sociais, nossas discussões ressaltam a subjetividade e a diversidade de interpretações em relação ao que é considerado adequado linguisticamente a diversas situações de comunicação. Com isso, ressaltamos a necessidade de se evitar estereótipos linguísticos, no sentido de se valorizar a individualidade no uso da expressão vocal e evitando prejulgamentos baseados em normas pré-estabelecidas.

De um modo geral, a análise quantitativa dos dados destaca a predominância da variável de gênero nas respostas dos participantes, representando 96%, seguida pela variável da etnia, com 33%, o que evidencia como a sociedade e a cultura influenciam as percepções. A propensão das pessoas a focarem no gênero ao criar uma imagem mental do falante pode ser atribuída a normas sociais e culturais preexistentes, que estabelecem expectativas específicas em relação às características vocais associadas a cada gênero. A exposição a diferentes variedades linguísticas ao longo da vida também influencia essas percepções. Da mesma forma,

a exposição a diferentes contextos culturais pode contribuir para a formação de estereótipos e expectativas tanto positivas quanto negativas. Além disso, vale ressaltar a presença do viés inconsciente, pois mesmo quando as pessoas não estão conscientes, preconceitos enraizados em relação a gênero e etnia podem afetar suas percepções. Esses aspectos podem se manifestar sutilmente, influenciando como as pessoas interpretam e respondem às percepções vocais e linguísticas dos falantes. As relações entre normas sociais, experiências individuais e preconceitos inconscientes contribuem para a ênfase no gênero ao se criar uma imagem mental do falante, ao ouvi-lo, com a etnia ocasionalmente mencionada como um fator adicional. Os dados obtidos e analisados sugerem que, em uma amostra realizada por professores e estudantes, a identificação do gênero pelo reconhecimento da voz e do sotaque é uma característica proeminente nas descrições feitas. Assim, no que tange à primeira pergunta de pesquisa sobre a identificação de características atribuídas aos falantes das gravações, nosso estudo revelou que os professores e alunos do Ensino Médio conseguiram identificar características regionais e culturais dos falantes das gravações, principalmente, considerando-se o sotaque, a entonação e a fluência na leitura. Os participantes também associaram a voz apresentada nos áudios aos atributos físicos dos falantes, embora tenham reconhecido, a nosso ver, o fato de que essas percepções podem ser influenciadas por suas experiências individuais e crenças.

Ademais, os informantes expressaram a crença de que a voz de uma pessoa pode caracterizá-la como escolarizada pela demonstração de fluência na leitura, habilidade para interpretar poesia, dicção aprimorada, velocidade de fala adequada, domínio da pronúncia, conhecimento vocabular e habilidade de pontuar segundo as convenções linguísticas. Para isso, um dos critérios que poderiam ser usados para a identificação da escolarização, de acordo com os participantes, seria a ausência de erros de pronúncia. Todas essas considerações, no entanto, podem estar relacionadas às crenças e atitudes linguísticas dos participantes. Determinar se uma pessoa é escolarizada com base na pronúncia da fala é um processo complexo e sujeito a diversas variáveis.

No que diz respeito à identificação de sotaques, os participantes associaram este aspecto à região geográfica e as suas características linguísticas, evidenciando suas crenças e atitudes em relação a determinadas áreas. A suposição de que uma pessoa é escolarizada, conforme os informantes, sugere que residem em uma determinada região, bem como uma relação entre escolarização e localização geográfica, refletindo possíveis estereótipos regionais.

No que tange à segunda pergunta de pesquisa sobre as atitudes positivas ou negativas em relação a cada sotaque, os dados nos possibilitaram reconhecer a rica diversidade linguística

e cultural presente no Brasil. No entanto, algumas das respostas apontaram para a existência de preconceitos linguísticos e vocais, destacando-se, em particular, o caso do sotaque de um homem homossexual gay paranaense. Nesse contexto, foram identificados indícios de desaprovação ao sotaque e à voz, relacionando-os à velocidade de fala, ao timbre da voz (muito agudo - fino) e ao fato de que esse sotaque apresenta pronúncias de difícil compreensão, como a pronúncia acentuada do “r” em determinadas palavras, conforme percebidos pelos informantes, estudantes e professores. Além disso, no que se refere às atitudes em relação aos sotaques, algumas respostas indicaram a existência de preconceitos linguísticos e vocais, especialmente quando se tratava do sotaque de um homem homossexual gay paranaense, como já mencionado anteriormente, o que aponta para a importância de se considerar as atitudes e preconceitos presentes na percepção vocal. No que concerne à terceira pergunta de pesquisa acerca dos fatores que exercem influência na apreciação ou desaprovação sobre as vozes ouvidas nos áudios, destacamos que diversos elementos desempenharam um papel significativo nesse processo, tais como o gênero, a etnia, a capacidade de comunicação, a percepção do gênero/sexo do falante, entonação, ritmo e pronúncia e a estimativa da idade do locutor. As percepções dos respondentes parecem ter sido influenciadas por aspectos culturais, pelo grau de familiaridade com determinados traços vocais e a intuição subjetiva dos ouvintes. Os fatores que influenciam a apreciação ou desaprovação das vozes nos áudios revelam diferentes percepções por parte dos participantes. Assim, os resultados indicam que o aspecto cultural na relação entre voz e sotaque é evidente nas respostas remetendo-nos a crenças, atitudes e preconceitos linguísticos associados a vozes e sotaques. A noção de “bem falar” é discutida em relação a estereótipos linguísticos, destacando-se a importância de se reconhecer e valorizar a diversidade de sotaques no sentido de se evitar a formação de julgamentos vocais

No que se refere à identificação de gênero/orientação sexual, as respostas mostram que as percepções são influenciadas por estereótipos culturais, o que aponta para a importância de se evitar generalizações e estigmatizações, propiciando uma compreensão mais aberta e empática em relação à diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais.

Ademais, a perspectiva interdisciplinar de pesquisa agregou-nos conhecimentos ao nosso campo disciplinar, pois o fato de ingressarmos em um campo de estudo distinto em relação à área de formação da pesquisadora, predominantemente na área da saúde, acrescentou-nos desafios particulares a este estudo, proporcionando-nos uma compreensão mais abrangente e contextualizada dos fenômenos investigados. Essas limitações nos oferecem uma oportunidade de reflexão com vistas a pesquisas futuras.

Concluimos, com isso, que a voz e o sotaque são meios de expressão fundamentais que refletem a diversidade da sociedade, mas que não devem ser utilizados como critérios únicos para inferências sobre a identidade do sujeito. Assim, nossa pesquisa lança luz sobre o estudo das atitudes linguísticas e vocais apontando a necessidade de futuras investigações neste campo dinâmico e intrigante, visando a uma compreensão mais inclusiva e respeitosa acerca dos estudos referentes a vozes e sotaques.

Quanto às contribuições desta investigação, embora tenhamos encontrado alguns desafios na obtenção de vozes de diferentes regiões para as gravações do texto a serem ouvidas pelos respondentes, a abordagem interdisciplinar de pesquisa nos proporcionou oportunidades para reflexão, apontando-nos para direções futuras de pesquisa com vistas à expansão das fronteiras do conhecimento nessa área, bem como a uma compreensão mais ampla da diversidade linguística e cultural, ao tratarmos da temática proposta, incentivando a valorização de diferentes vozes e sotaques. Ademais, este estudo propiciou-nos uma maior compreensão acerca das crenças e atitudes linguísticas em relação a vozes e sotaques regionais, especialmente no que diz respeito ao ambiente educacional do Ensino Médio. Nosso processo de investigação possibilitou-nos obter um ponto de partida valioso para investigações subsequentes, indicando-nos a necessidade contínua de se explorar o campo dinâmico e intrigante das atitudes vocais. Em outras palavras, ao nosso ver, nossa pesquisa propicia-nos um alerta sobre a existência de preconceitos linguísticos e vocais apontando para a relevância de uma abordagem inclusiva ao lidar com a diversidade vocal. Daí a necessidade de uma compreensão mais aprofundada e respeitosa sobre o uso e a recepção de vozes e sotaques na sociedade.

Em suma, as análises permitiram-nos notar as percepções sobre as vozes e sotaques regionais, como sendo influenciadas por fatores sonoros, culturais e subjetivos, bem como obter uma maior compreensão sobre crenças, atitudes e preconceitos linguísticos que permeiam nossas percepções a respeito de vozes e sotaques, empatia e respeito à diversidade de gênero. Com isso, enfatizamos a importância de se desenvolver estudos relacionados às crenças e atitudes associadas às vozes e sotaques regionais, destacando-se o preconceito vocal investigado em um ambiente educacional como o elemento inovador desta pesquisa, uma vez que se trata de uma discussão voltada à de a concepção da identidade vocal e da suavização ou neutralização de sotaques e mudanças nas frequências tom/timbre das vozes.

Enfim, nosso estudo, baseado em uma abordagem exploratória e descritiva de pesquisa, permitiu-nos obter dados e resultados de análises de modo a entender a influência de aspectos sociais e culturais no uso de vozes e sotaques pelo reconhecimento da subjetividade na

avaliação vocal, ressaltando a necessidade de uma maior sensibilização social para que a questão dos preconceitos linguísticos e vocais possa ser amenizada ou evitada.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. C. No meio do caminho tinha um equívoco: gramática tudo ou nada. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

ARAUJO, S. S. de F. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba: sociolinguística e sócio-história do português Brasileiro**. 341 f. il. 2014. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

ARAUJO, M. A. C. De; CAMPOS, L. C. De S. Variação linguística no Brasil: a importância da escola e corpo docente no desenvolvimento das práticas educacionais. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 03, n. 06, p. 153-173, jun. 2021. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/praticas-educacionais>.

BAGNO, M. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. **Língua materna: letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, M. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, M. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 45.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007b.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso – por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2009.

BAKHTIN, M. (Volochinov). **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes; 1997.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. 3 ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARBOSA, MV. A concepção de palavra em Bakhtin. Primeira versão. 2002; 20. **SciELO**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2399183&pid=S0104-1282201000030000900018&lng=pt. Acesso em: 08 jan. 2024.

BARDWICK, J. M. **Mulher, sociedade e transição:** como o feminismo, a liberação sexual e procura da auto-realização alteraram as nossas vidas. São Paulo: Difel, 1981.

BARONAS, J. E. A.; MARQUES, T. M.; SEMCZUK, W. A. F. Preconceito linguístico: crenças e abordagens. **Revista linguagem.** V.30. n.1. p.1530168. São Carlos. Jan./jun.2019.

BARROS, A. D. **A relação entre a voz e expressão de gênero:** a percepção de pessoas transexuais. Trabalho de conclusão de curso. Dissertação. Mestrado. Ciência em Saúde Coletiva. Universidade de Brasília. Brasília. 2017.

BARBALHO, H. da C. **Estratégias digitais e influência midiática:** o case de sucesso de Juliette Freire. Monografia. Projeto Experimental em Publicidade e Propaganda. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2021.

BEBER, B. C.; CIELO, C. A. Características vocais acústicas de homens com voz e laringe normal. **Revista CEFAC.** V.12.n.2. p.340-351. 2011.

BEHLAU, M. S.; ZIEMER, R. Psicodinâmica vocal. In: FERREIRA, L. P. **Trabalhando a voz – vários enfoques em fonoaudiologia.** São Paulo: SUMMUS, 1988.

BEHLAU, M.; PONTES, P. Higiene vocal: cuidando da voz. 3. ed. Rio de Janeiro: **Revinter**, 2001.

BEHLAU, M. (Org.). Voz: O Livro do Especialista. v. 01 e 02. Rio de Janeiro: **Revinter**, 2008.

BEIRULA, R. R. B. Crenças e atitudes do falar do outro: concepções linguísticas de informantes universitários sobre o falar da baixada cuiabana. **Revista Tabuleiro de letras.** v.15.n.2. p.244-260. Jul./dez. 2021.

BET, R. G.; MUSACHI, V. R. Variação linguística e ensino: prática da linguagem em sala de aula. **Web Revista SOCIODIALETO.** Vol.8, Número 23, Ago/Nov, 2017.

BONACIN, L. A. **Crenças e atitudes linguísticas de alunos de uma escola de campo.** 2015. 127 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

BORBA, V. S. A adequação linguística como instrumento de inclusão na educação de jovens e adultos. **Research, Society and Development.** v.9.n.10. e7259109227. 2020.

BORIN, M. A. **Sociolinguística.** Brasília: Ministério da Educação. Disponível em: shorturl.at/hwz46. Acesso em: 10 jun. 2022.

BORTONI-RICARDO, S. B. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes linguísticas:** um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná. 2013. 227 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) –Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

BRAGA, J. N.; OLIVEIRA, D. S. F.; SAMPAIO, T. M. M. Frequência fundamental da voz de crianças. **Revista CEFAC**. N.11.v.1. p.119-126. Jan.-mar. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 07 abril. 2023.

BRASIL. LEI Nº 5.250 DE 09 DE FEVEREIRO DE 1967. **Regula a liberdade de manifestação do pensamento e de informação**. Brasília, DF, [1967]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5250.htm. Acesso em: Acesso: em 07 abril. 2023

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Tradução de Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1997[2009].

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1999.

CARDOSO, D. P. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.

CAZORLA, I. et al. (org.). Estatística para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental Brasília: **Sociedade Brasileira de Educação Matemática - SBEM**, 2017. E-book. 122 p.

CIELO, C. A. *et al.* Alterações de sistema estomatognático em indivíduos disfônicos. **Rev. CEFAC**, v. 18, n. 3, May-Jun 2016. Disponível em: <link>. Acesso em: 21/03/2024

CLARICE, C. C. **Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste**. Tese (Curso de Doutorado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia – UFBA), 2013.

COSTA, M. M. C. da. **Crenças e atitudes linguísticas de professores de Língua Portuguesa: a variação linguística na oralidade**. Dissertação. Programa de Pós- Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, 2019.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução: Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. P. **Mixed Methods Search: Research Methods Series**. Publishing Think, 2015

CRESWELL, J.; CLARK, V.L.P. **Designing and conducting mixed methods research**.3. ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2018.

DACOREGIO, C. de S. **As práticas e técnicas de suavização de sotaque no português brasileiro como tentativa de homogeneizar o uso da língua**. 104 fl. Trabalho de conclusão

de curso. Dissertação. Mestrado em Estudos Linguísticos. Universidade Federal Fronteira Sul. Chapecó. 2021.

ESPÍNDOLA, M. R. **Dize-me como falas que te direi quem és:** crenças e atitudes linguísticas de discentes e docentes no espaço escolar. Trabalho de conclusão de curso. Dissertação. Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Comunicação e Expressão Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Florianópolis, 2019.

FENNER, A. L. **Crenças e atitudes linguísticas:** um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do oeste paranaense. Tese. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. Salvador, 2013.

FERREIRA, W. J. Regulação Emocional em Terapia Cognitivo-Comportamental. **Revista da Graduação em Psicologia.** PUC Minas, v. 5, n. 9, – ISSN 2448-0738, 2020.

FONTES, V. M. de. **Variação linguística e ensino de língua portuguesa.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira.** São Paulo: Blucher, 2015. I

FRITSCH, A.; OLIVEIRA, G.; BEHLAU, M. Opinião dos pais sobre a voz, características de comportamento e de personalidade de seus filhos. Parents opinion on the voice and onbehavior and personality characteristics of theirchildren. **Rev. CEFAC.** Jan-Fev; 13(1):112-122. 2011.

FUNGUETO, A. D. **Atitudes linguísticas:** um estudo na localidade paranaense de Guaíra. Tese (Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE), 2021.

GALASTRI, E. de O. **Guia para a transcrição fonética do dialeto paulista.** Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara – São Paulo, 2011.

GAYOTTO, H. L. **Voz:** partitura da ação. São Paulo: Summus, 1997.

GERALDI, W. *et al.* **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1997.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY; BAIRRÃO. Voz e alteridade: um contraponto entre psicanálise e psicologias dialógicas. SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo. **Revista da SPAGESP**, 19(1), 62-752018.

GUSMÃO, C. de S.; CAMPOS, P. H.; MAIA, M. E. O. **O formante do cantor e os ajustes laríngeos utilizados para realizá-lo:** uma revisão descritiva. Per musi, [s.l.], n. 21, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-75992010000100006>. Acesso em Acesso em: 15 jan. 2024.

HANCOCK A.B., *et al.* Voice perceptions and quality of life of transgender people. **J. Voice**. v.25. n.5. p.553-558; 2011.

HANCOCK, A.B. The Role of Cultural Competence in Serving Transgender Populations. **Perspectives on Voice and Voice Disorders**. American Speech-Language Hearing Association, 2015.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACOBS, D. D. S. Corpo Vocal, Gênero e Performance. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 359-381, maio/ago. 2017.

KANGAS, T. S. Direitos humanos linguísticos na educação para a manutenção da língua. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**, v. 05, n. 02, p. 25-39, 2019.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. D. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAMBERT, W. F. **Social Psychology**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1964

LE HUCHE, F; ALLALI, A. **A Voz: anatomia e fisiologia dos órgãos da voz e da fala**. Tradução Sandra Loguercio. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LEITE, M. Q. Preconceito e intolerância na linguagem. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012. **Coleção Linguagem & ensino**.

LIMA NETO, N. V. **Brasília, sua gente, seus sotaques: difusão candanga e focalização brasiliense na capital federal**. Trabalho de conclusão de curso. Dissertação. Mestrado. Linguística. Universidade de Brasília. Brasília. 2018.

LIMA, M. E. O.; PEREIRA, M. E. **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: EDUFBA, 2004.

LOURENÇO, D. de S. Crenças e atitudes linguísticas na educação de jovens e adultos: uma proposta de trabalho com o livro didático. **Revista Campo da História**, v. 7, n. 1, 2022. ISSN 2526-3943, 2021.

MACIEL, L. S. **O preconceito linguístico e sua relação com a aprendizagem de alunos do 7º ano**. Monografia. UniCEUB, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2014.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, T. M. **Pedagogia da Variação Linguística: por um ensino livre de preconceitos linguísticos**. 2018. 183 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

MARTINS, M. L. **A sociolinguística e o ensino de língua portuguesa – uma proposta para um ensino aprendizagem livre de preconceitos.** Tese. UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras *Campus* de Araraquara – SP, 2014.

MENDES, C. M. **O falar do Jornal Nacional:** produção e recepção de um sotaque de natureza ideológica. Monografia. Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

MERLO, S. **Hesitações na fala semi-espontânea:** análise por séries temporais. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: 2006.

MERLO, S. **Sobre a fluência da fala.** Instituto Brasileiro de Fluência – IBF, 2020. Disponível em: <https://gagueira.org.br/fluencia/sobre-a-fluencia-da-fala>. Acesso em: 20 out. 2023.

MEZZOMO, C. L.; MOTA, H. B.; DIAS, R. F. **Desvio fonológico:** aspectos sobre produção, percepção e escrita. *Rev. soc. bras. fonoaudiol.*, v. 15, n. 4, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-80342010000400013>. Acesso em: 10 out. 2023.

MOORE, K. L.; DALLEY, A. F.; AGUR, M.R. **Anatomia orientada para a clínica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

MORIN, E. A. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** 5ª ed. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORGANTE, M. M.; NADER, M. B. O patriarcado nos estudo feministas: um debate teórico. **Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-RIO: Saberes e prática científicos.** Jul./Ago. 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

NEUFELD, C. B.; CAVENAGE, C. C. Conceitualização cognitiva de caso: uma proposta de sistematização a partir da prática clínica e da formação de terapeutas cognitivo-comportamentais. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 3-36, dez. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872010000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 mar. 2024.

OLIVEIRA, A. M. do C. C. de. *et al.* O que fonoaudiólogos e estudantes de fonoaudiologia entendem por fluência e disfluência. **Rev CEFAC**, São Paulo, v.9, n.1, 40-6, jan-mar, 2007.

PESSOA, E. A. S. **O tratamento da variação linguística no ensino de língua portuguesa.** Dissertação. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2014.

PINHO, S. M. R. Fisiologia da fonação. In: FERNANDES, F. D. M.; MENDES, B. C. A; NAVAS, A. L. P. G. P (Org.). **Tratado de Fonoaudiologia.** 2. ed. São Paulo: Roca, 2009. P. 45-51.

PRECIADO, B. **Manifesto Contra-Sexual**. Madri: Opera Prima, 2002.

PRETI, D. F. **Variação lexical e prestígio social das palavras. Léxico na língua e na escrita**. Tradução. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003. Acesso em: 20 mar. 2024.

RIBEIRO, D. **Povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Curitiba: Companhia de letras, 1995.

ROKEACH, M. **Beliefs, attitudes and values: a theory of organization and change**. San Francisco: JosseyBass, 1968. (Jossey-Bass Behavioral Science Series).

RUSS, J. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Scipione, 1994.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. 1995.

SABADIN, M. N. **Crenças e atitudes linguísticas: aspectos da realidade na tríplice fronteira**. Tese Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2013.

SCHNEIDER, M. N. **Atitudes e concepções lingüísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngües alemão-português do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SCORSOLINI-COMIN, F; SANTOS, MA. Bakhtin e os processos de desenvolvimento humano: um diálogo de, no mínimo, duas vozes. **Rev. Bras. Cresc. e Desenv. Hum.** 2010; 20(3) 745-756.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, H. C. da. **O /r/ caipira no Triângulo Mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas**. 2012. 169 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

SILVA, N. M. da. **Crenças e atitudes linguísticas de professores de escolas públicas de Rolândia-PR**. 2020. 161 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, F. B.; BARONAS, J. E. A. Crenças linguísticas sobre o ensino da Língua Portuguesa no curso de letras. **Caletrosópio**. V.7. n. especial 1, 2019. p. 226-250.

SOARES, T. B.; PIOVEZANI, C. Antigos e recentes preconceitos sobre a voz humana: análise do discurso de intolerâncias persistentes. **Cadernos discursivos**. V.1.n.1. p.06-116. Catalão. 2019.

SOUZA, L. E. C. de. *et al.* O papel do sotaque nas relações intergrupais: apresentação de uma área de pesquisa. **Psicologia e saber social**. V.6.n.2. 2017.

TERRA, E. **Compreendendo a língua que você fala**: a gramática e o conceito de certa e errado. São Paulo: Expressa, 2021.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, LS. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes; 1987.

VIVAS, V. de M.; MORAIS, M. A. Gramática e texto: a flexão verbal no ensino sob a ótica discursiva. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, e488, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354864726_Gramatica_e_texto_a_flexao_verbal_no_ensino_sob_a_otica_discursiva. Acesso em: 21 mar. 2024.

WRIGHT, J. H.; BASCO, M. R.; THASE, M. E. **Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental**: um guia ilustrado. 2008. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/955>.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: Aguilera V. (org). **A geolingüística no Brasil**. Londrina: Ed. da UEL, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Quadro compilação de dados (Áudio 1 - voz feminina)

ESTUDANTES/ PROFESSORES	E1	E2	E3	P1	P2	P3
1) Após ouvir cada áudio da gravação, pela voz que você ouvir, imagine quem possa estar falando e descreva como essa pessoa é.	Uma mulher do nordeste do Brasil, com sotaque nordestino	Uma mulher de mais 45 anos, nascida e criada no norte do Brasil.	Mulher negra brasileira, com raízes nordestinas, sotaque característico da região nordeste, adulta, com idade em torno de +35 anos.	Uma mulher de meia idade, falando com sotaque nordestino	Uma mulher, de aproximadamente 50 anos, morena clara e de peso mediano.	Uma Paraibana de 30 e poucos anos, negra. Provavelmente escritora.
2) O que leva você a pensar que ela ou ele é assim?	Pelo sotaque	Em primeira análise o sotaque no qual é bem presente e notável e a forma compassada de falar.	Devido a seu sotaque característico, o tom da voz, que me leva a deduzir a sua regionalidade e aspectos físicos, de acordo com o que fala e como fala.	Pelo tom da voz, parece-me que a pessoa tem uma boa dicção.	A sua voz, trouxe-me esta imagem representativa.	Pelo sotaque e o tom de voz.
3) Você gosta do sotaque apresentado no áudio escutado?	Sim	Sim	Sim	Gosto parcialmente	Sim	Sim
4) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Eu acho o sotaque nordestino bem forte, e acho gostoso de ouvir.	Eu gosto desse sotaque por ser uma das características marcantes do nosso país.	Acho um sotaque muito leve, gostoso de ser ouvido, diferente do que é habitual de minha região, geralmente carregado por pessoas muito acolhedoras.	Eu não gosto muito porque parece que ela está imitando, não é sua fala original.	Sim, pois é um sotaque bem pronunciado.	Por ser uma fala mansa.
5) Você sabe à qual região do Brasil este sotaque pertence?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
6) Se você respondeu SIM na pergunta anterior, mencione a	Nordeste	Nordeste	Da região nordeste.	Nordeste	Nordeste.	Nordeste.

região do Brasil à qual este sotaque pertence. Se respondeu NÃO, mencione a região do Brasil à qual você ARRISCA dizer que ela pertence.						
7) Como você imagina que é a região do Brasil à qual este sotaque pertence? Descreva o que imaginar.	Quando ouvimos falar em nordeste vem na cabeça uma região muito pobre. Mais tem tantos lugares lindos no nordeste. Imagino muitas praias paradisíacas, com comidas típicas maravilhosas.	Uma região com uma beleza natural extraordinária e com característica bem marcantes em determinadas épocas do ano, especificamente nos períodos de seca.	Uma região marcada pela simplicidade, típica do que é estudado sobre o sertão nordestino nas escolas, escassez de água e clima semiárido	Uma região com muitos problemas sócias, econômicos e políticos.	Uma região árida e com sol escaldante.	Árida.
8) Como você imagina serem ou como vivem as pessoas desta região? Que características você pensa que elas têm?	Não sei dizer.	Muitas vivem no interior sem muitas modernidades lutando para conquistar o sustento da família, outras pessoas já vivem com mais condições e modernidade	Pessoas humildes, simples, sem muito luxo, majoritariamente de classe média baixa, com um modo de vida marcado pela dificuldade	A maior parte das pessoas são trabalhadores, porém muitas vezes esquecidas pelos poderes políticos.	São pessoas lutadoras e persistentes, que se adaptam a condição climática que lhe é imposta.	Humildade.
9) Você gosta da voz ouvida no áudio?	Sim	Sim	Sim	Gosto parcialmente	Sim	Sim
10) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Acho um sotaque bonito	Sim eu gosto por ser uma voz calma de uma mulher vivida	Palavras ditas em bom tom, facil de entender	É meio forçada.	Pois é uma voz calorosa e calma.	Por ser uma fala mansa.

11) À qual gênero (sexo)/orientação sexual pertence à voz do áudio ouvido? (masculino, feminino, Lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário, crossdresser, etc.)	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
12) Por que você pensa que o gênero da voz do áudio ouvido é a que você identificou?	Pela voz fina	Por ser uma voz calma e doce	Por mais que seja uma voz mais forte, é puxada para o feminino	Porque reconheci como voz feminina	Pelo conhecimento que tenho através do contato com as pessoas.	Pelo timbre.
13) Na sua opinião, qual seria a idade da pessoa que falou no áudio?	30 a 35 anos	42 a 47 anos	36 a 41 anos	30 a 35 anos	48 a 53 anos	30 a 35 anos
14) O que te fez considerar que esta pessoa tem a idade que você indicou na pergunta anterior?	Não sei dizer ao certo. Acredito que pelo tom de voz	Pela entonação da voz	A tonalidade da fala	O tom de voz.	Por causa da voz, pois as cordas vocais sofrem alteração com o tempo.	Pelo timbre/tom da voz.
15) Você considera a pessoa do áudio escolarizada?	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
16) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Porque ela interpreta a poesia muito bem	Por declamar bem	Não sei como me expressar em relação a isso	A leitura está muito boa.	Acredito que sim, pois as palavras são bem articuladas e ela respeita as possíveis pontuações.	Pela fluência na leitura.
17) A pessoa que falou no áudio se comunica bem, na sua opinião?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
18) O que faz você pensar na sua resposta dada à pergunta anterior. Justifique sua resposta.	Não sei dizer	A pessoa do áudio se comunica bem por falar compassado	Sim, por mais que ele trave na fala de algumas palavras.	Pela leitura com pontuação, bem organizada.	Pois, a mensagem/texto foi de fácil compreensão.	Pela fluência na leitura.

APÊNDICE B - Quadro compilação de dados (Áudio 2 - voz masculina fina)

ESTUDANTES/ PROFESSORES	E1	E2	E3	P1	P2	P3
1) Após ouvir cada áudio da gravação, pela voz que você ouvir, imagine quem possa estar falando e descreva como essa pessoa é.	Um homem, baixo, com sapatênis, camiseta, calça jeans, e ele sendo calvo	Um jovem de 20 anos, sem muitas experiências	Uma pessoa do sexo masculino, branca.	Um homem jovem.	Um homem de estatura baixa e magro.	Um jovem de 20 e poucos anos.
2) O que leva você a pensar que ela ou ele é assim?	Pelo jeito que ele fala	A forma de falar	Não sei como conduzir esta resposta	Pelo som da voz.	Pelo tom da sua voz.	Pelo tom da voz.
3) Você gosta do sotaque apresentado no áudio escutado?	Gosto parcialmente	Gosto parcialmente	Sim	Gosto parcialmente	Sim	Sim
4) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Nada contra	Eu gosto parcialmente por ser um sotaque bem comum	Gosto, devido a presença de variedade no modo no qual são ditas as palavras, sonoridade, mostrando as diversidades presentes nas diferentes regiões do Brasil	Ele puxa muito os erres.	Sim, pois convivo com variados tipos de pessoas e aprendi a respeitar e aceitar as variações e diferenças linguísticas.	É fácil de compreender.
5) Você sabe à qual região do Brasil este sotaque pertence?	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim

6) Se você respondeu SIM na pergunta anterior, mencione a região do Brasil à qual este sotaque pertence. Se respondeu NÃO, mencione a região do Brasil à qual você ARRISCA dizer que ela pertence.	Sudeste	Sudeste	Norte	Ele tem o sotaque de moradores do norte e nordeste do Paraná	Sudeste.	Região centro-oeste.
7) Como você imagina que é a região do Brasil à qual este sotaque pertence? Descreva o que imaginar.	Imagino sendo em São Paulo, bastante prédios, comércio e trânsito.	Uma região bastante movimentada	Uma região coberta por árvores e reservas florestais, com fauna e flora características marcantes presentes na região	É uma região muito próspera.	Não consegui ter essa percepção.	Região com bastante área verde, muitos pássaros.
8) Como você imagina serem ou como vivem as pessoas desta região? Que características você pensa que elas têm?	Imagino pessoas “normais”, típica do Sudeste brasileiro	Eu imagino que elas vivem uma vida corrida, afastada da natureza e muito próximo à tecnologia	Trabalhadora, esforçada	São pessoas com um bom nível educacional	Pessoas que vivem num grande centro, onde ficam focadas na correria do dia a dia.	Pessoas trabalhadoras e felizes.
9) Você gosta da voz ouvida no áudio?	Gosto parcialmente	Gosto parcialmente	Gostoparcialmente	Gostoparcialmente	Sim	Sim
10) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Nem gosto	Eu gosto parcialmente, porque é uma voz marcante, mas em muitas partes possui uma certa dificuldade na hora de falar	O tom de voz não	Não gosto da fluência dos erres finais.	Sim, uma voz um pouco mais tímida, mas possível de compreensão.	Fala de maneira clara.
11) À qual gênero (sexo)/orientação sexual pertence à voz do áudio ouvido? (masculino, feminino, lésbica, gay,	Masculino	Gay	Gay	Masculino	Masculino	Masculino

bissexual, transgênero, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário, crossdresser, etc.)						
12) Por que você pensa que o gênero da voz do áudio ouvido é a que você identificou?	Pela voz masculina	Eu penso que o gênero é gay porque nas partes marcantes do áudio ele fala com a voz mais firme, parecendo até uma crítica para sociedade por excluírem as pessoas que não encaixam no padrão imposto.	A forma que ele desenvolve a sua fala, me remete a pessoas que conheço com a respectiva orientação sexual	Porque já ouvi antes.	Pelo timbre da voz.	Pelo timbre da voz.
13) Na sua opinião, qual seria a idade da pessoa que falou no áudio?	24 a 29 anos	18 a 23 anos	24 a 29 anos	18 a 23 anos	18 a 23 anos	18 a 23 anos
14) O que te fez considerar que esta pessoa tem a idade que você indicou na pergunta anterior?	Pelo jeito da fala dele	Pela forma de expressar as palavras	A sonoridade da fala	Pelo som da voz.	Parece-me uma voz jovem, mas não tenho certeza.	Pelo timbre/tom da voz.
15) Você considera a pessoa do áudio escolarizada?	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
16) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Porque ela conseguiu ler	Eu considero uma pessoa escolarizada por conta da idade, porque hoje em dia boa parte dos jovens no Brasil tem o ensino básico.	Devido a esta localizada em uma região de maior escolaridade do que a pessoa do áudio anterior (áudio 1)	A leitura está bem pausada, há um bom tom.	Parece-me que falta um pouco de domínio da pronúncia, ele meio que hesita em algumas palavras, não respeita pontuação durante a leitura.	Pela clareza como falou.

17) A pessoa que falou no áudio se comunica bem, na sua opinião?	Sim	Parcialmente bem	Parcialmente bem	Parcialmente bem	Sim	Sim
18) O que faz você pensar na sua resposta dada à pergunta anterior. Justifique sua resposta.	Acredito que sim	A pessoa do áudio tem uma comunicação razoavelmente bem, mas tem muitas palavras que houve uma certa dificuldade na hora de falar	Pois apesar de entender, há algumas falas que são faladas de forma diferente devido ao sotaque ou escolaridade	Por ser apenas uma leitura não é possível fazer um julgamento correto.	A função de comunicação foi efetiva, pois consegui compreender.	Fala com fluência.

APÊNDICE C - Quadro compilação de dados (Áudio 3 - voz mulher trans)

ESTUDANTES/ PROFESSORES	E1	E2	E3	P1	P2	P3
1) Após ouvir cada áudio da gravação, pela voz que você ouvir, imagine quem possa estar falando e descreva como essa pessoa é.	Um homem com sotaque neutro. Um homembaixo	Um jovem que terminou o Ensino médio recentemente e está entrando na vida acadêmica	Uma pessoa do sexo masculino, amigável, mais instruída no âmbito acadêmico.	Uma mulher idosa, acima de sessenta anos	Uma mulher, de meia idade, de óculos e cabelo grisalho.	Um jovem de mais de 20 anos, branco, trabalhador assalariado.
2) O que leva você a pensar que ela ou ele é assim?	Pelo jeito da fala dele	Pela forma que ele fala	Pelo modo no qual ele fala	Pelo tom de voz.	Pelo tom da voz, que é calma e paciente.	Pela maneira como fala.
3) Você gosta do sotaque apresentado no áudio escutado?	Gosto parcialmente	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
4) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Achei neutro, não é aquele sotaque forte.	Eu gosto por ser um sotaque que eu escuto com bastante frequência	Por parecer mais próximo ao falado por pessoas da minha região, mais proximidade a minha convivência	É uma voz suave, tranquila	Não consigo justificar.	Sim, sotaque de fácil compreensão.
5) Você sabe à qual região do Brasil este sotaque pertence?	Não	Não	Sim	Não	Sim	Sim
6) Se você respondeu SIM na pergunta anterior, mencione a região do Brasil à qual este sotaque pertence. Se respondeu NÃO, mencione a região do Brasil à qual você ARRISCA dizer que ela	Sudeste	Sul	Sul (Paraná)	Pode ser da Região Sudeste	Talvez a região norte do Brasil.	Região Sul

pertence.						
7) Como você imagina que é a região do Brasil à qual este sotaque pertence? Descreva o que imaginar.	Sudeste	Uma cidade do interior não muito calma nem muito movimentado	Mais industrializada, com recorrência de demanda de mais mão-de-obra especializada, jovens mais tecnológicos	A região é muito boa.	Uma região agrária.	Região boa de morar, como um povo acolhedor, trabalhador. Uma região próspera financeiramente.
8) Como você imagina serem ou como vivem as pessoas desta região? Que características você pensa que elas têm?	Não sei dizer	Pessoas com auto conhecimento de tecnologia	Pessoas trabalhadoras, habituadas com a correria e demanda do trabalho no dia a dia	Muito avançado, porém com grandes problemas sócias, principalmente nos grandes centros urbanos.	Vivem com calma, sem a correria do dia a dia.	Pessoas acolhedoras, trabalhadoras e felizes.
9) Você gosta da voz ouvida no áudio?	Gosto parcialmente	Gosto parcialmente	Sim	Sim	Sim	Sim
10) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Nem gosto nem desgosto	Eu gosto parcialmente por ser uma voz que eu escuto diariamente	Sim, uma voz mais jovial	É boa de ouvir, fala pausadamente, dá para entender bem.	Pois a voz é suave.	Fácil de compreender.
11) À qual gênero (sexo)/orientação sexual pertence à voz do áudio ouvido? (masculino, feminino, Lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário, crossdresser, etc.)	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Masculino
12) Por que você pensa que o gênero da voz do áudio ouvido é a que você identificou?	Pela voz grossa	Por ter uma voz marcante	Tom de voz, mais entonação	Eu acredito que seja uma senhora.	Na realidade no começo fiquei na dúvida, mas depois de ouvir com mais atenção o término das palavras, concluí que seja uma mulher.	Pelo timbre da voz.

13) Na sua opinião, qual seria a idade da pessoa que falou no áudio?	24 a 29 anos	18 a 23 anos	18 a 23 anos	Acima de 54 anos	Acima de 54 anos	24 a 29 anos
14) O que te fez considerar que esta pessoa tem a idade que você indicou na pergunta anterior?	Pela voz	A fala dele	Devido a voz mais jovial	Pelo tom meio lento.	Pela sonorização da voz.	O tom da voz.
15) Você considera a pessoa do áudio escolarizada?	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim
16) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Porque ele leu e expressou bem.	Eu considero uma pessoa escolarizada por parecer uma pessoa jovem	Pela região na qual ela está situada	A leitura está bem pausada	Parece - me que alguns momentos ela se "pega" pensando em como se lê a próxima palavra.	A pessoa é parcialmente escolarizada.
17) A pessoa que falou no áudio se comunica bem, na sua opinião?	Sim	Sim	Parcialmente bem	Parcialmente bem	Sim	Parcialmente bem
18) O que faz você pensar na sua resposta dada à pergunta anterior. Justifique sua resposta.	Não sei dizer	A pessoa do áudio se comunica bem por falar compassado	Sim, por mais que ele trave na fala de algumas palavras.	Pela leitura, um pouco lenta.	Pois consegui compreender o que ela falou.	Apresentou algumas dificuldades durante a leitura.

APÊNDICE D - Quadro compilação de dados (Áudio 4 - voz homem trans)

ESTUDANTES/ PROFESSORES	E1	E2	E3	P1	P2	P3
1) Após ouvir cada áudio da gravação, pela voz que você ouvir, imagine quem possa estar falando e descreva como essa pessoa é.	Um homem, alto, com barba com camisa polo	Um jovem de 19 anos que vive a sua vida toda no litoral	Homem jovem, de pele parda.	Um jovem.	Um homem, branco, de estatura média.	Um jovem em idade escolar, pardo, estudante de escola pública.
2) O que leva você a pensar que ela ou ele é assim?	Pelo jeito da fala	O sotaque por ser bem puxado em algumas letras	Ao tom de voz e o lugar onde penso que ela está situada	Somente pela voz.	Pelo sonoridade da voz.	Pelo timbre da voz.
3) Você gosta do sotaque apresentado no áudio escutado?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
4) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Gosto do sotaque carioca	Eu gosto do sotaque porque é algo diferente do meu cotidiano	Acho diferente, uma vez amigável	Uma voz bastante comum	Sim, um sotaque mais rápido, mas bem agradável.	Sotaque manso e de fácil entendimento.
5) Você sabe à qual região do Brasil este sotaque pertence?	Sim	Não	Não	Não	Sim	Sim
6) Se você respondeu SIM na pergunta anterior, mencione a região do Brasil à qual este sotaque pertence. Se respondeu NÃO, mencione a região do Brasil à qual você ARRISCA dizer que ela pertence.	É um sotaque carioca	Sudeste	Região sudeste	Não sei, mas pode ser de qualquer região do Sul ou Sudeste	Talvez região sul.	Região Sudeste

7) Como você imagina que é a região do Brasil à qual este sotaque pertence? Descreva o que imaginar.	Imagino o Rio de Janeiro, praias, e favelas	Uma região que recebe bastante turista de todos lugares	Cheio de morros e favelas, um lugar aonde o loteamento das datas foi deixado de lado, conglomerado de pessoas de classe média e classe média baixa.	Uma boa região.	Uma região urbanizada e com bastante modernidade.	Região extremamente habitada e com muitas indústrias.
8) Como você imagina serem ou como vivem as pessoas desta região? Que características você pensa que elas têm?	Pessoas com uma vibe praiana	Vivem uma vida agitada	Pessoas pobres, de natureza trabalhadora, sempre a serviço do trabalho para sobreviver	São pessoas que estudam e trabalham	Pessoas que vivem uma rotina bem acelerada.	Pessoas cansadas, ligadas no 220, pessoas insensíveis.
9) Você gosta da voz ouvida no áudio?	Sim	Sim	Sim	Gostoparcialmente	Sim	Sim
10) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Sim, achei que soa muito bem	Eu gosto por ser um sotaque que puxa bem algumas letras	É diferente, é engraçada	Ele fala muito rápido.	Uma voz bem animada, digamos assim!	Voz mansa, tranquila.
11) À qual gênero (sexo)/orientação sexual pertence à voz do áudio ouvido? (masculino, feminino, Lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário, crossdresser, etc.)	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
12) Por que você pensa que o gênero da voz do áudio ouvido é a que você identificou?	Pela voz grossa	Por ser uma voz firme	Tom da fala, puxada para o agudo mais masculino	Parece um homem jovem.	Pelo tom da voz.	Timbre/tom da voz.
13) Na sua opinião, qual seria a idade da pessoa que falou no áudio?	24 a 29 anos	18 a 23 anos	18 a 23 anos	18 a 23 anos	18 a 23 anos	18 a 23 anos

14) O que te fez considerar que esta pessoa tem a idade que você indicou na pergunta anterior?	A voz aparenta de alguém jovem	Pela firmeza	Devido a sonoridade da fala, um pouco mais fina	Pelo tom de voz.	Porque ele lê bem rápido, e geralmente os jovens andam bem acelerados.	Pelo timbre/tom da voz.
15) Você considera a pessoa do áudio escolarizada?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
16) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Porque ele leu bem o poema	Sim por ser um jovem	Acho que está no processo de escolarização, por acreditar ser uma pessoa mais jovem	Porque todo jovem deve estar na escola.	Boa dicção e não hesitou em nenhum momento.	Declamou com muita fluência.
17) A pessoa que falou no áudio se comunica bem, na sua opinião?	Sim	Sim	Sim	Parcialmente bem	Sim	Sim
18) O que faz você pensar na sua resposta dada à pergunta anterior. Justifique sua resposta.	Ele conseguiu ler e expressar bem o poema	Porque ele falou respeitando as falas	Sim, apesar do modo no qual é falado as palavras, devido ao sotaque, as palavras são ditas corretamente	A leitura é muito rápida.	Sim, pois foi de muito fácil compreensão.	Pela fluência na declamação.

QUADRO PARA COMPILAÇÃO DE DADOS (AUDIO 5 - VOZ HOMOSSEXUAL GAY)

ESTUDANTES/ PROFESSORES	E1	E2	E3	P1	P2	P3
------------------------------------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

1) Após ouvir cada áudio da gravação, pela voz que você ouvir, imagine quem possa estar falando e descreva como essa pessoa é.	Um homem tipo hétero top, tênis, calça de moletom, um pouco de barba e olhos castanhos	Um homem sem muito conhecimento	Homem jovem, de pele escura	Um rapaz.	Talvez um adolescente, de aproximadamente 17 anos, alto e forte.	Um jovem negro, em idade escolar.
2) O que leva você a pensar que ela ou ele é assim?	Pelo jeito da fala	A forma em que ele falou	Pois o tom da fala me remete ao sexo masculino	Pela maneira que ele faz a leitura.	Pelo timbre da voz, que parece estar em transição.	Pelo tom da voz
3) Você gosta do sotaque apresentado no áudio escutado?	Gosto parcialmente	Gostoparcialmente	Não	Gostoparcialmente	Sim	Sim
4) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Achei neutro, não tenho certeza se gostei	Gosto do sotaque, mas não gosto da forma em que ele fala	Fala demasiadamente rápida, difícil de entender	Ele fala muito rápido.	Acredito que todos os sotaques me agradam.	Foi fácil de compreender, falou tranquilamente.
5) Você sabe à qual região do Brasil este sotaque pertence?	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim
6) Se você respondeu SIM na pergunta anterior, mencione a região do Brasil à qual este sotaque pertence. Se respondeu NÃO, mencione a região do Brasil à qual você ARRISCA dizer que ela pertence.	Sudeste	Interior do Sul	Não faço ideia	Nordeste ou Norte.	Centro-oeste.	Região norte
7) Como você imagina que é a região do Brasil à qual este sotaque pertence? Descreva o que imaginar.	Não consigo imaginar qual região do Brasil seja	Uma região calma com bastante predominância da natureza	Uma região com a correria do dia a dia, exigindo ser uma pessoa de rápida ação e raciocínio	A maioria das pessoas são pobres.	Não consegui imaginar.	Com muita área verde, rios, animais. Povo simples e sofrido.
8) Como você imagina serem ou como vivem as pessoas desta região? Que características você pensa que elas têm?	Normais	Uma vida puxada sem muitas tecnologias	Pessoas habituadas a correria do dia a dia, devido a fala rápida, raciocínio naturalmente tende a ser mais rápido	São pessoas simples, porém fortes.	Não consegui imaginar.	Povo sofrido, humilde, que trabalham duro.

9) Você gosta da voz ouvida no áudio?	Gostoparcialmente	Não	Não	Não	Sim	Sim
10) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Achei que ele fala rápido demais.	Eu não gosto muito por ser difícil a compreensão por ele falar mais rápido	Um tom muito agudo, de fala muito rápida	Muito rasgada.	Pois o timbre é agradável.	Voztranquila.
11) À qual gênero (sexo)/orientação sexual pertence à voz do áudio ouvido? (masculino, feminino, Lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário, crossdresser, etc.)	Masculino	Masculino	Outro (Lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário, crossdresser, etc.	Outro (Lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário, crossdresser, etc.	Masculino	Masculino
12) Por que você pensa que o gênero da voz do áudio ouvido é a que você identificou?	Pela voz	Por ser uma voz forte	Pois possuí a fala muito afinada, o que pode apresentar uma certa tendência a sexualidade	A maneira como ele fala.	Pelo timbre da voz.	Pelo timbre/tom da voz.
13) Na sua opinião, qual seria a idade da pessoa que falou no áudio?	18 a 23 anos	36 a 41 anos	18 a 23 anos	24 a 29 anos	18 a 23 anos	18 a 23 anos
14) O que te fez considerar que esta pessoa tem a idade que você indicou na pergunta anterior?	Pelo tom de voz e jeito que ele fala	Pela forma em que ele fala, não respeitando as pausas	Tonalidade presente na fala	Sóintuição.	Acredito que seja uma voz masculina em transição.	Pelo tom da voz, um tom jovem, sem o peso da idade.
15) Você considera a pessoa do áudio escolarizada?	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim
16) Justifique sua resposta à pergunta anterior.	Acredito que se ele conseguiu ler o texto, seja escolarizado	Parece que o áudio foi decorado e muitas palavras foi falada de forma errada	Sim, a pessoa por mais que possua a fala muito rápida, fala as palavras de maneira correta	Ele fala meio estranho	A pessoa ainda deve estar em fase se estudos.	A pessoa é escolarizada, mas apresenta dificuldades de leitura.

17) A pessoa que falou no áudio se comunica bem, na sua opinião?	Parcialmente bem	Não	Não	Não	Sim	Parcialmente bem
18) O que faz você pensar na sua resposta dada à pergunta anterior. Justifique sua resposta.	Achei que ele fala um pouco rápido de mais, talvez algumas pessoas tenham dificuldade de compreender o que ele fala.	Falou muito rápido dificultando a fala dos ouvintes	Como já dito, a fala é muito rápida, de difícil entendimento	Ele não tem uma boa dicção.	Pois consegui compreender.	Nota-se algumas dificuldades de leitura.